CAIO FÁBIO

SEM BARGANHAS COM DEUS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

OBSERVAÇÕES: O texto original deste arquivo foi retirado integralmente do PDF

intitulado “Sem Barganhas com Deus”, baixado diretamente do site www.caiofabio.net.

O que eu fiz foi apenas convertê-lo e adaptá-lo aos formatos EPUB e MOBI, que são os formatos comumente usados nos leitores eletrônicos (E-readers) atuais.

Como seria difícil navegar pelas notas de rodapé, decidi inseri-las entre colchetes duplos, então, tudo o que estava no rodapé, foi inserido no seu devido lugar de referência no texto, ficando assim: • palavra ou frase do texto [[texto da nota de rodapé contendo a referência daquela palavra ou frase]]

Para facilitar a leitura, você pode acessar diretamente ao título desejado através do sumário.

Espero que esta leitura seja de grande valia para todos, assim como foi para mim. Abraços.

Ass. Colaborador.

Sem Barganhas Com Deus

Caio Fábio D'Araújo Filho

♦ DEDICATÓRIA

À minha mulher, Adriana, a quem amo de todo coração, sobretudo, como homem apaixonado, mas também como marido grato, e que ama receber a qualidade de amor que dela me vem todos os dias, em cada pequenino gesto de carinho e cuidado verdadeiros, e pela sua imensa capacidade de amar e perdoar sem fazer qualquer barganha.

A todos os amigos do Caminho. E ao meu amigo Guilhermino Cunha, cuja amizade é séria, verdadeira e sólida como uma rocha.

♦ UMA BREVE ATUALIZAÇÃO

Hoje é dia 21 de janeiro de 2005, e este livro foi escrito ainda em 2002. De lá para cá um mundo de coisas aconteceu em minha existência. Ministerialmente, as mais importantes foram o surgimento do site www.caiofabio.com, que abriu um mundo novo de relacionamentos e de ministérios pessoais para mim — vide a correspondência do site, na sessão Cartas —, e o nascimento do Caminho da Graça, em Brasília, com novas Estações do Caminho em outros lugares, bem como o surgimento de centenas de grupos e comunidades simples e livres das cangas da religião das barganhas.

Em 2002 eu já estava casado com Adriana há algum tempo, hoje, porém, me parece que a crescente solidificação de nosso vínculo marca esse período de modo extraordinário para mim.

Em 2002, todavia, meu filho Lukas ainda estava comigo, porém, desde o dia 27 de março de 2004 ele está com o Senhor de nossas existências. Não preciso tentar explicar o significado dessa experiência para ninguém, especialmente para aqueles que a acompanharam através de meus textos a ele dedicados no site.

Também em 2002, embora tendo um relacionamento amigável com Alda, a mãe de meus filhos, não poderia ainda dizer que havia entre nós plena restauração de amizade, como hoje se vê. Além disso, Adriana tinha três filhos e eu quatro. Hoje nós temos seis, e uma linda neta, a Hellena, e em breve mais um netinho. E para completar devo também afirmar que, nesse período, nossos filhos descobriram a alegria de juntos formarmos uma única e feliz família, na qual todos nós — sem exceção, incluindo todos os lados de ambas as famílias, com todos os seus agregados naturais e afetivos— temos podido usufruir do amor que sempre nos uniu nas famílias que um dia havíamos constituído separadamente.

Ora, eu não tenho dúvida que saber desse hiato entre a produção do texto e a sua publicação somente três anos depois, pode dar a você uma boa posicionada na percepção de tudo o que aqui já foi e ainda será dito.

Quero esclarecer que me senti tentado a mudar algumas coisas que me pareceram, neste momento da publicação do texto, como sendo desnecessárias ou obsoletas, especialmente em face do avanço que fiz de várias delas em meu site. Todavia, percebi que é parte do compromisso do livro não fazer barganha nem com o tempo, muito menos com o processo evolutivo dentro do qual este texto fez a sua própria viagem, até chegar aqui, em suas mãos.

Leia com carinho!

Caio Fábio Copacabana, 21 de janeiro de 2005

♦ PREFÁCIO

E o Caio Continua...

Cada novo livro é um ato de resistência da civilização. O não-livro é sempre uma ameaça de retorno à barbárie. O livro expressa o ser que pensa, que questiona, que analisa, que propõe. O livro pulsa com a vida e nos avisa que a esperança não morreu, que a vida não morreu. Pensar e criar são destinos da pessoa que se realiza e realiza. Já nos diziam os romanos: "*As palavras voam, a escrita fica*".

Com o fim da História decretada pelos donos do poder mundial e a sacralização, a inevitabilidade ou o fatalismo da atual (des)ordem, o que se pretende, na realidade, decretar é o fim do pensamento crítico e criativo, o fim das alternativas, o fim do diferente, o fim das utopias, o fim dos sonhos. Mas ninguém consegue, com as inquisições "*clássicas*" ou "*sofisticadas*", domesticar os in-conformados, embotar os poetas, paralisar os profetas. O mandato cultural de Deus à humanidade não foi revogado.

A atual geração do imediato, do pragmático, do competitivo, do apenas emotivo, é somente um lamentável lapso histórico de desobediência, de perda, de des-humanidade (e de des-*Graça*).

No meio da crise o Sagrado está de volta, Deus está de volta, a *Graça* está de volta, a Fé está de volta, as possibilidades do plenamente humano e do plenamente divino estão de volta, ora reacionário, ora confuso, ora criativo, ora recriativo ou libertador.

A *Antítese do Evangelho* tem que ser denunciada. *A Teologia* Moral *da Causa e Efeito* profundamente questionada. Aqui está um livro que a isso se propõe.

Leva-nos a pensar (concordar, discordar, aprovar, reprovar), a nos inquietar, no desconforto necessário da des-construção (ou reafirmações) de certezas. No povo da Nova Aliança, o pensar e levar a pensar é subversão, é resistência, é evangelização. Daí o inegável valor deste livro.

Amizade, admiração, cumplicidade, dramas, lutas me têm unido a Caio Fábio por décadas.

Não se pode pretender escrever a história do cristianismo brasileiro do século XX e XXI sem referência a esse personagem. Ele sabe que fazer história é disponibilizar-se, pôr-se a caminho, acertar e errar, obedecer e desobedecer, tentar sempre, recomeçar sempre.

O *Caio* evangelista e pastor é o *Caio* mestre e profeta, que se faz presente, gritando com as letras, clamando com as frases, pondo o seu ser no escrever.

Resistir é preciso, criar é preciso, escrever é preciso. O Espírito sopra e nos cura, e nos reconstrói pela capacidade de abertura, pelo diálogo de corações, pela coragem do dizer.

A História da Salvação continua. *Caio Fábio* continua a ela vinculado.

Bem-Aventurado por este livro!

Paripueira (AL), 14 de Agosto de 2002.

+ Dom Robinson Cavalcanti, OSE

(Festa da Transfiguração do Nosso Senhor Jesus Cristo)

♦ GLORIO-OSSÁRIO

▪ **Igreja** com **I** *maiúsculo* corresponde ao que Jesus e o Novo Testamento definem como *Igreja*; ou seja: o encontro com Deus e uns com os outros em torno do Nome de Jesus e em acordo de fé com o Evangelho — o que faz de todo Encontro Humano, em fé, um *encontro-igreja*, onde *Jesus promete estar presente*, mesmo que sejam *apenas dois ou três re-unidos em Seu Nome*! E só se *re-unem* em Seu Nome por se saberem a Ele *unidos*!

▪ **Igreja** "entre aspas" são as representações histórico-institucionais do *fenômeno* histórico, social, econômico, político e culturalmente auto-definido como "igreja", e que tem uma hierarquia (Clero), sigla (Denominação), geografia-fixa (Prédio) e membros-sócios! Ou seja: Igreja a gente encontra *no caminho*. "Igreja" a gente vai ao encontro dela ou a gente a identifica pela Placa ou pela Propaganda!

▪ **Cristianismo** é a expressão histórica da *Religião* que confessa a Jesus como Filho de Deus, mas cujo processo de institucionalização trabalha com mais freqüência contra os Interesses do Reino de Deus que no sentido indicado pelo Evangelho.

▪ **Catolicismo** é um derivado do Cristianismo que se vê como o "Reino Estatal de Deus na Terra"— tudo entre aspas.

▪ **Protestantismo** é o movimento *histórico-cristão* que quase conseguiu... mas perdeu o protesto, que é sempre algo pró-teste! Assim, virou apenas uma ReForma! Só há protesto se o caminho for sempre pró-teste, em fé, e tangido pelo Vento do Espírito, conforme a Palavra!

▪ **Evangélico** é o ente que crê no Evangelho e que *crê* na salvação em Jesus, conforme a *Graça* revelada em Cristo. Por exemplo: o apóstolo Paulo era um *genuíno* Evangélico!

▪ **Evangélico**, "entre aspas", é o ente indefinível, que se *utiliza* da fé em Jesus *através* da mediação da "Igreja Evangélica", que é a auto-definição coletiva dos cristãos que nem sempre confiam ou gostam uns dos outros, mas

que só se enxergam coletivamente sob esse *Guarda-Chuva*, furado de baixo para cima pelas pontas afiadas dos *guarda-chuvas menores* que cada um usa para garantir sua própria proteção enquanto aniquila o que confessa como devoção: o Evangelho!

▪ **Cristão,** historicamente, é um ser no *Limbo*, vivendo entre a *Lei* e a *Graça*, sofrendo entre o medo de Deus e o amor irresistível que por Ele sente. Por esta razão prova a devoção como angústia, desespero, culpa, neurose e paranóia.

▪ **Discípulo de Jesus** é o ser que apesar de se reconhecer *relativo,* se sabe — pela fé na *Graça de Deus* que gera o dom da fé — como alguém que é irreversivelmente de Jesus e que aprendeu que o *Caminho* acontece na *companhia de irmãos* que sempre sujam os pés na jornada — por isto lavam os pés uns dos outros em nudez —, mas que crêem que *quem já está limpo pela Palavra de Cristo não necessita lavar senão somente os pés*.

▪ **Liberdade** é a capacitação na *Graça* e na Verdade de poder *escolher-se-deixar-levar* pelo Espírito, que realiza o Bem de Deus no ser humano, conduzindo-o no *Caminho Estreito* que acontece, em fé, entre a *Lei* e a Libertinagem, na vereda do amor.

▪ **Pecado é** ... *sou*. Cada um deveria saber o que é! Cada um sabe, especialmente se não for instruído moralmente a respeito! Pois, assim, saberá o que o pecado é, e não se neurotizará com o que dizem pecado ser!

▪ **Graça** *é ... toda-tudo-toda* manifestação do amor criador-redentor de Deus— e que se expressou supremamente no *Escândalo da Cruz*—, que sempre é favor imerecido, incluindo a criação do ser, mesmo que seja um ser assim como sou! Pois, *sou-serei-sendo-já-sou,* Nele!

▪ **Voz**... é o testemunho interno do Espírito no meu espírito.

▪ **Deus...** é amor!

▪ **Ele**... *é Aquele que vive em mim*!

♦

MÉTODO-LOGIA

Não, nenhuma metodologia. Minha visão é básica demais para ser classificada como ciência.

Não me sirvo de nenhum método que não seja apenas o seguinte: quem crê na Encarnação não precisa nem de Aristóteles, nem de Kant e nem de Higgel. Na Encarnação não há nem tese, nem antítese e nem síntese.

Há paradoxo. E Cristo é a síntese — se é que a terminologia serve para essa função descritiva — e a Graça é o elemento hermenêutico e epistemológico que me faz aproximar do texto.

E a conclusão desse processo-des-proces-suado tem que convergir para uma única percepção: se Jesus é o Logos encarnado, então, a interpretação de toda a Escritura só pode acontecer na vida-interpretativa que Jesus viveu, e as próprias palavras de Jesus só podem ser entendidas como tendo sua concreção no Evangelho vivido por Jesus de Nazaré, o Verbo Encarnado cheio de Graça e Verdade.

Explicação no final do livro!

Isto para quem acreditar, depois de ler este livro, que eu tenho uma metodologia!

De antemão garanto que aqui não há Hermes-nêutica e nem Apolo-gética!

Gosto dos mitos gregos, mas nem tanto!

♦ CONFISSÕES DE UM PASTOR

Em janeiro de 2002, escrevi um livro intitulado “O Enigma da Graça”. Nele mostro como Jó me alcançou. De fato, o presente texto era apenas um dos epílogos do livro original.

No livro de Jó (O Enigma da Graça) escrevi baseado somente nos *encontros-horizontais* entre Jó e seus amigos, e, sobretudo, fundado na “teologia” patrocinadora dos conteúdos que ali superabundam: os da *Teologia Moral de Causa e Efeito!*

Por sugestão de várias pessoas amigas decidi transformar os “apêndices” em textos independentes; ou seja: com corpo e alma próprios!

Percebi logo que a seqüência do **Enigma da Graça** não seria outra coisa senão um livro de Confissão. Confissão de como me sinto e de como creio!

Este é, portanto, meu livro de confissões, em todos os sentidos!

Sei que aumento os riscos de variadas interpretações pelo fato de eu estar escrevendo com clareza as coisas que aqui afirmo.

Por que, então, correndo tantos riscos adicionais de enfermiças interpretações, escrevo um livro intitulado *Sem Barganhas com Deus* e que versa sobre os conteúdos da *Teologia Moral de Causa e Efeito?*

PORQUE A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO É A “TEOLOGIA DA IGREJA CRISTÃ”, MESMO A DESPEITO DE NOSSAS MENSAGENS SOBRE A GRAÇA — A QUAL ENTRE NÓS, É QUASE-GRAÇA; MAS QUE NÃO SENDO TOTALMENTE-GRAÇA, É DES-GRAÇA, POIS INSTITUI A RELAÇÃO COM DEUS COMO BARGANHA! OU SEJA: COMO TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO!

Neste trabalho não pretendo nada além do que sempre fiz; ou seja: tentar simplificar e clarificar “verdades de sempre”, dando a elas *nome*, e, a seus “inimigos conceituais”, seus devidos *apelidos*.

Portanto, o que você tem nas mãos não é um tratado teológico, mas com certeza é algo sério, bíblico, e, em alguns aspectos, original!

A originalidade vem de duas realidades. Primeiro, porque até onde eu saiba não se escreveu ainda nada sobre os conteúdos do Moralismo, do Legalismo e do

Auto-Virtuosismo cristão e humanos — e que habitam a consciência teológica da maioria dos cristãos — com o nome de *Teologia Moral de Causa e Efeito*, e nem sobre seus aplicativos explícitos nas práticas cristãs!

Segundo, porque aqui não pretendo ficar nos conceitos, mas ir além deles, e trazer as implicações para os cenários eclesiasticamente circenses que nos rodeiam no *Cristianismo*.

Ora, esses cenários estão empanzinados dessa "teologia", pois, na maioria das vezes, as pessoas se alimentam mais "dela" que da Palavra que liberta, conforme a *Graça*.

Uma advertência necessária:

Este trabalho não se esgota em si mesmo. Portanto, sem a leitura de **O Enigma da Graça** temo que você fique com falsas impressões. Por esta razão é que sugiro a leitura dos dois volumes.

Em **O Enigma da Graça** tratei dos fundamentos horizontais da *Teologia Moral de Causa e Efeito*. Neste texto, falo dela como um "pacote", e mostro suas implicações na nulificação da *Graça*, não importando se o "sujeito" em questão seja o *justo* Jó ou o *publicano* João. Essas "distinções" só existem até que se compreenda de fato, e sem equívocos, duas coisas:

▪ A primeira é que todos pecaram *mesmo*, e, portanto — sem exceção e sem atenuantes —, *todos, igualmente, carecem da glória de Deus, mesmo!*

▪ A segunda é que se é *Graça* e se é favor imerecido, nem mesmo Jó tem mérito algum em sua justiça. Diante de Deus todo Jó é João e todo João é Jó.

Trata-se, portanto, de uma banalização sadia, à semelhança da que *Garrincha* vivia nos seus embates futebolísticos, para quem todo adversário era apenas *João*!

E todos iam ao *chão*!

Assim é que até mesmo *Jó já entra em campo como João* em seu encontro com *Aquele* que com ele falou do meio de um *redemoinho!*

Devo também deixar claro que este livro não é *ainda* um trabalho de "construção", mas, antes disso, de "demolição!" [[Num próximo livro espero

poder ser mais “propositivo” que no presente texto. Portanto, aqui, não espere sair com uma “proposta”. Antes de construir, tem-se que derribar — já dizia Salomão! Eu, porém, tenho esperança e vejo a Igreja todos os dias, a minha volta, embora, na maior parte das vezes, isto aconteça apenas no caminho, na vida, indo...]]

Há tempo para todo propósito debaixo do sol! [[Eclesiastes 3:1-8 — onde aprendemos a “dialética da construção e da des-construção” como dinâmicas necessárias e sadias neste mundo de vaidades que nos colocam, a todos, correndo atrás do vento; ou tentando prender o vento, institucionalizando-o.]]

Presunção minha? Pode até ser. Mas, creia, trata-se de uma honesta presunção!

E por quê?

Ora, é que estou disposto a ser julgado diante de Deus por cada linha que aqui escrevo, caso não escreva à Luz da *Palavra*, conforme, honestamente, a percebo e creio — seja a meu favor ou contra mim! Portanto, sem barganhas. Daí eu também o haver escrito sem consulta a quem quer que seja ou buscar reforço algum no pensamento de quem quer que seja. O livro é meu. A responsabilidade é minha.

Quero deixar claro que sei que é direito pessoal de cada um “interpretar” como bem-ou-mal desejar o que escrevo. Todavia, o fato é que estou simplesmente dando seqüência a antigas e seriamente fundadas convicções nos conteúdos da *Palavra de Deus*.

E os que não perderam a memória, lembrar-se-ão que os *mesmos conteúdos* estão presentes em quase todos os meus livros e mensagens desde sempre; certamente que não ditos com os temperos dos realismos que hoje me habitam!

Eu já era sem barganhas. Continuo sem barganhas a fazer!

Obviamente que *todos nós somos apenas e sobretudo seres inacabados* [[Fp 3: 12 - 16]] e cujo sentir pode, inconscientemente, alterar o nosso perceber. Além disso, ainda que relativamente, todos nós sabemos de nossas muitas variáveis de auto-engano na tentativa de interpretar qualquer coisa. [[Leia Romanos 7. Agora, me responda: Teria o farisaísmo de Paulo — anterior à sua conversão ao mistério da *Graça* em Cristo — sido capaz de levá-lo à auto-análise feita por ele no texto em questão? Nunca! Somente quem já tinha se enxergado com a *Graça* de Romanos 8 é que poderia ter coragem de se “enxergar” conforme a auto-análise feita por Paulo em Romanos 7.]]

E é assim com todos. No entanto, o que desejo, sempre, é que o meu *sentir*-

perceber esteja em constante movimento de re-exame à *Luz da Palavra.*

OU SEJA: QUE ESTEJA ABERTO À REVELAÇÃO QUE ACONTECE NO CAMINHO! [[Lc 24: 27-32—As Escrituras se tornam a Palavra que arde o coração quando, no Caminho, Jesus expõe as Escrituras e abre o entendimento dos discípulos para atualizá-la, como a Palavra do Hoje.]]

Nesse processo, vivo as situações mais inversas e polarizadas, com a consciência consciente de si mesma e, ao mesmo tempo, de sua total incapacidade de compreender mais que a partir de si mesma, a menos que eu me renda à *revelação da Palavra.*

Ora, a *revelação* nasce do *chão objetivo das Escrituras,* mas só aparece como Luz na consciência quando *é atualizada, existencialmente, pelo Espírito Santo!*

E quando isto acontece, quem você é, está *junto* nos processos interpretativos; mas é um *junto-abaixo*, pois, a Palavra fala *de cima* em relação ao homem que não tem medo dela; antes, nela encontra seu prazer, sua dor e sua vida. [[Se isto não fosse verdade a Bíblia seria um livro de um estilo só. Mas seus conteúdos viajam dentro dos invólucros culturais e de personalidade de seus autores. E, muitas vezes, do chão de seus próprios encontros e desencontros, consigo mesmos, com o próximo e, *até mesmo*, ou melhor, *sobretudo*, com Deus!]] Afinal, você já não tem barganhas a fazer!

Então, estando você cônscio da *Graça* — e a ela ligado pela fé em Cristo Jesus —, não temerá ver-se *refletido* na Palavra e também *não desejará esquecer a imagem de seu ser por ela revelado*, pois, essa é a imagem de quem você é! E, também, o potencial de quem você pode ser! [[7 Tg 1:19-24; I Jo 3: 2-3]]

Ao contrário, quando se está livre do *medo da condenação* [[Rm 8: 1-4]], até aquilo que você lê contra você mesmo, chega com o poder da cura, e não da ‘ *enfermização’* que nasce da *fobia* que é fruto das relações de *causa e efeito*, pois, fica-se livre da neurose culposa, que é produto da condenação Moral e de seus juízos impacientes, caprichosos e imediatos.

A Palavra, todavia, nos coloca no *Caminho* e nele nos mostra um *caminho*

sobremodo excelente, onde de um lado vemos quem somos, e não nos entregamos em indulgência aos nossos descontrolados desejos e doenças; e, de outro lado, não somos convidados a nenhum tipo de exercício de auto-punição purgatória. O *Caminho* acontece entre esses dois pólos e é marcado pelo amor que lança fora o medo [[I Co 13; Tito 2: 12-13; I Jo 4: 15-21]]. Portanto, entregues à *Graça*, ficamos livres para aceitarmos em paz a *transformação*, seja ela instantânea ou um processo. Pois, como é óbvio, não há barganhas a fazer!

Afinal, cremos que *Aquele* que começou a boa obra em nós, há de completá-la até o dia de Cristo Jesus. Assim, esquecendo das coisas que para trás ficam, prosseguimos para conquistar aquilo para o que fomos conquistados por Jesus e Sua *Graça*!

Só assim, tem-se a chance de se experimentar conversões todos os dias, sendo, portanto, "*transformados de glória em glória.*" [[II Co 3: 18]]

E não é preciso temer qualquer processo de anestesiamento ético, que, como enganadamente pensam alguns, seria o resultado "dessa paz" que nos consente mudar sem agonia de alma a vida inteira. Ao contrário, somos levados em outra direção, surgindo em nós uma outra tendência, conforme nos ensina o apóstolo Paulo em Romanos 8.

Uma consciência só se *cauteriza* quando teme se enxergar à *Luz da Palavra de Deus!* [[II Tim 3: 6-9]]

É a *indesejabilidade da auto-percepção* o que cauteriza a consciência, que, então, perde a capacidade de *se-ver-sentir*!

A integridade humana de um ser cristão é, pelo menos, não adulterar a Palavra que o julga, o perdoa e o redime para voltar a viver! [[II Co 4: 1-2]]

Assim, digo eu também:

"Seja Deus verdadeiro e Caio Fábio mentiroso!" [[Rm 3: 4]]

A Palavra, todavia, está livre!

E é a Verdade que liberta a vida do medo e das fobias que alimentam as fontes do *"pecado de ser."* [[João 8: 31-32; Rm 7: 25 e 8: 1]]

Desse modo, eu declaro que sou culpado desta fé!

Ela me seduziu e eu seduzido fiquei!

Pena, para muitos, que ela também me libertou do medo ser!

E assim, por gratidão a Deus, *não tenho barganhas a fazer!*

CAIO FÁBIO
Junho de 2002

♦ INTRO-MISSÃO

Estar seduzido pela *Graça* significa viver em permanente estado de inimizade com a *Teologia Moral de Causa e Efeito dos Amigos de Jó* e as suas novas versões, esposadas pelos seus atuais confrades!

ISTO PORQUE QUEM CRÊ NA GRAÇA NÃO FAZ BARGANHAS COM DEUS!

É uma questão de amor e fidelidade à Cruz de Cristo: ou você é filho-amante da Graça ou é infeliz enteado — mais "enteiado" que ente-adicionado — da *Teologia dos Amigos de Jó.*

Quem se casou ama-ziadamente com a *Graça de Deus* tornou-se, como conseqüência, viúvo sem as saudades de um dia haver estado casado com a *Lei da morte*. Portanto, sem necessidade de crer que ainda há barganhas a fazer com a morte.

A *Lei* morreu em Cristo, daí a *Teologia Moral de Causa e Efeito dos Amigos de Jó* não passar de um Zumbí que perambula pela Terra vampirizando as almas dos homens que julgam ainda haver barganhas a fazer com esse encosto espiritual.

A *Teologia Moral de Causa e Efeito* é também o mumificador por excelência do defunto que morreu na e com a *Cruz de Cristo!* [[Rm7:1-6]]

"Voltar atrás" é caminhar na direção de uma tumba a fim de participar de uma orgia de *necrofilia teológica*. Nesse caso é ter "relações" a concluir com o defunto da Lei e seus derivados — todos zumbis!

●

Tenho certeza de que muitos dos meus leitores estão se perguntando até agora: quando este livro vai, afinal, começar? E o que ele quer dizer por *Teologia Moral de Causa e Efeito*.?

Para muitos todo co-meço implica num ato de medir o autor!

Paciência! Paciência! Paciência!

Eu chego lá!

Por enquanto, sem encanto, peço-lhe apenas mais paz-ciência!

Este livro não é um texto cartesiano e nem escravizado aos processos de produção literária convencional. Afinal, não tenho barganhas a fazer nem com a forma literária, muito menos com a "cristã" ou "evangélica".

Mas repito que nele não correm nenhum risco os leitores, mas tão somente os *Lei*-tores — que têm barganhas a fazer!

Aqui não quero fazer literatura, pois não sinto que o estilo clássico ou convencional da literatura, tanto na sua forma estereotipada, quanto nas suas estruturas pré-moldadas, comunique o tipo de des-construção que desejo agora expressar.

De minha parte inauguro aqui um modo novo de escrever sobre a Palavra — não que eu seja o primeiro, porque nada há novo debaixo do sol — mas, no que me concerne, é a primeira vez que deliberadamente escrevo usando as letras e palavras como parte consciente da mensagem!

Quero escrever num caminho-pensar-existencial que seja, inclusive no estilo, uma peregrinação livre de meu ser, e que sempre misture o pensar, o sentir, o saber, o dia, a noite, e os ambientes que me cercam, gerando o ato de expressar, conforme as pulsões do momento.

E isto até mesmo na arquitetura das letras e nas arbitrariedades lingüísticas, na liberdade das formas e do montar a minha própria língua, não só para dizer o que quero, mas, principalmente, como quero.

O livro sou eu e eu sou o livro! E não há barganhas a fazer!

Quem nunca escreveu assim, nunca a si, e nunca em si, nada escreveu, e inscreveu!

Hoje! É o dia! E isto vale até para o escrever. Paulo, o apóstolo, que o diga! [[Digo isto porque não há texto de Paulo — talvez apenas Romanos — onde as passionalidades do momento não se misturem com a eternidade da mensagem.]]

Não é minha mente que escreve. Eu escrevo o que em mim inscrito está. Afinal, eu sou um ser definitivamente seduzido pelo que aqui confesso. Pois não tenho barganhas a fazer!

Nem sistemas a fechar! E menos ainda uma metodologia a oferecer!

A mensagem deste livro, todavia, não é minha, é da Escritura; isto para quem tem alguma dúvida. Mas eu sei que me tornei também, para muitos, uma mensagem!

Paz-ciência, então, meu leitor!

A menos que você seja um *Lei*-tor!

É você?

Ou: Você é?

Calma! Não há mais barganhas a fazer!

Só há Um que sabe quem é Jó e quem é Jo-io!

O *Lei*-tor pensa que sabe fazer a diferença!

Espero que você seja um leitor que sabe que há apenas um que sabe quem é quem. É

Aquele que É!

Assim, proponho-lhe uma leitura, não uma *Lei*-tura!

Ofereço-lhe também a *Graça* de ler com graça e não somente o ler sobre a *Graça*.

Apresento-lhe uma leitura que pode salvá-lo das *Lei*-turas "cristãs".

E isto in-volve até mesmo a literatura! [[Não li nada até que cheguei aos dezoito anos. Com a conversão veio o desejo de comer a vida e a História. Queria ser amigo de Abraão, de Davi, de Daniel, de Oséias, de Isaías, Jeremias, João, Paulo e, sobretudo, queria sentir, se possível, até os odores dos dias, noites e caminhadas de meu Senhor. Foi na Bíblia que comecei a ler. É a partir do que as Escrituras me dizem acerca de Jesus que leio tudo-o-mais! No entanto, leio-tudo-o-mais como um mais que só me permite *ver mais* na própria Escritura e só fica como *mais* aquilo que *não é um mais* para a Palavra Revelada, mas para mim! Quem crê na Palavra, crê que não há nenhum *mais* a ser acrescentado à Escritura, mas *sempre há mais* a ser incluído na leitura da Escritura como Palavra! Por isso mergulhei em angústias de dignidade com Sócrates, em devaneios filosóficos com Platão, cansei-me de Aristóteles, apaixonei-me por Agostinho, fiquei exausto com Tomás de Aquino, fiz-me primo de Calvino e parente de Lutero; tornei-me, todavia, irmão de leite de Kierkgaard, comparsa de J.Ellul, bati longos papos com C.S. Lewis, discuti muito com Francis Schaeffer, abracei o cavalo de Turim na loucura de Nietzsche, verti sangue latino-americano com Eduardo Galeano e fiz-me colega de mentes de gente que era mais que um simples fulano! Tudo pela leitura! Ah! Sim! Quantos mundos a conhecer!]]

Toda literatura pode virar letra-lei-tura, literal-tura, liteira-tura e, por fim, para os demais, *Lei-ter-que-atura*!

Digo isto a- *Lei*-vosamente! Não o afirmo como *Lei-voz-à-mente*! Mas

desejaria que fosse *a Lei-voz-damente! D* e sua mente e sem mentira!

Ora, isto seria pura *Graça!*
Cada um discirna como desejar!
Sim! A cada um como con-*cerne!*

Mas lembre-se: *é sem barganha com Deus!*

●

No inicio do livro baseado em Jó — **O Enigma da Graça** —, eu disse que a "teologia dos amigos de Jó" se deriva da *"Teologia da Terra"* , nascida em Caim!

Entretanto, minha proposta neste livro não é escrever um "tratado" sobre nada, nem mesmo sobre um amplo conceito dessa *"Teologia da Terra"* e, nem mesmo, da *Teologia Moral de Causa e Efeito*.

SE VOCÊ SE RECORDA EU DISSE QUE ESTARIA ESCREVENDO "SEM CONSULTA, SEM PESQUISA E SEM TRABALHO". PODER-SE-IA DIZER QUE ESTA É A OBRA DE UM VAGABUNDO. PORTANTO, PODE ATÉ SER OBRA, MAS NÃO É TRABALHO! [[Ora, como este texto era apenas um "apêndice", continuo apenas com a Bíblia e o coração abertos; portanto, sem "consultar" nada, mesmo tendo expandido o texto mais de dez vezes em relação ao seu tamanho original.]]

Ou seja: estou apenas e sobremaneira *me ex-pondo*, em tudo o que já internalizei em leituras anteriores e antigas no tempo; e, sobretudo, pelo estudo das Escrituras como um todo, seja por reflexões minhas no curso de quase trinta anos de meditação bíblica; seja por, sem *"justiça própria"* para apresentar a ninguém — e também sem a "dignidade histórica" de Jó —, ter experimentado sentimentos semelhantes aos dele em relação a Deus, e, sobretudo, no que diz respeito a mim mesmo e ao meu semelhante.

Para mim, excluindo-se os dois capítulos iniciais de Jó, o que sobra é apenas o modo como os homens "usam", horizontalmente, o Nome de Deus, para esconderem-se de si mesmos em seus embates com o próximo e com o "inexplicável" em sua existência; digo, especialmente, a calamidade na vida do próximo ou o mal sem causa moral.

Eu, de minha parte, conheço bem melhor Simei — o amaldiçoador de Davi — [[II Sm 16: 5-12]], que Elifaz, Bildade e Zofar, os "amigos de Jó" [[Os três amigos de Jó, extremamente "discutidos" em **O Enigma da Graça**.]]. E o profeta Natã nunca veio me visitar [[Natã é o profeta de Deus que foi advertir Davi ante seu "silêncio" após adulterar com Bateseba e "encomendar" a morte do marido traído, Urias (II Sm 12: 1-15).]]. E nem precisou: eu me antecipei *diante* de Deus e *adiante* dos homens, mesmo os mais íntimos. Afinal, eu não tinha e nem tenho barganhas a fazer.

Todavia, passei a ter o prazer de conhecer amigos como Itai, o geteu, que andou com Davi em seus dias de totais perdas e incertezas. [[II Sm 15: 19-23]]

Ninguém me flagrou fazendo nada errado. Eu é que me flagrei violando a minha consciência! [[Esse "flagrante" começou em 1991 quando *aceitei* e *decidi* assumir responsabilidades de natureza politico-empresariais e me desviei do curso de minha vocação: pregar a Palavra e tão somente a Palavra! Assim, tanto o *en-vio* quanto o *des-vio* acontecem sempre, antes, como *vias* de dentro; sua manifestação externa pode demorar ou, quem sabe, jamais acontecer aos olhos e sentidos dos demais. Só Deus conhece o des-vio. Dessa forma, muitos que caminham numa *via* histórica sem *des-vio* podem estar afastados da *via interior*, que é o Caminho que realiza a *via*, a vocação do ser!]]

E como *todos pecaram e carecem da glória de Deus* [[Rm 3: 23]], não há Jó nem há João, não há Caio e nem Caído, há apenas seres humanos carentes da mesma *Graça*.

E também como a "Moral" não impressiona a Deus [[Rm 3: 19-20]], então, não há porque os sentimentos de quem quer que seja, não sejam levados a sério, incluindo os meus, e, especialmente, os de Deus e dos anjos em relação ao *pecador arrependido*, que, segundo Jesus, deveria provocar festa entre os humanos [[Lc 15: 25-32]] e júbilo nos céus, mas nunca perplexidade e aflição invejosa entre os homens! [[Lc 15: 7 e 10]]

A *Graça des-josifica* a "Jó" e faz uma "*josificação*" de todos os que se sentem julgados enquanto morrem de agonia no profundíssimo poço criado pela multidão de acusações feitas pelo próximo que pratica a Teologia Moral de Causa e Efeito, a qual é total negação da Graça.

E pior, muitas vezes são assim tratados sem terem sido *ouvidos* e nem *confrontados*, mas que, nem por causa disso, deixaram de receber acusações de quem não tem pudor em falar o que julga, sem nem mesmo possuir *a honesta coragem dos amigos de Jó*, que *não lhe falaram à distância*, mas olhando em

seus olhos; e nem *o julgaram às ocultas*, mas ante a sua face.

Nisso residiu sua virtude. Tiveram, pelos menos, a coragem de "encarar Jó". Foram *cruelmente presentes*, mas salvaram-se de ser *covardemente cruéis* em sua *disfarçada fraternidade* e em sua *iníqua coragem*, visto que encararam Jó , salvando-se, assim, da pseudo-autoridade *exercida à distância,* que é fruto da covardia ante o Totem. [[***O Enigma da Graça*** aborda amplamente este tema. O tratado científico indispensável, é, todavia, o livro Totem e Tabu, de Sigmund Freud.]]

Ao contrário deles, há aqueles que olhando nos olhos não têm a coragem nem mesmo de levantar a cabeça, mesmo que o pecador seja, aos olhos dele, você ou eu. À distância, todavia, são altivos e certos de suas pseudo-certezas. Quando presentes, no entanto, expressam sua *mediocridade* pela falta de coragem de, pelos menos, dizerem, olhando nos olhos, o que pensam — se é que de fato pensam o que dizem pensar!

Tenho descoberto que muitos — talvez até a maioria — vêem as coisas como eu as vejo, só não têm é coragem de viver com as conseqüências de suas certezas quase-profundas, e nem tampouco, coragem de expressá-las; pois, isto lhes prejudicaria a "imagem".

Ora, nesse caso, já se trata de uma questão de gestão de imagem ante os olhos de uma comunidade de juízes frágeis; e, portanto, nervosos quanto a se defenderem atirando pedras.

Jogar pedras é o recurso mais básico de quem não tem o que dizer! E teme pensar o que pensa!

Nesse sentido, tudo tem suas compensações: Jó sofreu "*injustamente*" o juízo que lhe sobreveio. Eu, de minha parte, *"conheço o meu pecado e minha iniqüidade está sempre diante de mim."*

Por isso, sempre disse a Deus e ao meu próximo aquilo que é minha e sua esperança como pecadores na Terra:

"Bem-aventurado aquele cuja iniqüidade é perdoada, cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o SENHOR não atribui iniqüidade e em cujo espírito não há dolo. Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor se tornou em sequidão de estio. <u>Confessei-te</u> o meu pecado e a minha iniqüidade não mais ocultei. Disse: confessarei ao

SENHOR as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniqüidade do meu pecado."

E quando assim o fiz , *não o fiz com nenhuma justiça própria*, a não ser com a certeza de que o Deus de Davi — conforme o Salmo 32 — é ainda mais gracioso quando revelado em Jesus Cristo e em Sua *Cruz*. [[Incluí-me neste ponto *por* uma razão. Isto porque apesar de saber que pequei e peco—portanto, não sofro por não ter a "*inocência histórico-exterior de Jó*" e, muitos menos sua "*dignidade-horizontal*"—, senti de modo muito semelhante o "*significado*" do tratamento frio e ou caustico de muitos daqueles que um dia me tratavam como "*amigo*" e "*irmão*" . Isto aconteceu desde o dia em que me viram como um ser relativizado—estranho, pois, quem não o é? Todavia, daquela *assembléia inumerável de amigos*, poucos—contáveis em duas mãos — vieram me confortar e me animar a viver. Eu, no entanto, sempre soube o que "muitos" diziam à distância, pois, ouvi o *retumbante eco de seus discursos*, pronunciados sempre na minha "ausência", trazidos a mim por inúmeros "passarinhos", como diz o Livro de Eclesiastes. Hoje, todavia, estou liberto de muitas dessas tristezas, mas devo confessar que, tal fato, me deixou ainda mais *liberto para falar o que penso* sobre aquilo que, pela Palavra, estou convencido ser a verdade da *Graça*. Esta é a grande compensação: *a liberdade da Graça*! E, talvez, minha liberdade seja hoje o maior medo de meus *antes amigos*. Daí o terem desejado que eu nunca mais voltasse a pregar, ou mesmo profetizado o fim de meu ministério. O que eles não sabem é que a única voz que pode me silenciar ou erguer, não é a deles, mas a *Voz Daquele* que comigo falou, fala e falará no *redemoinho ou no vento suave!*]]

E mais, se Davi tinha razões para crer que a *Graça* que restaurou a Jó poderia, igualmente, restaurá-lo, fez para si mesmo o compromisso de que a manifestação da *Graça* em sua vida geraria um *"estímulo de fé"* aos muitos que o observavam: *"Sendo assim, todo homem piedoso te fará súplicas em tempo de poder encontrar-te. Com efeito, quando transbordarem muitas águas, não o atingirão. Tu és o meu esconderijo; tu me preservas da tribulação e me cercas de alegres cantos de livramento. Alegrai-vos no SENHOR e regozijai-vos, ó justos; exultai, vós todos que sois retos de coração*."

O que pretendo, portanto, é mostrar que só é possível enxergar com mais clareza a opressão quando você a conhece. E assim é com tudo mais na vida. Afinal, os olhos da experiência enxergam melhor que os olhos da razão que não viveu.

Aqui, fico! Começa, portanto, a seguir, o *Primeiro Capítulo* deste livro.

Antes vieram os Contextos! Sempre há contextos, ou não há?

●

[Senhor, Pai de todos os que te amam e Pai de todos os que não te conhecem em qualquer família debaixo do céu, por tua Graça e Misericórdia, abençoa cada pessoa que ler este livro com o coração cheio de bondade e carinho pela revelação de Tua Palavra. Pai, abre nosso entendimento para discernirmos o espírito da Palavra e a palavra do Espírito.Ajuda-nos a concluirmos este livro mais gratos pelo dom Inefável, o Senhor Jesus Cristo! E mais confiantes de sermos irremediavelmente Dele! Amém!]

●

Bem, isto foi apenas uma Intro-missão, uma via-lência, ao que me proponho a tratar neste livro. Mas como o livro é meu, a via é também minha! E lembre-se: não tenho barganhas a fazer, nem com o mercado literário!

Agora, leia comigo e não despreze as leituras bíblicas sugeridas e leia também todas as notas-de-rodapé com seu pé bem firmado na Rocha da Palavra. E, é claro, com a mente que não mente, portanto, aberta!

Sim! Desafio-o a ler como quem não tem barganhas a fazer!

Mas não se esqueça: se a *Teologia Moral de Causa e Efeito* é verdade, então, eu sou um herege. Afinal, assumo minha total culpa de crer na *Graça* conforme o Evangelho. Portanto,*sou culpado desta fé! E não tenho barganhas a fazer!*

Todas as minhas cartas estão na Mesa! E não estou jogando...!

♦ CAPÍTULO I - É POSSÍVEL CONSTRUIR UMA TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO?

Até que enfim começa o livro, meu leitor ou meu *Lei*-tor!

Bem, antes de tudo é preciso pensar no significado de cada palavra relacionada à definição de uma *Teologia Moral de Causa e Efeito*.

Se não, vejamos:

1. **Teologia**: Teologia pretende ser um estudo lógico sobre Theos, sobre Deus. O que é, em si, uma contradição de termos. Se há uma lógica divina não há mais espaço para a afirmação cristã de que o homem vive, naturalmente, uma total incapacidade de "discernir a Deus". [[I Co 2:14; Rm 3:9-18]] Pode-se conhecer a *"tese revelada na Palavra de Deus"* , mas a tentativa de estabelecer uma *lógica-sistemática para o Logos* é infantilidade, tanto "teo-lógica" quanto "filosófica" e, muito mais ainda, "psicológica".

Nossas hermenêuticas são, em geral, o fruto mais duradouro das perspectivas epistemológicas dos gregos; e, nesse caso, Aristóteles, deveria ser o para- *ninfo* de nossos estudos "teológicos", especialmente, de suas "sistematizações"— quase todas heranças da *Teologia da Terra* que, entre os gregos, tomou a alcunha de "filosofia".

Ora, uma "teologia" já é em si uma construção presunçosamente pagã. Na Bíblia, não há "teologia". Nela só existe "revelação"; e, sua *sistematização* nunca foi e nem será *verdade-verdade*; pois é também, uma construção humana sobre o "revelado". E mais que isto: chama Deus para caber na arquitetura dessa *Catedral de Pensamentos Humanos* que se erigiu para Ele "habitar". Fica bem para *Zeus*, nunca para *Deus*!

2. **Moral**: Moral é um acordo que pode ser tácito ou formalmente estabelecido por uma determinada sociedade humana. Moral é a fronteira que os humanos elegem para se "elevarem" uns dos outros; e, sobretudo, para

“diferenciarem-se” dos comportamentos que são marginais aos sabores, práticas ou entendimentos pessoais da *maioria*. Além disso, ela é quase sempre nascida no berço das hipocrisias das elites; sejam elas religiosas, políticas, econômicas, culturais ou filosóficas.

Na maioria das vezes, todavia, a Moral é simplesmente fruto natural da presunção virtuosa daqueles que se auto-definem como os reis do exemplo.

Ora, antes de haver Moral houve seres Moralistas. Estes são os filhos de Caim e de sua presunção de agradar a Deus por suas próprias obras. [[Repito: este tema foi amplamente debatido em “**O Enigma da Graça**”.]] Mas fazem isto pela força de coação, e usam o seu poder a fim de impor um comportamento ou fabricar valores que são estabelecidos sobre os demais, e que, depois de um tempo, são aceitos como média, como maioria, como consenso.

Moral, também, é um *fenômeno de natureza inconsciente* e que se manifesta como a eclosão das vontades acumuladas no *inconsciente coletivo*, e que se derramam como chuva torrencial sobre cada geração. [[Neste sentido a Moral é uma das mais poderosas *potestades* operantes na Terra.]]

Sua durabilidade não é longa. Varia de tempos em tempos, mas no tempo em que está vigente, torna-se um valor absoluto da maioria contra as minorias.

E esta é a ironia: minorias a impõem sobre uma maioria, e, depois, esse código se volta sobre os milhares de minorias, que, inconscientemente, “assinaram o acordo”.

Além disso, Moral é a hegemonia dos “ conceitos de normalidade ” que se transformam em instrumentos de juízo contra todos os diferentes: esses, em geral, são seres inexplicáveis e incompreendidos pela média e sua mediocridade.

Por isto, a Moral é o berço de todas as *mediocridades*, pois, na *média* e na *maioria* não há *criatividade* e nem *liberdade de ser!*

As liberdades de ser e todas as conquistas delas decorrentes sempre vieram dos marginais da Moralidade vigente. E isto é mais fácil de provar na Bíblia até mesmo do que no resto da História Universal. E por uma razão: Nas *Teologias da Terra*, onde se fundamentam as morais universais, não existe o conceito de *Graça*. Portanto, as normas legais de regulamentação das relações entre os homens, acabam sendo as mesmas que se usa para tentar regulamentar as relações dos homens com Deus. [[Religião é re-ligação, supostamente patrocinada por um sistema de auto-justificação, e que nasce do homem para Deus. É, portanto, “Teologia da Terra”.]]

Ora, quem crê que o ladrão que recebeu a revelação de que *Deus estava em Cristo,* na *Cruz*, e foi convidado a "viajar" de *sua própria cruz* para o Paraíso, o foi por uma única razão; isto é *, porque o julgamento do homem contra aquele que quebra a Lei, não tem relação de Causa e Efeito na Presença da Cruz de Cristo* — Sim, quem assim crê, entende o *des-significado* da Moral diante de Deus!

Sim, quem crê dessa forma não pode acreditar em nenhuma *Teologia* Moral. Isto porque aquele que era *julgado pelos homens* estava sendo, enquanto isto, *justificado pela fé* e sendo convidado a aceitar a *quebra do carma humano,* abraçando a Jesus, naquele mesmo dia, no Paraíso. [[lC 23: 39-43]]

●

E aqui deve-se dizer que a *Lei* tem utilidade vigente muito maior que a Moral. Pois a *Lei* pode impedir o crime ou o punir uma vez realizado. A Moral, contudo, não serve objetivamente para nada além de provocar a presunção do juízo de um homem contra o outro, ou, de toda uma maioria contra uma minoria!

Assim, a Moral, como o termo já diz, é a norma da maioria, sendo, portanto, o *Geral*. Já a *Lei* funciona para determinar as liberdades e os limites dos encontros-horizontais. A *Lei* pode impedir a tirania. A Moral a cria! Ou seja; a *Lei* me proíbe de oprimir meu próximo. Já a Moral tenta clonar todos os que queiram ser re-puta-dos alguma coisa numa dita *sociedade moral*e de *aparências padronizadas.* A *Lei* nos proíbe de não permitir o outro ser, desde que a expressão de seu ser não seja contra a liberdade do próximo de também ser. A *Lei* nos garante que essa liberdade vai apenas até o limite em que sua expressão de ser não violente um outro ser humano. A Moral, todavia, nos impede de ser diferentes da maioria, portanto, mata a expressão do ser.

A *Lei* nos defende da tirania do próximo e vice-versa. A Moral, no entanto, dá ao meu próximo — e também a mim — o poder de julgar pela *mediocridade.* Moral é a "*Lei* da média", portanto, é a *Lei* da maioria e da imagem, criada pela *maioria* para regulamentar a "normalidade" humana —, fazendo de mim ou do meu próximo, na melhor das hipóteses, um*sobrevivente da mediocridade*.

Portanto, quanto mais submissão à *Moral*, mais *a mediocridade reina soberana*, e mais a *individualidade* humana é des-conhecida. E isto acontece quando a *Generalidade* dos códigos da maioria é transformada em norma para uma espécie — a humana —, que não pode ser norma-tizada; e, por uma única razão: *ela foi feita à imagem e semelhança de Deus, e, por isto, é uma espécie de seres singulares. [[*Conforme uma sabedoria de botequim: *Assim como são as pessoas, são as criaturas!]]* Daí, aos olhos de Deus, o justo só poder ser-viver pela fé!

●

E aqui faço uma parada a fim de dar descanso aos *Lei-* tores, pedindo-lhes que tenham paz-ciência. Todavia, para que não se des-esperem, os acalmarei dizendo aquilo que mais para frente neste livro será objeto de minhas considerações mais alongadas; ou seja; que a Moral só trabalha contra a própria santificação do ser!

É por essa razão que Paulo nos chama para uma vida sem *Lei* e sem Moral, que para ele eram apenas *"rudimentos"* . O convite do apóstolo, porém, é para que se viva uma vida cheia de *Graça*, Verdade, Justiça, Bondade, Alegria e Amor, pois, segundo ele, quem olha apenas para a imutabilidade da revelação, descobre logo que são apenas e tão somente esses *valores de ser em Cristo*, as coisas *contra as quais não há lei*. [[Gl 5: 16-23, especialmente os versos 22 e 23.]]

De modo que a *obediência ao evangelho* é por fé entre os pagãos [[Rm 1: 5]], mas não se trata de nenhum tipo de moralismo auto-virtuoso, que, no máximo, impressiona os que pensam com as mesmas categorias —os cristãos frágeis e os pagãos de consciência auto-glorificada —, mas que não têm nenhum valor diante de Deus, especialmente se tais virtudes pretendem diminuir a imerecibilidade da *Graça*.

Portanto, quem não vive e não crê na *Graça* —favor imerecido — tem, como única alternativa de experiência religiosa, o abraçar confiante e arrogantemente a *Teologia Moral dos Amigos de Jó*.

E tal "fé" não carrega fé, mas auto-confiança e serve apenas para "justificar a imagem"

do homem perante os demais, mas não tem valor algum quanto a justificá-

lo aos olhos de Deus, pois, *"o homem vê a aparência, o Senhor, porém, vê o coração*" [[I Sm 16: 7]].

Para os cristãos, todavia, na maioria das vezes, Moral é aquilo que praticamos a fim de não termos que nos *"conformar com Cristo na sua morte*", e, assim, podermos desenvolver um modo externo de auto-justificação, pela via do comportamento exterior, de acordo com a *Lei* e seus *"rudimentos"* , e, assim, sem o desejarmos — *por não sabermos que a verdadeira fé é que gera a verdadeira ética da liberdade* —, nos entregamos justamente àquilo que elimina, no coração e na alma, a manifestação da única e verdadeira liberdade. [[Mais adiante você verá que toda referência à Liberdade neste livro tem relação exclusiva com o resultado de *"morrermos em Cristo"* e nos *"conformarmos com ele na sua morte"*, a fim de experimentarmos *"o poder de Sua ressurreição"*— *daí* vem a liberdade, que é sem *Lei* e sem Libertinagem!]]

Ora, depois de tudo o que já vimos, não dá para negar que toda forma de Moral *ismo* — cristão ou não — trabalha contra a apropriação da *verdadeira liberdade*.

O problema é que a afirmação de Paulo de que *"todas as coisas são lícitas"* [[I Co 10: 23]], em geral, é vista como um estimulo à libertinagem e à total irresponsabilidade. Nesse caso, trata-se do oposto à auto-justificação pela Moral — mesmo para o cristão —, que é a fantasia de que *"estando em Cristo"* , nossa singularidade irrepartível e nosso senso de individualidade deveriam implicar também em que nós somos, agora, livres para fazermos o que bem ou mal desejarmos. *"Afinal, estamos livres da Lei e da Moral"* — é o que pensam sem ainda terem entendido nada da real proposta de Jesus.

Mas que engano!

Estamos sim, *em Cristo*, livres da *Lei* e da Moral e de todos os seus subprodutos.Todavia, isto **não** nos põe no caminho da libertinagem. Antes pelo contrário, nos chama para o tipo de liberdade que Deus considera digno do conteúdo da palavra *liberdade*. Deus não se submete às "conotações" que as palavras ganham pelo seu uso. Ele chama de liberdade apenas aquilo que liberta e transforma o ser, *conforme a imagem de Seu Filho*. [[*Lei* a Colossenses 3—que segue ao grito de liberdade dado por Paulo nos capítulos anteriores—e veja como o texto seqüencial desemboca no chamado a deixarmos de um lado os

"*rudimentos dos homens*" e, de outro, a vivermos não para "*dar ocasião às concupiscências da carne*". Ambos os pólos são inóspitos para a saúde do ser. Isto porque ambas as manifestações acontecem como realizações da carne, negativamente falando!]]

A liberdade do homem tem na liberdade de Deus sua referência, pois, Ele é livre para ser continuamente bom, fiel, misericordioso e justo; e, sobretudo, para ser o Deus da *Graça* para outros.

Deus não precisa tratar-se a si mesmo com *Graça*. Ele merece! Nós, no entanto, somos livres na *Graça* para sermos *imitadores de Deus como filhos amados*. E a imitação em questão é a prática da *Graça* com a qual Ele trata a todos, incluindo justos e injustos! E isto só é possível de se viver no nível do horizonte humano se a Moral não for a anima da nossa fé. Pois, pela Moral, não se trata a justos e injustos como o Pai recomenda a Seus filhos que o façam.

Portanto, não se en-feze antes da hora. E nem puxe a des-carga do pensar, pois, assim fazendo, você pode estar jogando para lugar escuso aquilo que deveria alimentar a sua alma e não o seu esgoto literário!

Leia com calma. Não há barganhas a fazer!

3. **Causa e Efeito**: O problema é que se admitimos que há entre os homens a necessidade de Leis e Códigos que dêem ao convívio social certas seguranças, temos, também, que admitir duas outras coisas: a primeira é que quem crê em Cristo deveria saber fazer a diferença entre uma coisa e outra. Ou seja, nunca tornar alguém *anátema*—separado de Cristo —por nenhuma quebra de *Lei*, seja ela um código social, uma etiqueta, uma ética ou uma Moral. E por quê?

Porque a experiência da fé em Cristo nos faz poder dizer que agora nossa escolha não tem mais nada a ver com o lícito ou ilícito, mas tão somente com aquilo que "me convêm" e me "edifica". [[I Co 10:23; Rm 14:5,10,12,13,14,23]] Em outras palavras, com aquilo que promove vida, saúde, justiça e paz ao coração.

E, sobretudo, com o resultado de cada coisa na vida, incluindo os seus males, pois, muitas vezes, é do caos que o Espírito se move para criar!

A segunda razão é a seguinte: se usarmos o critério da *Lei* Moral — ou qualquer outro — a fim de julgarmos os homens em relação a Deus, estamos entrando numa rota de conflito duplo. Primeiramente, porque somos proibidos de julgar a quem quer que seja em relação a Deus; e, em segundo lugar, por esta mesma razão, quando elegemos um critério de julgamento com o qual julgamos

o próximo, estabelecemos o critério espiritual segundo o qual seremos julgados por Deus — e assim, caímos da *Graça* e nos colocamos sob os rigores da *Lei*. Isto porque quebrar um único mandamento da *Lei* nos torna réus de todos. E pior ainda, como o valor e âmbito de percepção da verdade da obediência à *Lei*, conforme Jesus, não são as exterioridades do comportamento, mas as verdades do coração, então, nos condenamos irremediavelmente sempre que julgamos. [[João 8:15; Rm 14:13; I Co 4:4; Tg 4:12]]

Além disso, ao afirmarmos qualquer forma de salvação ou relação com Deus baseada nos princípios de causa e efeito, ilegitimamos a *Cruz*, anulando-a, *e tornamos o sacrifício do Cordeiro um luxo desnecessário*, pois, haveria muitas outras formas de se tentar agradar a Deus.

Ora, Jesus veio ao mundo justamente para quebrar essa *Lei*, e instituir a *Lei dos Favores Imerecidos*, e que são obtidos pela fé, e que não se baseiam nas obras da produção humana por duas razões: uma é que nossas melhores justiças são, aos olhos de Deus, como *trapos de imundícia*. A outra é que se é pela *Graça* — favor imerecido — não poderia jamais implicar em qualquer forma de "barganha", nem antes, nem durante e nem depois.

Quem ouviu Jesus bradar "Está Pago"— Tetelestai —"*está consumado*"— não acha que sobrou sequer a obrigação de guardar a gorjeta para o garçom celestial. Agora, por causa da *Cruz*, o que se diz é: *"Entrará e sairá e achará pastagem"*. [[João 10:9]]

Isto dito, creio que você terá agora a chance de melhor compreender o que eu quero dizer por *Teologia Moral de Causa e Efeito*.

Então, provavelmente, lhe venha uma pergunta: _ Por que, somente agora, você falou claramente?

Ora, é simples. Eu quis dar a você duas chances: a primeira, a de pensar por você mesmo, mas não lhe faltaram dicas do que eu queria e estava dizendo o tempo todo, em **O Enigma da Graça**. A segunda razão é porque eu queria que você vivesse o desconforto de se sentir me julgando a cada página e dizendo: *"Ele só está dizendo isto por causa do que aconteceu a ele"*.

Agora, todavia, eu espero que você entenda diferente e tenha coragem de dizer *: "Ele só escreveu isto por causa do que aconteceu a mim"* .

Se for assim, nós vamos interceder diante de Deus uns pelos outros e nos

reconciliaremos na *Verdade* e na *Graça*, e não no falso mundo das aparências e dos juízos!

Veja agora as razões pelas quais eu não creio que seja possível, a partir da Bíblia, afirmar a validade da *Teologia Moral* ou até mesmo de uma Moral que seja o critério pelo qual, nós, os cristãos, nos arroguemos a julgar quem quer que seja diante de Deus e, até mesmo, diante do próximo.

Bastaria dizer: *"Ora, quem nos julga é o Senhor…"*. Ou ainda: *"A fé que tu tens, tem-na para ti mesmo..."*. Ou mesmo: *"Quem és tu para que julgues o servo alheio...?"* E, sobretudo:*"Bem-aventurado é aquele que não se condena nas coisas que aprova..."*

●

Entretanto, eu penso que é possível, a partir da Bíblia, "construir" uma *Teologia Sistemática Moral de Causa e Efeito*. Aliás, desde que houve a adesão do *Cristianismo* ao *Aristotelismo*— pobre Orígenes, leva a culpa de nos haver "desviado" com suas "inocentes alegorias"! — pode-se "fazer" qualquer teologia sistemática a partir da Bíblia.

Conforme muitos já disseram antes de mim, a Bíblia também pode se tornar a Mãe de todas as heresias!

A partir da adesão dos hermeneutas cristãos — muito mais herme-nautas, que hermeneutas — ao método de Aristóteles [[A visão aristotélica — prevalente desde há muito entre os cristãos como método grego de filosofia — foi "oficialmente" encampada por Tomás de Aquino, "refinada" por Descartes e "aceita" como verdade final pelo Positivismo e afirma que só há duas realidades: a realidade material e a consciência da razão. Para além disto, não há mais nada, de fato, a se esperar conhecer. Ou seja; pelo método grego, aceito teologicamente como "científico", jamais haveria revelação!]], a *Escritura* deixou de ser vista no seu todo indivisível, "paradoxal", às vezes "contraditório", e, passou a ser objeto da "reengenharia sistêmica", que teve nos gregos seus melhores "técnicos" e nos "teólogos filósofos" seus sacerdotes do método na "construção" das doutrinas da *Cristandade*. [[Para quem desejar uma viagem histórica sobre a perversão do Cristianismo, recomendo o livro *Subversion of Christianity*, de Jacques Ellul.]]

É pela mesma razão que o *Cristianismo* se tornou como um "olho de

mosca", à semelhança da imagem de visão espiritual preconizada pela *Nova Era*, e tão repudiada pela "igreja".

A diferença é que o "nosso olho de mosca" não produz, ao final, uma visão convergente; ou seja, holística — mas, ao contrário, cada "olhinho do olho multifacetado" enxerga não por si mesmo, pois, o faz, a partir da absolutização sistemática daquela visão que não integra as demais [[E há quem fique espantado com as di-visões na Cristandade. As di-visões só não acontecem se a visão for uma só: *a da Graça de Deus em Cristo*. Nesse caso, não há di-visão, pois, há uma só visão. As departamentalizações doutrinárias feitas pelas nossas teologias aristotélicas—que tentam nos fazer convergir pela razão dos doutos — nos dividem, na mesma medida em que pretendem setorializar a verdade como doutrinas. Quem, todavia, vê a vida a partir da *Graça*, só divide se a expressão de seu ser-crer gerar "julgamento" nos de-mais que não conseguem crer no que Paulo disse: "*a fé que tu tens, tem-na para ti mesmo*".]] — ou seja, que *departamentaliza* a visão total da *Escritura* e elege qual é a "nesga doutrinária" pela qual contemplaremos a vida e o próximo! [[O que os Reformadores parecem não ter compreendido é que o "rompimento protestante" rompeu apenas com "doutrinas", mas não com o "método"—sempre grego de nascimento—e, muito menos ainda, parece que tenham se dado conta de que o "fundamento" não foi devidamente afetado pelo "protesto" feito pelo Protestantismo. Pelo contrário, protestamos contra os *sintomas*, fizemos uma cirurgia plástica na "igreja", tiramos-lhe as "gorduras", mas não tratamos de seu problema "orgânico", do ponto de vista teológico, e, menos ainda, não conseguimos identificar as sutilezas e as "mutabilidades" do vírus mortal que viaja no corpo de pensamento da "igreja" desde o tempo dos Gálatas e dos Hebreus. Ambas as epístolas foram escritas para que os cristãos não se tornassem aquilo no que nos tornamos.]]

SEM QUE SE PERCEBA OS "PARADOXOS" DA PALAVRA NÃO SE FAZ NUNCA NENHUMA "SÍNTESE EXISTENCIAL" DA GRAÇA! [[A doutrina protestante do "livre exame da Escritura" é totalmente bíblica. O problema não é ter liberdade para "examinar". *O problema é conseguir não examinar a partir de uma "teologia sistemática"* . Daí em diante, mesmo na Bíblia, acha-se o que se desejar achar. Afinal, as "sistematizações" só se utilizam das evidências que "fecham o sistema". A Bíblia, todavia, é propositalmente "paradoxal", e, por vezes, até "contraditória" para os padrões de pensamento da filosofia grega. Paulo já dizia que a *Cruz* é loucura para os gregos. Como, então,

seria um “método grego” que nos ajudaria a entender a Palavra? O que o “método” fez foi nos ajudar a criar “doutrinas”, incapacitando-nos a fazer “síntese” da revelação!]]

Quando se sistematiza um saber, deve-se sempre fazê-lo aberto a novas descobertas. Por isto, a “medicina” de hoje não será a “medicina” de amanhã. São sistemas, mas não são dogmas tão sagradamente defendidos ou fechados. Por essa razão, o “remédio” de ontem pode virar o “mal” de hoje. O sistema deve estar aberto pela “curiosidade” e, também, pelo estímulo do mercado e das vaidades pessoais das conquistas científicas.

Dizendo isto, estou também afirmando que conquanto não haja no *Cristianismo* algo como uma escola que se auto-defina como defensora da *Teologia Moral de Causa e Efeito*, há, todavia, uma “sistemática sub-reptícia” que a ensina, sub-liminarmente, às vezes; e que, na maior parte do tempo, prega abertamente os valores dessa *“teologia sem nome”*.

O *Cristianismo* virou mais uma das muitas religiões antropocêntricas, não importando qual seja a “versão histórica” em questão. Institucionalmente, na prática, não escapa ninguém de um extremo ao outro do escopo da *Cristandade*. [[Os *legalistas* são salvos pelo seu “comportamento”. Os *liberais* são salvos pela sua “abertura” e “humanidade”. No fim, as duas visões polarizantes nos remetem para o mesmo lugar: o antropocentrismo! No *legalismo* a virtude humana é o “comportamento”. No *liberalismo*, a virtude é ser “humana”. Em ambos os extremos, *o homem é o centro*! Esta é a grande vaidade, a soberba!]]

Na *instituição cristã,* o princípio da *causalidade humana* está presente em tudo: a *fé* é do homem — homem de fé, não da fé; o *dom* é dele também, daí o sentir-se tão vaidoso; a *santidade* é por ele conquistada, sendo essa a razão dele ser tão inumano; os *milagres* são realizados por suas virtudes, pondo-o como candidato a desenvolver a Síndrome de Lúcifer enquanto vive ou, em outros casos, a tornar-se um Santo após a morte. E ainda as *conversões* são a ele atribuídas, razão pela qual ele pensa possuir grande galardão. E mais, *dízimos financeiros* são despudoradamente “cobrados” como parte da continuidade da *Graça* sobre o homem-devedor, sendo que o *mediador humano da benção* é sempre o representante de Deus, daí sentirem-se donos do dinheiro — afinal,

Deus só recebe sacrifícios que se convertam no milagre de fazer muito dinheiro encher os seus bolsos, seja pessoalmente, seja institucionalmente, seja empresarialmente! [[O texto de Malaquias 3, sobre os dízimos, é o favorito da "igreja" nas questões de contribuições financeiras. O que não percebemos é que o N.T. não se utiliza dele como *Lei* da *Graça* quando se trata de dinheiro. O texto de Malaquias fala do Templo-Estado. A Igreja não é assim. Mas ao escolhermos, seletivamente, Malaquias como o *Santo das Contribuições*, sem o sabermos, estamos dizendo quatro coisas: 1) Nosso desejo de que a Igreja esteja para a sociedade assim como o Templo-Estado estava para a população de Israel; 2) Nossa seletividade arbitrária quanto a determinar o que, da *Lei*, nos é conveniente; 3) Nossa incapacidade de ver que Malaquias 3 tem sua atualização na *Graça* em II Co 8 e 9; 4) Nossa ênfase na idéia de que aquele que não contribui é ladrão, põe aqueles que "cobram" no papel de sacerdotes-fiscais dos negócios de Deus na Terra. Em Atos 5: 1-11, diz-se que dá quem deseja. Dar sem desejar ou dar mentindo gera morte, não vida. Ananias e Safira foram disciplinados pela Liberdade que nasce da verdade e não a fim de gerar medo legalista na Igreja. Eles morreram por terem traído a *Graça* de dar ou não dar, ser ou não. Eram livres para não dar, não para mentir ao Espírito Santo! Dar não os tornaria maiores. Não dar não os tornaria menores. *Mentir a Deus os destruiria*!]]

Além disso, novenas, promessas, sacrifícios, correntes de oração, expulsão de demônios, autoridade espiritual, etc...— são sempre o fruto da auto-suficiência do homem que *determina* a bênção de Deus sobre si mesmo; e pior: quando, como e do jeito que ele, o homem, entender!

O oposto — a fraqueza, a dependência, a submissão, a devoção — vale apenas para os de cabeça mais fraca, que é a maioria que segue esses *pastores do medo*! [[Zc 11: 4-17]]

Para essas "pobres ovelhas sem pastor", o que fica é a "maldição" de terem que se submeter a tudo o que os *amigos de Jó* ensinam, sob pena de receberem as tragédias todas dos céus e da Terra! Sim! Do ponto de vista dos *amigos de Jó* há muitas barganhas a fazer! Afinal, os "escravos de Jó jogavam cachangá". Os amigos de Jó, todavia, jogam pedra lá— bem lá, na alma dos irmãos!

E para os *amigos de Jó*, no melhor caso, se lhes diz que sua independência no *pensar-sem-Graça* os levará a herdar a "maldição de Miriam", irmã de Moisés. [[O que esquecem é que a "maldição de Míriam" veio de Deus e não de Moisés; e também que veio porque Míriam e Arão, por inveja da intimidade de

Moisés com Deus e de sua liberdade para tomar para si uma mulher “cusita”, exerceram um julgamento moral-legal sobre Moisés, enquanto escondiam as dissimulações de seus próprios corações. Ou seja: Míriam foi amaldiçoada por sua própria inveja e por não saber lidar com a *Graça*, pois, tentou praticar um estelionato espiritual, buscando para si o lugar que não lhe pertencia. A *mulher cusita* que Moisés tomou para si era apenas o pretexto que escondia um mal maior e que se dissimulava no coração de Míriam.]]

A força que o *Cristianismo* possui desde o quarto século, vem desse tipo de poder que a *Teologia Moral de Causa e Efeito* põe nas mãos dos “amigos de Jó”—que são os reis das barganhas!

É em nome desse poder e de sua força coercitiva e tirânica que os seres humanos têm sido invadidos e violentados em todos os seus direitos essenciais como criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus!

A *História Oficial do Cristianismo* é quase que inteiramente a história de mais uma religião fundada nos *Dogmas de Caim* e na sua sistematização velada que esconde os princípios da *Teologia da Terra* encontrados em qualquer—digo, *qualquer mesmo*!—outra religião da Terra. [[Por favor, não confunda o *Cristianismo* com o *Corpo de Cristo*, nem a “*igreja*”— como instituição—com a *Igreja* como encontro humano e com Deus, e que só acontece aos olhos de Deus. *Assim como só Deus conhece o joio, também somente Ele conhece o trigo*. Enquanto isto, na história, eles se confundem! Jesus, porém, diz: ” *Eu conheço aqueles que escolhi*...” Daí, historicamente, a “igreja” ser o lugar onde eu encontro as melhores e as piores pessoas que conheço. Joio e Trigo crescem juntos!]]

Ora, quem duvidar do que estou dizendo, tem apenas que fazer o seguinte: leia os evangelhos e o todo do Novo Testamento, depois leia um bom livro de História da Igreja e, por último, ligue sua televisão e compare o que digo com os programas e pregações cristãs que superabundam na telinha. Veja se existe alguma relação entre a Palavra e aquilo que a História e a Tela nos mostram. Ora, se você fizer isto será impossível não perceber a linearidade e coerência de tudo o que aqui digo. Claro que essa sugestão é feita apenas para os que não têm acesso aos bastidores e aos labirintos dessas ratoeiras!

Uma *Lei*-tura pre-conceituada da *Bíblia* pode “construir”, literalmente, quase qualquer coisa. E, neste livro, nós vamos ver também que a *Escritura* é objeto do mais profundo interesse satânico, conforme as tentações de Jesus, uma

das quais teve na Bíblia sua suposta base de referência para a *tentação*.

Portanto, eu sei que estou metendo a mão em *"Casa de Marimbondo."* Mas, no Amazonas, onde nasci, havia muitos marimbondos, que lá são chamados de *Caba de Igreja*. E os de lá picam muito mais doloridamente!

Minha fé é que, de algum modo, a *Graça* inoculou em meu ser um permanente antídoto contra o veneno das *Cabas de Igreja*. O antídoto é o amor de Cristo, de cuja realidade nada e ninguém pode me separar! [[A maior parte dos "des-via-dos" que encontro pelo caminho não estão num des-vio em relação a Jesus, mas tão somente fugindo dos ferrões das *Cabas de Igreja*.Geralmente, os que estão no des-vio em relação a Jesus são os que ferroam como *Cabas de Igreja*. Daí não se desviarem. Eles é que picam venenosamente! É deles que muitos fogem, sofrendo e pensando que é de Deus que estão se des-via-ando.]] Por isto é que digo que *não tenho barganhas a fazer!*

♦ CAPÍTULO II - A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO COMO NEGAÇÃO DA HISTÓRIA

No livro **O Enigma da Graça** — que foi o texto que gerou este livro —, os elementos da *Teologia Moral de Causa e Efeito* expressos pelos "amigos de Jó", no julgamento que faziam das calamidades do patriarca ferido pela mão de Deus, são tratados por mim de maneira muito mais ligada ao dilema-horizontal da questão, do que na perspectiva teológica propriamente dita.

No entanto, antes de entrarmos no âmbito teológico do tema, faz-se necessário vermos como tal maneira de enxergar a Deus e ao próximo é uma falácia, a começar pela observação da própria História. [[Devo reconhecer que este capítulo pode ser chato, cansativo e que ele quebra um pouco o fluxo do pensar abstrato. Mas não *capitularei* e insistirei em mantê-lo aqui, pois, aqui é o seu lugar. Portanto, paz-ciência! Leia-o com carinho e você verá como, apesar de se diferenciar do fluxo do todo do livro, a percepção que este *capítulo* nos traz é fundamental. Não *capitule.* Leia!]]

Ou seja, o *universo funciona* como universo e é regido pelas Leis físicas de causa e efeito.

O problema é que o mesmo princípio não se aplica como *uma certeza* na vivência humana na História.

No universo físico todas as vezes que jogamos para o alto um objeto mais pesado que a camada de ar, ele volta e cai na Terra. Isto é absoluto. O mesmo, todavia, não se pode dizer da vida dos homens e nem de nenhuma forma de constância nas produções da História, tanto individual quanto coletiva . E essa é a razão pela qual muita gente tem dificuldade de viver crendo em Deus, pois, na prática, a experiência humana, nem sempre acontece premiando os bons, com bondade; e os perversos, com o juízo! Na Terra, é claro!

Manter a fé quando se chega a esta verdade-fato-da-vida significa dar o grande salto, fazer a grande entrega, que é quando o *momento-moriá* da alma humana acontece e é também quando serve-se a Deus por Deus, ou por nada!

É a impossibilidade de conciliar a idéia da existência de um ser que seja ao

mesmo tempo Todo-Poderoso e Todo-Bom, o que aniquila a fé daqueles que pensam mais filosoficamente sobre a vida. Pois, de fato, pode-se crer que há Leis exatas regendo o universo físico (o que nos inspira a crer em Deus), mas a desordem e as injustiças praticadas contra, sobre ou em favor dos humanos, parecem não combinar com a existência de um Deus que seja soberano sobre as coisas visíveis e invisíveis, e que exerça Seu Todo-Poder com Toda-Bondade aqui neste planeta e durante o prazo da existência terrena de todos os humanos!

A GRANDE QUESTÃO, TODAVIA, É A SEGUINTE: ATÉ QUE PONTO PODEMOS INCLUIR O SER HUMANO NAS FRONTEIRAS DESSE UNIVERSO DE LEIS EXATAS?

Ora, nós, os humanos, somos filhos de dois mundos: vivemos no tempo e no espaço; no universo das Leis fixas, e, ao mesmo tempo, somos filhos da liberdade — liberdade de ser; de tentar deixar de ser; de ser contra ou a favor de nós ou de outros; de ser sem admitir que se é; de não ser para poder justificar o ser sem sentido; e, sobretudo, ser contra Deus; ou ser contra a idéia de um Deus que cria um mundo fixo (o universo e suas Leis fixas) e, um outro, feito de animais e humanos, onde a liberdade, a individualidade e a luta pela existência são regras do existir.

Para tais pessoas, o único mundo *possível em harmonia* é justamente aquele no qual elas dizem não acreditar que tenha existido: o Jardim do Éden — onde natureza e homens existiam em plena harmonia—, antes do tempo em *aquele que era um mundo só, fosse partido em muitos pedaços, especialmente nos ambientes de nossos complexos corações*.

Ora, para que o absurdo mundo atual faça algum sentido, tem que ter havido aquilo que a Bíblia chama de a Queda! Do contrário, não é possível conciliar a *ordem* universal com o *caos* da História humana, e, muito menos ainda, com um Deus que seja Todo-Poder e Toda-Bondade!

A tese de Jó era esta. Ele não entendia o que lhe estava acontecendo, mas negava-se a aceitar o pressuposto de causa e efeito a partir do qual seus amigos o julgavam. [[A certeza da soberania de Deus experimentada como dor e como acusação, simultaneamente, pode fazer com que surja no coração uma consciência amargurada do poder de Deus.]]

Nesse capítulo, é acerca dessa questão que desejo tratar antes de olharmos a falácia dessa forma de pensar também na perspectiva “teológica”, incluindo a da

maioria dos cristãos, que pensam como os “amigos de Jó.”

Portanto, antes de falarmos sobre a “teologia” desse pensamento, quero que você saiba que essa tese não resiste a um confronto nem mesmo com as verdades da História, conforme ela se deixa “ver”.

E, neste sentido, a melhor *resposta histórica* que os aderentes da *Teologia Moral de Causa e Efeito* poderiam receber vem de um dos livros menos lidos, cridos e meditados da Bíblia: o livro de *Eclesiastes de Salomão.* [[E aqui poupo você das estéreis e infindáveis discussões sobre a “autoria” do livro e dos demais tecnicismos que nunca vi terem sido úteis para alentar ou consolar qualquer coração nesta Terra de agonias.]]

A razão porque ele é tão pouco lido nada tem a ver com sua profundidade ou complexidade, pois, como em toda genuína sabedoria, o que é verdadeiro se faz entender com simplicidade. Portanto, não são as dificuldades de compreensão que impedem a *leitura*, a aceitação e a vivência proposta por Deus em Sua Palavra no livro atribuído a Salomão.

O que dificulta é justamente o poder esmagador de sua simplicidade baseada na observação da História, tal qual ela se mostra aos olhos, sentidos e percepções humanos. E entre essas observações, aparece de modo esmagador o desmantelamento de todas as fabricações de causa e efeito criadas pelos *amigos de Jó*.

No Eclesiastes, a vida é como ela é: sem tentativa de abençoar a inegabilidade da *Queda dos Humanos no Planeta Terra.*

A outra razão da não apreciação do Eclesiastes é que ele não fala abertamente da eternidade — no máximo diz que *o espírito volta a Deus, que o deu* —, não fala nem do céu e nem do inferno; e seca a vida aqui, na arena das competições, dos julgamentos, dos esforços inúteis, das jactâncias idiotas, dos sucessos imerecidos, dos insucessos injustos, dos poderosos insensatos, dos sábios desprezados, dos ricos sem apetite, dos ricos estéreis, dos justos esquecidos, dos esnobes afamados, dos governadores cercados de puxa-sacos incompetentes, dos bens materiais que não promovem nem paz nem sono, das vitórias logo esquecidas, das alegrias alienantes, das tristezas que melhoram a alma, dos afazeres que nada mais são que vaidade e correr atrás do vento.

Por essa razão o livro de Eclesiastes é insuportável, ele é histórico demais e realista demais. Nele não há milagres. Seu grande milagre é o *discernimento* de como a vida é, sem os auto-enganos aos quais nos entregamos a fim de diminuir

a nossa dor acerca dos esmagadores fatos da existência humana na Terra.

O que passo a fazer agora é uma leitura do Eclesiastes junto com você. E por quê?

Porque creio que o Eclesiastes não está na Bíblia por acaso. O que penso é que a sua compreensão é um dos mais poderosos antídotos contra a *Teologia Moral de Causa e Efeito dos amigos de Jó*. [[A melhor "***Resposta a Jó***" não vem de C. Jung— que escreveu um livro com essa pretensão—, mas de Salomão. E a razão é que, no Eclesiastes, Salomão afirma a "consciência de Jó" sobre a existência e relativiza todas as "certezas" de causa e efeito dos "amigos de Jó". Em **O Enigma da Graça** esse assunto é aprofundado.]]

E mais que isto: penso que o texto de Eclesiastes é uma versão filosófica em favor de Jó e de suas percepções, sendo que o observador não é um "sofredor", é, provavelmente, um rei existencialista e que, pela sabedoria, decidiu, ele mesmo, abrir todos os "pacotes de existências" que lhe estavam disponíveis. [[Ecresiastes 2: 1-11]]

Ora, mesmo sabendo que a maioria das pessoas não gosta de ler os textos da Bíblia quando estão transcritos num livro, sempre erroneamente assumindo que o leram em algum dia, e, portanto, julgam que "pulando a leitura" estão ganhando tempo, eu peço que você não faça isto. Leia o texto e compare com as notas de rodapé. E a razão é simples: em Eclesiastes, aprendemos que a *Teologia Moral de Causa e Efeito* é filha da insensatez daqueles que não percebem que os princípios de causalidade física do Universo não são aplicáveis aos relacionamentos humanos.

Se assim fosse, o Cosmo seria um Caos. O Cosmo, todavia, tem Ordem — pelo menos, ordem suficiente a fim de poder ser parcialmente pre-visto. A História humana é que é sua antítese. Os humanos são o caos do Cosmo e suas produções, na maioria das vezes, aguardam um julgamento longínquo e que, quase sempre, acontece depois da morte dos perversos. [[Hoje esta afirmação não necessita de amparo apologético. Basta assistir à quantidade enorme de documentários sobre a relação predatória que a Civilização Humana vem mantendo com o todo da criação no Planeta, que ver-se-á a direção auto-destrutiva na qual a humanidade caminha, movida cegamente pelo deus deste século, chamado de *O Imediato*!]]

Uma das marcas mais fortes do ser iníquo e perverso é sua adaptabilidade e sua capacidade de driblar as calamidades. No Livro de Eclesiastes, essa tese é irrebatível. Salomão, em sua sabedoria, como que nos diz: Jó está certo. Debaixo do sol tudo é vaidade e não há sentido nas coisas. Nossa salvação está em temer

a Deus e viver o melhor que nos venha, e, se possível, suportar o que não gostamos sem pensarmos que trata-se de um juízo especial, afinal, neste mundo caído quem vive para se perceber, mesmo como vaidade, já está no lucro. Isto porque, debaixo do sol, as injustiças têm seu lugar de primazia e ainda assim justiça acontece conforme a Sabedoria de Deus, mas não é uma *Lei* que tenha auto-aplicabilidade automática. [[Como já disse antes, a leitura de ***O Enigma da Graça*** é essencial para sua melhor compreensão deste texto, visto que, é no comentário de Jó onde essa tese abunda de modo inequívoco.]]

Senão, veja: “Vi ainda todas as opressões que se fazem debaixo do sol: vi as lágrimas dos que foram oprimidos, *sem que ninguém os consolasse*; vi a violência na mão dos opressores, *sem que ninguém consolasse os oprimidos*.

Pelo que tenho por mais felizes os que já morreram, mais do que os que ainda vivem; porém mais que uns e outros tenho por feliz aquele que ainda não nasceu e não viu as más obras que se fazem debaixo do sol. [[Salomão diz: “Quem vive na Terra deve saber que aqui a felicidade não é o resultado natural de existir. Quem tem essa expectativa, melhor lhe seria não ter jamais existido”.]]

Então, vi que todo trabalho e toda destreza em obras provêm da *inveja* do homem contra o seu próximo. Também isto é vaidade e correr atrás do vento. [[Então desmistifica as motivações do sucesso e da destreza e diz que ambos são fruto da *inveja*.]]

Então, considerei outra vaidade debaixo do sol, isto é, um homem sem ninguém, não tem filho nem irmã; contudo, não cessa de trabalhar, e seus olhos não se fartam de riquezas; e não diz: Para quem trabalho eu, se nego à minha alma os bens da vida? Também isto é vaidade e enfadonho trabalho. [[Na Terra há os que ajuntam o que não podem levar e guardam aquilo do que não usufruem. Onde está o princípio da causalidade? Por que tais bens caem em tais mãos?]]"

Então ele passa a falar daqueles que pensam que *são*, sem reconhecerem que maior do que eles é o *trono* onde se assentam e a posição *circunstancial* que ocupam: “Vi todos os viventes que andam debaixo do sol com o *jovem sucessor*, que ficará em lugar do rei. Era sem conta todo o povo que ele dominava; tampouco os que virão depois se hão de regozijar nele. Na verdade, que também isto é vaidade e correr atrás do vento. [[Esses sucessos nada têm a ver com a pessoa, mas com os benefícios que ela pode trazer. Quando estão “por

cima", multidões de aduladores; quando lhes "passa o tempo", não há mais memória deles. Eles eram "filhos" de um trono, mas não carregavam o trono em seus seres!]]

Neste ponto a sabedoria se dirige contra aqueles que pensam que, pelo seu muito falar, serão ouvidos diante de Deus e que pensam que a sua religiosidade tem algum valor nas regiões celestes:

"Guarda o pé, quando entrares na Casa de Deus; chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos, pois não sabem que fazem mal.— Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras. [[Pois que explicação teria alguém para dar a Deus?]]

Porque dos muitos trabalhos vêm os sonhos, e do muito falar, palavras néscias. Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos. Cumpre o voto que fazes. Melhor é que não votes do que votes e não cumpras. *Não consintas que a tua boca te faça culpado*, nem digas diante do mensageiro de Deus que foi *inadvertência*; por que razão se iraria Deus por causa da tua palavra, a ponto de destruir as obras das tuas mãos? Porque, como na multidão dos sonhos há vaidade, assim também, nas muitas palavras;*tu, porém, teme a Deus.* [[A causalidade que a Bíblia admite é aquela que um dia virá, diante de Deus e não dos homens, quando os segredos dos corações serão revelados. Fica, todavia, a advertência no sentido de que não se crie um critério de juízo contra ninguém, pois, ao final, ele será usado contra nós.]]"

Outra vez Salomão introduz o tema das injustiças praticadas sem causa na Terra: "Se vires em alguma província opressão de pobres e o roubo em lugar do direito e da justiça, *não te maravilhes de semelhante caso*; porque o que está alto tem acima de si outro mais alto que o explora, e sobre estes há ainda outros mais elevados que também exploram. [[Poucas coisas são tão esmagadoramente realistas quanto esta declaração, e, por ela, faz-se calar toda presunção de juízo dos "*amigos de Jó*".]]"

Agora ele arremete contra a impossibilidade de que haja saciedade no coração humano sem que isto seja fruto da *Graça* e dom de Deus: "*Quem ama o dinheiro jamais dele se farta; e quem ama a abundância nunca se farta da renda; também isto é vaidade*. Onde os bens se multiplicam, também se multiplicam os que deles comem; que mais proveito, pois, têm os seus donos do

que os verem com seus olhos? Doce é o sono do trabalhador, quer coma pouco, quer muito; mas *a fartura do rico não o deixa dormir.* [[Quem possui não tem paz para usufruir; e quem não possui goza da paz de quem, tendo bens, não descansa, todavia, em seu coração.]]

Grave mal vi debaixo do sol: *as riquezas que seus donos guardam para o próprio dano.* E, se tais riquezas se perdem por qualquer *má aventura*, ao filho que gerou nada lhe fica na mão.

Como saiu do ventre de sua mãe, assim nu voltará, indo-se como veio; e do seu trabalho nada poderá levar consigo. Também isto é grave mal: precisamente como veio, assim ele vai; e que proveito lhe vem de haver trabalhado para o vento? Nas trevas, comeu em todos os seus dias, com muito enfado, com enfermidades e indignação. [[Aqui Salomão mostra o *pecado* dos *amigos de Jó*. Pois não é preciso saber que alguém foi vitimado pelo Diabo para se entender que a vida "é assim mesmo".]]

Eis o que eu vi: *boa e bela coisa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho*, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; *porque esta é a sua porção*. [[Ou seja: o que traz felicidade na vida é viver!]]

Quanto ao homem a quem Deus conferiu riquezas e bens e lhe deu poder para deles comer, e receber a sua porção, e gozar do seu trabalho, isto é dom de Deus. Porque não se lembrará muito dos dias da sua vida, porquanto Deus lhe enche o coração de alegria. [[Poder realizar e usufruir é pura *Graça*, é dom de Deus e não vem naturalmente no pacote dos sucessos]]

Há um mal que vi debaixo do sol e que pesa sobre os homens: o homem a quem *Deus conferiu riquezas*, bens e honra, e nada lhe falta de tudo quanto a sua alma deseja, *mas Deus não lhe concede que disso coma*; antes, o estranho o come; também isto é vaidade e grave aflição. [[Aqui acontece o oposto. Tem-se a riqueza como dom, mas não se tem o prazer de seu uso-fruto!]]

Se alguém gerar cem filhos e viver muitos anos, até avançada idade, *e se a sua alma não se fartar do bem*, e além disso não tiver sepultura, digo que um aborto é mais feliz do que ele; pois debalde vem o aborto e em trevas se vai, e de trevas se cobre o seu nome; não viu o sol, nada conhece. Todavia, tem mais descanso do que o outro, ainda que aquele vivesse duas vezes mil anos, mas não

gozasse o bem. Porventura, não vão todos para o mesmo lugar? [[Aqui Salomão ridiculariza a existência longeva, mas que nunca viveu. É o ser que se "protegeu" tanto que acabou se "protegendo" da própria vida.]]

Então surge o tema da animalidade humana e das causalidades injustas; ou seja, Salomão fala do Darwinismo presente na bestialidade humana, expresso, sobretudo, pelas desigualdades e pela banalidade com a que a existência é vivida: "*Todo trabalho do homem é para a sua boca; e, contudo, nunca se satisfaz o seu apetite*! [[Com essa frase ele afirma a basicalidade de todos os esforços humanos e sua incapacidade de alguém se satisfazer de si-para-si-mesmo.]]

Pois que vantagem tem o sábio sobre o tolo? Ou o pobre que sabe andar perante os vivos? Melhor é a vista dos olhos do que o andar ocioso da cobiça; também isto é vaidade e correr atrás do vento. [[Para Salomão melhor do que ter um cobiçoso projeto na vida era ter uma sábia visão da vida.]]

A tudo quanto há de vir já se lhe deu o nome, e sabe-se o que é o homem, e que não pode contender com quem é mais forte do que ele. [[Neste ponto, a animalidade dos humanos é afirmada. É a sobrevivência dos mais aptos e fortes.]]"

Salomão agora, depois de experimentar de tudo um pouco, chega à conclusão que ninguém pode determinar o que é *bom* ou *mal* para um homem. Isto cada um terá que aprender com Deus e com a vida, pois, Deus não deu a ninguém tal receita de felicidade:

"É certo que há muitas coisas que só aumentam a vaidade, mas que aproveita isto ao homem *? Pois quem sabe o que é bom para o homem durante os poucos dias da sua vida de vaidade, os quais gasta como sombra*? Quem pode declarar ao homem o que será depois dele debaixo do sol? [[Isto deveria nos fazer silenciar constantemente nas nossas tentativas de saber o que é bom para o outro.]]"

Subitamente a reflexão se dirige à casa de Jó. Ele é, sem dúvida, um dos melhores exemplos do que abaixo se descreve:

"*Melhor* é a boa fama do que o ungüento precioso, e o dia da morte, melhor do que o dia do nascimento. *Melhor* é ir a casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete, pois naquela se vê o fim de todos os homens; e os vivos que o tomem em consideração. *Melhor* é a mágoa do que o riso, porque com a tristeza do rosto se faz melhor o coração. O coração dos sábios está na casa do luto, mas o dos insensatos, na casa da alegria. *Melhor* é ouvir a repreensão do sábio do

que ouvir a canção do insensato. Pois, qual o crepitar dos espinhos debaixo de uma panela, tal é a risada do insensato; também isto é vaidade. [[Ele começa com a boa fama e prossegue para dizer o seguinte: Num mundo caído e caótico como o nosso, é das nossas maiores dores que nasce o melhor de nós. O sábio, portanto, não teme a dor. Ele sabe que a alegria não é reflexiva. Portanto, ele não tem que procurar a dor e não pode fugir dela. Se os *amigos de Jó* soubessem disso teriam visitado a casa do luto a fim de aprenderem a sabedoria, e não com a pretensão de ensinar o ser dolorido.]]

Verdadeiramente, a opressão faz endoidecer até o sábio, e o suborno corrompe o coração. [[Aqui, mais do que em qualquer outro lugar vemos o nível de desespero ao qual os "*amigos de Jó*" o levaram. A loucura de Jó, sua permissão para ofender, começou quando a opressão dos amigos lhe roubou a sensatez.]]

Atenta para as obras de Deus, pois quem poderá endireitar o que ele torceu? [[Ou seja: Curva-te ante a soberania de Deus!]]

No dia da prosperidade, goza do bem; mas, no dia da adversidade, considera em que Deus fez tanto este como aquele, para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele. [[Se os "*amigos de Jó*" não o tivessem visitado, era aqui nesse lugar-existencial que ele ficaria, pois, as palavras de Salomão ecoam a atitude de Jó ante sua própria calamidade.]]

Tudo isto vi nos dias da minha vaidade: *há justo que perece na sua justiça, e há perverso que prolonga os seus dias na sua perversidade*. [[Esta é a síntese da defesa de Jó perante os seus amigos.]]"

Então, diz Salomão, já que a vida é assim, o que se deve buscar é o melhor dela em cada circunstância, evitando os exageros, pois, nos exageros, reside o mal: "Não sejas *demasiadamente* justo, nem *exageradamente* sábio; por que te destruirias a ti mesmo? Não sejas *demasiadamente* perverso, nem sejas *louco*; por que morrerias fora do teu tempo? Bom é que retenhas isto e também daquilo não retires a mão; pois quem teme a Deus de tudo isto sai ileso. [[Salomão diz: Já que a vida não é justa, então, procura o equilíbrio!]]

Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque. [[Aqui terminam todas as auto-santificações e auto-justificações. Este é o equivalente de Romanos 3:23 no livro do Eclesiastes.]]

Não apliques o coração a todas as palavras que se dizem, para que não venhas a ouvir o teu servo a amaldiçoar-te, pois tu sabes que muitas vezes tu mesmo tens amaldiçoado a outros. [[Significando que não há quem não peque

com a língua e seus julgamentos.]]”

Ora, as conclusões às quais somos induzidos pela sabedoria-histórica de Salomão não nos agradam. Gostaríamos muito de obter *receitas* e de podermos sair de sua presença com certezas que nos facultassem o poder do juízo. Mas é justamente o contrário: a única certeza que se pode obter na historia é sobre sua injustiça e seu caos, aos nossos olhos; e, do ponto de vista da Soberania de Deus, sua total liberdade para fazer o homem caminhar sobre o chão do Mistério e da indisponibilidade de certezas.

O que passar disto é mágica e é teologia dos *amigos de Jó.* Todavia, aquilo que para uns é apavorante, para outros é redentor; pois se uns se agitam em desespero ante a impossibilidade de viverem cheios de certeza; outros, se alegram pela possibilidade de saírem sem saber para onde vão, crendo, ao contrário, que o *“justo vive pela fé*”.

“Tudo isto experimentei pela sabedoria; e disse: tornar-me-ei sábio, mas a sabedoria estava longe de mim. O que está longe e mui profundo, quem o achará? Apliquei-me a *conhecer*, e a *investigar*, e a *buscar* a sabedoria *e meu juízo de tudo*, e a conhecer que a *perversidade é insensatez e a insensatez, loucura*. [[Ou seja: o melhor e o máximo que uma investigação humana dos fatos da vida pode nos levar é à certeza da inescrutabilidade da própria vida. A sabedoria esbarra no Mistério!]]

Eis o que achei, diz o Pregador, conferindo uma coisa com outra, para a respeito delas formar o meu juízo, juízo que ainda procuro e não o achei: *eis o que tão-somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias* [[Aparece aqui uma das mais importantes declarações sobre a história dos humanos e seu caos interior e comunitário: o homem que vive na Terra não é mais o homem criado perfeito. Ele é filho das “astúcias”; e sua sabedoria acaba se tornando o seu próprio laço. Encerra-se aqui a possibilidade de que o homem agrade a Deus de si e por si mesmo. A humanidade é caída.]].

Quem guarda o mandamento não experimenta nenhum mal [[O conceito de “mal” na Bíblia é, muitas vezes, completamente diferente do nosso. Prova disto é Isaías 57:1-2b, onde se diz que o justo pode morrer antes que venha o mal, e, assim,“*entrar na paz”* . Ora, do ponto de vista da Palavra de Deus, a morte não é um mal para quem vive sob a *Graça* da justiça de Deus. O “mal” pode ser a forma de existir, não a morte.]]; e o coração do sábio conhece o tempo e o modo.

Porque para todo propósito há tempo e modo *; porquanto é grande o mal que pesa sobre o homem*. Porque este não sabe o que há de suceder; e, como há de ser, ninguém há que lho declare.

Não há nenhum homem que tenha domínio sobre o vento para o reter; nem tampouco tem ele poder sobre o dia da morte; nem há tréguas nesta peleja; nem tampouco a perversidade livrará aquele que a ela se entrega" . [[Os fatos da vida estão para além de nós. O mandamento nos livra do mal, principalmente de praticá-lo contra o próximo, mas não dá poder sobre os ventos, as calamidades ou sobre a morte.]]

Desse ponto em diante Salomão introduz o mais importante de todos os conceitos contrários a uma *Teologia Moral de Causa e Efeito*, o tema do juízo. Ou seja, ele diz que o juízo de Deus nem sempre começa na Terra. Na maioria das vezes, não é aqui que ele inicia. Portanto, muitos interpretam o *silêncio* divino como aprovação, e, neste aspecto, as armadilhas de auto-engano são inúmeras:

"Tudo isto vi quando me apliquei a toda obra que se faz debaixo do sol; *há tempo em que um homem tem domínio sobre outro homem, para arruiná-lo*. [[E quem não vê isto todos os dias? Há homens com poder de arruinar a existência de seu próximo, e, indiscriminadamente, o fazem.]]

Assim também vi os perversos receberem sepultura e entrarem no repouso, ao passo que os que freqüentavam o lugar santo foram esquecidos na cidade onde fizeram o bem; também isto é vaidade. [[Em nome de quem estão as avenidas e ruas das cidades? Quem são aqueles que em geral recebem as "honras" da história?]]

*Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal [[*Aqui se nega completamente a *Teologia Moral de Causa e Efeito*. O juízo divino tarda na história. E, muitas vezes, não alcança o perverso neste lado da vida, mas, apenas, na eternidade. Daí os perversos sentirem-se seguros para oprimir o próximo. E mais que isto, a *Teologia Moral de Causa e Efeito* é o que estimula o perverso no seu caminho, pois, como o "mal" nem sempre o alcança— perturbando, eventualmente um ou outro—, a maioria se julga boa, visto que se auto-engana crendo – os perversos - que se fossem maus, o mal os alcançaria. E, assim, as

consciências se anestesiam. A *Teologia Moral de Causa e Efeito* é um dos mais poderosos anestesiadores de almas e cauterizadores de consciências!]]. Ainda que o *pecador* faça o mal cem vezes, e os dias se lhe prolonguem, eu sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus. Mas o *perverso* não irá bem, nem prolongará os seus dias; será como a sombra, visto que não teme diante de Deus. [[Esse "*Ainda que…*" é fundamental. Ou seja: Salomão nos estimula a temer a Deus não em razão de nenhuma *causalidade imediata* na Terra, mas porque, ao final, " *bem sucede*" aos que o temem. Isto porque o bem nem sempre corresponde ao sucesso, e o mal nem sempre ao insucesso imediato. Mas quem não deseja o "mal", que viva no Temor do Senhor, pois, ele nos livra do "mal", mesmo que muitas vezes nos permita passar por ele. O "mal" não é o que se experimenta, é o que fica ou surge em nós, muitas vezes, independentemente de ter ou não havido experiência externa dele.]]

Ainda há outra vaidade sobre a terra: justos a quem sucede segundo as obras dos perversos, e perversos a quem sucede segundo as obras dos justos. Digo que também isto é vaidade. Então, exaltei eu a alegria, porquanto para o homem nenhuma coisa há melhor debaixo do sol do que comer, beber e alegrar-se; pois isso o acompanhará no seu trabalho nos dias da vida que Deus lhe dá debaixo do sol. [[Já que a injustiça está instituída na Terra, então, a receita é: viva o que melhor realizar o bem de Deus em sua vida e não transfira essa responsabilidade para ninguém.]]

Aplicando-me a conhecer a sabedoria e a ver o trabalho que há sobre a terra - pois nem de dia nem de noite vê o homem sono nos seus olhos -, então, contemplei toda a obra de Deus e *vi que o homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol*; por mais que trabalhe o homem para a descobrir, não a entenderá; e, ainda que diga o sábio que a virá a conhecer, nem por isso a poderá achar. [[Outra vez a sabedoria esbarra num mistério maior: o coração humano e, sobretudo, os desígnios de Deus.]]

Deveras me apliquei a todas estas coisas para claramente entender tudo isto: *que os justos, e os sábios, e os seus feitos estão nas mãos de Deus; e, se é amor ou se é ódio que está à sua espera, não o sabe o homem. Tudo lhe está oculto no futuro.*

Tudo sucede igualmente a todos: o mesmo sucede ao justo e ao perverso; ao bom, ao puro e ao impuro; tanto ao que sacrifica como ao que não sacrifica;

ao bom como ao pecador; ao que jura como ao que teme o juramento.

Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol: a todos sucede o mesmo; também o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem; depois, rumo aos mortos. Para aquele que está entre os vivos há esperança; porque mais vale um cão vivo do que um leão morto*”* [[Que resposta melhor se poderia dar aos “*amigos de Jó*”?]]”

Agora, Salomão diz o que fazer num mundo caído, injusto e levado ao caos pela inveja, pela astúcia e pela maldade dos corações humanos: “Vai, pois, *come* com alegria o teu pão e *bebe* gostosamente o teu vinho, pois *Deus já de antemão se agrada das tuas obras*. [[Aqui, Salomão enuncia um princípio que só faz bem aos puros de coração, aqueles que não têm medo nem de Deus e nem da vida; afinal, todas as coisas são puras e boas para os puros.]] Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça. *Goza a vida* com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol; porque esta é a tua porção nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol. Tudo quanto te vier à mão para fazer, fazei-o conforme as tuas forças, porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma”. [[Não há nenhuma alegoria nesta passagem. O Eclesiastes não é um livro de “alegorias”. O que aqui se diz é simples: neste mundo caído, aprenda a tirar prazer da própria vida e daquilo que é essencial nela, que é: comer e beber gostosamente, vestir e cheirar bem, gozar a vida com a mulher que se ama e em quem se tem prazer; e, além disso, faça de sua profissão ou trabalho um prazer; pois, não há na Terra nada para além dessas alegrias no horizonte cotidiano. É nessa simplicidade que se pode encontrar alegria e, de acordo com Jesus, também aquilo que num mundo material caído é de importância até mesmo *escatológica*. Isto porque se essas pequenas coisas são as que dão prazer na vida, são elas também parte do critério final com o qual todos, um dia, serão julgados (Mt 25: 31-46).]]

Assim, ele retoma o tema das não causalidades imediatas afirmando que nem a inteligência, a competência e as habilidades naturais garantem o sucesso de ninguém nesta vida; e, assim entendendo, ele diz: “Vi ainda debaixo do sol que *não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória, nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes, o favor; porém tudo depende do tempo e do acaso.* Pois o homem não sabe a sua hora. Como os peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos

que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens *no tempo da calamidade*, quando cai de repente sobre eles. [[As alusões de Salomão ao "acaso", muitas vezes são interpretadas como uma visão materialista da vida. Eu vejo o contrário. O que ele diz é que já que ninguém conhece os desígnios de Deus, melhor do que tentar entender e julgar o próximo, é pensar no "acaso". Se *os amigos de Jó* tivessem tido essa "condescendência" para com ele — mesmo que falando em acaso — estariam muito bem posicionados. Nesse sentido a certeza do "acaso" é a única saída para quem não sabe o que "está por trás" das coisas. Ora, o "a-caso" é aquilo que acontece "sem causa". Portanto, em um mundo caído, é aquilo que acontece sem explicação e, por essa razão, sem a possibilidade do "juízo".]]"

A seguir Salomão mostra outra não causalidade, que é quando a benção trazida por alguém não se transforma em gratidão no coração dos agraciados: "Também vi este exemplo de sabedoria debaixo do sol, que foi para mim grande: Houve uma pequena cidade em que havia poucos homens; veio contra ela um grande rei, sitiou-a e levantou contra ela grandes baluartes. Encontrou-se nela um homem pobre, porém sábio, que a livrou pela sua sabedoria; contudo, ninguém se lembrou mais daquele pobre. Então, disse eu: melhor é a sabedoria do que a força, ainda que a sabedoria do pobre é desprezada, e as suas palavras não são ouvidas. As palavras dos sábios, ouvidas em silêncio, valem mais do que os gritos de quem governa entre tolos. Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra, mas um só pecador destrói muitas coisas boas".

Daqui para frente ele mostra como as relações de causa e efeito neste mundo de tramas políticas e de interesses muitas vezes escusos, não têm nada a ver com bondade, justiça e verdade, mas com capricho, vaidade, esperteza e, sobretudo, com a burrice dos que lideram, os quais, pela sua própria fome de poder, alimentam-se da mediocridade dos que os servem: "Levantando-se contra ti a *indignação do governador*, não deixes o teu lugar, porque o ânimo sereno acalma grandes ofensores.

Ainda há um mal que vi debaixo do sol, *erro que procede do governador:* o tolo posto em grandes alturas, mas os ricos assentados em lugar baixo. Vi servos a cavalo e príncipes andando a pé como servos sobre a terra. [[Quem nunca viu os "caprichos políticos" fazerem grandes inversões de papéis na história?]]"

O que vem a seguir tem a ver apenas com o mundo das forças naturais, com as naturezas animais e com estatísticas e probabilidades, pois, assim como brincar com fogo traz o risco do incêndio, assim também, dar poder ao imaturo

pode gerar calamidades: “Quem abre uma cova nela cairá, e quem rompe um muro, mordê-lo-á uma cobra. Quem arranca pedras será maltratado por elas, e o que racha lenha expõe-se ao perigo. Se o ferro está embotado, e não se lhe afia o corte, é preciso redobrar a força; mas a sabedoria resolve com bom êxito. Se a cobra morder antes de estar encantada, não há vantagem no encantador. [[Toda essa seqüência de eventos e situações conclui com o elemento da “probabilidade”. Ou seja: “Quem brinca com fogo pode se queimar”. E, assim, cada um deve entender os riscos de suas próprias escolhas e as conseqüências possíveis de seus atos, e viver com as conseqüências históricas de sua eventual periculosidade, sem enviar a conta para a Corte Celestial ou para as forças do Abismo.]]

Ai de ti, ó terra cujo rei é criança e cujos príncipes se banqueteiam já de manhã. Ditosa, tu, ó terra cujo rei é filho de nobres e cujos príncipes se sentam à mesa a seu tempo para refazerem as forças e não para bebedice. [[Os exemplos são de linearidade lógica; ou seja: de governantes indolentes e embriagados não se deve nunca esperar prosperidade e diligência, e, deve-se saber que os resultados são sempre desastrosos.]]”

Assim é que não precisamos buscar fora da Bíblia a sabedoria histórica que desmantele a presunção dos *amigos de Jó* e de suas falsas Teologias. Quem resistir à esmagadora demonstração deste fato após a leitura desta *sabedoria-vista-e-revelada*, não pode mais dizer que ainda crê na *Graça*. E por quê? Ora, porque se o que vale é o que existe neste mundo de naturezas animais, então, que se viva conforme os bichos da floresta. Todavia, não se terá, daí para frente, mais nenhuma outra esperança nesta vida que não seja conquistada pelo nosso próprio esforço, poder e arrogância.

Aquilo, que hoje a maioria dos cristãos chama de sua “teologia” ou de sua “fé”, não é nada além da mesma consciência que possuía os *amigos de Jó*.

A decisão que você tem que tomar é simples: ou você vive da *Graça* como Jó e se torna filho da *Cruz* de Jesus; ou você integra a membresia da numerosíssima multidão de cristãos que confessam a *Graça* com os lábios, mas continuam a viver oprimidos pelos *amigos de Jó* ou, então, integram o seu clube, e passam, presunçosamente, a existir como os juízes da vida. [[Como você já deve ter percebido muitos dos temas deste livro aparecem sintetizados pelo fato de terem sido muito abordados em ***O Enigma da Graça***.]]

Eu, todavia, não tenho nenhuma barganha a oferecer!

♦ CAPÍTULO III - A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO E A REDUÇÃO DO SIGNIFICADO DE PECADO NA BÍBLIA

A primeira razão pela qual uma "*Teologia Moral de Causa e Efeito*" não se sustenta sem sistematização na Bíblia, vem da total impossibilidade de se fazer qualquer tipo de *amenização da Queda*; ou seja: diminuir as implicações radicais do pecado essencial de todos os seres humanos.

Neste ponto, desejo que você Leia o que escrevi em Janeiro de 1993 acerca deste assunto. Transcrevo o texto sem alterações por uma única razão: continuo a pensar exatamente a mesma coisa e não tenho reparos a fazer naquilo que escrevi, pois, com sinceridade, não tenho encontrado no conteúdo de meus livros anteriores, nada que eu deseje mudar por descrer ou por eu ter qualquer coisa nova a acrescentar. *O que é, é!*

Eis o texto como segue:

Quero abrir um breve parêntese a fim de alertar a igreja acerca de doutrinas que, de tempos em tempos, reaparecem entre os cristãos. São aquelas doutrinas que afirmam que o verdadeiro cristão nunca peca e se pecar é porque nunca nasceu de novo.

Ora, tais doutrinas, além de não serem bíblicas, são também o que chamo de Mães da Hipocrisia. E por quê? Primeiro, porque em tais doutrinas tem-se um conceito muito limitado de pecado.

Somente quem não conhece a santidade de Deus e a natureza humana é que pode afirmar tais doutrinas. Em tais perspectivas doutrinárias, se garante que o crente não peca porque para elas o conceito de pecado está limitado apenas à área do comportamento Moral-sexual.

Ora, em tais casos, se o irmão ou a irmã não adulteram e não se prostituem, então, não pecam!

Todos nós sabemos que este era precisamente o princípio que governava a estreiteza do conceito de pecado dos fariseus. Jesus, no entanto, jamais acusou o "comportamento Moral" deles, mas o que eles tinham "dentro de si"(Leia Mt.

23).

De fato, eu sofro quando vejo pessoas afirmarem que é possível a um crente viver sem pecar. Eu creio que a Bíblia ensina que é possível viver sem a "cronificação" da prática do pecado. Isto porque, do ponto de vista da palavra de Deus, o conceito de pecado cobre um campo vastíssimo, e não apenas a área do comportamento Moral-sexual.

Se não veja: **a)** Há o pecado onde se peca por omissão (Mt: 25: 41-46). E quem é que não deixa de fazer o bem? Você nunca deixa de fazer o bem? Pelo amor de Deus seja honesto! Leia Isaías 58.6-10 e me diga se você faz tudo aquilo que Deus diz que espera que você não deixe de fazer.

b) Há o pecado onde se peca por motivação. Neste ponto aparecem todas aquelas coisas que "brotam de dentro do coração e contaminam o homem: maus desígnios (você nunca pensa mal de ninguém?), a prostituição (nunca passam pensamentos impuros na sua mente? Ou será que nem de "brincadeira" você nunca sentiu "inveja" dos tempos bíblicos nos quais não era um problema "Moral" um homem ter mais de uma mulher?), os furtos (e aqui nós vamos do furto clássico até o furto de mensagens: eu falo de furtos como aqueles que até os melhores pastores praticam quando roubam sermão dos outros sem citar a fonte, quando pregam idéias de outros sem mencionar onde as ouviram e induzem o povo a pensar que eles "descobriram" tal coisa), os homicídios (que é o sentimento que alguns vão ter em relação a mim e a este livro, apenas porque estou tirando as roupas de suas hipocrisias em público; Mt.5.21-26), os adultérios (que são antes de tudo motivacionais; Mt. 5.27-28), a avareza (que está presente no coração da maioria dos crentes de posses que eu conheço), as malícias (aqui então nem se fala), o dolo (ou segunda intenção nas ações), a lascívia (que é o apetite sexual pelo próximo, e que devaneia nessa "viagem mental), a blasfêmia (que começa no espírito de murmuração, passa pelas doutrinas erradas e pode chegar ao cúmulo de afrontar a Deus), a soberba (que é o que habita em maior ou menor grau todos os corações humanos, especialmente os dos lideres religiosos), a loucura (que aqui não é doença mental, mas a presunção de pensar de si além do que se deve).

"Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem".

É interessantíssimo que Jesus ponha todos os males dentro da mesma fonte (o coração), e aumente muito a extensão do pecado que nasce da motivação: vem de dentro e vai do desejo maligno à morte do próximo. Nesta lista temos as motivações sexualmente impuras bem como há pecados do pensamento, da língua, do mau uso do dinheiro, da "esperteza", da inveja e outros males que só Deus conhece.

Quem pode dizer diante de Deus que está “acima” destes dramas da carne, da alma e do espírito?

c) Há os pecados que se peca por comissão. Ora, tais pecados são tão violentamente fortes e profundos que Isaías sabia que ninguém escapa deles: são os pecados que se peca por se fazer parte da engrenagem da injustiça no mundo: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos” (Is. 6.5) No entanto, a fim de que se saiba da existência de tal pecado, nossos olhos têm que ter visto o Santo. Aqueles que nunca ficaram cara a cara com a Santidade d'Aquele que é Santo, Santo, Santo, é que ousam pensar que não pecam também por comissão.

É também por causa de tal percepção que Daniel e Neemias confessam os pecados deles e os do povo (Ne. 1.7; Dn. 9.5).

Ora, neste sentido, a própria doutrina da chamada Quebra de Maldições implica, como “princípio”, na idéia do pecado por comissão: o pecado de outros pode cair sobre os descendentes. Ou seja, muitas vezes os descendentes experimentam os “efeitos e conseqüências históricas” naturais dos erros de seus antepassados. Mas não há um carma inquebrável nisto.

d) Há os pecados que se peca por ação. Aqui neste ponto, a Bíblia é tão farta que eu me sinto no direito de não precisar justificar a minha afirmação. O que se precisa é apenas “esticar” a noção de tal pecado.

Ora, no meio cristão, tais pecados têm sido relacionados apenas à área sexual. E é por esta razão que nós temos empresários que não vão para a cama com suas secretárias, mas que fazem da sonegação o grande negócio de suas empresas e que exploram os seus empregados sem nenhuma convicção de pecado.E se eles dão gordas ofertas para a igreja, nós, pastores, fingimos não saber o que acontece.

É também pela mesma razão que há líderes religiosos pregando que não pecam (porque nunca cometeram adultério na prática), enquanto “derrubam” um colega através de “manobras piedosas” cuja malícia, às vezes, não se encontra nem entre os políticos ateus.

Aqui devemos incluir aquilo que a Bíblia chama de pecados de *acepção de pessoas*. E deste pecado nenhum de nós se livra. Quem de um modo ou de outro não faz acepção entre pessoa e pessoa, entre ser humano e ser humano, entre um grande líder e um outro que preside algo muito mais inexpressivo? (Tg. 2.1-13).

e) Há pecados que se peca com a língua. Quando se chega a esta dimensão do pecado aí então é que ninguém fica de pé. Eu jamais conheci uma única pessoa que não tenha pecado e que, eventualmente, não peque com a língua.

É um “comentário piedoso” aqui, é uma “afirmação precipitada” ali; é um “juízo de valores” a respeito de alguém a quem não se conhece e a quem se atribui coisas que jamais passaram pela cabeça de tal pessoa, *etc.* (Tg.3.1-12; 4.1-12).

Literalmente, só um mentiroso inveterado tem a coragem de dizer que não peca eventualmente com a língua.

f) Há o pecado essencial. Ora, é deste pecado que Paulo fala em Romanos 7:7-25. Eu sei que, hoje em dia, há muita gente tentando negar que tal pecado fosse algo presente na vida de Paulo. Eles dizem que Paulo se referia ali ao período anterior à sua conversão. No entanto, os que assim fazem, violentam todos os tempos verbais do texto: Paulo fala do passado do verso 7 ao 13. No verso 14 ele diz: “a *Lei* é boa, eu, todavia, sou carnal”. No verso 15, ele diz: “porque nem mesmo compreendo meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro e, sim, o que detesto”. Nos versos 16 a 23 ele continua usando os verbos no presente. Surge então a chocantíssima exclamação do verso 24: “Desventurado homem que sou!” A conclusão é gloriosa: “*Graça* s a Deus por Jesus Cristo”. Na seqüência, ele afirma que a *Graça* o salvou da condenação do pecado, deu a ele um novo pendor, mas não tirou dele as ambigüidades naturais de sua essência pecaminosa (7: 25; 8: 1-17), mas deu a ele recursos para subjugá-la no nível do “comportamento”, ainda que a luta “motivacional” continuasse”(7:25); a qual, só será totalmente “retirada” de nós quando “este corpo mortal for absorvido pela vida”(I Co. 15.35-53).

Ora, para todos aqueles que possam ter ainda alguma dúvida acerca da gravidade e da extensão da lista das coisas que Deus chama pecado deveriam apenas ler Colossenses 3.5-9: “Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição (pecado sexual), impureza (pecado sexual), paixão lascívia (pecado sexualmental), desejo maligno (pecado motivacional), e a avareza, que é idolatria (atitude econômico-financeira; pecado social).”

“Agora, porém, igualmente, despojai-vos de tudo isto: ira(que na maioria das vezes dorme conosco), indignação (que é o “rompante” de raiva que acontece demais na cozinha, no quarto, ou no trabalho), maldade (que é disposição de fazer algo que vai prejudicar alguém), maledicência (que é a maior des *Graça* da experiência humana e cristã), linguagem obscena do vosso falar (que é o uso impróprio da linguagem). Não mintais uns aos outros” (infelizmente, algo mais comum que a verdade no meio cristão).

Tiago e João também são veementes com relação a todos os dois extremos

da doutrina do pecado.

Há os que dizem: “a nossa natureza é caída mesmo, logo não adianta fazer nada a respeito”. A esses eles dizem: “A fé sem obras é morta”(Tiago 2.17); ou: “Aquele que diz que permanece nele, deve também andar assim como ele andou”; ou: “todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu”; ou: “aquele que pratica o pecado procede do Diabo”(I João 2.3;3.8).

Há outros que dizem: “já que eu sou nascido de novo, então isto significa que eu tenho poder para não pecar mais”. A esses Tiago e João dizem: “Pois, qualquer que guarda toda *Lei*, mais tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos”(Tiago 2.10); ou: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós”; ou ainda: “Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso e a sua palavra não está em nós”(I João 1.7-10).

Ora, o equilíbrio bíblico é aquele que diz: “Eu sei que sou um pecador que foi redimido pelo sangue de Jesus, mas que precisa crucificar a concupiscência da carne todos os dias, pois a minha natureza é caída e rebelada contra a *Lei* de Deus. Por isto, eu preciso andar no Espírito e no amor a fim de que eu não alimente minha natureza caída, ainda que, eu mesmo saiba, que conquanto não viva mais na prática do pecado, eu não me livro de reconhecer, todos os dias, que eu sou pecador e que, por essa mesma razão, peco mesmo quando penso que não peco. No entanto, eu me escondo e me glorio na *Cruz* de Jesus: onde meu pecado foi pago e de onde eu recebo *Graça* para purificar meus pecados e receber perdão para as eventuais ou freqüentes contradições do meu ser. No entanto, eu sei que a *Graça* que me perdoa, é também a *Graça* que me transforma e santifica. Daí, eu querer e poder viver em santidade, ainda que eu seja um pecador”.

Voltando ao assunto da hipocrisia tenho de dizer que os cristãos precisam, urgentemente, aprender que a maior mentira que se mente na vida não é aquela que se diz, é aquela com a qual se vive.

Precisamos recuperar o senso de “intimidade” e de “interioridade” das verdades do evangelho. Temos de pedir a Deus que nos liberte das falsas e malignas noções de espiritualidade. É urgente reassumir nossa consciência da Queda, que afirma nossa impossibilidade inerente para a bondade absoluta e nos remete humildes e dependentes para a *Graça* de Deus.

Caso contrário,corremos o risco de nos tornarmos pessoas muito más.

Aliás, a História está repleta de testemunhos dessa nossa capacidade de nos tornarmos piores que os piores, e que vem justamente da nossa relação com o Sagrado.

Nada é mais intenso que aquilo que é divino. Por essa razão, quando alguém mantém uma sadia relação com o Sagrado, então, tal pessoa torna-se santa e bonita, pois aprendeu a "descansar na *Graça*".

Por outro lado, quando a relação com o Sagrado acontece a partir de uma perspectiva de orgulho, auto-suficiência e hipocrisia, então nada faz adoecer mais que essa versão religiosa da maldade. Vai daí que Lúcifer tornou-se mau na exata proporção de sua anterior virtude.

ASSIM, ANTITETICAMENTE, ONDE SUPERABUNDOU A GRAÇA ABUNDOU O PECADO!

No entanto, nós temos afirmado tal princípio apenas na dimensão paulina: "onde abundou o pecado superabundou a *Graça*". Todavia, Pedro coloca o mesmo princípio a partir de uma referência histórica: "... tornou-se o seu último estado pior que o primeiro"; ou ainda: "... melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da verdade, do que, após conhecê-lo volverem para trás" (II. Pe 2.20,21).

O pior Diabo é aquele ao qual nós nos "acostumamos". Isto porque quando alguém não sabe ou não crê que o Diabo existe, está menos exposto à total força do Diabo pelo simples fato de "sinceramente" não crer ou não admitir a existência dele. Há um grande poder espiritual na verdade, mesmo que aquele que a demonstre seja um ateu. Todavia, quando alguém sabe que o mal existe como mal-real e objetivo, mas, a despeito disso, vive em cínica indiferença para com tal poder, essa pessoa não se torna apenas vulnerável ao mal, mas torna-se, ela mesma, parte da própria realidade do mal.

E a razão é óbvia: ninguém é mais maligno do que aquele que consegue se tornar indiferente ao poder do mal, enquanto admite a sua existência. Gente assim vive uma espécie de "crente-descrença" no poder do mal.

Ora, é simples inferir que é mais fácil achar gente assim domingo de manhã na igreja que num laboratório de ateus confessos. É mais fácil achar esses jovens cantando com as mãos levantadas num culto animado do que nas praças.

Aqueles que estão vivendo sua alienação de Deus, muitas vezes fazem isso em absoluta ignorância. Mas muitos dos que lotam nossos templos cristãos e

nossas reuniões são do tipo de pessoas que conseguem “levantar as mãos ao Senhor” e depois, mesmo contra a Palavra do Senhor que elas conhecem, são capazes de cometer os atos mais absurdos e impensados com a maior frieza, sendo o pior de todos a sua incapacidade de se enxergarem enquanto julgam o próximo.

Eu sei que, para muita gente, as afirmações que tenho feito até este ponto, neste livro, podem soar excessivamente fortes. No entanto, não tenho o menor temor de estar equivocado a esse respeito. Tenho a própria História Bíblica e a História da Igreja para confirmarem tais declarações.

E, além disso, é só olhar em volta para se constatar que há uma grande abundância de testemunhos contemporâneos corroborando o que estou dizendo.

Desde 1973, que venho andando com Jesus e fazendo todo o possível para, no dia-adia, não esquecer dessas verdades a respeito das quais eu acabei de escrever.

Mas uma coisa tem me ajudado muito nesses anos. *É a lembrança de que não tenho de ser para ninguém nada além daquilo que Deus sabe que eu sou*. Isto me ajuda a não ter medo de ser gente.

Todavia, essa mesma verdade me ajuda a ser aquilo que, na *Graça* de Deus, eu devo ser na minha progressão gradual na história.

E quando me sinto tentado a pensar diferente, eu me lembro de que os felizes, do ponto de vista de Jesus, são os que têm coragem de chorar; os mansos, os que têm fome e sede de justiça; ou seja, os que querem mais. Esses tais são os misericordiosos, os que se purificam na *Graça* de Deus, os que vivem para construir pontes entre os separados pelo ódio, e os que assumem a perseguição como o mais natural resultado da sua relação com Jesus.

E quem é Jesus senão Aquele que pode viver tão diferentemente dos padrões vigentes, que pagou o preço de uma existência capaz de ser radicalmente relevante.

Sim, Ele é Aquele que mostrava Seu brilho pessoal a poucos, na Transfiguração, mas que não teve vergonha de mostrar Sua dor e verdade humanas a todos, na *Cruz*!

Quando no meio de todas as tentações que nos assolam formos tentados a deixar o compromisso com a justiça, caindo ou no Moralismo hipócrita ou na indiferença assassina, devemos ter em mente que, para Jesus, a única maneira de viver e encarnar a Sua justiça neste mundo é mediante a vivência radical do amor.

Todos os outros dogmas estão abaixo do amor. Mais importante do que sacrifícios, cultos, Leis, morais, usos e costumes, é o amor, diz Mateus 23.1-23. Mais importante, que o sábado e a tradição, é o amor ao ser humano que está com fome e precisando “meter a mão” em espigas para se alimentar (Mt. 12.1-8), ainda que isto implique, aos olhos dos homens, uma transgressão.

O amor ao ser humano tem de estar acima do amor por coisas, diz Mateus 6:26. É mais decisivo do que o serviço do culto, diz Lucas 10:30-37: O sacerdote passa e não pára, o levita segue e não se importa, é o samaritano quem se agacha para socorrer com amor.

A grande heresia é não amar e não manifestar o amor como vida e *Graça* para com o próximo!

O amor é mais importante do que o sacrifício, do que a oferta: Mateus 5:23 e 24 diz que antes de se oferecer uma oferta tem-se que sair à procura de relações quebradas, para restaurá-las em amor.

Sempre que Jesus fala do amor de Deus, Ele também fala do amor ao próximo. Ele não esquizofreniza o amor. Não permite que seja possível amar a Deus, mas ser indiferente ao próximo; ou amar ao próximo dando a mão de Deus. São perspectivas interligadas e inseparáveis.

Em Marcos 12.31-33 ou Mateus 22.36-39, Jesus afirma peremptoriamente essas duas categorias. É também com base no amor ao próximo que se estabelece, por fim, o critério ômega do juízo (Mt.25.31-46).

Naquele “dia” não se perguntará quais eram as suas doutrinas, nem como era a sua forma de batismo, nem qual era a sua religião, nem quantos trabalhos cristãos você fez, nem se perguntará pela sua estatística de “quantos você converteu para Deus na Terra”. Perguntar-se-á se você viu Jesus por aí, com fome, maltratado, com sede, preso, doente, lá no “brejo da *Cruz*”.

E as pessoas vão dizer.” Senhor, nós nunca te vimos assim!”

E Ele vai dizer: “Sempre que vocês deixaram de atender a um ser humano nesse estado de degradação, de prisão, de dominação, de infelicidade, de angústia e de miséria, vocês deixaram de atender a mim.”

É uma pena que Mateus 25 não seja levado a sério por nós. “Não se esqueçam: é com base no amor ao próximo que se estabelecerá o critério final, o critério ômega do juízo” [[Extraído do livro “Oração Para Viver e Morrer”, Ed. Vinde, 1993]]

●

Ora, eu escrevi isto na casa-sítio de meu amigo, Edniltom Soares, no Ceará, nos primeiros anos da década de 90 e continuo a crer do mesmo modo. E é por

ter as mesmas convicções enraizadas em mim que eu não posso crer em nenhuma *Teologia Moral de Causa e Efeito* porque creio na *irremediabilidade humana* das conseqüências da *Queda*.

E ainda, não posso crer em nenhuma *Teologia Moral de Causa e Efeito*, pois, ela só seria possível num mundo onde a *Cruz* não tivesse relativizado todas as *leis cármicas* — ou seja, as Leis de causa e efeito—, as quais, com certeza, existem para quem não se põe sob a *Graça.*

As *leis cármicas*, todavia, não existem, espiritualmente, para quem está *em Cristo*, especialmente no que tange à salvação do ser. Todavia, sem a *Graça*, o que aguarda o homem é um juízo que será *"conforme as suas obras*", e não conforme a *"opinião da maioria sobre ele"* .

E as *"obras"* às quais se faz referência, têm sua *essência-propulsora* para a salvação, exclusivamente na fé, se *expressam* em fé e se materializam como uma *resposta prática à fé.*

Daí, por meio delas — *das obras* — ninguém poder se *"gloriar"* [[Ef 2: 9b]]. Afinal, fé é *Graça*, é dom de Deus! Portanto, não nasce por *geração espontânea* em nenhum de nós. Ao contrário, jamais seria uma produção natural de um ser caído. E as "obras" que nascem depois de se ter crido, são também fruto da fé. [[Ef 2: 8-10]]

Na *Queda* existe "crença", mas não existe fé. Fé, conforme a Bíblia, é o oposto daquilo que os homens chamam de crença. Fé, conforme a Escritura, é uma entrega à não-crença. [[Sim! A fé é entrega à não-crença na mesma medida em que Abraão, o pai da fé, não tem sua medida em mais ninguém e em crença alguma que pudesse justificá-lo! E não apenas ele, mas todos os demais que viveram pela fé, contra a crença!]] É render-se ao Deus que faz acontecer em nós *tanto o querer como o realizar*. E isto, não depende *nem de quem quer nem de quem corre, mas de usar Deus de misericórdia para conosco!* [[Veja a diferenciação que Paulo faz entre "crença" e "fé". Crença (Cl 2: 16-23). Fé (Cl 3: 12-17).]]

Em Cristo, todavia, *já se passou do juízo e da morte para a vida!* [[João 5:

24]] E mais: o justo vive pela fé porque contempla Aquele que é *Invisível* e, por vezes, *Indisponível*, mas é também Aquele que justifica todo aquele que Nele crê!

O que não é possível é ser cristão e tratar a vida com a *consciência pagã da* Moral, e que tem, na teologia dos *amigos de Jô,* seu produto mais piedoso e poeticamente refinado. A menos que se tenha barganhas a fazer!

♦ CAPÍTULO IV – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO COMO DESCONSTRUÇÃO DA LEI DA LIBERDADE EM CRISTO

Aqui desejo fazer um breve resumo do que expandirei ainda num outro livro desta série, por julgar que o tema é importante neste momento de nosso desenvolvimento, na progressão deste livro.

Falo em "resumo" porque creio que neste ponto ainda não seja necessário *demonstrar em detalhes* que a Moral não é um tema cristão [[Fica aqui a introdução da temática da Moral como *tentação e sedução*, que, como veremos também ainda neste livro, é uma das mais fortes formas de tentação aos conteúdos do Evangelho de Cristo, isto para ainda não falarmos que a Moral pode ser pecado!]] — seja para a salvação, a santificação, e, sobretudo, para promover a verdadeira liberdade, que acontece apenas e tão somente quando o coração muda pela obra do *Espírito* e da *Palavra*, e se entrega ao amor de Cristo, deixando-se por Ele *"constranger"* , nascendo, assim, todos os dias que são Hoje, a *"nova criatura."* [[II Co 5: 14-17]]

Desejo, todavia, demonstrar, de passagem, que a Moral tem muitas seduções. Afinal, a força do pecado é a *Lei*! [[I Co 15: 55—conquanto *Lei* e Moral não sejam a mesma coisa, todavia, o sentimento Moral é sempre legalista.]]

Isto porque o exercício da *liberdade em Cristo* é algo extremamente cansativo. [[Todas as vezes que você ler sobre **liberdade** neste livro, saiba, estou falando da *"liberdade em Cristo"* , que é a única que eu reconheço como tal.]] E é aí que a Moral entra com suas fórmulas, certezas e "pacotes" de receita comportamental.

As pessoas cansam de ficar se perguntando, a cada ato ou decisão, se aquilo promoverá a Glória de Cristo, se trará vida à existência, se deixará livre o nosso

próximo para que ele viva, e, também se realizará a Justiça e a *Graça* do Reino de Deus.

Ora, experimentar a *Graça* na consciência e que nasce da obra incessante do *Espírito* e da *Palavra* no "homem interior" — que é a verdadeira liberdade em Cristo —, demanda de nós uma certa dose de força, exercício, sabedoria, reflexividade, disposição interior, e, além de tudo, pode também atrasar nossas ações. E, como já disse, isto cansa e apavora a maioria dos cristãos!

Daí, não sabendo o que *ser* e nem *fazer*, preferirmos um "pacote", mesmo que Moralista, a fim de diminuirmos os nossos "riscos" de julgamento histórico, mas perdendo a liberdade para a qual Cristo nos libertou, aumentando o "risco" do julgamento espiritual, por relativizarmos a confiança na *Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo.*

E que contra-dição!

Diminui-se o *risco-de-juízo-terreno* e perde-se completamente a *liberdade-de-ser-em-Cristo, já agora*, colocando-nos, desse modo, sob o pior de todos os jugos na Terra, que é o de confessarmos o Nome de Jesus mas não usufruirmos do poder de Sua *Cruz*! [[Gl 5: 1-12]]

Coisa de quem prefere sub-viver a viver. Entretanto, o Caminho, que conduz à Vida, é estreito, e implica numa entrega em fé a Deus e à Vida, o que, em Cristo, produz vida e *vida em abundância*! [[João 10:10]]

Aqueles que não se sentem *intelectual e emocionalmente bem dotados*, normalmente, pensam que eles não têm a capacitação intelectual e emocional para lidarem com essa questão, daí o "entregarem-se" a outros para que *decidam por eles.*

E, assim, nascem os *novos mediadores* entre Deus e o homem — e não é Jesus Cristo, o homem [[I Tim 2:5]] —, e que são os que pensam *representar* a Deus e *falar* por Ele, sejam indivíduos ou seja a "igreja", como *mediadora horizontal* dessa suposta "*Graça*". O problema é que a *Graça* só é verdadeira, quando vem de Deus pela *Palavra* e pelo *Espírito*, e atinge o coração, sem nenhuma necessidade de mediação sacerdotal humana de nenhum tipo, e, assim, gera a verdadeira liberdade em Cristo!

Já os *"ativistas da liberdade"* pensam que eles têm mais o que fazer do que ficar discutindo sobre o tema. Afinal, eles são livres para agir, por se julgarem livres da Moral *burguesa* ou de qualquer outra expressão dela. E, assim, confundem liberdade de ação com liberdade em relação ao Moralismo!

Engano!

POUCAS EXPRESSÕES DE LIBERDADE SE TORNAM TÃO MORALISTAS COMO AQUELAS PROMOVIDAS PELOS REVOLUCIONÁRIOS, ANARQUISTAS OU REBELDES! [[Basta lembrar do comunismo, de Stalin e de Mao, ou, filosoficamente, recordar-se de Jean-Paul Sartre. A Liberdade não se impõe! Ela é!]]

Todos, no entanto, estão tentando achar um conjunto de regras, preceitos, imperativos e limites para si e para o próximo. A questão é que eles não sabem que liberdade não se conquista com liberdade de expressão, mas com a pacificação do ser. E, isto, só acontece quando as lutas cessam pela presença da paz de Cristo, que excede a todo **entendimento**! [[Fp 4: 4-7]]

Liberdade? Onde? Em quem?

Ora, até mesmo o *existencialismo de Sartre* tem que ter uma "validação" para o *ato,* um significado para a liberdade sem limites. Para o existencialismo o nome disso é "*compromisso com o momento"* , não importando se a cada novo *momento-instante* se tenha que "autenticá-lo", numa espécie de *cartorialismo-existencial-m* oral. Todavia, mesmo aí, a *"firma tem que ser reconhecida"* —, nem que seja por algo como "não amo você, mas amo você *agora*"; ou: "não amo você, mas você *não está enganado quanto a isso*, pois, desde agora já estou dizendo"; ou mesmo: "a vida é um *absurdo*, portanto, tiremos desse absurdo algum prazer *agora*". [[Portanto, fazendo do "*momento*" ou do *"agora"* ou da confissão do *"não-ser"* algo que seja *auto-justificatório*. Ninguém foge, pelo menos, da tentativa de *explicação*, o que é sempre Moral *!* Não aparece, *necessariamente*, como Moral-*maioria* ou Moral-*mediocridade*, mas como Moral *-necessidade!* Sim, sem a *Graça*, todo "*ato*" necessita de justificação, mesmo que seja um *ato-justificação!* E toda justificação própria nada mais é que um atestado de pertencimento ao estado de culpa; ou seja: ainda é Adão e suas

folhas de figueira, ainda é o homem dizendo "*estava nu, por isto, tive medo e me escondi".]]*

E, esses argumentos, por mais livres que nos pareçam, são, ainda, *morais*! [[Isto para não falarmos que em muitos lugares do mundo o *existencialismo sartriano* virou Moral, na medida em que é um pensar da *maioria*. Mas como nesses ambientes a Moral está morta como ente-linguistico, exerce-se a mesma em nome daquilo que é *politicamente correto*, que é a Nova Moral.]]

E por quê? Porque é o *homem autenticando* os seus "instantes-momentos" pela via de sua própria *significação*; seja ela explicitamente Moral ou apenas uma tentativa de *des-caotizar o ser* com um *"ato de momento-verdade"*, conforme Sartre!

A Moral é incompatível com a Verdadeira Liberdade porque ela nos manda de volta para a *Lei*, seja ela a *Lei* de Moisés ou a *Lei* Existencialista de Sartre!

Paulo, todavia, pergunta:

Se estamos mortos em Cristo para os rudimentos do mundo, por que, então, como se ainda estivéssemos presos ao mundo, nos sujeitamos a ordenanças; não toques isto, não proves aquilo e manuseies aquilo outro? [[Cl 2: 20]]

Ora, aqui, certamente, Paulo afirma que, na maioria das vezes, esses *"rudimentos"* tentam se interpor entre nós e a *"liberdade em Cristo"* e nos remetem para a *associação* entre a *Salvação* e a *Lei*, o que anula a *Cruz de Cristo*!

Essas coisas, segundo Paulo, têm *"aparência de humildade e sabedoria"* , mas são, de fato, *"culto de si mesmo e falsa humildade"* , e se escondem tanto na arrogância do comportamento, quanto também no falso carismatismo, pois, enfatuam-se em *visões carnais e pretextam culto a anjos*; ou, paradoxalmente, se acumpliciam com a *anti-lei*, que é a *Lei* do Vale Tudo, conforme a *graça sartriana*, que, no meio cristão, tem, no *Apocalipse de João*, duas irmãs mais velhas chamadas de *Doutrina de Balaão* e de *Doutrina dos Nicolaítas*. [[Apoc. 2: 6; 2:14 : ambas as doutrinas eram derivadas do gnosticismo e de suas dicotomizações entre corpo e espírito e que em muitos cristãos justificava, pelo método grego, seus atos de dis-solução.]]

Todavia, em qualquer caso, *essa mesma graça sartriana não tem valor algum contra a sensualidade*, pois, também, *dissolve o ser*!

Dis-solução é o dis-solvimento do ser!

Paulo diz que a *Lei é boa*, e é mesmo! É de Deus! Foi por Ele dada! [[Rm 7: 12]] Alguém tem alguma coisa a dizer contra a *Lei*?

Eu não tenho! *Concordo* com ela toda!

Por isto, quando a transgrido — seja externamente ou interiormente —, faço também a confissão de Paulo, pois, dou testemunho de que a *Lei é santa e boa*, o problema, portanto, é : *o mal reside em mim!* [[Rm 7:20]]

O problema da *Lei* é que seu *condutor-histórico-existencial* é doente: o homem. [[Rm 8: 3]] E pior, não compreendemos que a *Lei* nos foi dada para que se *avultasse a doença do pecado essencial*, e não para que nós fôssemos salvos por ela. [[Rm 7: 13]]

A *Lei* faz o diagnóstico! [[Rm 7: 7]]

A *Cruz* traz a salvação! [[Rm 4: 24-25 e 5: 1-2.]]

A *revelação* da *Lei* é o *pecado* humano! [[Rm 3: 9-18]]

A aceitação em fé da revelação do pecado, conforme a *Lei*, é o que nos remete para a cura que vem da *Graça* que se expressa definitivamente na *Cruz* e pela ininterrupta obra do *Espírito* e da *Palavra*! [[Gl 3: 23-29, com especial atenção ao significado de “aio”—escravo que levava a criança pela mão quando saía de casa—que a *Lei* representava. Não estamos mais sob sua tutela. Ou somos um *novo homem* em Cristo ou nos restará sermos apenas *anões espirituais*! E que sofrem de *fobia de amadurecimento*. A *Graça* que nos torna adultos, nos remete para uma nova percepção da vida, onde sexualidades, raças, etnias, ou posições sociais, políticas, econômicas, ficassem, de fato, todas sob o Senhorio de Cristo, e, Nele, Paulo diz que essas *categorizações humanas* não deveriam existir nas mentes daqueles que possuem a mente de Cristo, conforme o Evangelho (Gl 3: 28-29).]]

A liberdade que temos em Cristo vem da *Cruz* e, nela, Jesus já declarou:

Está Consumado!

Gostamos da salvação e adoramos nos proclamar salvos, não gostamos é de que para estarmos salvos, termos, antes disso, que estar *"mortos em Cristo"* e no *tipo de morte* que Nele morremos, que é, entre outras coisas, morte para os *rudimentos do mundo*. [[Cl 2: 8-9]] Ou seja, *não fomos tirados do mundo a fim de podermos ser livres do mal enquanto vivemos no mundo*! [[Ninguém que é tirado do mundo é livre do mal. A experiência da liberdade do mal só acontece como expressão genuína da consciência cativa de Cristo vivendo no mundo e no meio de seu mal (Jo 17: 11-15). Este tema já foi tratado por mim em "***Mais Que Um Sonho***— *um projeto do Reino de Deus na História*" e também em "***Oração Para Viver e Morrer***", sem falarmos numa infinidade de outros textos onde me refiro à mesma temática.]]

Desse modo, a vivência no mundo é também parte do caminho da *Graça*, pois é no mundo que, em Cristo, somos livres do mal à medida que crescemos na *Graça* como consciência pessoal, em Cristo. [[II Pd 3:18— *Graça* e Conhecimento se remetem um para o outro em Cristo. E esse conhecimento é pessoal, existencial e experiencial, e implica em uma gestação de *Graça* e de revelação de Quem é Deus para nós e de quem nós somos Nele!]]

Ora, é por essa *Nova Consciência* [[Jr 31: 33; Ez 11:19; 18: 31; 36: 26; Jl 2:13; Rm 13: 5; I Co 10: 25 e 29; II Co 4: 2; I Tim 1: 5 e 19; Heb 9: 9 e 14; 13: 18; I Pd 2:19; 3:21—onde a *Lei* é inscrita no coração e, assim, cria uma consciência que busca a justiça na *Graça* e que passa a ser a marca do ser liberto da *Lei* para servir a Deus com a justiça de uma boa consciência, esta, é claro, pacificada pela *Graça* de Deus. Deus não deseja formatar homens, mas antes, dar-lhes consciência segundo o entendimento espiritual do Evangelho.]] que passamos a enxergar a tudo e a todos, inclusive a nós mesmos! É também desse novo modo de ver as coisas — *que é o verdadeiro arrependimento, pois, é pacificadamente contínuo pelo simples fato de se tornar um entendimento que se renova* —, que vem a nossa liberdade crescente em relação ao mal. [[A leitura de I Coríntios 8 e 10, bem como de Romanos 14, conduzirá você à percepção dos limites de sua própria consciência. A fé é pessoal. A consciência também. O exercício dessa liberdade é que leva em consideração os limites da consciência

do "*débil na fé*", que, para Paulo, não eram os religiosos judeus ou os cristãos legalistas, mas o neófito; ou seja: aquele que ainda não tinha feito a passagem da consciência pagã para a liberdade cristã. Aos demais — os que já tinham "tempo de casa"— Paulo confrontava, conforme ele mesmo nos mostra escrevendo aos Gálatas e aos Colossenses.]] Pois, nesse caso, não há mais barganhas a fazer!

Assim, em Cristo, já estamos livres do mal para que possamos vencê-lo no caminho, no mundo. E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé em Jesus e no que Ele já fez a nosso favor na *Cruz*! [[IJoão 5: 1-5]]

O vencedor — conforme o Apocalipse — não é o que vence o mundo por conta própria, pois, de fato, ninguém o vence sozinho. O vencedor é o conquistado que prossegue para conquistar aquilo para o que já foi conquistado por Cristo Jesus. O vencedor é aquele que aceita a vitória de Cristo como sua e crê nisso como sua vitória. Aliás, sua única vitória!

O vencedor, portanto, é um ser relativo, mas que crê de todo o coração que em Cristo está todo o Absoluto para a sua própria vida. Ou seja: trata-se de um ser humano que sabe que nada poderá separá-lo do amor de Deus que está em Cristo Jesus, e, portanto, não busca meios de auto-salvação, mesmo "em nome de Jesus"— como parece ser a justificativa dos lobos vestidos de peles de ovelhas, que <u>usam Seu Nome</u>, fazendo-o "carregar" a mensagem de um anti-evangelho!

O vencedor não é aquele que tenta adicionar à sua salvação nada mais que uma fé certa e grata acerca da gratuidade do que conquistou sem esforço seu. Ele é aquele que diz: "*Graças a Deus pelo dom inefável*!"

Sim! Esta é a fé que vence o mundo! [[Essa afirmação do apóstolo João já faz, em si mesma, a diferenciação entre a fé, de um lado, e o mundo — todos, o Geral, a maioria — de outro lado.]]

E dentre os "males" do mundo dos quais nos livramos na *Graça,* estão aqueles promovidos pelos "*rudimentos do mundo"* , que são incompatíveis com o *"estar morto em Cristo"* , pois, eles nos chamam outra vez para aquilo <u>*contra*</u> o que Jesus morreu.

JESUS MORREU EM MEU <u>FAVOR</u> E TAMBÉM <u>CONTRA</u> AQUILO QUE ME MATA!

E mais: a obediência à *Lei* como meio de salvação, conforme Paulo, nos

conclama à obediência aos *rudimentos do mundo* e também *ao escrito de dívidas que havia contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era e é prejudicial.*

Ora, essa rendição aos rudimentos e à *Lei*—"*o escrito de dívidas*"— nos põe de volta nas mãos dos *principados e potestades*, especialmente os piores deles: aqueles que se alimentam da culpa e nos desejam ver sob o medo que vem da *Lei*, pois, no medo, não há devoção, visto que nele não há amor, portanto, não há voluntariedade na entrega do ser. [[Cl 2: 8-23—a *leitura* calma do texto é, em si, auto-explicativa. Em todos os casos o tema é o mesmo: aquilo que Jesus conquistou por e para nós na *Cruz* e a total impossibilidade de se "negociar" essa conquista com o que quer que não seja fruto do amor *do* e *no* Espírito, conforme o Evangelho da *Graça*, pois, nesse caso, não há "negócio", visto que a *Cruz* faz cessar todos os Negócios. Afinal, está Pago!]]

E, assim, a nossa *casa-ser* fica apenas "varrida e ornamentada", mas livre para ser ocupada por inquilinos sete vezes piores que os primeiros. [[Lc 11: 24-26]] É por isto que o "*último estado é pior do que o primeiro*".

Ora, são justamente esses *rudimentos* aquelas coisas que nós julgamos mais *gostosamente diferenciadoras* entre nós e o "mundo": o ascetismo, os jejuns meritórios, os preceitos e as demais formas de auto-exaltação do comportamento externamente "santificado"—conforme os antigos rabinos judaicos e os modernos "pastores-rabinos-cristãos"! [[É digno de nota o poder das tradições em qualquer cultura humana. Mas a "sistematização doutrinária" de um dogma religioso é poderosíssima. Veja: foi o movimento rabínico instituído no judaísmo durante o cativeiro em Babilônia, alguns séculos antes de Cristo, o que "silenciou" os profetas durante mais de quatrocentos anos. Quem tem uma "teologia" não quer "profecia". A "teologia"— produção rabínica no judaísmo — dá a certeza da tradição e do dogma. A profecia "des-instala" todas as certezas, e nos conclama a ouvir a *Voz de Deus Hoje.* E quem o deseja? Ouvir a Voz hoje pode mudar tudo! João Batista foi o último grito bíblico-profético que se ouviu em Israel. Jesus era o Verbo encarnado. O rabinato, todavia, matou a ambos! O Cristianismo fez a mesma coisa. Instituiu os Dogmas e as tradições e matou a Palavra Profética. Portanto, onde há "teologia e doutrina" conforme os

dogmas, não há Profecia, conforme a Palavra e o Espírito!]]

Se há Moral, não há liberdade! [[Em Colossenses 2 e 3, Paulo trata não apenas da *Lei* e de seus derivados cerimoniais entre os judeus. Ele faz mais: denuncia mandamentos de homens, o que, é óbvio, sempre, entre nós, é chamado de Moral. Ora, a *Lei* é maior que a Moral e foi relativizada pela Palavra. O que, então, dizer da Moral? Se a *Lei* foi relativizada, por que então absolutizamos a Moral como instrumento de piedade e de santificação entre Deus e o homem, ou como regulamentador de nossos juízos sobre o próximo?]]

Todavia, se há *"liberdade em Cristo"*, não há a prática cínica da iniqüidade! [[A simples *leitura* da primeira epístola de João deixa isto claro. Você não precisa de nada além de poder ler com um coração aberto a fim de *entender que a vida na Graça nos põe Justificados no caminho da Justiça*. E esse caminho vai da certeza do perdão em Cristo à *Graça* de podermos socorrer irmãos.]]

A Moral mata *"a liberdade que temos em Cristo*"—a única que deve ser reconhecida como tal! [[É o Filho quem liberta e é Dele a Verdade que liberta (João 8: 32-36)]]

A liberdade em Cristo — *que é fruto de nos conformarmos com Ele na Sua morte e sermos achados Nele* [[Fp 3:8-1]] — não é compatível com nenhuma forma de Moral, pois, seu fruto — o da liberdade — não é outro que não seja justiça, paz e alegria no Espírito Santo. [[Rm 14:17; Gl 5: 22-23]]

QUANTO MAIS MORAL UMA SOCIEDADE É, MAIS POLITICAMENTE CORRETA ELA SE MOSTRA, COM MENOS LIBERDADE ELA SE EXPRESSA, E MAIS DOENTE ELA SE TORNA. [[Nos dias de hoje essa é uma viagem que vai dos Estados Unidos da América— onde uma criança de seis anos foi levada à corte por mostrar seu órgão genital a uma coleguinha de escola — aos porões e palcos da "igreja", em qualquer lugar do planeta.]]

O que nós cristãos ainda não entendemos é que nosso "orgulho Moral" é nossa morte.

Dentro do aquário de nossas Moralidades não há vida, nem criatividade,

nem invenção, e, muito menos, poder para ver sem desejar tocar, provar e comer! [[Cl 2:16-23]]

Foi por esta razão que até mesmo os monastérios do passado se corromperam! Hoje, eles nos habitam! A maioria dos cristãos existe nos "claustros" do medo e da culpa! [[A "Quase- *Graça*" sempre foi a maior tentação do *Cristianismo Institucional Histórico*, em todas as suas variáveis e subgrupos. É possível encontrar indivíduos com uma compreensão séria da *Graça*. Mas raramente esta virtude pode ser encontrada na dimensão institucional da fé. Se fôssemos, todavia, eleger *os melhores híbridos da Quase-Graça*, na minha opinião, os grupos que guardam o sábado e outros ornamentos da *Lei*, ao mesmo tempo em que confessam a Jesus como "Salvador", seriam os mais coerentes. Esses, pelo menos, assumem seu estado "intermediário", seu limbo, sua "síntese conciliatória" entre a *Lei* e a *Graça*. Os demais os acusam de serem "seitas heréticas", mas na prática, levando-se em consideração os conteúdos da fé em questão, não é possível distinguir essas preconceituosamente chamadas "seitas cristãs" do espírito de limbo — de Quase-Graça — que permeia a totalidade do *Cristianismo Institucional*, seja qual for sua expressão histórica.]]

E mais, como já vimos, até mesmo o discurso da liberdade pode se transformar em Moralismo. É o Moralismo dos liberais, dos liberados, dos rebeldes e dos auto-glorificados em sua certeza de que *a salvação do ser é se mostrar*, não importando como e nem contra quem ou o quê!

A esses, Paulo diz: *"Foi para a liberdade que Cristo vos libertou"* ; e, então, conclui: *"Não useis da liberdade para dar ocasião à carne."* [[Gl 5:1 a 13]] Afinal, não há barganhas a fazer!

●

Por isto, não se engane: eu estou falando o que creio. *A priori*, já afirmo, que creio em tudo o que estou escrevendo. É o que <u>sempre</u> cri!

Sim, eu creio em tudo o que *aqui* digo, e o afirmo por uma simples razão:

Eu creio na *Graça* de Nosso Senhor Jesus Cristo; creio nos méritos absolutos de Sua *Cruz*; creio no poder de Seu Espírito; e, sobretudo, creio que o Deus de Justiça é Aquele que Justifica o homem com um Amor sério; e creio também que esse Amor sério é o único Poder na Terra capaz de "constranger"

um homem livre a escolher em seu favor; ou seja: escolher o que é bom, porque escolhe aquilo que Deus diz ser bom para ele, conforme a revelação da Escritura, atualizada pelo Espírito como Palavra de Cristo em nosso coração. [[II Co 5: 14-17]]

Portanto, voltando à questão inicial — *É possível "construir" uma Teologia Sistemática* Moral *de Causa e Efeito?* —, minha resposta é **sim**!

Todavia, se levarmos em consideração o cerne e o todo da *Escritura*, eu diria e digo que não é honestamente possível se crer em nenhuma *Teologia Moral de Causa e Efeito* e, ainda assim, permanecer sob a *Graça de Cristo*.

E isto vai das Leis cármicas de causa e efeito dos hindus, passando por todas as crenças purgatoriais na re-encarnação, e alcança o *Cristianismo*, não escapando, em maior ou menor escala, nenhuma das múltiplas faces derivadas da institucionalização da fé cristã, fixando-a na categoria de Religião! Portanto, com barganhas a fazer!

●

Um pouco mais adiante neste livro você saberá a razão dessa minha afirmação. Todavia, leia cada palavra ou cada neo-logismo neste livro como tendo *signo-ficação* de conteúdo. Ou seja: usei cada palavra com *vontade* de expressar o que cada uma delas diz, ora etimologicamente, ora pelo espírito do contexto, pelas emoções ou pelos ritmos de cada *pensar-sentir* que aqui escrevo, ins-crevo, in-cravo ou escravo, na esperança de es-cavar e in-cravar, pela *Graça* de Deus, alguma coisa boa para e nas nossas vidas, conforme o Evangelho, no qual, repito, *eu creio*! E sem barganhas a fazer!

♦ CAPÍTULO V – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO E A MORTE DA FÉ

A partir de uma visão integral do Velho Testamento torna-se impossível a "construção" de uma *Teologia Moral de Causa e Efeito*. Como já disse, honestamente, não é possível fazê-lo. Mas a desonestidade, a ignorância ou mesmo o auto-engano, sabem *besuntar muito bem a verdade com mentiras*. [[A leitura de ***O Enigma da Graça*** lhe trará muito mais luz a esse respeito.]]Nas *Escrituras* encontramos Lei *s*, mas também percebemos que sobre todas elas a *Graça* reina soberana.

Não é por acaso que quase todas as *revelações da Graça* no Novo Testamento vão atrás de suporte para a tese, que em Cristo se tornou explícita e dramatizada nas declarações de fé dos homens e mulheres do passado [[Observe a quantidade enorme de busca de suporte para a "tese da *Graça* em Cristo" e que aparece em abundância nos *Evangelhos* — especialmente Mateus—, em *Atos*, e, superabundam em *Paulo*. Ora, este último era *ex-discípulo* de Gamaliel e "*avantajou-se em sua geração"* , antes de sua conversão à fé em Jesus, no estudo da Torá e dos demais escritos tanto canônicos, quanto também os não-canônicos, mas que compunham a educação de um candidato a "mestre" entre os fariseus, dos quais Paulo era oriundo. Portanto, Escrituristicamente, o "*mistério antes encoberto"* —conforme Paulo — estava agora *"revelado em Cristo"*, mas era a mensagem essencial de toda a Escritura, conforme Jesus (Lc 24: 27 e 32).]]; ou seja, na certeza da prevalência da *Graça* sobre o *Juízo*, para *a "justiça de todo aquele que crê*". [[Rm 5:17,21;8:4; I Co 1:30; II Co 5:21; Gl 2:21; Fp 3:9; Tg 3:5]]

Os valores afirmados no Antigo Testamento não são de natureza Moral, mas têm relação com *a verdade de ser, em fé, para Deus* [[Is 66:1-5]]. Lá, encontramos a inegociabilidade da Justiça, da Misericórdia, da Verdade e do Amor a Deus e ao próximo. [[Is 58: 1-14]]

Aliás, Jesus resumiu tudo ao dizer que a *Lei* e os *Profetas* poderiam ser

trazidos para dentro de uma única equação: *"Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo"* [[Lc 10: 27-28; Dt 6:5; Lv 19:18]]

PORTANTO, NÃO SE ESTÁ FALANDO EM MORAL MAS EM VERDADE, JUSTIÇA, MISERICÓRDIA, AMOR E GRAÇA!

●

Para simplificar o que estou dizendo, quero apenas que você faça comigo o seguinte exercício: Em que grupo cristão de hoje Abraão seria o "*pai da fé*" tendo entregado sua esposa à autoridade superior — no caso, Faraó —, a fim de salvar a própria pele? [[Gn 12:10-20; esse comportamento foi repetido pelo seu filho, Isaque; virou uma *cultura* (Gn 26:6-11). Ver que muito mais adiante em sua própria vida Abraão repetiu a mesma "negociação" da esposa por terra e paz. No fim, tudo acaba bem.]]

Mas o fato é simplesmente o fato (Gn 20: 1-18).

Ou ainda, seria ele o *"pai da fé"* tendo tido um "caso" consentido pela esposa, com sua in-pregada, a fim de in-pregnar nela um filho? [[Gn 16:1-14]]

E mesmo que desejássemos tirar o "eixo" da questão do *plano sexual* para o da *procriação*, fica ainda a questão de que o *bebê de proveta*, Ismael, não foi gerado *artificialmente*: Abraão era o *médico*, o *in-semem-na-dor* natural, o *banco* de sêmem, o *marido* e o *pai*. E Hagar, era a *"proveta"*.

Ou, não era?

Ou ainda, o que dizer dele, Abraão, que após ter o filho com a serva [[Como diz um amigo meu, imitando um matuto da floresta: "Só caso no Sirviu e sirviu, sirviu; se num sirviu, eu troco!" Assim era a serva: só casava no "sirviu".]], manda-a embora, juntamente com a criança, para fazer os gostos da esposa, agora enciumada, e que eram "gostos" que *"vinham da parte do Senhor"*? [[Leia o comentário final de ***O Enigma da Graça*** onde fa*lei* desse tema.]]

Naqueles dias aquele ato era imoral, pois ninguém faria aquilo!

E hoje? o que a Moral re-<u>comendaria</u>?

Ora, mandar-se-ia a "outra" embora, mas não sem se "assumir responsabilidade pelo filho". Portanto, tanto *então* quanto *agora*, Abraão seria *"moralmente injustificável"*.

●

Todavia, Abraão e Sara tiveram um filho, seu único filho, a quem deram o nome de Isaque! O menino cresceu, e foi desmamado. No dia em que o menino foi desmamado, deu Abraão um grande banquete. Mas vendo Sara que Ismael, o filho de Hagar, a egípcia — e não era à toa que a "outra" fosse egípcia — sim, vendo Sara que Ismael, o filho da escrava, caçoava de Isaque, disse a Abraão: Rejeita essa escrava e seu filho; porque o filho dessa escrava não será herdeiro com Isaque, meu filho! [[Gl 4: 21-31—não me aprofundarei neste tema agora, pois pretendo expandi-lo num próximo livro.]]

Ora, pareceu isso *mui penoso* aos olhos de Abraão, por causa de seu filho!

Disse, porém, Deus a Abraão: "Não te pareça isso mal por causa do *moço* e por causa de *tua serva*; atende a Sara em tudo o que ela te disser: porque por Isaque será chamada a tua descendência. Mas também do filho da *serva* farei uma grande nação, por ser ele teu descendente."

Levantou-se, pois, Abraão de madrugada (e mal sabia ele que haveria ainda uma outra *madrugada*, muito mais absurda!), tomou pão e um odre de água, colocou-os sobre as costas de Hagar, entregou-lhe o moço, que agarrado ao seu lado estava, e des-pediu-se de sua serva, mãe de seu primeiro filho, embora não fosse o seu filho Primeiro.

Hagar saiu *errante* pelo deserto de Berseba! [[Gn 21: 8-21]]

Errante, todavia, Hagar se casou mais com o destino de Abraão do que nunca, pois, só se é hebreu se se *andar errante*, cruzando as fronteiras invisíveis, conforme implica o conceito existencial de *ser-se-fazer-continuamente hebreu*! [[Em meu livro *Oração Para Viver e Morrer* dediquei todo um capítulo a essa conceitualização.]]

A imoralidade de Abraão em relação ao filho e à mulher, que lhe tocava o *coração con-dor*, é curada pela dor da obediência, em fé, à Palavra-Voz-Silente que lhe dizia: *"Não te pareçaisso mal..."*

Curado da culpa moral ele parece ter ficado, porém, só Deus sabe quando e se, em algum dia, aquele grito para dentro silenciou como dor em seu cansado coração!

Afinal, emocionalmente, era mal para Hagar, para Ismael e era também mal para Abraão! E seria também incompreensível e mal aos olhos de todos os seres responsáveis de qualquer era!

Mas Deus disse: *“Não te pareça isso mal..!”*

Donde se conclui que a fé que obedece ao Absurdo da Voz-Silente, contra o próprio desejo do ser e de ser, carrega em si uma ética superior e que lhe é imanente!

Mas que foi um ato “imoral”, isso a “maioria” não poderia moralmente negar ainda hoje, especialmente se o nome do homem não fosse Abraão, mas apenas “seu João”.

E quem pode diferenciá-los—digo: Abraão de “seu João”—olhando apenas as exterioridades, sem as vozes do coração, tanto de Deus quanto também de Abraão, e que se fazem ouvir na narrativa em questão?

Sem a fala do texto sobre a dor de Abraão e a *compreensão-afetiva* do coração de pai e amante que aparece na fala de Deus, quem absolveria Abraão?

A solidariedade de Deus para com Abraão, foi todavia implacável quanto a não Abrir Mão de Sua Própria Vontade, conforme a narrativa — que não era apenas histórica, mas, sobretudo, psicológica e profeto-fato-ilógica!

Afinal, Deus e Abraão *falavam em silêncio* para a maioria, ou melhor: *para todos!*

É quando a Palavra de Deus para o indivíduo é silêncio absoluto de Deus para os demais, que são todos!

Deus tanto fala a todos, como fala a mais ninguém...!

Algumas vezes a Palavra de Deus para mim é silêncio de Deus para os outros. Então, sobram apenas as cenas, como de cinema mudo, onde apenas os mais sensíveis interpretam com um pouco mais de proximidade a verdade daquilo que aos sentidos aparece como absurdo!

A PALAVRA DE DEUS PARA ABRAÃO ACONTECIA COMO SURDEZ PARA OS QUE VIAM MAS NÃO OUVIAM A MESMA VOZ!

Por isto, entretanto, olhando-se apenas as aparências, sem as vozes do coração, não se poderia ver Abraão como o *pai da fé*, mas tão somente como um “seu João” qualquer, e que, sem vergonha, andava *negando a fé!*

De longe, “seu João” jamais seria absolvido pela “fé dos cristãos”, a menos que ele fosse visto como Abraão — isto porque, mesmo sem compreendermos Abraão, ainda assim dizemos que ele é *o pai da fé!*

E assim é porque nos foi dito que é assim, mas poucos sabem porque assim

é! De fato, para se saber, tem-se que não saber... *todavia, crer*!

A FÉ, COMO LOUCURA, SÓ SE ESTABELECE COMO OBEDIÊNCIA À VOZ CONTRA TODO O FLUXO DOS DESEJOS PESSOAIS! DO CONTRÁRIO, É CAPRICHO QUE SE ESCONDE NO ABSURDO DA FÉ!

●

A maior aberração moral de Abraão, entretanto, não vem dos ambientes das morais sexuais da época. De fato, o *Grande Escândalo* vem da fé e da devoção de Abraão, quando, sem consultar a ninguém, leva o filho, Isaque, para ser *sacrificado* a Deus e *assassinado* aos olhos dos homens.

Isto aconteceu no meio da noite, em profunda solidão, quando a *Voz* se fez ouvir.

"*Toma teu filho, a quem amas e oferece-o em sacrifício em um monte que te mostrarei*".

LEVANTOU-SE, POIS, ABRAÃO DE MADRUGADA... E FOI...!

Se a Moral tem alguma importância diante de Deus, então, *Abraão está perdido*, conforme Kierkegaard em *Temor e Tremor*. E, de acordo com o que penso, Deus também está perdido, pois, contra o *Geral-Moral* — afinal, **todo** pai deve amar seu filho e protegê-lo até contra os caprichos dos deuses —, ordenou a seu "amigo" que matasse seu próprio filho, colocando-o e colocando-se sob os juízos do *Geral*.

Assim, pela Moral, aquilo que Deus pediu e Abraão obedeceu — ob-cedeu, pois, ob-desceu—, faz de Deus *à-pena* de todas as penas, só-mente mais-uma-má a-divindade, e de Abraão, caridosa-mente, apenas o mais devocio-ira-cional de todos os santarados!

Dessa forma, para ambos — Deus e Abraão —apenas não há-penas!

Sob que penas ambos encontrariam, apenas, pena?

As penas das Asas do Altíssimo agora só-mente traziam a Abraão tão-somente as escuridades da angústia que não tem pena de si mesma, pois, apenas crê que as penas não a penalizariam a despeito do momento da dor!

Assim, Deus creu em Abraão e fez-se Deus para Abraão. E Abraão creu em

Deus, e isto lhe foi imputado para a salvação! E criou Abraão para Deus!

Adão foi feito do barro. Abraão, todavia, foi feito de fé, fogo, loucura, dor, medo, temor, tremor e paz-ciência!

SE ABRÃO, O PAI GRANDE, FOSSE UM HOMEM DO QUE É GERAL E NORMATIVO, ELE NUNCA TERIA SE TORNADO ABRAÃO, PAI DE MUITOS! [[GN 17: 5]]

Todavia, ele é o *pai da fé* justamente porque aceitou o absurdo-convite-in-posição de andar, circunstancialmente, acima do *Geral* e do normativo.

A *Moral*, que é o *Geral*, tem sua significação fora de si mesma; ou seja, ela se afirma como ente que diz respeito a todos, portanto, ao *Geral*. O que é Geral só se valida como afirmação de todos, do contrário, não confia em si mesmo para ser e existir, pois, seu significado não-é-em-si, mas vem de fora!

O que é Geral não conhece intimidade, pois, o que é de todos nunca é íntimo!

Já a *fé não é de todos!* Pois, contra o *Geral*, ela pode nos remeter, na *Graça*, solitariamente, para a obediência a Deus como o absurdo-absoluto; e isto sempre acontece contra o normal, pois, o *Monte Moriá* não acontece todos os dias de nossas vidas, e nem nós oramos: *"O Moriá nosso de cada dia nos dá hoje"*.

O sacrifício de Isaque, que se realizou aos olhos de Deus, é um golpe definitivo da fé nas forças da Moral para a salvação. E assim, destrói o mundo de todos e abre para todos um mundo, onde haja chão para cada indivíduo, quando o *Monte Moriá* nos for indicado!

O sacrifício de Isaque, conforme Gênesis 22, nos põe frente a frente com a total suspensão da Moral ante a obediência à fé. A Moral não levaria Abraão ao *Monte Moriá! Só se fosse para aniquilar a si mesma!*

Quando Deus fala, a fé começa, e a Moral pára! E a fé a deixa em suspenso, pois, a Moral não tem como explicar o "crime do pai", Abraão; e não tem como acalmar a "angústia do filho", Isaque. E nem teria como impedir a História de ver Abraão como um des-naturado, uma besta maligna, *não fosse a fé!*

Pela *Moral-Imediata* Abraão está condenado. Ele foi salvo pela fé até

mesmo diante e aos olhos de Isaque. Não sem traumas, pois, Deus passa a ser o *Temor de Isaque*. [[Gn 31: 42]]

Afinal, *seu ato de devoção era completamente imoral*, apesar de ser a mais elevada de todas as devoções entre os santos!

Ele creu em Deus e isto lhe foi imputado como justiça!

E mais que isto: o *caminho-ato* que levou Abraão ao *Monte Moriá* a fim de *oferecer seu filho em sacrifício*, conforme a horrenda ordem da *Voz*, em si mesmo, subverte a Moral e isto até nas arenas do mais aberto *paganismo*.

Hoje já se conhece bastante sobre a infindável quantidade de oferendas de seres humanos que foram feitas aos deuses. E por que foram feitas?

OS HUMANOS NÃO RESISTEM À TENTAÇÃO DA AUTO-JUSTIFICAÇÃO.

E sacrifícios sempre estabelecem a *base fundamental da culpa do pecado em nós*, que, enganosamente, nos remete sempre no caminho do *auto-merecimento*. Daí a presunção de que o sacrifício do homem pelo homem, feito aos deuses, pudesse abrandar os humores do reino invisível, pela via do mérito, do pagamento realizado pelo homem.

No caminho para o *Monte Moriá*, todavia, não-há-via!

Por isto, não há fala, nem discurso, nem explicação e nem auto-justificação!

Nem mesmo se dito fosse a Abraão: *"Aquele que sabe que deve fazer o bem, e não faz, nisto está pecando"* — se poderia ajudá-lo naquela hora.

Afinal, naquele caso, o bem era o mal e o mal era o bem. Não levar Isaque ao altar de *Moriá* era desobediência à Voz de Deus, o que é mal para o homem. Levá-lo, entretanto, era a transgressão do que é intrinsecamente instintivo para os animais e também daquilo que há de mais sagrado para os humanos: a vida, especialmente a do filho! Era, portanto, um Crime Hediondo!

TODAVIA, NÃO-HAVIA...
HAVIA SIM, TODAVIA, A NÃO-VIA.
ASSIM, ABRAÃO NADA-VIA, POIS, NADA-HAVIA COMO VIA!
ENTRETANTO, TUDO-VIA, ONDE, TODAVIA, NADA-HAVIA!

MAS ELE SE VIA NA VIA COMO UM EN-VIA-DO DO IN-VIÁ-VEL!

ASSIM, TUDO HA-VIA COMO VIA, MESMO QUE FOSSE, TODAVIA, A NÃO-VIA!

Isto é Fé! Pois, mesmo no nada-via, ele via *a via* da *Graça*: *"O Senhor proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto"*.

Portanto, na Fé, o absurdo é des-absurdificado! Sem fé tudo é absurdo!

Sem fé, todavia, nada-*há*-como- *via*!

Nem há a via de Deus!

Daí, sem fé, não ser possível agradar a Deus!

Afinal, Deus é a não-via de quem presume ver!

É nessa esquina que Abraão se encontra enquanto tem três dias para andar. E um homem existindo nesse lugar-existencial, só tem duas opções: *ou vira assassino e criminoso ou se torna o pai da fé.*

E por que é Abraão o pai da fé e não o Juiz Jefté?

O que diferencia o sacrifício da filha de Jefté, do sacrifício espiritualmente consumado que Abraão fez, oferecendo Isaque, seu filho pela fé?

E o que o diferencia dos demais pais que em-crença entregaram seus filhos aos deuses?

Jefté tentou fazer uma barganha com Javé *: "Dá-nos a vitória e a Ti darei a primeira pessoa que sair-me a saudar dentre os da minha casa"*— des-graça-damente veio-lhe ao encontro a sua filha! [[Juízes 11: 29-40]]Os demais pais que ofereciam seus filhos aos deuses o faziam na tentativa de aplacar os caprichos das divindades ou para garantir que as maldições não lhes cairiam sobre a cabeça.

Abraão, no entanto, jamais ofereceria Isaque a menos que fosse esmagado pela Voz.

Abraão não era louco, era apenas capaz de loucura!

O que se seguiu a isto foi o caminho silenciosamente angustiado de um homem andando em fé, e em obediência à loucura de Deus. A loucura de Abraão vinha da mente de Deus!

Ora, aqui se percebe a diferenciação mais que tênue entre os atos humanos e seus significados, pois, à vista dos olhos e pela observação moral, ética, filosófica e psicológica do ato, não-é-possível-não-incluir Abraão entre os bárbaros da Terra.

Assim, não é também possível não atentar para o fato-subjetivo que

diferencia Abraão dos demais bárbaros.

A fé carrega uma ética que lhe é intrínseca!

Jefté agiu conforme a crença-imitação da fé de Abraão, mas não havia nele a ética da fé, pois, foi ele quem indiretamente ofereceu a sua filha, quando autorizou uma vida-oferenda a Deus, podendo ser qualquer um de sua casa! Ou seja, uma iniciativa louca; ao contrário de Abraão, que foi silenciosamente caminhando contra todos os seus desejos e vontades a fim de realizar a loucura de Deus.

Se a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria dos homens, então, como não pensar que os critérios da própria sabedoria não caem desvalidamente ante o convite de Deus para que se pratique o ato-contra-todos-os-atos?

Só há ética se há Deus. E se há Deus tudo o que Ele pede passa a ser ético, pois, sem Ele não há ética. Portanto, se Deus é amor, Deus é também ética. Assim, toda obediência da fé àquilo que Deus pede, é ético, mesmo que os sentidos humanos não possam assim entender o ato!

Desse modo, Abraão cala a boca de todos, visto que, pelo ato-objetivo ele não era diferente dos demais. Ele torna-se o *pai da fé* pelo simples fato de ter obedecido em fé àquilo contra o que todo o seu ser se rebelava. Sua fé vence sua rebelião, mas é por existir uma rebelião-angústia na obediência da fé, que Abraão é um ser ético e diferente dos demais.

Ele crê contra o desejo!

E esta é a razão de eu dizer que a fé carrega em si a ética que relativiza todas as éticas objetivas; do contrário, Abraão não pode ser visto diferentemente de Manassés, que imolava seus filhos nos altares de Baal e Moloque.

O louco pratica, sem fé, a loucura. O homem da fé é capaz da loucura, mas somente como expressão de fé-ética, pois, só será fé se for uma resposta à Palavra de Deus, mesmo que esta chegue aos sentidos como loucura.

A implicação disso é que a verdadeira ética nem sempre se manifesta como ato-objetivo, mas nunca será ética se não nascer como ato-subjetivo da fé. Assim, Abraão é também *o pai da fética*!

No fim de tudo, sempre se ouve: *"Se eu não tiver amor nada disso me aproveitará"* [[I Co 13]]. Fé, esperança e amor são apenas separáveis nos livros de teologia, mas nunca diante de Deus!

Porém, o maior destes, é o amor!

Abraão, todavia, sem caminho, em sua loucura, caminha. Havia apenas silêncio absoluto. Somente os sons das pesadas-pisadas de dor e perplexidade se faziam ouvir. Era um ser caminhando entre a certeza do Absurdo de seu ato e a

fé no Absoluto do significado de crer no que não podia nem explicar, nem entender e nem justificar. E isto lhe foi imputado como justiça!

É por isto que as duas falas do caminho implicam em duas confissões que definem para sempre qual é a jornada da fé:

"Ficai aqui; e eu e o menino, tendo <u>adorado</u>, voltaremos..."— disse Abraão aos seus servos, que pertenciam ao *Geral*. A fé, depois de um certo caminhar, tem que prosseguir em solidão, sem testemunhas e sem cúmplices. Aliás, quem entenderia o Absurdo como adoração?

"O Senhor proverá para si o cordeiro para o holocausto"— respondeu ele à apavoradamente reverente suspeita de Isaque.

Assim, ele não confessa nada que não seja fé, fosse qual fosse o resultado. Abraão cria que Deus era o provedor-justificador de tudo o que nascesse como resposta da fé à ordem-proposta que viera na noite escura e que o acordara de seu sono, a fim de fazê-lo andar em fé sobre as angústias do chão do Absurdo.

Imolar seres humanos, por iniciativa própria, a fim de apaziguar a divindade é um <u>arquétipo universal</u> poderoso. É fruto natural da Teologia da Terra. [[Aqui se estabelece a diferença essencial entre a oferta de Abel—que envolvia o sangue de um animal — e a oferta de Caim, que era feita de algo muito mais *belo*, esteticamente falando: frutas e produtos nascidos do chão da Terra! A diferença está no fato que o sacrifício de Abel se fazia acompanhar da fé e o de Caim tinha como parceira a auto-justificação-meritória.]]

De um modo ou de outro — até mesmo no *Cristianismo* — os humanos imolam outros sobre ou fora dos seus *altares* a fim de *apaziguar* a ira de "Deus" por <u>meios próprios</u>.

NO MONTE MORIÁ ESSE PARADIGMA UNIVERSAL SE INVERTE. DAÍ PODERMOS AFIRMAR QUE A FÉ QUE NOS JUSTIFICA EM CRISTO SER O OPOSTO DO PARADIGMA UNIVERSAL.

Ou seja, na *Cruz*, que é o *Supremo Monte Moriá*, é Deus fazendo provisão ao Absurdo que Ele mesmo ordenou; é Deus se entendendo com Deus, e é também o homem andando sem nada entender, porém, crendo de antemão que *"no Monte do Senhor se Proverá!"* Sim! É Deus assumindo todas as

responsabilidades pela obediência da fé em Sua Palavra, já que Abraão não tem outro diagnóstico entre os homens que não o ponha entre o Monstro e o Monstro!

Pela Moral não se deveria confiar a Abraão nenhuma criança. Ele seria um avô perigoso também para os seus netos. E isto deveria ser assim, pois, *é assim que é!*

Mesmo que Abraão tivesse apenas um episódio de desvario total na vida, ele deveria ser para sempre visto como louco. Esta deveria ser, pela Moral, a sua sentença. Afinal, aquele "ato" deveria macular para sempre o seu caminho entre os homens.

ASSIM, O ATO-ABSURDO É O PARADIGMA DA FÉ, ENQUANTO, SIMULTANEAMENTE, O ABSURDO-DO-ATO É PECADO!

O caminho da fé tanto nos salva do Absurdo como *angústia-moral* quanto também nos faz andar sobre ele como *chão da fé*. Todavia, isto só acontece quando o ato é resposta da fé à Palavra crida como inequívoca Voz de Deus, mesmo que obedecida como absurda. Na fé, porém, anda-se sobre o fato-fé que Deus é Justo e Justificador de todo aquele que crê.

ENTRETANTO, NÃO NOS ESQUEÇAMOS DE QUE ASSIM COMO NINGUÉM ENTENDERIA ABRAÃO, ASSIM TAMBÉM, PELA MORAL, NINGUÉM ENTENDE NADA DA FÉ!

E, se confessamos que *somos salvos pela fé* em Cristo — o Cordeiro que fez Provisão para e por Abraão no *Monte Moriá* —, isto acaba com a Moral como referência para a relação do homem com Deus, visto o *Paradigma da Fé* — que tem em Abraão *seu pai* — ser a antí-tese de toda natureza Moral, conforme o drama de Abraão.

Por isto, também, pode-se afirmar que a Moral — como mediadora e justificadora das relações do homem com Deus — é irremediavelmente pecado, visto que ela não provém de fé.

*E tudo o que não provém de fé, é pecado! D*isto, todos já sabemos.

A *Fé*, no entanto, tem a sua *Ética*, pois, ela *opera pelo amor*, conforme Paulo. E o amor, conforme João, *vê o Pai em Seus filhos*, nossos irmãos-humanos.

Ora, mesmo Abraão quando levava Isaque para ser imolado no *Monte Moriá* caminhava em amor!

Então, a Moral pergunta: "*Amor por quem? Por Isaque? "*

A *Ética*, conforme a fé de Abraão, responde, grita, clama, brada em desespero: *Amor por Deus, loucura pela Voz, entrega à Vontade!*

Assim, a fé demonstra que o amor a Deus pode ter que significar uma escolha entre amores: *o dele e o nosso!*

Nesse caso, institui-se a *Ética,* pois, a fim de operar por amor ao Absurdo-Deus-Absoluto, ela se instala como loucura para nós e para todos. Afinal, Isaque estava ao alcance dos sentidos de todos. Deus, não!

Quando esta hora chega, então, o que é *Ético*, se torna imoral e loucura aos sentidos da maioria-moral.

Abraão, todavia, *foi justificado pela fé!*

Mas alguém pergunta: E Deus, por que pedia o Absurdo de Abraão? "*Por amor de Abraão"* , é o que a lógica-ética responderia, a fim de estabelecer lógica até para o absurdo!

A resposta talvez seja, todavia, mais simples: *Porque num mundo caído tinha de ser amor-assim-assim-como-amor, pois assim é a vida e assim é a fé!*

●

É óbvio que o *Monte Moriá* não acontece todos os dias em nossas vidas. Entre um *Moriá e outro* caminha-se tendo em mente que a ética-horizontal só pode ser suspensa se for contra todos os nossos desejos e somente *em obediência à Voz de Deus*.

E mais, quem quer que em inolvidável certeza de fé fizer tal escolha, deve saber que estar justificado diante de Deus não significa ser entendido, compreendido ou justificado diante dos homens!

Daí também haver sabedoria até na hora de matar o filho por amor e

devoção a Deus.

Abraão disse o seguinte aos seus servos que com ele e Isaque caminhavam: "*Ficai aqui e eu e o menino, tendo adorado, voltaremos para junto de vós*". Até Abraão não deseja testemunha para aquele ato. Era algo que sentido humano algum suportaria.

No caminhar cotidiano, no entanto, a fé nos remete para o cuidado com Isaque. *Só Deus pode suspender os cuidados de Abraão para com Isaque*. Ninguém mais tem esse direito. Afinal, **se** a *Voz* não nos acordar no meio da noite pedindo por Isaque — contra tudo o que temos e somos —, o que vale é juntar tudo o que somos a fim de cuidar de Isaque.

Se Deus não me pedir Isaque, eu amo a Deus <u>em</u> Isaque!

Entretanto, aos sentidos da Moral, Abraão é um fanático enlouquecido. Isto por que a Moral "justifica", <u>não pela fé</u>, mas pela "aceitação" da maioria. Ela, a Moral, pensa que *Vox Popoli* equivale sempre a *Vox Dei*!

O *Monte Moriá* des-mente a Moral. Ali nada havia de *Vox Popoli* que autenticasse *Vox Dei*. Era o oposto!

A Moral só poderia ser redimida se pudesse não se enxergar como virtude, mas como pecado sempre que se impõe com juízo sobre o outro, e, então, caso ela fosse capaz dessa auto-percepção, ela se salvaria de si mesma, e, portanto, deixaria de existir como Moral. Ora, a salvação da Moral seria a sua morte como mediadora até mesmo entre o homem e o homem, a fim de ser apenas, quem sabe, um modo *majoritariamente-conveniente* de ser, conforme o entendimento de cada um, e, isto, apenas para si mesmo! Nada além disso!

Abraão, todavia, não era um homem do *Geral*. Em *Geral* os homens constroem casas, Abraão, todavia, era um ser em permanente caminhar, era um errante. Afinal, ele foi o Hebreu de todos os hebreus. Ele era o ser que peregrinava, que *Cruz*ava fronteiras, que mudava de lugar no chão da Terra o tempo todo. Abraão, por isto, nunca foi um ser do *Geral*, pois, caso o fosse, teria ficado residindo em *Ur dos Caldeus* e nós jamais seríamos quem somos e nem tampouco saberíamos quem um dia ele foi, para o nosso bem!

●

Depois de Abraão, cabe o mundo! Todos os mundos! Afinal, ele carregava a promessa de que nele seriam *abençoadas todas as famílias da Terra*. [[Gn 12:

3; Gl 3: 8]]

E melhor ainda é crer que o Deus de Abraão continua sendo o Deus de Jacó, o Deus de Isaque e de todos os vivos, pois, conforme o Isaque que não foi poupado — Jesus, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo — Seu Pai, nosso Pai, *é Deus de vivos e não de mortos!* [[Mt 22: 29-33]]

Assim, o Deus de Abraão é o meu Deus!

O justo, todavia, viverá pela fé! E sem barganhas a fazer!

♦ CAPÍTULO VI – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO E SUA POSSIBILIDADE DE JUSTIFICAR HOJE OS HOMENS DE ONTEM

Se desejarmos abandonar Abraão e, também, baixar o nível do pensar, basta sermos práticos e perguntarmos: E o que dizer de Jacó?

Ora, Jacó é um ser fascinante não pela sua retidão, mas pela sua luta interior, pela sua resistência, pela sua complexidade a-moral, e, sobretudo, pela sua lenta conversão de consciência — onde não faltou um vale-tudo com o Anjo do Senhor! [[Gn 32: 22-32]]

Daí o Deus da Graça se apresentar tantas vezes como o Deus de Jacó! [[O contexto de praticamente todas as passagens da Escritura nos Salmos e nos Profetas trazem Jacó para esse papel arquetípico do ser no qual a eleição na *Graça* só pode se mostrar como sendo escandalosamente arbitrária, pois diz: *"Amei a Jacó e me aborreci de Esaú*". A Escritura diz que ambos — Jacó e Esaú — ainda não tinham nascido e a Graça já operava como escolha, sem que nenhum dos dois tivesse praticado obras. Jacó é o vermezinho in-abandonável! Assim Jacó é Israel — um caso inexplicável de amor da parte de Deus!]]

●

Todavia, Jacó <u>não</u> é *o pai da fé*. O pai da fé é Abraão!

Em Abraão a fé se estabelece como absurdo quando ele creu na *Voz*, mesmo que aparentemente a *Voz* parecesse negar a <u>Palavra</u> — *em Isaque será chamada a tua descendência* —; ele, no entanto, <u>creu</u> em Deus! Creu em <u>Deus</u>! C*reu em Deus! E isto lhe foi imputado para justiça!*

Abraão cria numa relação que ele não podia negar! Ele conhecia a Deus e isto lhe dava fé, e porque tinha fé, conhecia mais a Deus. Jacó, entretanto, só é Jacó porque é herdeiro da fé de seu avô, Abraão!

O absurdo aos sentidos é *Abraão crer em Deus*, quando este lhe pediu Isaque. Todavia, em Jacó, *o absurdo é Deus ser o Deus de Jacó*. Abraão torna Deus absurdo. Deus, no entanto, torna Jacó um absurdo ainda maior! Deus é *amigo* de Abraão, mas se faz *amante* de Jacó — por nenhuma razão senão o desejo de dizer: *"Amei a Jacó e aborreci a Esaú!"* [[A questão da maioria das pessoas é sempre a mesma: Por quê? Ou ainda: o quê? — Deus viu em Jacó?! A

resposta é Nada! Daí a Graça poder ser Tudo! Jacó lutar e vencer o Anjo fala mais da disposição de Deus de se deixar vencer, que da vitória de Jacó. Jacó só vence porque é Jacó, sendo, portanto, a não-razão-da-vitória e, ao mesmo tempo, a única-razão-da-vitória. Em Abraão, Deus parece receber *uma certa dignidade* em ser amigo de alguém que foi capaz de Tudo por Deus. Em Jacó, Deus parece *despir-se de dignidade*, por ser capaz de amar tanto alguém que não faz nada sem uma troca. Até na sua *noite-de-escura-luz* e *de luminosa-escuridade* — quando lutou com o Anjo—, Jacó propõe uma barganha: "*Não te deixarei ir se não me abençoares*". Assim, *Jacó é salvo pela Graça, mas não é o pai da fé* — é no máximo *neto da fé*. Deus, todavia, ama a esse "vermezinho" e é o Deus de Jacó, sendo, assim o Deus de todos, e Aquele que elege o medíocre para *ser acima* do que ele mesmo, o medíocre-Jacó, almeja como vida. Abraão era capaz de loucura por Deus. Deus é capaz de loucura por Jacó. Abraão se move para o ato-dos-atos por ter ouvido uma *Voz*. Jacó tem que ser *obrigado a desejar Deus*. Jacó barganha sempre. Mas só ganha quando já não tem o que barganhar! Ambos, todavia, são filhos da mesma Graça, pois, tais distinções só existem em razão das limitações de nossos sentidos! Nada é Nada e Tudo é Graça!]]

Obviamente que não há absurdo maior que discursar sobre o absurdo, pois, alguém pressupõe que o discirna, e, no caso, eu seria esse "alguém", pois sou eu quem ouso falar de absurdo neste livro!

Portanto, para além de Jacó o maior absurdo sou eu! Eu creio...!

●

Meu Deus! Jacó merece um livro apenas sobre si e milhares outros livros sobre o significado simbólico-arquetípico que sua figura representa na Bíblia, na Escritura, na Palavra e na revelação de Deus pessoalizada e aplicada na mais básica manifestação da ambígua condição humana! Jacó foi um homem com muitas barganhas a tentar fazer! Suas barganhas, todavia, acabaram no vau de Jaboque!

Jacó é um desastre moral da eleição na *Graça*! E é também a *Graça* do desastre!

Para as percepções da *Teologia Moral de Causa e Efeito* Jacó deveria ser esquecido! Pega mal tê-lo na eterna auto-declaração de Deus: "*Eu sou o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó*"— afinal Jacó só virou Israel quando deixou de ter barganhas a fazer!

Portanto, Jacó nos força, por razões diferentes de Abraão, a vermos não tanto até onde a fé vai, mas até onde a Graça manifesta seu arbítrio em favor de um homem estranhamente pequeno, verminoso, interesseiro e crente de que

havia negócios a fazer!

●

Ainda sem barganhas! Devemos nos concentrar nas basicalidades de Jacó e sua família; devemos perguntar: o que dizer de suas muitas mulheres? [[Gn 29: 21 a 30:26]]. E ainda, que dizer da guerra sexual que se estabelecia entre elas para ver quem o teria à noite, mesmo que fosse por "aluguel"? [[Gn 30: 14-16]].

E pior, ainda se diz que Deus abençoou aquela que "alugou" Jacó por uma noite e fez com que ela concebesse! [[Gn 30: 17—para mim é, por esta e milhares de outras razões, que não creio ser possível ler a Bíblia como um livro Moral e ver Deus como um deus-Moral. Se assim fora, bastar-nos-iam os deuses das nações, fruto da invenção da *Teologia da Terra*!]]

E o que dizer de seus filhos? De seus homicídios, incestos, prostituição e inimizades crônicas? [[Gn 34: 1-31; Gn 37; Gn 38]]. E como, apesar disso, continuaram a ser objeto de benção e *Graça*? [[Observe, porém, como Judá é o escolhido para levar a benção messiânica e não José. Se prevalecesse o critério da *Teologia Moral de Causa e Efeito*, José tinha que ser aquele de quem viria o Messias. Ironicamente, Jesus é filho de *um José*, mas "este", é filho de Judá e não de José, o Patriarca Justo. Ler a Bíblia e não enxergar isto é, de fato, total cegueira!]]

Meu Deus! A família de Jacó retrata cenas de mentiras freqüentes e longas — como no caso de José—; chacinas covardes e manipuladoras do sagrado — como quando fizeram todos os homens de Siquém se *circuncidarem*, isto como condição para que a "honra" de sua irmã, Diná, fosse "limpa, e, aproveitando-se da condição de todos estarem com seus pênis inflamados pelas circuncisões, mataram a todos os homens da aldeia! [[Gn 34—todo o capítulo. Trágico, pois, talvez seja um dos poucos exemplos bíblicos de um homem e uma mulher genuinamente enamorados!]] —; e, não falta entre eles todos os requintes da mais mesquinha expressão de sentimentos de uns para com os outros!

Mas como eu disse, Jacó é muito mais complexo do que se pode imaginar. Numa outra ocasião nos dedicaremos a ele!

Deus, todavia, é também o Deus de Jacó!

Mas pela *Teologia Moral de Causa e Efeito* Jacó não pode ser explicado depois que deixou de ter barganhas a fazer!

●

E o que dizer de Moisés, que foi quem trouxe as *Tábuas da Lei*? Ele disse: *"Não adulterarás"* . Mas, para si mesmo, entendeu que era seu direito tomar

outra mulher, a cuzita, pois,*para ele*, adultério só se configurava quando um homem tomava a mulher de um outro. E

ele sofreu algum julgamento por isto? Sim! Só que não de Deus, mas de sua irmã, Míriam e seu irmão Arão, os quais, foram severamente repreendidos por Deus, à semelhança dos *amigos de Jó*. [[Nm 12: 1-16]]

E o que dizer de Sansão? Onde ele estaria hoje? Não consigo vê-lo como pastor, mas como interno em Bangu I, conforme os padrões morais e legais de hoje.

Aliás, a leitura dos livros de Josué e Juízes, pela Moral, inviabilizariam a presença-permanência de quase todos aqueles seres referenciais na *Galeria da Fé* em Hebreus 11.

As matanças, invasões de territórios que pertenciam a outros, e a eliminação de civilizações inteiras, todas ordenadas por Deus, como podem ser explicadas? Foram aqueles atos, fatos que poderiam ser aprovados pela nossa Moral vigente? [[A quantidade imensa de violência instruída *divinamente* no V.T. nos incomoda até hoje. E por quê? É porque aquelas "instruções" ainda que divinas, já não se amoldam à nossa consciência legal e Moral.]]

●

E o que diremos de Davi, que só não proibia seus homens de se apoderarem de mulheres quando estavam em guerra? [[I Sm 21: 3 e 5]] Ou que dava a si mesmo essa liberdade [[II Sm 3: 2-5; 5: 13-16]], tendo pecado, nesta área, segundo o relato bíblico, *apenas* quando invadiu uma *propriedade privada*, tomando a mulher que pertencia a outro? [[II Sm 11 e 12]]

E como seria interpretado hoje um homem, "*segundo o coração de Deus"* , que fosse capaz de atender ao pedido de dote feito pelo sogro, dobrando a oferta, e, ao invés de cometer a mutilação de apenas *cem* prepúcios de filisteus — conforme o "valor do dote"—, trouxesse, vitoriosamente, *duzentos*, como prova de seu valor? [[I Sm 18: 20-30]] Em que prisão seria ele posto? E em qual comunidade cristã seria ele tratado como *"homem segundo o coração de Deus?"* [[Isto para não falarmos que as três mulheres que carregaram algum significado histórico-bíblico na vida de Davi foram mulheres de dor e sangue: por Mical, ele mata duzentos filisteus; por Bateseba, ele mata, por mãos de terceiros, a Urias, seu marido; e Abigail, tornou-se sua mulher porque, num ataque de raiva, Nabal, seu marido, veio a morrer. E morreu quando ficou sabendo que sua esposa, Abigail, havia saído de casa a fim de "*negociar a paz"*

com Davi.]]

Ora, pela Moral, Davi está condenado. Isto porque creu que num mundo caído e relativo, melhor do que três erros são dois ou um, preferencialmente, nem-um! Mas como entre os homens não há nem-um, portanto, não há nenhum justo, Davi estaria condenado mesmo que fosse por apenas um! Assim é a *Lei*: "*quem cumpre tudo mas transgride num mandamento,é réu de todos os mandamentos*".

Assim, Davi adulterou (1), criou os meios para que houvesse a possibilidade estatística da morte do marido traído (2) — Urias — e cuja mulher — Bateseba — agora estava grávida e viúva (3).

UMA VIÚVA ADULTERADA E ABANDONADA É PIOR QUE UMA VIÚVA, ADULTERADA, ENVIUVADA, PORÉM, AMADA!

Assim, Davi tomou a Bateseba por mulher, mas o filho que ambos geraram no ato do adultério veio a morrer!

Davi, entretanto-todavia, após ver que a criança morrera, levantou-se, banhou-se, ungiu-se, comeu e bebeu e, a seguir, foi ter com Bateseba: confortou-a, consolou-a, possuiu-a, amou-a e ela concebeu. Então, *daquela que fora mulher de Urias*, lhes nasceu Salomão, e que ganhou este nome porque Davi dissera: *"este é amado do Senhor"* . Com efeito, é isto o que a Escritura diz: *"O Senhor amou o menino"*. [[II Sm 11—12: 24-25]]

Assim, pela Moral não apenas Davi está condenado, mas também todos os seres virtuosos da própria Genealogia de Jesus, pois, não há o que dizer de Manassés e de quase todos os demais! [[Mt 1: 1-17—pela genealogia de Jesus a Moral não tem salvação! E aqui julgo não precisar expandir nada. O simples conhecimento histórico dos nomes mencionados ali e um mínimo de conhecimento dos contextos de vida e história daqueles indivíduos — homens e mulheres — já prova o que aqui digo!]]

●

A contra-partida do que acabamos de ver acontece num contexto semelhante, não muito antes no tempo, de frente para trás — isto para ser uma boa contra-partida-em-favor-cronologicamente-crescente!

Para quem não se lembra, vale recordar que Davi foi profeticamente ungido rei de Israel pelo profeta Samuel, filho de Elcana e Ana. [[I Sam 1: 1-8; 16: 1-26]] O pai de Samuel tinha duas esposas, Penina e Ana [[I Sam 1: 2: Penina,

significa *pérola*; e Ana significa *graça*. Uma se mostra como valor, a outra carrega o bem de ser.]]. Penina lhe dava filhos. Ana, todavia, não!

Elcana, entretanto, amava mais a Ana que a Penina. [[I Sam 1: 5]] E é nesse amor-subjetivo e que padecia de afirmação objetiva — no caso, filhos —, que Ana vai ao tabernáculo do Senhor em Silo e chora pedindo a Deus um filho. Deus a atende e nasce Samuel, que ela dedica ao Senhor. [[I Sam 1: 6-18]]

Tão logo Samuel foi desmamado, seus pais o levaram para servir a Deus sob os cuidados do sacerdote Eli. Ora, os filhos de Eli ajudavam-no no serviço sacerdotal e tiravam proveito da situação. A narrativa bíblica nos diz que eles, basicamente, faziam duas coisas horríveis: metiam a mão nas comidas que eram preparadas para serem oferecidas como sacrifício no tabernáculo — desrespeitando assim todos os preceitos determinados para as oferendas — e, além disso, dormiam ao seu bel-prazer com as mulheres que viviam e serviam no lugar do culto. [[I Sam 2: 12-17; 2: 22-26]]

Ao ouvir acerca do procedimento de seus filhos, Eli os repreende e mostra muita preocupação com a *fama* ruim que os rapazes passaram a ter entre o povo.

"*Por que fazeis tais coisas*?"— É a pergunta do velho sacerdote.

É interessante observar que a Escritura divide a narrativa sobre os filhos de Eli em duas partes: a primeira, que é uma assertiva direta da Escritura; [[I Sam 2: 12-17]] e a segunda, que é a expressão da preocupação de Eli como pai. [[I Sam 2: 22-25]]

Quando a Escritura os re-crimina o faz fundada no fato que eles eram "*filhos de Belial, e não se importavam com o Senhor*". Daí o tratarem o serviço espiritual com tamanha indiferença e exercerem o seu ofício de modo desrespeitoso para com Deus e tirânico para com o próximo.

Eli, todavia, quando ouve os rumores sobre a conduta de seus filhos fica preocupado e, mais do que com qualquer outra coisa, aflige-se com a *opinião pública*. Era o desgaste que seus filhos causavam a ele, como sacerdote, e a impressão que causavam no povo, induzindo-o ao caminho da banalização do sagrado, aquilo que realmente o angustiava.

Na mente do povo, o que mais aparecia era o comportamento dos rapazes em relação às mulheres que serviam à porta da tenda da congregação. Fé e orgia se misturavam no lugar dedicado a Deus! [[I Sam 2: 22]]

"*Por que fazeis tais coisas? Pois ouço constantemente falar do vosso mau procedimento. Não, filhos meus, porque não é boa a vossa fama, esta que ouço; estais fazendo transgredir o povo do Senhor. Pecando o homem contra o seu*

próximo, Deus lhe será árbitro; pecando, porém, contra o Senhor, quem intercederá por ele? Entretanto não ouviram a voz de seu pai, porque o Senhor os queria matar". [[I Sam 2: 23-25]]

Ambos, Hofni e Finéias, morreram no mesmo dia! [[I Sam 2: 34; 4: 5-22]]

Seu pai, Eli, veio a morrer logo a seguir, pois, ouvindo a notícia da morte dos filhos, sendo já muito velho, caiu para trás, quebrou o pescoço e faleceu!

Então você pergunta: "E daí? O que isso tem a ver com o tema deste capítulo?"

Ora, a razão de eu haver escolhido esse caso —entre tantos outros possíveis exemplos do que aqui desejo ilustrar como contra-partida da afirmação de que a Moral não conta diante de Deus — é que ele nos revela três realidades das quais não podemos nos esquecer: 1. O juízo de Deus não veio sobre Hofni e Finéias pela sua imoralidade — afinal, eles não pecavam sozinhos e nem eram os únicos em Israel a procederem daquele modo!

2. O juízo de Deus caiu sobre eles pelo fato de não "*se importarem com o Senhor*".

3. Eli, o pai dos rapazes, se importava com o Senhor, porém, muito mais com a *opinião pública*.

Assim é que Eli diz coisas boas e verdadeiras a seus filhos, mas sua preocupação maior não era com o que <u>eles faziam</u>, mas com o <u>porquê</u> deles agirem daquela forma. [[I Sam 2: 23—onde parece que ele pergunta algo como: "Que burrice é esta?"]]

E mais, Eli não expressa angústia por eles, mas pelas implicações coletivas e ministeriais de suas ações. Ou seja, Eli temia mais as implicações daquilo que seus filhos faziam ante a percepção imediata do povo, que as conseqüências inapeláveis que viriam da parte de Deus.

Além disso, Eli criou duas categorias de pecado: o pecado contra o próximo, que pode ser objeto da intercessão sacerdotal; e o pecado contra Deus, que, segundo ele, não deixa espaço para a intercessão diante do Senhor. [[I Sam 2: 25—como se ambas as coisas não fossem igualmente sérias, pois, são sempre uma só e não duas!]]

O que me soa é algo como se Eli dissesse:

"Olhem bem, meus filhos! Se vocês querem *aprontar*, então, que o façam longe daqui.

Sendo sacerdotes, e estando sob tantas observações, vocês correm o risco de não apenas ofenderem o povo, mas também a Deus. Contra o pecado em relação ao próximo, dá-se um jeito. Mas no que respeita a Deus, não há saída".

Em outras palavras, Eli sente o pecado de seus filhos, envergonha-se deles e de seu comportamento —"*Não, filhos meus, porque não é boa fama, esta que ouço*"—, e, além disso, sabe que seus atos podem ter conseqüências. Todavia, não parece ter visto tudo o que acontecia como algo que em-si carregava profanação, mesmo que ninguém visse ou comentasse.

Tratava-se muito mais de algo que tinha a ver com a reputação dele, Eli, e de Deus, o Senhor, do que uma real compreensão do significado espiritual que aquelas ações tinham *em-si-mesmas*.

ELI, PORTANTO, TEME A DEUS, MAS TEME MUITO MAIS O QUE A REPUTAÇÃO DE SEUS FILHOS PUDESSEM CAUSAR A ELE E À REPUTAÇÃO DE DEUS. ELE ERA UM HOMEM COM BARGANHAS A FAZER!

E o juízo não falhou!
Hofni e Finéias morreram!
Icabode!
Foi-se a Glória de Israel! [[I Sam 4: 19-22]]
A pergunta que agora se impõe é a seguinte:

O que a comparação objetiva estabelece como diferenciação entre as ações dos filhos de Eli e as dos demais homens mencionados até aqui neste capítulo?

EM MINHA MANEIRA DE VER O QUE SE ESTABELECE É A FORÇA NÃO DA MORAL, MAS DA VERDADE, DA JUSTIÇA E DA SANTIDADE!

As ações humanas são maiores que as aparências que elas manifestam. Elas são significados, mais que comportamentos exteriores!

Infelizmente Eli e seus filhos morreram. Samuel, todavia, nunca esqueceu a lição. Quando foi enviado por Deus a fim de ungir Davi — então ainda apenas um jovem —, disse a Jessé, pai do futuro rei de Israel: "*O Senhor não vê como vê o homem. O homem vê a aparência, o Senhor, porém, vê o coração*".

Assim, mais uma vez, a Escritura nos tira do mundo das aparências, famas e reputações, e nos remete quebrantadamente para os ambientes do coração, onde Hofni e Finéias se mostravam não como filhos de Eli, mas como "*filhos de Belial*".

●

Em outras palavras e resumidamente — até porque a abundância do tema é tão vasta que se não formos objetivos não iremos a lugar algum — devemos admitir que não somos verdadeiros nem com as vidas e nem com a mensagem da quase totalidade dos homens e mulheres de Deus na Bíblia, como um todo, mas especialmente com a manifestação da Graça de Deus nas vidas dos homens e mulheres de fé do Velho Testamento! [[Leia a sua Bíblia sem romantismo e sem dispensacionalismo e você verá a quantidade de "resistência" que nós todos temos em relação ao real significado de validação da vida de fé daqueles que nos precederam. É verdade que sua fé ainda era *sombra do que haveria de vir*. Todavia, olhando para o *Cristianismo*, sem dúvida, não podemos, historicamente, dizer que *eles sem nós não seriam aperfeiçoados*. Hoje a honestidade nos manda dizer o contrário: *nós sem eles também não seremos aperfeiçoados*, pois, mesmo confessando o nome histórico de Jesus, na maioria das vezes, não vivemos a mesma fé daqueles homens e mulheres. E mais: é neles que o Novo Testamento busca validação para a mensagem da fé e da Graça para nós hoje!]]

Devemos, no entanto, prosseguir um pouco mais e mostrar como as aparências podem ser por demais enganosas. E para isto basta que se olhe na direção das extra-vagâncias de alguns nobres homens de Deus.

Por exemplo, o que podemos dizer das *"indecências bíblicas?"*

Isaías andou nu três anos em obediência a um mandato divino [[Is 20:2-3]]. Quem hoje o faria?

Ou, quem diria: *Ali vai um homem, carregando não apenas a Palavra, mas tendo que ser a mensagem?!*

E o que dizer de nosso pobre e sofrido *"corno da graça"* , o querido profeta-padeiro, Oséias, cuja mulher atendia filas noturnas que só aumentavam de fregueses que a "visitavam"? [[Os 1 a 3]].E como estabelecer o critério Moral para entender o *mandado divino* que o instruiu a " casar com a rameira"? [[Os 1:2 e 3: 1]]

Pobre Oséias se tivesse que "profetizar" também em nossos dias! [[Hoje em dia, há "igrejas" afastando do ministério até mesmo pastores que foram abandonados por suas esposas. É proibido ser infeliz no meio cristão. Depõe contra a imagem. É pecado até mesmo não ser amado, não ser desejado e não conseguir manter alguém ao seu lado. Onde Oséias encontraria lugar nessa "igreja"? Sua alternativa seria, outra vez, ser profeta! Só que suas profecias não

seriam nem ouvidas, nem lidas e nem guardadas! O que devemos pensar é que se não haveria lugar para ele é porque sua mensagem até hoje não foi por nós discernida em quase todos os *sentidos*!]]

●

Os exemplos seriam infindáveis, mas basta-nos ficar aqui. O que vale, todavia, afirmar são duas coisas: o Novo Testamento não trata esses homens como imorais ou bárbaros, ao contrário, os coloca entre os homens dos quais o mundo não era digno [[*Lei* a Heb 11, todo o capítulo, mas, especialmente, o verso 38. Todos eles, os bons e os duros; os justos e os estranhamente obedientes em sua loucura— todos seres esquisitos do ponto de vista de nossos juízos modernos—,estão na mesma galeria de *homens dos quais o mundo não era digno.* E todos eles foram *apenas* e *sobretudo* "justificados pela fé".]]; e mais, a genealogia de Jesus inclui a muitos desses seres aberrativos, sem exclusão, antes com toda a verdade, os posiciona na linhagem genealógica de Jesus, o Cristo. [[Mt 1: 1 – 17, sendo que ali, Jesus, "o filho de Davi", descende da relação ilícita de Davi com aquela que fora mulher de Urias.]]

Mas se eles tivessem que vestir as nossas roupas, falar com o nosso código lingüístico e carregar as suas expressões de ser e fé, não teriam a menor chance de serem identificados como sendo parte da *Galeria dos Homens de Fé* dos quais "o mundo"— portanto, o *Geral* — "não era digno", conforme o livro de Hebreus.

Todavia, eu mesmo suspeito que se todos eles se encontrassem — sem ser apenas nas páginas da Bíblia, com grandes lapsos de tempo separando-os na História; e também não podendo ser no céu, mas agora, no hoje —, numa mesma sala em uma montanha, nem eles mesmos se compreenderiam. No entanto, eles foram manifestação, expressão e continuidade da mesma fé.

A única realidade que lhes era comum era a fé!

O mesmo, todavia, não se poderia dizer do inverso: se fôssemos expostos a eles — mesmos os que sejam considerados os melhores de nós —, provavelmente não seríamos vistos como continuidade de sua fé.

E por quê?

Ora, eles eram diferentes uns dos outros na vida e em suas expressões — portanto, diferenciar-se-iam pela Moral dos tempos, mas unir-se-iam na e pela fé!

Nós nos parecemos uns com os outros pela Moral e somos dramaticamente diferentes quanto à fé!

Ora, eles nem discutiam os erros e acertos uns dos outros, mas o papel-

mensagem-de-Deus que cada um encarnou para a sua própria geração. Daí a Bíblia não tentar nem explicá-los e nem hamonizá-los, pois, eles eram in-harmonizáveis em suas diferenças e absolutamente harmônicos em sua apaixonada entrega a Deus em fé — mesmo que fosse loucura!

A diferença, todavia, é brutal: por razões que somente a Deus pertencem, eles estão na referência canônica dos *"homens dos quais o mundo não era digno"* ; e nós, não!

E a que conclusão isto nos leva? [[Obviamente que seríamos levados a muitas conclusões. Mas neste livro é também meu propósito demonstrar, sob forma problemática, o maravilhoso paradoxo que é *pertinente à fé*—conforme diria Kierkegaard! Ora, tal é esse paradoxo que pela fé, pessoas estranhas, diferentes e, para os nossos padrões, até loucas ou capazes de "crimes", tornaram-se, mesmo em seus "excessos"—repito, sob os nossos padrões—, pessoas santas e agradáveis a Deus, conforme a Escritura. Esse paradoxo não se permite reduzir a nenhuma fórmula, sistema ou raciocínio. *E isto acontece assim porque a fé começa exatamente onde termina a razão*. E o dar *"a razão da esperança que há em nós"* nada tem a ver com oferecer um pacote de sistemas e explicações lógicas sobre a fé. A chamada *"prova da existência de Deus*" oferecida em boa parte dos livros sistemáticos de teologia não passa de duas coisas: presunção filosófica grega e manifestação da maior negação da fé. Deus é! A relação com Ele é de conhecimento mediante a fé. E *a fé não de todos*, apesar de muitos serem inteligentes!]]

Ora, a partir da Bíblia somos ordenados a *praticar valores imutáveis*, e, esses, são aqueles de sempre e que não se sujeitam às variações morais das gerações ou dos tempos. De um lado a outro da revelação de Deus aos homens, as verdades são as mesmas, e elas não sofreram e nem podem sofrer alterações. [[Mt 5: 17-18; e veja como isto também tem a ver com as "fiéis misericórdias prometidas a Davi"(Is 55:1-13).]]

A Moral-Cultural, todavia, é que mudou, e, tais mudanças, não aconteceram apenas no contexto cultural da passagem do Velho para o Novo Testamento, mas continuam a acontecer hoje.

Isto porque não somente a *revelação de Deus foi e é progressiva*, mas também as sociedades humanas crescem e ajustam o seu comportamento conforme os *códigos de regulamentação de conveniência social* de um dado

momento histórico. Essas mudanças devem ser vistas como acontecimentos dos tempos e épocas, como sendo os *acordos* de uma dada sociedade, mas nunca como uma construção divina e que carregue em si a semente da Salvação ou do Juízo. [[O princípio enunciado em Atos 15: 19-20 e 28 nos revela que a própria consciência apostólica estava em crescimento no que respeitava ao que era *"a essência do evangelho"* e o que era *"a cultura religiosa judaica"* , e que por muitos era usada como força moral e legal opressiva sobre aqueles que estavam apenas desejando conhecer a Jesus e seu evangelho. A salvação está apenas em Jesus e em Seu Evangelho, não nas formas, costumes e culturas dos tempos bíblicos, ou de qualquer outro tempo—muito menos de nosso tempo!. Se a "moral bíblica" é considerada como obsoleta e a *Lei* apenas como "aio", então o que dizer de nossos usos, costumes, morais e leis? Para quem vive no *Geral*, elas têm sua utilidade. Mas para o ser que busca sua própria *individuação em Deus*, elas são a morte do ser!]]

Portanto, sem nenhum temor, eu digo que, para os homens da Bíblia e para Jesus, o critério era outro:

UM HOMEM ERA SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS QUANDO ERA PARA OS OUTROS O QUE ERA PARA DEUS E ERA PARA DEUS O QUE ERA PARA OS OUTROS. E MAIS, QUANDO VIVIA SEM A COMPULSÃO DE EXPROPRIAR O PRÓXIMO PELA SIMPLES RAZÃO DE O DESEJAR; QUANDO BUSCAVA JUSTIÇA, INDEPENDENTEMENTE DAS INTERPRETAÇÕES DOS DEMAIS, E O FAZIA CONFORME A CERTEZA DA FÉ QUE CARREGAVA EM SEU CORAÇÃO, POIS, NÃO TINHA BARGANHAS A FAZER. [[É impossível ler a Bíblia sem medo, sob a ótica da *Graça*, crendo na justiça que vem da fé, confiando na soberania de Deus para ser Deus como bem entender; e, além disso, olhar o modo como seres diferentes e até díspares trataram e foram tratados por Deus — sendo todos "usados"—, e, não chegarmos à conclusão que resumidamente expus acima.]]

♦ CAPÍTULO VII – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO E A LOUCURA AMORAL DA ENCARNAÇÃO

Ora, se a Bíblia fosse um livro Moral, a mais grave de todas as transgressões teria sido praticada por Deus, que *engravidou uma virgem casada*, sem prévio consentimento do marido, e só veio a acalmá-lo em seu absurdo desespero de homem traído, depois que o fato já estava consumado.

Ora, o que se diz em Mateus 1: 18-25 é chocante e provem exclusivamente da fé. Isto porque o convencimento de José ainda teve que acontecer nos ambientes da total *subjetividade*; nos santuários das convicções inexplicáveis; nascendo do inconsciente, e esmagando a mente com uma paz que excedeu a todo o entendimento, portanto, para além de toda lógica.

A "revelação" veio em *sonho!* [[A revelação pode ser objetivamente perceptível. Mas seu ninho é o reino da subjetividade!]]

Para nós esse parece ter sido um fato simples, afinal, Jesus ressuscitou dos mortos.

Lendo os evangelhos a partir da Vitória sobre a morte, tudo fica romântico, e a *gravidez da virgem tornou-se um fato moralmente simples* — pois nele a Moral foi absorvida pela supremacia do Dogma — e que, para nós, é especial apenas porque é miraculoso e traz Deus ao mundo das visibilidades, na encarnação do Emanuel!

Mas ir dormir com a *suspeita* de José — que não era apenas suspeita, pois sua mulher estava *de fato* grávida, e não era dele — e acordar pacificado por algo que aconteceu abaixo da linha da objetividade histórica — *um sonho* — e, depois disso, tomar a mulher por esposa, é outra história!

Foi romântico?

Não!

Foi horrível!

ASSIM, A ENCARNAÇÃO PROVOCOU A MORAL ATÉ EM SUA PRÓPRIA INSTALAÇÃO! POIS NÃO SE ESTABELECEU PELA VIA DA BARGANHA!

A Encarnação é puro milagre-mistério, mas sua historificação é um golpe na Moral, isso não há como negar!

A *Concepção da Virgem* é um golpe na Moral e põe José como um *São José* na galeria eterna dos que *não viram e creram*; dos que permitiram que certezas do coração esmagassem os fatos da razão; e daqueles que deram de mão às aparências a fim de assumir a verdade.

José é um príncipe da não-mediocridade!

E isto é fácil de perceber. Basta que você se coloque no lugar de José. Imagine como José seria "interpretado" pelos machos de sua geração se soubessem que Maria tinha concebido de uma *fonte inexplicável*!

Até hoje as meninas solteiras, no interior do Amazonas, ficam "grávidas do Boto". Assim, diminui-se o "opróbrio cultural" de ser mãe solteira nas barrancas dos rios. Mas entre os judeus ninguém ficava grávida do *Boto Celestial*. Gravidez fora do compromisso conjugal — naqueles dias de Leis praticadas sem misericórdia — tinha como penalidade o apedrejamento.

E quem teria coragem de dizer: "*Estou grávida de Deus*!"

Essa frase chocou você?

E por quê?

Porque, hoje, dois mil anos depois, para todos os cristãos, Maria não é mais apenas uma menina de Nazaré. Ela já foi elevada a todas as *Categorias Superiores*, até mesmo sendo objeto de crenças-pagãs, egípcias, sobre a "*mulher do deus*"— isto no caso da visão católica de Maria como Mãe de Deus, sendo, por inferência, *mulher do deus*.

Em qualquer caso — incluindo a visão bíblica sobre Maria — nós nem percebemos que a aberração Moral do nascimento virginal-não-autenticado anteriormente pelo marido, foi vencida *pela fé*.

Assim, implicitamente, declaramos que a Moral está subjugada pela fé!

Isto porque todas as vezes que confessamos que Maria era *uma virgem* e

que ela engravidou pela *obra do Espírito Santo*, estamos também declarando que a *fé tem supremacia sobre amoral e a ética-horizonta-imediata e, até mesmo, sobre os bons costumes*.

A Moral seria essencial num mundo sem Deus, mas aí também não deveria haver a necessidade psicológica ou mesmo social de se buscar praticar a Moral — a Moral é um eqüívoco-lógico para uma consciência para quem Deus apenas existe — a não ser que fosse exclusivamente por uma questão de *Ordem Pragmática* sem explicação e sem justificativa.

A Moral poderia ter relevância, talvez, para um deus que não entrasse no mundo; portanto, seria útil a um deus que não se Encarnasse ou que "negociasse" a Encarnação com os homens.

Maria, todavia, ao ser escolhida, foi objeto do medo de julgamento que decorria da *Lei* e da Moral, e José sofreu as angústias de um traído, conforme a "interpretação humana" da *Lei*.

Apesar disso, Deus engravida *uma virgem* que, para nós, tornou-se, *pela fé*, **a** *Virgem*!

Se Deus desse crédito à Moral, José teria que ser visitado antes por Gabriel. Assim, a Encarnação necessitaria de uma validação Moral. Gabriel, todavia, foi direto à Maria! A individuação da Mulher-Maria diante de Deus foi absoluta, mesmo que isso tenha significado dor para o Homem-José!

"*Eis aqui a serva do Senhor. Cumpra-se em mim segundo a Sua vontade*"— é algo que só pode dizer quem sabe que nos ambientes da fé o ser está só com Deus e, portanto, acima do *Geral*, da *média* e das *interpretações*.

No *Geral* não há fé. Há apenas entrega aos desejos de todos. É na fé que nasce o indivíduo, para si mesmo e para Deus!

●

Continuando, devemos também perguntar: E qual foi o critério Moral que Jesus usou para invadir a propriedade privada — contaminar-se contra a *Lei dos Cerimonialismos Judaicos,* pelo contato com os porcos e os porqueiros — e, além disso, ainda autorizar os demônios a entrarem nos porcos e a falirem o negócio dos porqueiros de Gadara? [[Mc 5: 12-13]]

E mais: Não teria Jesus que ter avisado a Jairo, o chefe da sinagoga — para cuja casa Ele foi diretamente após a *contaminação* em Gadara — que Ele, Jesus,

estava “contaminado”? Não seria isto o mais Moral e ético a fazer? Num mundo politicamente correto ninguém procederia como Jesus! [[Mc 5: 14-20]]

E que dizer da *falta de responsabilidade gerencial* de Jesus, pois, se permitiu ter um “tesoureiro de jornada”— no caso, Judas Iscariotes — o qual, conforme os evangelhos, era aquele que guardava o dinheiro e se importava acima de tudo com a manutenção do caixa sempre no *Azul*, não por outra razão, senão porque, sendo ladrão, metia a mão na sacola e de seus recursos se apropriava em benefício próprio? [[João 12: 1-8]]

E pior, é do ladrão, Judas, que vem *a expressão moral e ética de preocupação com os desperdícios*; ou seja: ele se “afligia” com as ofertas *derramadas* aos pés ou sobre a cabeça de Jesus — na forma de perfumes ou especiarias —, dizendo que aqueles recursos poderiam ter uma outra boa e melhor *aplicação social*, sendo transformados em dinheiro, ao invés de se tornarem *numa dádiva derramada apenas como cheiro*, aos pés de Jesus! [[João 12: 6]]

Sim, que dizer dessa falta de *apetite justiceiro* por parte de Jesus? [[Lc 12: 13-14]] Como interpretaremos, digo, *moralmente*, Sua total falta de interesse em *manter a organização irrepreensível*, preferindo que o ladrão se mostrasse, ao invés de “armar uma arapuca” a fim de desmascará-lo? [[Mt 26: 21-25]]

E mesmo assim, Ele repetia: *“um de vós é diabo”* [[João 6: 70]]. Mas nunca disse quem era e nunca o desnudou como ladrão! E vai mais além: sem hipocrisia, indaga de Judas, na Hora da Entregação: *“amigo, a que vieste”?* [[Mt 26: 48-50]]

Com que argumentos de natureza moral, ética ou gerencial se poderia dizer que Jesus era um líder confiável quanto a Sua capacidade de fazer gestão de dinheiro? [[Com a atitude que Jesus tinha frente aos bens materiais, especialmente o dinheiro—potestade por Ele denunciada como um ente espiritual que deseja o lugar de Deus na alma humana—, dificilmente Ele coubesse nas fronteiras da “igreja”. De um lado estão os históricos e suas auditorias contábeis e suas eventuais “disciplinas” aos “Judas” que sejam encontrados. De outro lado estão os “empresários dos negócios de Deus”, que *marcam em cima* não por causa dos pobres, mas unicamente em razão de seus lucros com o comércio da fé. Do ponto de vista dos que julgam que *a imagem da instituição* vale mais que a misericórdia que dá chance a Judas até ao fim — ou seja: até que ele se auto-defina —, a paciência gerencial de Jesus é inconcebível.

Interessante: Aquele que poderia julgar com total e absoluto acerto, não julga, mas espera — embora diga: "*um de vós é diabo*"! Enquanto isto aqueles que não podem julgar, apressam-se em defender a "imagem da igreja". *Para Jesus até o filho da perdição importava mais que a imagem do Colegiado Apostólico!*E nem os apóstolos tentaram encobrir o "suicídio" de um de seus pares. A verdadeira Igreja não acusa quem ainda não se mostrou e nem esconde como ela mesma é! Evitar a "*aparência do mal*" só é válido quando o evitar não realiza nenhum *mal pela omissão*. Nas ações de Jesus não encontramos essa preocupação. Aliás, Sua recomendação é "*não julgueis segundo a aparência, mas segundo a reta justiça*", pois, para Ele, na maioria das vezes, "*aquilo que é elevado entre os homens é abominação diante do Pai que está nos céus*".]]

Havia duas grandes acusações que os defensores da *Teologia* Moral faziam a Jesus em Seus dias: Sua megalomania messiânica, que o fazia declarar-se *igual a Deus* [[João 5:18]]; e Sua capacidade de *tranqüilamente transgredir* as morais vigentes em nome do amor, da justiça, da verdade, da compaixão e da misericórdia. [[E nesse ponto as citações são tão abundantes que não me resta outra coisa a não ser dizer a você: No caso de haver dúvidas, *Lei* a os evangelhos. Eles tratam mais dessas *transgressões do amor de Jesus* do que de qualquer outro tema.]]

A *Cruz* foi erguida exatamente nesse chão lamacento das morais farisaicas! [[João 11: 47 a 12: 1-11, para dar apenas um exemplo.]]

Cristo morreu pelos nossos pecados, mas os seus executores o mataram por causa de Sua " blasfêmia" e de Seu comportamento " marginal", sempre incluindo em Seu regaço os excluídos pela Moral da religião. [[A *leitura* dos textos de João 5, 8 , 9 e 12 bem ilustra esse conflito nas duas áreas. Isto para não falarmos que os religiosos dos dias de Jesus sempre foram aqueles que tentavam fazer gestão até dos milagres de Jesus. Os curados ficavam livres de seus males, e, freqüentemente, deparavam-se com o mal vestido de fariseu, teólogo ou sacerdote, proibindo a cura. Satanás nunca se divide contra Satanás.]].

Para concluir, isto nos põe a todos num único saco: *"pois todos pecaram e todos igualmente carecem da glória de Deus!"* [[Rm 3: 19-23]].

Aqui cessam as discussões morais como tendo relevância diante de Deus [[Aliás, é impossível acompanhar o raciocínio de Paulo em Romanos e Gálatas e não chegar somente a esta conclusão.]]. Elas têm seu papel regulamentador das relações num mundo de *consciência pagã, onde a Moral serve para refrear o*

ímpeto dos que não se enxergam e nem enxergam o próximo.

●

Então, depois disso, mais uma vez você se pergunta: para o quê, então, serve a Moral?

E eu, mais uma vez re-pito que a Moral serve, na melhor das hipóteses, apenas para dar limites ao *Geral*, pois ela é o *Geral*, conforme a maioria dos homens — pois entre os homens sempre há barganhas a fazer.

Todavia, em relação a Deus, ela não serve para nada, — digo eu— exceto para dar aos humanos uma sensação de segurança e auto-justificação, além de oferecer um *instrumento obtuso e injusto* de juízo do próximo!

Já a Verdade, a Misericórdia, a Justiça e a Equidade — que não têm, necessariamente, nada a ver com Leis Morais — nos são essenciais porque Deus ama a Verdade, a Justiça, a Equidade e a Misericórdia. Além disso, esses conteúdos promovem o espaço para que haja igualdade de oportunidades mínimas entre os humanos, como sociedade e como indivíduos e realiza esse Bem sem des-individualizar o ser humano!

A Moral, todavia, é apenas culto ao *Geral* e faz dos indivíduos seres a serviço do *Geral*, mas não os põe no caminho da individualidade que se *diferencia* do *Geral* a fim de que possamos ser; ao invés de sermos engolidos pelo *Geral*, diluindo o nosso ser .

A libertinagem gera dis-solução para o ser! [[Judas, o Irmão do Senhor, nos adverte que a *Graça* pode ser objeto da idiota presunção humana de interpretá-la como licença para a prática da libertinagem. Libertinagem é a banalização da liberdade, fazendo-a tornar-se escravidão à necessidade e ao desejo, mas sob o escudo da pseudo-justificação, que, nesse caso, justifica apenas o pecado, mas não liberta o pecador! Desse tema eu trato no livro escrito em 1987, chamado *Síndrome de Lúcifer*.]]

A Moral realiza a di-luição do ser!

Ambos os pólos adoecem a existência!

O mais interessante de tudo — conforme veremos con-substanciadamente num próximo livro, é que o Novo Testamento afirma nossa total libertação da *Lei* e da Moral, mas não *"para dar ocasião à carne"* . [[Em capítulos posteriores neste livro ampliarei o assunto. Mas, conforme venho prometendo, tratarei de modo mais claro e detalhado o tema, especialmente quando falarmos da ética da liberdade, conforme as Escrituras.]].

Ora, o *conceito de carne* é o que se torna importante para nossa percepção neste momento. Do contrário, não entendendo nossa liberdade em Cristo — que se deriva de estarmos *"mortos em Cristo"* — caímos no *caminho da carne*, que, para os autores do Novo Testamento significava a mesma coisa que para nós deveria significar hoje. Afinal, os que estão na carne não podem agradar a Deus [[Rm 8: 8]]. Isso, todavia, veremos mais adiante neste livro.

Agora, o importante a lembrar é que os que estão na carne não podem agradar a Deus! [[Rm 8:8]]

Sem fé, Abraão andaria segundo a carne, conforme seus filhos-genéticos dos dias do Novo Testamento, os quais, não se pouparam quanto à auto-revelação, quando acusaram *Aquele cujos dias Abraão viu e regozijou-se* — o Senhor Jesus — de ser *glutão, bebedor de vinho e amigo de publicanos, meretrizes e pecadores*!

♦ CAPÍTULO VIII – A TEOLOGIA DE CAUSA E EFEITO COMO FONTE DA JUVENTUDE PARA AS OBRAS DA CARNE!

Carne!

Essa é uma das palavras mais mal compreendidas do Novo Testamento. [[Façanha dos gregos e da prevalência de algumas de suas filosofias dicotômicas — objeto de rejeição apostólica no N.T., mas que foram absorvidas pela "Igreja". Para a "Igreja" carne tornou quase tudo aquilo que diz respeito ao corpo e à sensorialidade. Assim, a carne tornou-se quase tudo o que deveria ser vida-anima-natural!]]

No Antigo Testamento a carne não aparece nunca como coisa negativa. *Carne*, no Antigo Testamento, na maioria das vezes, é corpo, é visibilidade física, é a corporalidade da vida! Ou, como é óbvio, quase sempre, carne é para se comer! [[Penso que as afirmações acima são tão óbvias que dispensam maiores demonstrações. É chão-comum para todos os "intérpretes".]]

Em Jesus, a palavra *carne* também não tem nenhum significado negativo especial. Ao contrário, Ele faz alusões positivas à carne, especialmente quando faz do comer de Sua própria carne a fonte essencial da Vida. [[João 6—todo o capítulo.]]

Jesus quase nunca fala da carne, mas é acusado de comê-la com freqüência! [[Mt 11: 19; Lc 7: 34]]

Veja quais são as alusões que os evangelhos fazem das relações de Jesus com a carne, <u>positivamente</u>: A união sexual faz de dois, um; pois *cria uma só carne* [[Mt 19: 5; Mc 10:8;]]. E aqui, conquanto o contexto em questão fosse negativo, a alusão é positiva, pois nos remete para o ideal de Deus, conforme o *Princípio* [[Gn 2: 24-25]]. Ou seja: sexo é bom e faz bem. Sua utilização dessignificada é o que o torna uma mera troca de energias sem significado para a totalidade do ser, pois, não faz um só ser — expressos numa só carne—, mas dois seres fundidos em suas carnes na impressão de serem "*apenas-um-por-um-*

momento” .

O Verbo se fez carne [[João 1:14]]. Daí o concluirmos que a doença não está na matéria em-si-mesma, pois carne é matéria, como é óbvio.

O pão que seria dado *pela vida do mundo era a Sua carne* [[João 6:51-54]]. Ora, isto torna a “metáfora” apenas uma simbolização digna do alimento que vem da Vida de Deus.

A Sua carne é verdadeira comida [[João 6:55]]. Logo, a carne não só é alimento, mas também, em sendo a Dele, o verdadeiro alimento.

Então, Jesus faz uma definição “neutra” relacionada à carne: *Um espírito não tem carne nem ossos como vedes que eu tenho* [[Lc 24:39]]. Foi o que Jesus disse para descrever a “corporalidade” de Sua aparição aos discípulos após a Sua ressurreição.

As demais alusões são <u>negativas</u> e vêm associadas ao seguinte: *O espírito está pronto, mas a carne é fraca* [[Mc 14:38]]. Revelando assim a fragilidade da *carne como conjunto de representação do ser* quando exposto à tentação, especialmente se comparado à inclinação que o espírito, naturalmente, possui para buscar as comidas eternas.

Não foi carne e sangue quem to revelou essas coisas, mas meu Pai Mt 16:17]]. Afirmando a Pedro que o discernimento que este tivera sobre o fato de que Naquele “homem” que estava à sua frente, Deus Nele estava, jamais seria advindo, das conclusões da razão. Era a “revelação” soberana de Deus. A negatividade vem da afirmação da impossibilidade da carne de acessar a “revelação”.

O que é nascido da carne, é carne [[João 3:6]]. Foi o que Ele disse a Nicodemos, convidando-o a *nascer do espírito*. E, assim, abraçar uma vida levada pelo Espírito como que pelo vento que tange a pena no ar!

A carne para nada aproveita... [[João 6: 63]]. E, aqui, Jesus estava fazendo referência à hermenêutica letrista, literalista e antropofágica dos *“intérpretes da lei”*, que só conseguiam ler o que estava “escrito”, mas não sabiam perceber o que estava sendo “dito”.

Vós julgais segundo a carne [[João 8: 15]]. Denunciando o modo de pensar dos doutores da *Lei* e dos religiosos que com Ele discutiam. E, aqui, tratava-se de uma alusão às neuroses da *Lei* que os habitavam, daí o não conseguirem nem mesmo entender o que Jesus dizia, pois, as Palavras de Jesus eram Vida e só

poderiam ser inscritas e, portanto, entendidas, no coração. Eles, todavia, eram gente das Tábuas de Pedra, eram os Discípulos do Fixo, eram os Homens da Interpretação Pré-Moldada. Eram os Mestres das Belas Artes das Estéticas da Religião. Eles haviam se tornado em algo como Artistas Especialistas Apenas em Auto-Retratos. E a *Lei* exterior tornara-se a Moldura! [[João 8: 43]]

Ele, todavia, sabia que o Pai lhe *conferira autoridade sobre toda carne* a fim de que Ele pudesse conceder vida eterna a Quem Ele bem desejasse [[João 17: 2]]. Portanto, Jesus não se via preso ao entendimento dos doutores da *Lei* e nem discute com eles sobre as Suas próprias razões para fazer o que fazia e dizer o que dizia.

Jesus é a maior provocação à carne e Seu Evangelho é o seu maior confrontador!

Ao contrário de Jesus, Paulo faz uma construção abstrata da *carnalidade*, utilíssima do ponto de vista psicológico. Mas isto veremos mais detalhadamente no próximo livro desta série. Todavia, como Jesus é o Verbo que se fez carne, Ele não precisa usar *palavras* — carne, por exemplo — a fim de denunciar com a *Palavra* aquilo que com *palavras* Ele não precisa definir! E por quê? Porque para Ele não precisa estar "escrito" para estar "dito".

Agora, veja, no dia-a-dia, quem era e quem não era carnal do ponto de vista de Jesus. E

mais: quem era menos carnal do que quem, também aos Seus olhos.

Carnal para Ele não é quem bebe o vinho, é o que não o bebe e odeia aqueles que têm a coragem de bebê-lo, não fazendo o que o outro faz apenas por medo religioso ou mera preservação da imagem. [[Lc 7: 34]]

Por isso, Jesus não fala muito da carne, mas fala do mal [[Lc 12: 1-2]], da incredulidade [[Mc 6: 6]], da blasfêmia [[Mt 12: 31-32]], da cegueira espiritual [[João 9: 39-41]], do amor ao dinheiro [[Lc 12: 12-21]], da falsificação da devoção [[Mt 6: 2-18; 23: 1-23]], das seduções do poder [[João 13: 1-13—onde o antídoto é o exemplo de serviço. O que ecoa: *"...tal não é entre vós... "*, quando Ele fez diferença entre os líderes dos povos e aqueles que servem ao próximo em Cristo.]], das tentações [[Lc 22: 31-32]], e, sobretudo, do coração, de onde procedem os *"maus desígnios"*. [[Mc 7: 15-23—e aqui vale lembrar que os "*desígnios de Satanás*"(II Co 2: 11) encontram seu recíproco no coração humano (Mc 7: 31-32). Daí o contexto de II Coríntios ter relação com o *perdão* — ou seja: com a *Lei* da Graça. O mesmo se pode dizer de Efésios 4: 26-27, onde a ira contínua, em se estabelecendo como estado de ser—"*não se ponha o*

sol sobre a vossa ira”—, poder criar a ambiência na qual o diabo acha o seu lugar nos labirintos do ser. Portanto, os “*desígnios de Satanás*” nada mais são que o estabelecimento de nossos próprios desígnios maus como sendo nosso direito. O conselho de Tiago—“*resisti ao diabo e ele fugirá de vós*”—tem seu equivalente em *resisti aos vossos próprios maus desígnios e o diabo fugirá de vós*. Ou ainda: *“O pecado jaz à porta e a ti cumpre dominá-lo! ”*—conforme o que Deus disse a Caim. A mais sutil de todas as manifestações dos desejos do diabo é aquela que se torna “meu direito” no que tange a expressão do meu ser. E não creio ser necessário me estender, mas vale lembrar que a *Teologia Moral de Causa e Efeito* carrega consigo o poder de transformar maus desígnios em virtudes morais, conforme foi amplamente demonstrado em *O Enigma da Graça*!]]

Ora, se há um conceito de “carnalidade” expresso por Jesus, ele não aparece em relação a *publicanos, meretrizes e pecadores,* mas sim, diretamente vinculado aos religiosos de seus dias, e, entre esses, os mais “zelosos”: *os fariseus e autoridades religiosas*! [[As referências são tantas que não vale a pena transcrevê-las.]]

Para Jesus o homem carnal é, sobretudo, o religioso presunçoso e arrogante. É ele, o dono da verdade, aquele a quem o Senhor chama de *“hipócrita”* . A maior carnalidade para Jesus é não se enxergar e, ainda assim, ser capaz de julgar o próximo. [[Mt 7: 1-5]] E pior: tentar “cloná-lo”, fazendo-o duas vezes pior do que nós! [[Mt 23: 15]]

O diálogo de Jesus com Nicodemos também nos mostra o que, do ponto de vista do Senhor, é um homem carnal — *nascido apenas da carne* —, sofrendo da carnal presunção de se sentir e se perceber — auto-enganadamente, é claro! — como um mestre, um ser formado, acabado, e, a quem, Ele, Jesus, disse ser necessário *nascer de novo*. [[João 3: 6 e 10. É curioso que é justamente para um “mestre em Israel” aquele para quem Jesus diz ser “necessário nascer de novo”. O ser que se sente “construído” tem que se des-construir diante de Jesus. Nós, todavia, usamos a expressão especialmente para aqueles para os quais Jesus, provavelmente, não a usaria. E poupamos dela aqueles aos quais Jesus não poupou. Provavelmente Jesus falasse de Novo Nascimento entre nós exclusivamente para os “mestres”, os seres “formados”, os humanos que se sentem “concluídos” pela sua presunção de serem.]]

O carnal não sabe que é carnal, afinal, ele se vê como um ser acima de tudo e todos, pois, em seu auto-engano, está “formado”. Esse é, segundo Jesus, um

carnal que precisa urgentemente nascer da água e do Espírito e se deixar levar pelas incertezas do vento! [[Veja nos evangelhos que o tema do Novo Nascimento só foi mencionado com essa metáfora em João, e para o professor do seminário e para o "teólogo".]]

O culto à segurança pode ser uma terrível expressão de carnalidade, segundo Jesus! [[Lc 12: 20]]

Ora, pela leitura dos evangelhos, não vemos Jesus associar a "carnalidade" aos banquetes, às festas, aos casamentos, às alegrias nas praças, aos erros humanos e, nem ainda , à infelicidade congênita ou aos desastres. [[Em meu livro "***Seguir Jesus — o mais fascinante projeto de vida***", tratei deste assunto de modo muito mais amplo.]]

Nem tampouco vemos Jesus chamar de carnalidade o cansaço, a irritação, a ira justa, ou mesmo a violência que nasce das respostas à sobrevivência. Para Ele, também, o mais carnal não é o que vai à guerra e mata, mas aquele que fica amaldiçoando invejosamente a benção da coragem concedida ao guerreiro, ainda que também se sirva e usufrua das libertações que ele consegue.

Carnal, no evangelho, não é a mulher que vem da noite escura e ilumina a sala com seu amor, lágrimas e beijos nos pés de Jesus. É o seu opositor cheio de justiça aquele a quem Jesus denuncia como carnal. Assim, para Jesus, o carnal não é, necessariamente, aquele que na busca de amar, equivocou-se, mas aquele que nunca amou por total impossibilidade ou medo de o fazer. A maior carnalidade é não ser capaz de amar, ainda que equivocadamente; é a total falta de desejo de conhecer o amor. [[Lc 7: 47]]

O ser totalmente carnal é, paradoxalmente, o ser totalmente inafetivo!

O carnal, em Jesus, é o fariseu, o hipócrita, o presunçoso, o arrogante, o seguro de si, o ser certo de suas certezas!

Carnal é aquele que confia nos resultados de suas próprias produções legais, morais e religiosas! [[Mt 23, todo o capítulo, cobre cada uma das afirmações anteriores sobre o "carnal", segundo Jesus.]]

Portanto, de acordo com os evangelhos, o carnal é aquele que não se enxerga, mas vive da presunção de pensar enxergar o próximo!

Além disso, para Jesus, o carnal também era o *irmão* incapaz de se alegrar com a alegria do *Pai* pelo retorno de um *"outro irmão"* — seu igual — que, tendo escolhido correr o risco de visitar *"terras distantes"* , voltava quebrado e humilhado ao seio da família, sem possuir mais fantasias que não fossem as reais alegrias da verdade.

Ora, esse Irmão Mais Velho, incapaz de entrar na festa, é o carnal, de

acordo com Jesus. Afinal, é a festa que o Pai deu para celebrar a volta de Um de Seus Filhos — *que estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado!* O Filho Zangado, o Irmão Mais Velho, apesar de todos os apelos paternos, não quis entrar e viver com o Pai a alegria de reencontrar o Irmão que, agora, felizmente, estava totalmente *des-enganado*.

Sim! É o Irmão Invejoso do pecado e do perdão que o Des-Enganado, o Pródigo, recebera do Pai, aquele a quem Jesus vê como sendo o carnal que nunca comeu a carne, de nenhum tipo, nem mesmo a carne de um cabrito, *para se alegrar com seus amigos*!

Carnal é um ser que se entristece com a manifestação da *Graça* e do perdão!

Carnal, para Jesus, era o devedor perdoado que não era capaz de perdoar algo infinitamente menor, no seu próximo. [[Mt 18: 23-35]]

Ou ainda aquele *crente* que jejuava duas vezes por semana, dava o dízimo de tudo, que orava muitas vezes ao dia, e que agradecia a Deus em alto e bom som a benção de não ser como o pecador que chorava culpado e aflito ao seu lado. Ora, na mesma oração de ações de *Graça* s, ele ainda louvava a Deus por nem sequer ser parecido com os demais homens que se assemelhavam àquele pária que chorava diante de Deus, sem nem mesmo ousar olhar para cima, ao seu lado [[Lc 18: 9-14]]. Sim! O auto-justificado, para Jesus, era o carnal!

Carnal também, para Jesus, era ser como os mal-humorados religiosos que encontravam *razões exatamente iguais* para reclamarem a Deus pela existência de seres tão *santa e comportamentalmente díspares* quanto João Batista e Jesus. [[Mt 11: 16-19]]

Ou seja, aos olhos de Jesus, mal-humor crônico contra as expressões da *Graça de Deus* que não sejam de nosso "gosto", expressam também a nossa carnalidade.

E pior ainda, para Ele, carnalidade era não temer exercer controle, comércio e juízo no território consagrado a Deus pelos homens! [[João 2: 13-22]]

Para Jesus, mais carnal que a adúltera era a assembléia que se reunia, com pedras nas mãos, com o orgástico intuito de apedrejá-la. [[João 8: 1-11]]

Além disso, para Ele, pior do que ser carnal, era ser um carnal burro, insensato e desonestamente estúpido. Daí, o *administrador infiel* ser "elogiado" pela sua sabedoria de tentar fazer o melhor que pudesse com as conseqüências

de seus erros irreversíveis. [[Lc 16: 1-13]]

Todavia, para Jesus, o pior carnal é aquele que não move as mãos, os pés, e não usa os sentidos e o coração para perceber a presença Dele no encontro com o próximo — indo da peste à cadeia; do hospital ao exílio; da inanição à inibição de ser um estrangeiro! Quem não vê na carência do *próximo-inaproximável* a presença da *Graça* de Cristo nele oculta é o supremo carnal da História. [[Mt 25: 31-46]]

SIM! PARA JESUS O CARNAL É AQUELE QUE SÓ VIVE O QUE PODE BANCAR POR SI MESMO. DO CONTRÁRIO, PREFERE SE PROTEGER DO RISCO DE VIVER. [[Mt 25: 14-30]]

O conceito de Paulo sobre o tema da carnalidade não é diferente — e nem poderia ser — daquilo que Jesus ensina ser obra da carne. [[Em Paulo, as palavras *carne* e *corpo* muitas vezes são sinônimas. E para ter essa certeza você não tem que ser um "exegeta" do Novo Testamento. É mais simples, pois, afinal, não precisa estar "escrito" para estar "dito". Portanto, basta que você apanhe uma *Concordância Bíblica* e veja os "sentidos" do uso de ambas as palavras e compare-as com seus contextos antecedentes e imediatos no texto em questão e você verá a clareza de cada significado, *mesmo que você não saiba grego*.]]

Em Jesus, a carne, negativamente falando, é toda produção da arrogância humana, especialmente a presunção do juízo sobre o próximo e sua malfadada tentativa de se auto-justificar diante de Deus.

Ora, Paulo diz exatamente a mesma coisa, só que usando conceitos e fazendo-os viajar através de uma linguagem "teológica"; ou seja, partir de um desenvolvimento conceitual daquilo que Jesus simplesmente fez e disse.

O conceito de carne como corpo e de carne como a produção da alienação de Deus e de suas ilusões de auto-suficiência, nós veremos ainda um pouco mais adiante neste livro e num próximo que ainda me proponho a escrever.

♦ CAPÍTULO IX – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO COMO NEGAÇÃO DA PALAVRA

Neste ponto, a fim de não ser exaustivo, quero apenas que você medite comigo num dos mais cruciais textos da Escritura: *a tentação de Jesus no Pináculo do Templo!* [[Mt 4]]

Hoje em dia, aquela tentação é comum-mente — e a mente, comumente, mente!— interpretada como sendo a do materialismo dos milagres e do carismatismo do poder de personalidades que impressionam por suas "mágicas sobrenaturais".

Ela é vista também como a tentação do marketing da piedade pessoal — o que também é poder —, ou ainda, como a tentação de "encurtar" a longa estrada do discipulado e da vivência na Palavra, por uma "rota mais curta", especialmente visando à auto-afirmação ministerial no ambiente cristão, ou como Eliú, entre os *"amigos de Jó"*. [[Já tratei do assunto em mais de seis livros e em muitas palestras e conferências.]]

Enquanto isto, no Pináculo do Templo, Satanás deseja que Jesus dê uma prova irrefutável de que Ele é o Filho de Deus. Era a violação da *Lei* de causa e efeito no mundo físico —"*atira-te daqui abaixo"* — a fim de estabelecer uma *outra* relação de causa e efeito: *"Quebra deliberadamente o efeito e tu serás a tua própria Causa!"* .

Ou seja, Satanás convidava Jesus a muito mais do que para um *Show Messiânico*. Ele convidava Jesus para o "Pináculo do Templo", para aquele lugar de onde o *"Querubim da Guarda"*foi derrubado, tornando-se Diabo e Satanás. [[Is 14: 12; Ez 28: 1-19—em ambos os contextos há personalidades humanas referenciais desse "poder" na Terra. No primeiro caso era o rei de Babilônia. No segundo, o rei de Tiro. Porém, é inequívoco que a Bíblia manda ver atrás e para além deles quem era o tirano: Satanás, o mesmo que tentou a Jesus.]]

Figurativamente, Satanás tenta colocar Jesus acima do Pai, no Pináculo de Sua Habitação! [[Essa é uma obsessão humano-satânica presente em toda a

Bíblia. Os profetas a denunciam insistentemente.]]

Essa é a tentação de todos aqueles que desejam se afirmar acima de sua vocação e que desejam se tornar independentes de Deus no "lugar sagrado". [[O material bíblico a esse respeito é tão grande que é quase uma ofensa aos textos escolher apenas um ou dois para ilustrar o que digo.]]

E pior, é a tentação dos que confundem Deus com o "lugar sagrado", que rejeitam sua situação de criaturas, que pensam que possuem auto-suficiência para cumprir sua própria missão e que se enganam pensando-se detentores da chave da vida, ou do significado pessoal de suas próprias histórias —baseados em suas próprias virtudes —, sendo que, na maioria das vezes, tomam para si também a prerrogativa de juízes de toda a vida na Terra. [[Fp 3: 4-6: Veja como a pre-suposição auto-referente de Saulo de Tarso, em sua entrega ao legalismo farisaico, o colocou na posição de *perseguidor*, de satanás do próximo (I Tim 1: 13)]]

E isto tudo fundados no sucesso de suas performances espirituais ou materiais. Ora, Satanás também tem anjos a seu serviço. E se estavam disponíveis para o "sucesso do salto de Jesus", não estariam também disponíveis para o sucesso da "igreja"? [[A "igreja" deveria sempre levar em consideração duas coisas: os *anti-cristos* saem de seu "meio" (I Jo 2: 19) e, ela mesma, pode receber o "*poder e os sinais e prodígios da mentira*" (II Tess 2: 7-12). Ora, se os *anti-cristos* podem sair de entre nós ou viver em nosso "meio", nada seria mais simples que os *sinais e prodígios da mentira* também os acompanhem onde estejam. O problema é que enquanto *caçamos anti-cristos* no mundo, *não os percebemos entre nós*! O anti-cristo é o inimigo da *Graça* que vem da *Cruz*, mesmo que com os lábios a exalte! A maior manifestação de um ser marcado pela *Cruz* é a *Graça* e a misericórdia que dela decorrem na direção do próximo! Todavia, os poderes de sedução da auto-justificação, da justiça própria e do engano satânico podem iludir *os próprios eleitos*, conforme nos advertiu Jesus.]]

Sucesso não é problema para quem disse "*tudo isto te darei se prostrado me adorares*". E se fosse mentira, não seria, pelo menos para Jesus, nenhuma tentação!

A tentação é a *possibilidade!* Exatamente como lá no *Jardim do Edén*. Tanto era possível, que aconteceu! Tanto era mentira, que aconteceu sem realizar a promessa de Vida e Saber para o Bem!

As "verdades" do Diabo realizam o *possível*. O que não realizam é o *impossível dos homens* — e do Diabo também —, *que só é possível para Deus*,

e, no caso, a maior impossibilidade da Terra e do Céu é a *salvação* de um homem por seus próprios méritos ou pelo apropriar-se das "possibilidades disponíveis". [[Lc 17: 27, onde o grande milagre é a *Graça* da salvação!]]

E isto pode se manifestar como objeto de fabricação espiritual, de invenção Moral, de auto-glorificação, de saúde psicológica, de poder político ou eclesiástico, ou de qualquer outra coisa que tire você do *caminho de ser de Deus apenas por Deus!* [[Cl. 2— todo o capítulo, onde filosofias, tradições, anjos, falsa humildade e rigor ascético nos são apresentados como os álibis que mais freqüentemente usamos a fim de não nos entregarmos a uma vida sem mediadores entre Deus e os homens.]]

Em suma: a proposta de Satanás realiza qualquer coisa, menos a entrega verdadeira ao *Deus de Jesus* ! [[Em meu livro *Oração para Viver e Morrer* (Ed. Vinde-1993), você encontrará muito mais elementos sobre o *Deus de Jesus.]]*

E, aqui, devo dizer o seguinte:

Esta é especialmente a tentação do virtuoso, do artista, do intelectual, do psicólogo, do analista, do filósofo, do sacerdote, do pastor ou mesmo do monge!

Um homem com capacidade excessivamente "criativa" corre mais facilmente o risco de se con-fundir com o Criador num surto de auto-glorificação do que os que "criam menos". E, na maioria das vezes, fazem isso até inconscientemente, e, por esse auto-engano, tentam "substituir" Deus pelas impressões de seus *criativos corações*.

Hoje em dia, nós temos muitas justificações éticas, morais, teológicas, políticas e de natureza mercadológica — ou seja, marketeira —, para nossa entrega freqüente aos "convites de Satanás" para que subamos ao Pináculo do Templo! [[Um dos mais celebrados "dons espirituais" hoje em dia é o do "dom do marketing". Já há até livros devocionais sobre o Marketing de Jesus!]]

Todas são fruto da *Teologia da Terra* que é a sistematização teológica da *Escolha de Adão*.

Afinal, é Adão quem decide assumir responsabilidade sobre o que é Bom ou Mal!

Neste sentido eu diria que a Religião — e nisto incluo, obviamente, o *Cristianismo* e todas as suas variáveis históricas — é a mais sedutora forma de tentação.

A Religião — que é sempre *Teologia da Terra* — se "vende" como o meio de nos fazer "obedecer a Deus", supostamente conhecendo o "bem" e o "mal",

enquanto é apenas uma invenção humana que é fruto da obediência aos desejos de auto-justificação ou fruto da mera *neurose de obediência* de almas não atingidas pela *Palavra* e pela *Graça*. Ou seja, a inclinação normal do Homem Natural é para Religião ou para qualquer outra forma de auto-justificação ou de auto-glorificação!

A RELIGIÃO PODE ATÉ MESMO SE TORNAR O ESCONDERIJO DE ALMAS AMANTES DO MAL, E QUE ESCOLHEM O MELHOR DE TODOS OS ESCUDOS PARA SUA CAMUFLAGEM: A MORAL RELIGIOSA!

Quanto mais perto do Pináculo do Templo se chega, mais entregue aos ventos dessa tentação nós ficamos!

O mesmo se pode dizer da Moral ou, diluidamente, da Moralidade.

Afinal, o que o Diabo diz também é: “Prove, por você mesmo, e com seus próprios méritos, que você é Filho de Deus!”

Como criaturas, nós também somos *filhos de Deus* e somos também freqüentemente tentados a fazer uma demonstração “milagrosa ou Moral” desse *vínculo*.

Note que quanto mais profunda é a filiação, maior é a tentação. Por isso, em Jesus temos o *Ápice da tentação*! A tentação de Jesus foi total, bem mais total do que a de qualquer outro homem, por inúmeras razões, mas aqui veremos apenas uma.

A tentação é tanto mais poderosa quanto menos fragmentado for o ser! Seres excessivamente fragmentados sofrem fracas tentações. Eles caem muito porque ficaram do tamanho delas, todos os dias!

E no mundo atual, eu diria o seguinte: o homem comum, não cristão — seja ele intelectual ou de pouca condição reflexiva — sofre menos “tentação” que o homem “religioso”; e o “religioso”— não importando o credo — sofre ainda menos tentação que o “cristão”.

O problema é que o “cristão” ainda tem que sofrer mais que a culpa — na maioria das vezes, mais *neurose* que “culpa”; ou mais *cinismo* do que “paz”—, que é a presença semidivina da “igreja”, que se arroga o papel de ser a detentora histórica do “bem” e do “mal”.

A “IGREJA” AINDA NÃO ENTENDEU QUE ELA SE TORNOU A

MAIS ARROGANTE REPRESENTANTE DA FRANQUIA TERRESTRE DA ÁRVORE DO CONHECIMENTO DO BEM E DO MAL!

Ora, aqueles que habitam o “pináculo”, tornando-se escribas dos oráculos que de lá advêm, são aqueles que sofrem a pior tentação e é neles também onde ela cresce ainda mais.

Lembre-se, o próximo passo é a “interpretação da Escritura”, conforme uma “hermenêutica satânica”. Aparece, então, a exegese do Salmo 91.

Pois, então, lhe disse o Diabo: *“Se és o Filho de Deus, atira-te abaixo, por que está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito, que te guardem; e, Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra”*.

E que ironia! No pináculo teológico e religioso a tentação é muito maior!

E nesse particular é bom que ninguém esqueça os fariseus e os escribas da *Lei* dos dias de Jesus. Eles eram homens do templo, sua piedade e religiosidade externas eram inquestionáveis; suas boas obras, irrepreensíveis; suas esmolas e jejuns, impossíveis de não serem reconhecidos; seu interesse pelas Escrituras, obsessivo.

Mas, e daí?

Quanto mais uma pessoa se dedica à letra, menos se dedica à Palavra e mais distante fica de Deus.

A letra mata!

E, aqui, Satanás nos chama para a tentação do letrismo, do literalismo, das exegeses sem o Espírito, para os códigos de obediência externos, para o marketing religioso, para o exame anatômico das letras da Escritura para ver se “nela” encontramos o “espírito”— inversamente — conforme os “materialistas russos” do século passado que dissecavam o corpo para demonstrar a inexistência do espírito —; e, nesse ponto, Satanás também nos incita à “possibilidade” de *escravizar Deus* às “ordenanças de nossas profecias”.

Afinal, *“está escrito!”*

E, neste aspecto, basta ouvir programas cristãos no rádio ou vê-los na televisão, ou mesmo, basta ir à maioria das “igrejas de poder”, que se verá a “hermenêutica de satanás” sendo pregada.

É quando Deus tem que “obedecer” à Sua Palavra em sujeição à ignorância humana — o que é o *de-menos* em toda a história —, ou quando Ele tem de se tornar “cúmplice” da pilantragem realizada em Seu nome, cumprindo,

supostamente, promessas que Ele não fez; ou quando Ele é o “estivador celestial” que apenas realiza a “agenda” de curas e milagres que os agentes de publicidade e marketing da religião pre-definiram.

E mais, isto acontece também quando Deus tem que cumprir a “Escritura”, que no caso foi objeto não só de exegese satânica, mas também teve seu aplicativo “cristão” muito bem “apropriado” aos interesses financeiros, psicológicos — no caso de “messias” que sofrem de surto religioso —, ou “teológicos”, daqueles que dizem: *“Deus não pensa assim!”*

Neste último caso, é quando se “usa” a Palavra para se “construir” uma teologia ou uma Moral que reflita não a verdade da Palavra, mas um exercício satanizado de capacidade interpretativa, fundado na doença Moral-psicológico-teológica do “messias” ou “escriba” ou “fariseu” em questão!

Assim, aprende-se que é no lugar sagrado e no manejo autônomo da Escritura, onde mais corremos o risco de cair em tentação!

Jesus poderia até ter pulado do Pináculo do Templo. Anjos poderiam até ter vindo socorrê-Lo — e não faltariam voluntários celestiais satânicos para cumprir a missão de aterrissagem de Jesus no pátio do Templo —, mas a Glória do Pai teria sido profanada!

Jesus teria feito o caminho de Lúcifer!

Na base de tudo está o seguinte:

A ESCRITURA É ABSOLUTA. SUA INTERPRETAÇÃO, TODAVIA, É RELATIVA.

Isso porque as “mentes” que a interpretam já carregam suas próprias “certezas” fundadas no engano do conhecimento do “bem” e do “mal”, conforme a interpretação do “Pináculo do Templo”, onde o livro de hermenêutica por excelência é aquele cujo título é: *“O Saber Conforme a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal”* .

É por isso que a manifestação de libertação de Paulo — em sua conversão *da* pré-suposição “legalista-farizaica” *ao* mergulho na *Graça* —, foi, na minha opinião, o mais revolucionário, lúcido e consciente passo de fé que alguém já deu depois de Jesus.

Paulo, atingido pela “*revelação*”, em obediência à *Palavra* de Jesus, se sujeitou a re-ler toda a *Escritura*, a fim de nela discernir o espírito da *Palavra* e

a palavra do *Espírito* [[Aqui fica apenas a minha insistência para que você leia toda a epístola de Paulo aos Gálatas. Não se trata nem mesmo de receber "iluminação" para entender pelo menos o que está escrito. Basta apenas que você saiba ler. Se você concorda ou não com Paulo, é outro assunto. Todavia, em Gálatas, não é possível encontrar nada que apenas não reforce a tese deste livro.]].

Agora, voltemos ao princípio de tudo. Eu disse que Satanás convidara Jesus para quebrar um *princípio físico* de causa e efeito — a *Lei* da gravidade —, a fim de fazê-lo mergulhar num outro princípio, espiritualmente negativo:

QUEM QUEBRA DELIBERADAMENTE O EFEITO DAQUILO QUE É ABSOLUTO, TORNA-SE SUA PRÓPRIA CAUSA. E, ASSIM, SE ACUMPLICIA A SATANÁS, QUANDO SUBIU SOZINHO AO PINÁCULO DO TEMPLO CELESTIAL E DISSE: "EU SUBIREI; EU FICAREI ACIMA DO ALTÍSSIMO!"

O que não percebemos é que a tentativa de quebrar a *Lei* natural de causa e efeito é o que nos faz ser **a** "Causa" e os efeitos passam a ser apenas aquilo que nós criamos a nosso bel-prazer ou conforme nossas melhores *barganhas* com a nossa própria pseudo-divindade!

Afinal, nós viramos a própria medida de todas as coisas, mesmo que isto aconteça sob os disfarces de piedades religiosas, como é mais comum acontecer!

Sempre que o homem é a "causa", Deus é um mero "efeito"!

E esta é a grande blasfêmia!

Daí, a Moral, a Ciência, a Teologia, a Filosofia, a Política, as Artes e toda a produção humana que se percebem como "causa", tenderem a tornar Deus um *mero efeito*.

E a *Cristandade* é quem deu o maior exemplo e quem *melhormente piorou* essa ilustração!

Ora, como é possível ler-se os evangelhos, ver Jesus em ação e em vida — revelando *Graça*, amor, verdade e sentido de propriedade em tudo o que fazia; perceber Seu carinho e paciência com a necessidade e miséria humanos; Seu *humor* fortemente alterado frente aos *Habitantes do Condomínio do Pináculo de Jerusalém*, os fariseus e autoridades do Templo — e ainda pensarmos que o *Cristianismo* se parece com Ele, Jesus?

De fato, percebemos imediatamente como a prática cristã, sua postura histórica, sua construção religiosa, sua atitude desumana, seu rigor maligno na defesa do Nome de Deus e, sobretudo, sua arrogância no falar como detentora da verdade, é uma inequívoca rendição da "insígnia cristã" à proposta do Diabo!

A salvação da Igreja está em não se impressionar com a citação das Escrituras, mas, antes disso, buscar obediência a Deus e à Sua Palavra, apenas e tão somente porque é Palavra *de* Deus.

SEMPRE QUE SE OBEDECE À ESCRITURA POR CAUSA DELA MESMA SE ESTÁ CEDENDO À TENTAÇÃO DO DIABO! [[Não é de estranhar, portanto, que o *pai da fé*, Abraão, tenha vivido pela fé na *Palavra* antes de haver *Escritura*, mostrando-nos assim, que a Palavra precede a Escritura. A fé vem pelo ouvir-escutar-crer-render-se à Palavra. E a pregação só é Palavra se o Espírito estiver soprando. Do contrário, é só prega-ação! E a pregação que não é Palavra, é apenas estudo bíblico, podendo gerar mais doença que libertação. A grande tentação é fazer a Escritura se passar por Palavra. As Escrituras se iluminam como a Palavra somente quando aquele que a busca tem como motivação o encontro com a Palavra de Deus. Ou quando o Deus da Palavra fala antes ao coração! A Bíblia é o Livro. A Escritura é o Texto. A Palavra, **É** !!!]]

A "Escritura", sem Deus, é apenas um texto religioso aberto a toda sorte de manipulações!

No genuíno encontro com Deus e com a Palavra, a Escritura vem depois. Sim! A Escritura vem bem depois!

O processo começa com a testificação do Espírito — pelo testemunho da Palavra [[Atos 16: 14; Rm 8: 14-17; 10: 17]] — de que somos filhos de Deus. Depois, nos aproximamos da Escritura, pela Palavra. E, então, salvos da "Escritura" pela Palavra, estudamo-la buscando não o seu poder ou o seu saber, mas a "revelação" imponderável acerca da natureza e da vontade de Deus, que daquele "encontro" — entre a Escritura, a Palavra e o Espírito — pode proceder. [[João 5: 39-40—onde o "exame" das Escrituras só se atualiza como vida se acontecer em Cristo.]]

Um ser "pré-disposto" ao sucesso teria pulado do Pináculo em "obediência" à Escritura e à sua literalidade, violando, para sua própria morte, a Palavra.

Sim! Estava escrito. Porém, não estava dito!

Ora, é em cima do que está "escrito", mas não está *dito*, que não só cometemos "suicídios", mas também "matamos" aqueles que se fazem

“discípulos” de nossa arrogância, os quais, motivados pelas nossas falsas promessas, atiram-se do Pináculo do Templo abaixo.

E é também por causa desse tipo de obediência à letra da Escritura que nós morremos.

A letra mata!

Olhamos em volta e vemos o *Livro de Deus* em todas as prate-Lei-ras. Vemos o povo carregando-o sob o braço, e percebemos que eles são apenas “consumidores de Bíblias”.

Vemos seus líderes e os percebemos, muitas vezes, apenas como “mercadejadores” de Bíblias e dos “esquemas” e “programas” que se derivam do marketing que oferece e vende sucesso em “pacotes em nome de Jesus”.

Sim! E isto tudo não porque nos faltam Bíblias e muito menos acesso à Palavra. O que nos falta é buscar a Deus por Deus. Ser filho amado de Deus não porque isto nos dá status Moral sobre uma sociedade que não é mais perdida que a própria “igreja”, coletivamente falando, é claro!

A *Teologia Moral de Causa e Efeito* é filha da observância externa da *Lei*, tornando o homem a *Causa* e Deus o *efeito*!

A *Teologia Moral de Causa e Efeito* é uma produção que tem o Diabo como consultor e tutor teológico do Curso. É o “uso” da Escritura a fim de “adulterar” a Palavra. Esse é o grande adultério, e que é aplaudido, consentido, aprovado, entusiasticamente estimulado e do qual, a maioria de nós, se faz, no mínimo, um *voyer*, sendo que boa parte de nós, faz parte ativa dessa confraria, onde o Diabo dá aula de Moral, de Teologia Sistemática e, sobretudo, de Hermenêutica.

O que parece é que nos é impossível perceber que a única ética cristã possível, é fruto da liberdade!

Tudo o que não for *escolha* pelo bem-revelado, feita como resultado de uma *liberdade responsável*, é Moral; não é *Ética* [[E aqui, creio ser bom repetir, para que ninguém se equivoque a meu respeito, que creio que a *Fé* desemboca na *Ética*, na medida em que é parte essencial da fé que venha a si manifestar e a *operar pelo amor*, conforme Paulo. E o amor é essencialmente ético, como já vimos!]]. É *Estética*, mas não é *Verdade*. É *Dogma*, mas não é *Revelação*!

Moral não agrada a Deus. É filha do medo. É governada pela imagem. E tem, como sua “filha de criação”, a hipocrisia. E pior, sua mansão mais pomposa é a Religião.

Ética, todavia, é filha da liberdade de escolha. E é apenas quando, sem medo, se escolhe o que é bom, é que o bem do bom, nos faz bem. Do contrário, até o que é bom, escolhido por medo, faz mal.

Se o interesse de Deus fosse ter filhos que o obedecessem por ignorância ou medo, melhor teria sido que nos tivesse deixado no estado adâmico, antes da Queda; ou seja: no *Jardim das Não Escolhas* — onde não houvesse também a Árvore da Tentação!

Isto porque, sem a presença da "porta" — a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal —, estaríamos em melhor situação: desassombradamente sem consciência e sem medo!

Se, todavia, Deus colocou uma "saída" para fora desse "Pleasantville" [["A Vida em Preto e Branco" - Filme que mostra um mundo cheio de ordem, mas sem cor até que a vida e a liberdade entram nele pela quebra da ordem e suas clonagens. É quando a transgressão, paradoxalmente, promove uma in-gressão na vida como individuação!]] na Terra, é porque o único comportamento humano que faz sentido é aquele que é filho da liberdade que escolhe sem medo, pois, escolhe com consciência em fé, que significa automaticamente fazer opção pela Árvore da Vida, não como um caminho humano, mas como uma entrega em fé.

Afinal, para os que desejam encontrar o *Caminho Para a Árvore da Vida* com as próprias pernas, deve-se lembrar que o Senhor posicionou um *Querubim*, com espada na mão, a fim de impedir tal acesso, pois, é da presunção de comer de seu fruto sem a mediação da *Graça* de onde procede toda Perdição!

A *ciência* da consciência que escolheu a Árvore da Vida é aquela que existe em fé na *Graça*; ou seja, no fato de que Deus sabe por mim, e sabe somente para o meu Bem, nunca para o meu Mal. Por isto eu ando em fé!

Todavia, a consciência que se arrima no saber que vem do fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal existe com a arrogante certeza de pensar que conhece sempre para si e para os outros o que é bom ou mal. Portanto, ela caminha no chão do juízo, da culpa e do medo, quando está sob surtos culposos; e existe em arrogância existencial, justiça própria Moral e julgamento togado da vida dos outros, quando as exterioridades dos comportamentos encobrem, eclipticamente, as sombras do ser que não se enxerga. E, assim, caminha com "certezas" mas não em fé. "*O meu justo, todavia, viverá pela fé*"—disse o Senhor!

Fé, Esperança e Amor são o Fruto da Árvore da Vida!

É por isto que Paulo diz que contra o *fruto do amor não existe Lei* [[Gl 5: 22-23]]. Ao mesmo tempo, João diz: *"Onde há medo, não há amor"*. [[I João 4: 16-19]]

Portanto, é só somar!

Se há medo, não há amor. Se não há amor, pode haver sujeição, mas nunca obediência.

E sem liberdade, nenhuma obediência é fruto de uma escolha. E uma escolha que não seja livre, não é obediência, é sujeição. E, na sujeição, não há amor, pois, este só se realiza como livre escolha.

Portanto, o que sobra, é a *Lei* e seu maior derivado: a culpa amedrontada e que nos joga nos braços insaciáveis do pecado!

Isto porque a *Lei* é a norma dos seres que não têm consciência própria, pois não têm liberdade para escolher por si mesmos o que é bom, sendo, portanto, escravos da *Lei* mesmo quando a cumprem, visto que, neles, a obediência não é verdadeira, não sendo, desse modo, nem pura e nem genuína. Portanto, não agrada a Deus.

E por que é assim?

É porque não é fruto da consciência movida pela liberdade do amor!

Pelo contrário, é o produto do medo que se sujeita ao "Tirano"—no caso, Deus—, ao qual tem-se que confessar um amor que não se sente e cumprir regras que nem se aceita e nem se entende, na maioria das vezes!

Assim, nasce a *Teologia Moral de Causa e Efeito*. E por quê? Porque quem não se sujeita a ela, sofre as conseqüências. De modo que o importante é evitar o *efeito-pecado* ao invés de se amar a *Causa-Deus*!

E aqui, voltamos, outra vez, ao engano:

QUEM TEM MEDO DO EFEITO NÃO AMA A CAUSA E QUEM NÃO AMA A CAUSA, SUBMETE-SE A ELA ATÉ ENCONTRAR UMA RAZÃO OU UM MEIO DE TRANSGREDI-LA OU DE "NEGOCIAR" COM ELA. ASSIM, NASCEM OS "SACRIFÍCIOS" E AS "TROCAS" COM A DIVINDADE.

Jesus, todavia, responde ao Diabo com o que estando "escrito", estava também *dito*; e não com aquilo que estando "escrito", não fora jamais *dito*. É

quando o que está “escrito” não equivale ao que foi *dito*. O que está “escrito” é estático. O que foi “*dito*” é vivo e produz vida onde chega.

“Não tentarás ao Senhor teu Deus” — respondeu Jesus.

O que equivale a dizer: *“Não use o que está escrito contra aquilo que Deus disse!”* .

Dessa forma, Jesus ensina que a obediência à letra da Escritura pode se transformar em obediência a Satanás, se o texto, sob qualquer que seja o pretexto — consciente ou inconscientemente — servir para produzir isolamento e independência em relação Àquele que o inspirou.

A obediência medrosa pode esconder até mesmo ódio de Deus por ter-se que obedecê-Lo contra nosso próprio desejo ou concupiscência, que é a única obediência que os reprimidos e raivosos têm para oferecer em “sacrifício” de sua “fé”.

OU, QUEM SABE, A “DEVOÇÃO AO TEXTO” É APENAS UM INSTRUMENTO DE AUTO-AFIRMAÇÃO PSICOLÓGICA OU ATÉ MESMO SOCIAL.

A obediência letrista à Bíblia não garante nada à saúde do homem interior, muito menos bem o faz o seu mero estudo teológico; ou seja, “o fazer teologia” é inócuo para a saúde da alma!

Às vezes, infelizmente, é esse letrismo ou essa liberdade construtivista ou crítica em relação ao texto, o que nos impede de ouvir a Voz de Deus!

Se eu busco o texto bíblico, uso-o, exploro-o para meus próprios fins — sejam eles quais forem —, de fato, estou é obedecendo à hermenêutica de Satanás, que não possui, necessariamente, um método com nomenclatura específica, mas possui um *espírito anti-Graça*, um véu, uma nuvem que cega o entendimento — mesmo que se faça boa exegese da Escritura —, e que, sobretudo, manipula o texto com o fim de fazê-lo ser a “nossa palavra”.

No fundo, é apenas um “outro evangelho”, mesmo que seja pregado por *um anjo de Luz ou um ministro de justiça*.

Muitas vezes, eu corro o risco de “usar” o texto a fim de provar que estou certo; ou, quem sabe, que não estou tão errado!

Talvez, seja para demonstrar minha devoção, meu compromisso com a verdade, ou meu zelo pela inerrância da Bíblia.

Não importa. Em qualquer que seja o caso, eu estou manipulando a *Escritura*, usando a morte e a ressurreição de Jesus, usurpando simbolizações e outras formas pré-condicionadas de comunicação, a fim de "estabelecer" minha própria opinião sobre as *Escrituras*, adulterando, desse modo, a *Palavra*!

E esse mal pode acometer também a "publicanos" e não somente aos óbvios "fariseus", *amigos de Jó!* [[O argumento dos teologicamente "publicanos"— os liberados em relação aos moralismos, aos letrismos e aos literalismos dos "orto-doxos"— é fraco. Afinal, tanto os moralistas fariseus, como também os teologicamente "liberais", estão no mesmo barco, diante de Jesus! No entanto, um pecador – publicano - tende a ser, no mínimo, muitos menos chato que um pecador - fariseu!]]

Dessa forma — pela pseudo-certeza de saber a verdade sobre toda a *Escritura* —, nós negamos a radicalidade absoluta de nossa própria *Queda* — com a total separação de Deus que ela estabeleceu —, e tentamos criar nosso próprio *mediador* entre Deus e os homens: *a sã doutrina*, que nesse caso, não é a *Palavra*, é a produção dos "doutos", é a verdade como tradição e a tradição como verdade. [[Pergunte a teólogos de grupos cristãos diferentes o que é a "*sã doutrina*" e eles lhe responderão sobre as "sistematizações" de fé de seu grupo, seita ou denominação. E todos lhe trarão "argumentos bíblicos". E por tais certezas, eles não só se dividem, mas transformam a visão da vida num Tribunal, onde os "equivocados" são sempre julgados!]]

De fato, toda tradição implica também numa tra-dução. Assim, a Palavra fica escrava do fixo, da letra e do *hermenêutico-formol-da-razão*, que é oferecido sob rótulos variados, sendo o mais freqüente, aquele que diz: "intérprete autorizado". E esta validação pode vir pela intelectualidade, pelo carisma, ou, como na maioria das vezes, pelo muito gritar!

Dessa forma, não é a relação de fé com a *Graça* de nosso Senhor Jesus Cristo o que nos salva, mas a doutrina correta e a "igreja certa".

E, assim, mais uma vez, fica desfeito o *Escândalo da Cruz*!

Aprendemos também como a *Escritura* pode se transformar num concurso de verdades e de sabedorias. Jesus, todavia, não entrou na disputa. Respondeu não com um discurso, mas com a *Palavra*. E se colocou na fragilidade que Ele escolheu para si, pois, sendo Deus, não julgou, como usurpação, ser igual a Deus. Antes, pelo contrário, se humilhou e confiou apenas na *Palavra*.

Afinal, o grande conflito está entre *obediência* e *auto-afirmação*!

Ele escolheu não uma vitória "escriturística" ou mesmo "hermenêutica", mas a simples obediência ao que estava *dito* — ou seja, à *Palavra* —, pois, a promessa não era que o homem teria poder de chamar anjos para acudi-lo quando *este* julgasse importante ou necessário.

O que se diz é: *"***Ele** *dará ordens a teu respeito para que te guardem..."* .

Portanto, é Deus quem sabe a hora. É Dele e somente Dele a agenda. E qualquer tentativa de tirar a Palavra de Deus das mãos de Deus e colocá-la nas mãos do homem, dando a este o poder de decidir, de ordenar, de demandar, de liberar, ou de trazer da mera "Escritura"

o cumprimento de suas promessas, conforme a agenda humana, é aceitar a sugestão de Satanás e é ensinar as pessoas a usarem a "Escritura" contra a *Palavra* e contra elas mesmas.

Na tentação de Jesus — e quando falo de "tentação", obviamente não me refiro apenas às três "clássicas", conforme os evangelhos, mas a todas, conforme Hebreus [[Heb 2: 10-18]] —, o que vemos é Deus se entregando ao "risco supremo".

Entregar Seu Filho ao confronto verdadeiro com a tentação em sua maior plenitude, foi, sem dúvida, um risco divino imensamente maior que qualquer outro. Torna a narrativa do Edén uma brincadeira de criança; afinal, o primeiro Adão não tinha as complexidades infinitas do segundo Adão, e, portanto, não contemplava as implicações da "aceitação" da proposta satânica da mesma maneira conscientemente objetiva que acometeu a Jesus, o homem — e que é também o segundo Adão!

A vitória de Jesus sobre a tentação é também vitória da *Cruz*. É a decisão da liberdade do Messias. É o fruto de Seu amor ao Pai e de Sua escolha pela *Escritura* como *Palavra de Deus*.

Ele é livre e usa Sua liberdade na submissão de um amor obedientemente livre!

E mais, foi o *Espírito* quem o levou ao deserto para ser tentado [[Mt 4: 1]], pois, num mundo caído, não há devoção genuína sem real tentação. A devoção dos não tentados é apenas algo semelhante à performance de robôs. O amor que escolhe ser de Deus, é também, paradoxalmente, filho da mesma "liberdade" que oferece "outras alternativas" de ser para fora e para "além" da *Palavra revelada de Deus*.

O modo como Jesus usa a *Escritura* no embate com o Diabo, mostra também o seguinte: à parte da Encarnação de Deus em Cristo, para Jesus, nada poderia ocupar o lugar e autoridade das *Escrituras,* quando elas são tratadas como a *Palavra Eterna de Deus*.

Assim, Jesus também ensina que as *Escrituras*, como *Palavra*, são suficientes nos enfrentamentos com o Diabo. A *Palavra* põe tanto o Diabo como o Homem em seus próprios lugares diante de Deus e da Vida.

É por esta razão que Jesus cita a *Escritura* como expressão de Sua livre vontade de se submeter ao Pai. A vitória da *Escritura* não está nela mesma, mas na rendição livre da vontade humana à vontade divina nela expressa. É por isto que podemos dizer que a *Palavra* "repele" a *Necessidade* e estabelece a *Vontade*. E, assim, quebra o ciclo animal, onde a necessidade dita as regras da sobrevivência. Somente a *Palavra* gera um homem livre para viver e viver *em* e *para* Deus. Assim, a obediência à *Palavra* é a *Verdade que liberta*. E esta só é realizada em nosso favor — *Graça* —, no Filho de Deus, pois, *se o Filho vos libertar, verdadeiramente, sereis livres!*

Além disso, como antes já afirmamos, na tentação de Jesus a *Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal* é vencida pela escolha livre que Ele faz pela *Árvore da Vida*, a saber: a *Palavra*!

Liberdade, é, sobretudo, fazer a vontade do Pai e alimentar-se dela como quem come o que é essencial à vida [[João 6: 26-58]]. É liberdade não para socorrer à necessidade, mas para escolher o que gera vida. A verdadeira Liberdade só indica o caminho da Vida! [[A frase "*a tua fé te salvou, fica livre do teu mal*"; ou: "*vai em paz*"—tão repetida por Jesus, indica nessa direção: *ficar livre do mal nos conduz a viver*!]]

Os discípulos de Jesus não se tornam seres não tentáveis apenas por terem escolhido seguir a Cristo [[Daí Jesus adverti-los quanto ao fato, e ilustrar a possibilidade o tempo todo, enquanto com eles caminha.]]. Nossos hormônios, carências afetivas, necessidades físicas, desejos, animalidades e sabedorias demoníacas [[Tg 3: 13-18]] continuam insistentemente presentes em nós. Todavia, a diferença, vem de outro lugar: podemos escolher livremente e por amor o caminho da Vida, que é a vereda da obediência livre à *Palavra*, e essa

escolha convive com nossa própria relatividade, pois, apesar de libertos, ainda gememos em nossos corpos — juntamente com toda a criação — e também sofremos angústias até agora, aguardando a redenção de nossos corpos, isto, apesar também de sermos as Primícias do Espírito. Alias, é por esta razão que o Espírito Santo, em solidariedade absoluta com as profundezas do desejo de Deus para nós e em solidariedade absoluta para com nossa fraqueza, intercede pelos santos, dando ao ser que aceita essa intercessão de gemidos inexprimíveis — portanto, para além de toda lógica ou comunicabilidade racional — a certeza de que todas as coisas — boas e más — concorrem e contribuem para o Bem daqueles que amam a Deus e descansam em Seu amor! [[Rm 8: 12-38]]

●

Ora, quando eu estava escrevendo exatamente esta parte do livro, ouvi uma piada. E eu, ainda que "irreverentemente", a repetirei aqui.

Conta-se que dois matutos mineiros andavam pelo caminho da roça. Um deles avistou uma montanha de excremento humano no meio da estrada.

Eis o diálogo: *— Cumpade, isso é melrda!*

— Num é não, cumpade!

Então, o que achava que era excremento, se agachou e cheirou o objeto em questão. Levantou-se e disse: "É melrda, sim, cumpade!"

O outro, agora ainda mais estimulado a descrer pela certeza do amigo, disse: "Mas cumpade, num parece com melrda, não!".

O outro, abaixou-se outra vez e tirou um pedaço do excremento e o colocou no rosto do amigo, bem adiante de seu nariz.

— É melrda, sim!—reafirmou ele.

O outro, todavia, mais "duvidoso" ainda pela certeza do amigo, então, "prova do bocado".

--Hi!!! É sim, cumpade!

O outro — o certo de suas certezas—, então, leva o bocado também à boca!

— Sô, cumpade, eu e cê tinha razão!

Respondeu-lhe o outro:

—Inda bem que nós num pisemo nela, né, cumpade?!

●

Pergunto-lhe eu, agora:

Chulo? Sim!

Verdadeiro? Sem dúvida!

É apenas mais uma versão do Edén só que contada com sotaque mineiro!

Cada um vive sua própria tentação e *"usa"* a do outro para justificá-la!

Tentação é normal num mundo caído. Jesus é a prova de que saúde espiritual não nos isenta de tentações. Ele foi *"tentado em todas as coisas à nossa semelhança, mas sem pecado*" [[Heb 4: 15]]. Foi Ele mesmo também quem disse: "*Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal*"— enquanto nos ensinava a orar. [[Mt 6: 13]]

Ninguém peca por ser tentado! [[I Co 10: 13]]. A tentação, no entanto, revela o que em nós existe como *possibilidade* existencial, ou seja, como *cobiça* [[Tg 1: 14-15]]. Entretanto, até aí se pode ir sem cair no "mal". Há, no entanto, um passo a mais a ser dado na direção do "mal": conceber a tentação, *dando à luz o pecado*. Afinal, *cada um é tentado pela sua própria cobiça*, ou também, paradoxalmente, pela *total ausência de desejo de viver*. [[Apc 9: 4-6, onde *"ardente desejo de morrer"* é uma das mais insuportáveis tentações.]]

A tentação tanto pode ser uma "pulsão existencial" que nos remete para "fora" do curso da Vida, como também pode ser a total falta de "desejo de viver", de tal sorte, que nos tira a vida. Por isto, ninguém está livre dela, nem mesmo o *suicida!*

Todavia, pior que *"cair em tentação"* é não reconhecer o "mal", e se auto-justificar, dizendo:

"Inda bem, cumpade, que nós num pisemo nela!"

Na maioria das vezes é assim que procedemos: cheiramos, discutimos, examinamos, comemos, mas nada disso importa!

Afinal, *compadre*, nós não pisamos *nela*!

Ou seja, não levamos o lixo da poeira da estrada em nossas sandálias e julgamos que isto nos torna mais santos, daí o não lavarmos os pés uns dos outros. [[João 13: 6-10]]

Assim, comemos o "excremento", mas ninguém fica sabendo. E, para a maioria de nós, isto é tudo o que importa!

Isto porque, em geral, vencer a tentação não é ficar *"livre do mal"*, é apenas saber a arte de *"escondê-lo"* enquanto se continua a viagem!

E é a isto que se chama de *legalismo*, ou, neste livro, de *Teologia Moral de Causa e Efeito*. E a "arte de existir" que dela decorre, deve-se chamar de *hipocrisia*!

E mais: a *Teologia Moral de Causa e Efeito* subverte a salvação visto que nela o homem é a *Causa* e Deus é o mero *efeito*!

Ora, isto nos remete para uma outra questão: — O que fazer com o *"legalismo da Escritura"* se somos salvos pela *"fé na Palavra"?*

Esse, no entanto, será o assunto do próximo capítulo!

♦ CAPÍTULO X – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO E A DOENÇA DO VÉU

É somente na *Graça* que a *Escritura* não é uma pedra seca e morta. Ora, para que entendamos isto melhor, é necessário que olhemos com carinho para o texto de Paulo em II Coríntios 3: 1 a 18. [[Obviamente que há fartíssimo material para comprovar a tese, mas, como estou escrevendo com a expectativa de ser lido—e como conheço a preguiça de ler da maioria das pessoas—,ater-me-ei apenas ao texto de Paulo acima mencionado.]]

A relação de Paulo com os Coríntios foi forte e contundentemente *passional*. Ele chegara à cidade e lá encontrara Priscila e Áquila — um casal de Judeus que havia deixado Roma porque Cláudio, o Imperador, ordenara que de lá saíssem todos os judeus! [[Atos 18: 1-18]]

E como eram do mesmo ofício, Paulo e Áquila começaram a trabalhar e morar juntos, fazendo tendas. Aos sábados, todavia, Paulo pregava na sinagoga!

Havendo conturbação entre os judeus ante a mensagem da *Graça em Cristo* anunciada pelo apóstolo, Paulo não teve mais ambiente para permanecer usando a sinagoga como lugar de pregação. Então, iniciou seus ensinos da *Palavra* na casa de Tício, que era vizinha à sinagoga.

Em meio a não poucos conflitos, envolvendo ameaças de natureza tanto legal quanto à vida de Paulo, este temeu. O Senhor, todavia, numa daquelas noites, lhe falou, dizendo: *"Não temas! Fica na cidade pois eu tenho muito povo nela"* . Paulo, portanto, permaneceu em Corinto quase dois anos.

A relação dele com a igreja que ali nasceu tornou-se forte, e, como já disse, de certa forma, *passional*!

Para concluir isto, basta que se Leia as duas epístolas que Paulo lhes escreveu. [[De fato, os eruditos do texto, nos dão conta de que podem ter sido até mesmo seis as cartas que Paulo lhes enviou. Colin Kruse fica com cinco. E seus argumentos me parecem bastante razoáveis.]]

Todavia, é na segunda carta aos Coríntios que esse sentir apaixonadamente dolorido melhor se expressa. [[Capítulos 10 a 13.]]

O interessante é que mesmo em meio à *paixão humana* do apóstolo, é fácil perceber como seus *sentimentos* aparecem sem comprometer jamais a verdade

da *Palavra*.

Paulo era um homem que sabia sentir a dor da rejeição sem deixar de expor, com isenção, a verdade da *Palavra*, não a adulterando jamais a seu favor! [[II Co 4:2]]

Ora, é nessa viagem, entre o *sentir humano* e a *revelação da Palavra*, que a verdade se manifesta como resposta divina ao contexto em questão!

A revelação, raramente, não se faz acompanhar pelo *sentir* de seus mensageiros. Sábios são aqueles que a separam de seu próprio sentir ou os que sentem sem, todavia, sentimentalizarem a revelação a seu favor.

É só assim que uma carta de um ser *machucado* pode se tornar uma epístola de um ser *inspirado*!

Neste trabalho, no entanto, não desejo explorar essa dimensão da *veiculação da revelação através dos ambientes conturbados da alma do mensageiro*. Para mim, isto é tão óbvio que, pelo menos agora, não é do nosso interesse imediato.

A epístola toda tem sido objeto de inúmeros estudos eruditos. Os "arranjos" a que ela tem sido submetida são inúmeros. Para nós, no entanto, todas as discussões de natureza literária são irrelevantes. O que vale é a mensagem e, esta, não importando as interpretações de natureza histórico-literária, é a mesma: um apóstolo apaixonadamente sofrido, sentindo-se traído e desconsiderado pela igreja que fundou, e que, agora, além de des-conhecer seu pai espiritual, ainda se entregava às seduções de "*falsos apóstolos*", dos "*obreiros fraudulentos*", que "*adulteravam a Palavra de Deus*", e criavam um "*outro evangelho*", pois eram, de fato, "*mercadores do "evangelho*", ainda que tivessem o impressionante "poder" de se transformarem em "*anjos de luz e ministros de justiça*". [[II Co 4: 2; 11: 13-15]]

A questão é: que "obreiros" são esses e que "evangelho" é esse que subverte aquilo a que Paulo chama de *Evangelho da Graça de Deus?*

É opinião praticamente unânime que os tais *"adulteradores da Palavra"* eram os cristãos judaizantes ou os judeus próximos à igreja, e que tentavam, insistentemente, trazer aos cristãos a culpa de não serem pessoas que observam a *Lei de Moisés*. A prova disto é a seqüência do texto, onde as ilustrações são todas as da *Lei* e de sua produção na mente humana. [[Os argumentos de Paulo

aqui só servem a uma assembléia conflituada entre a *Lei* e a *Graça*; ou entre o quase-evangelho e a quase- *lei*; portanto, gente que se debatia entre a revelação mal compreendida do lugar da *Lei* no V.T. e o lugar insubstituível da *Graça*, como revelação final de Deus em Cristo.]]

Como eu disse inicialmente, corre-se o risco de se ficar tão impressionado com as "pulsões" emocionais do homem Paulo neste embate, que deixa-se de perceber a mensagem.

Ou seja, fica-se com o que está "escrito" e não se percebe, ao nível da *Palavra*, o que está, também, "dito", como expressão dos conteúdos da revelação!

Propositadamente abandono aqui os aspectos de natureza histórico-factual e mergulho exclusivamente na mensagem que Paulo faz viajar em meio às suas dores e passionalidades apostólicas.

Ora, assim fazendo, o que se vê, é, basicamente, o seguinte: o que o ministério de Paulo gerara neles, pela obra do Espírito, era algo que realizava o sonho dos profetas [[Jr 31: 31-34; Ez 36: 24-32]], que era ver a *Palavra* inscrita não nas exterioridades do comportamento assustado pela *Lei*, mas impressa na consciência, nos ambientes do coração. [[II Co 3: 3-4]]

Os resultados da interiorização da *Palavra*, inscrita pelo Espírito do Deus vivente na consciência humana, não eram *humanamente perceptíveis*, sendo, portanto, algo a que Paulo se refere excluindo-se como agente essencial, pois, ele sabia que aquela era uma obra para a qual não havia e não há meios humanos de fazê-la acontecer. A participação de Paulo era — sem suficiência própria — apenas pregar o *Evangelho da Graça* e crer que o resto do trabalho era obra do *Espírito de Deus*. [[II Co 3: 4-6]]

A certeza de Paulo de que dera um passo muito para além das basicalidades das pregações estereotipadas e exteriorizadas sobre as virtudes da *Lei*, vinha do fato de que ele sabia que a *Lei* — conquanto *boa e santa* — servia apenas para mostrar a nossa "insuficiência", em relação a sermos salvos por ela. Paulo não se sentia *suficiente* nem mesmo para pregar a *Graça* e suas virtudes — como se procedessem dele —, quanto mais a *Lei*, como se por ela alguém pudesse ser salvo! [[II Co 3: 5]]

O argumento dele é o de sempre: *"a letra mata"* [[II Co 3: 6b]]. A observância da *Lei* salvaria apenas aquele que pudesse cumpri-la toda. E como

não existe, a parte de Jesus, ninguém que a tenha cumprido completamente — dos ambientes interiores às suas sutis exterioridades — ,todos, portanto, por ela, se colocavam, apenas, sob os desígnios da culpa e da morte. [[II Co 3: 7]]

Tendo isto em mente, chega agora a hora de olharmos para a *Palavra* e não apenas para a *"epístola de Paulo"*. E qual é a "mensagem" que ela carrega para nós hoje?

Inicialmente, Paulo diz que a *Lei* e sua Glória são coisas de *outrora*, diante da *sobreexcelente Glória do evangelho da Graça de Cristo*. Todos os verbos por ele usados em relação à *Lei*a posicionam no *passado* da revelação da *Graça*. [[*Lei* a cuidadosamente e veja se há algum verbo no presente e que atualize, em Paulo, a pertinência da *Lei* para Hoje. A *Lei* é passado!]]

O que segue é a *incomparabilidade* de ambas as revelações: A *Lei* era *externa*, a *Palavra* é *interna* [[II Co 3: 3]]. A *Lei* era o ministério da *morte*, a *Palavra* é o ministério da *Vida* [[II Co 3: 7-8]]. A *Lei* falava de *condenação*, a *Palavra* fala de *justificação* [[II Co 3:9]]. A *Lei* se *desvanecia*, a *Palavra* brilha de *Glória em Glória*. [[II Co 3:10-11 e 18]]

E é neste ponto que Paulo assume a maior *ousadia* quando compara a *caducidade*, o esclerosamento da *Lei* frente à eterna vida produzida pelo *ministério do Espírito*.

Mas sua *ousadia* não pára aí. Ele chama, fundado na certeza da *Graça*, até mesmo Moisés para um *frente a frente*, pois, diz: *"E não somos como Moisés que punha véu sobre a face, para que os filhos de Israel não atentassem na terminação do que se desvanecia"*. [[II Co 3: 12-13]]

Assim, ele diz que, na *Graça*, ele se sente com *ousadia* para tirar até mesmo a *máscara de Moisés*. O véu de Moisés, para Paulo, não escondia a Glória, mas seu *desvanecimento*, sua morte, sua incapacidade de reacender a face, mediante a *Lei*, com a *Luz da Graça*. [[II Co 3:7]]

O problema, para o apóstolo, é que aquele véu se tornara um elemento de natureza espiritual. Ele se transformara numa camada de presunção que cegava os sentidos para as demais percepções da vida! [[II Co 3:14; 4: 3 e 4. Veja como o "véu" que embota os "sentidos" é o mesmo que mantém o "evangelho

encoberto” e, também, o mesmo que o diabo usa a fim de cegar o “entendimento dos incrédulos”. Trata-se, portanto, da mesma coisa! O véu é sempre a presunção —seja ela teológica, filosófica, metodológica, moral, ética, estética, política, social, religiosa, racial, racional, tecnológica, etc... O véu pode ser qualquer forma de presunção, mas nenhuma delas é maior que a da “Glória da Lei”, quando envaidece o virtuoso das exterioridades!]]

Ora, como a *Lei* estava dada, e sua constituição era *fixa* — desde o elemento no qual fora inscrita: *pedra* [[II Co 3: 3]] —, até mesmo as suas observâncias externas tornavam-se, também, *fixas*. [[No livro, O Enigma da *Graça* trato com muito mais vagar dessa questão e de sua terrível importância.]]

Portanto, dela não se poderia esperar que nascesse *vida*, pois, esta acontece apenas onde há o *húmus da liberdade*. [[II Co 3: 17]]

Assim, diz Paulo, há um véu espiritual sobre os *sentidos embotados* de todos os legalistas, sejam eles judeus ou não!

A *Lei* embota os sentidos!

A *Lei* tira a sensibilidade para a *Palavra*!

Somente a “conversão” ao Senhor — e aqui Paulo não fala de se tornar “cristão” ou “membro de igreja”, conforme hoje entendemos a idéia de “conversão”, mas de se render à *Graça em Cristo* — é o que pode des-anuviar os sentidos cegados pela *presunção* gerada pelo sentimento de superioridade oriundo da observância externa da *Lei*, bem como, pelo *preconceito* que dela se origina, criando uma barreira invisível para a percepção da Palavra no coração. [[II Co 3: 16]]

“Até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles” — é o que diz Paulo! [[II Co 3:15]]

O que Paulo nunca imaginou é que dois mil anos depois nós ainda constatássemos a mesma cegueira, e muito menos ainda poderia ele imaginar que tivéssemos que repetir a sua frase relacionada aos judeus legalistas, agora, re-atualizada e aplicada aos “cristãos”.

“Até hoje, quando é lida a Bíblia, o véu está posto sobre o coração deles” — é o que com dor melancólica tem-se que dizer acerca da grande maioria dos cristãos, especialmente de seus “líderes”.

Assim, o que se disse acerca “deles” é o mesmo que hoje temos que admitir acerca de “nós mesmos”, pois, se ainda há *Lei*, não há revelação da *Graça*. Isto

porque somente na *Graça*o véu é retirado [[Não se pode deixar de associar as "escamas" que caíram dos olhos de Paulo, após encontrar a Luz, no caminho de Damasco, à Doença do Véu, que ele denuncia. Paulo conhecera, em total literalidade, o significado de andar na *Lei*, mas, ao mesmo tempo, carregar escamas nos olhos. As escamas eram a mais perfeita simbolização de sua maneira de não-enxergar aquilo que julgava ver. O encontro com Jesus mostra as "escamas" a fim de que se possa, então, andar na Luz!]]. E este tirar o véu é fruto da libertação do medo, e que só acontece em nós como obra do Espírito no coração do ser humano que não tem nenhum tipo de auto-suficiência, porque confiou des-assustadamente na obra consumada de Jesus na *Cruz*.

Assim, onde está-há o Espírito do Senhor, aí está-há liberdade! [[II Co 3: 4-6; 3: 17]]

Neste ponto o argumento de Paulo nos remete, na *Graça*, para uma postura diametralmente oposta àquela gerada pela *Lei*!

A *Lei* cobre o rosto, esconde o ser, camufla a culpa, veste-se de exterioridades compartimentais, se jactancia de seu conhecimento e teme mostrar a cara a Deus e ao próximo, daí, pela *Lei*, o ser não revelar jamais seu interior, pois, em o fazendo, mostrar seu estado de *desvanecência*! [[II Co 3: 7]]

Na *Graça*, todavia, a salvação é o oposto. Se a *Lei* cobre a face e esconde o ser, o Espírito e a confiança na *suficiência* de Cristo nos põem no extremo oposto dessa atitude:

"E todos nós com o rosto desvendado, contemplando como por espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" — é o argumento antitético de Paulo. [[II Co 3: 18]]

E mais, não é algo apenas que ocorre na perspectiva individual, mas também, comunitária. Afinal, Paulo diz: *"E todos nós..."*

A minha tentação agora é prosseguir em II Coríntios, afinal, do ponto de vista seqüencial, a mesma mensagem continua nos capítulos seguintes. Todavia, como neste livro estamos tratando da *Teologia Moral de Causa e Efeito*, julgo ser mais sábio — a fim de ser também sintético — parar por aqui para verificarmos as *implicações* dessa verdade em relação à nossa temática.

Primeiramente, quero chamar a sua atenção para um fato. A maioria dos

comentaristas bíblicos fica tão aferrado ao sentido “histórico” da *Escritura* em questão que não se dedica à percepção do que está *dito para nós hoje*. [[A maioria dos comentários nos põe no meio das antigas querelas pessoais entre Paulo e os Coríntios, mas não chamam as implicações da mensagem para hoje.Assim, sabe-se sobre a Epístola, mas não se a compreende em relação ao que acontece ao nosso redor.]]

Em segundo lugar, fica também claro que como nós somos seres ocidentais — de origem não judaica apesar de, quase todos nós, sermos pessoas de origem culturalmente judaico-cristã —, na maioria das vezes, nos permitimos ler a passagem apenas como crítica aos judeus legalistas ou aos cristãos judaizantes; esquecendo-nos de que a *Escritura* em questão não é “pedra”, é *Palavra do Deus Vivente*, e é re-atualizada em cada novo contexto da história. Portanto, é algo para nós, hoje!

A terceira observação é que as implicações do que Paulo diz aqui, transcendem, em muito, o contexto histórico imediato, e recaem sobre todos os conteúdos da *Teologia Moral de Causa e Efeito* — sejam eles judaicos, espíritas kardecistas, afro-ameríndios, católicos, evangélicos, animistas ou hindus!

AÍ ESTÁ O NOSSO PROBLEMA: NÓS LEMOS A PALAVRA EMBLEMATICAMENTE, O QUE NOS FAZ PENSAR QUE ELA FOI DIRIGIDA A “OUTROS”, NÃO A NÓS!

Assim, onde se diz judeu não se pensa em nada que não seja “judaico”. É o que está “escrito” trabalhando contra o que foi “dito”!

A questão é que, na maioria das vezes, onde se lê, negativamente, “judeu ou fariseu”, dever-se-ia ler “legalista”, “moralista”, “auto-suficiente”, ou mesmo, um praticante de qualquer *Teologia Moral de Causa e Efeito* e seus pretensos elementos de auto-justificação, fundados na presunção humana de agradar a Deus por seus próprios méritos!

Ora, isto posto, o texto em questão tem, naqueles que Paulo chama de “*todos nós com o rosto desvendado*”, um grupo que na história do *Cristianismo* é uma minoria insignificante! [[Aliás, em toda história bíblica, onde a esperança sempre se esconde no “renovo”, no “remanescente” ou “pequeninos”.]]

A maior parte de nós é membro da “*igreja em Corinto*” e somos traidores

do apóstolo Paulo, pois nos entregamos aos *"falsos apóstolos"* e a seu "*evangelho adulterado"* , mesmo que embrulhado com papel de presente estampados com símbolos *"cristãos"*.

Quem, honestamente, pode dizer que a *História do Véu* não é também a *História do Cristianismo*?

Quem, sinceramente, não percebe que nós somos hoje, na maior parte dos casos, a repetição dos mesmos conteúdos humanos e espirituais contra os quais Jesus, os profetas, Paulo, os apóstolos e a *Palavra* se insurgem nas *Escrituras?*

Ninguém se engane!

Nós, cristãos, somos também parte do *Povo do Véu*! E nossos sentidos estão igualmente *embotados* para a percepção do *Evangelho*!

Como eu já disse antes, a aceitação do *Jesus Histórico* nada tem a ver com o acolhimento dos conteúdos de Sua *Palavra*!

Ou seja, é possível conhecer a Jesus segundo a carne e não segundo o Espírito! [[II Co 5: 16]]

É a pressuposição da *vigência da Lei* o que nos impede de discernir o espírito da *Palavra* e a palavra do *Espírito*, com liberdade para mostrar a cara, crendo que somente pela expressão des-amedrontada do ser que confiou na *Graça* é que vem a conversão incessante, de glória em glória, tendo a Jesus como a referência-infusa, cotidiano-existencial, para a mudança. [[II Co 3: 18]]

Hoje as pessoas se convertem à "igreja", não a Cristo!

É por esta razão que os conteúdos do *Evangelho da Graça* estão tão adulterados entre nós. E pior, não enxergamos nada disso, pois, à semelhança deles — os judeus, os fariseus, os cristãos judaizantes —, nossos sentidos também estão *"embotados"*.

A GRAÇA É HOJE A MAIS ESCANDALOSA DE TODAS AS MENSAGENS CRISTÃS! [[Isto porque estamos seguindo no caminho de Caim, que invejou seu irmão porque não via a vida com os olhos da *Graça* (I João 3: 11-13).]]

E é por esta razão que não se pode nem mesmo usar mais as "nomenclaturas" do *Cristianismo* a fim de definir o conteúdo das palavras do *Evangelho*, pois, quase todos os termos se revestiram de outras conotações e de outros conteúdos.

A *terminologia* já não serve mais, pois, seus conteúdos foram adulterados por um *"outro evangelho"* , que usa os termos de sempre, mas nega, na prática, seus conteúdos inegociáveis e eternos! [[Tito 1: 10-16—onde se diz que os da "circuncisão" eram os que, por *ganância*, tentavam conquistar os conquistados pelo *Evangelho da Graça*, usando como expediente de dissimulação os *mandamentos de homens e as fábulas judaicas*. Entretanto, Paulo diz que isto *corrompe a consciência*, na medida em que ninguém sobrevive, sadiamente, a tais *mandamentos de homens*. Eles, esse mandamentos de homens, cor-rompem a mente, os sentidos e a consciência. Assim, os que os ensinam, com a boca professam o Nome de Jesus, mas suas obras o negam. E o negam na medida em que mesmo confessando-o, ainda assim, insistem na manutenção daquilo pelo "quê" e contra o "quê" Jesus morreu! As obras só são justificadas pela fé na *Graça* de nosso Senhor Jesus Cristo. Do contrário, toda obra é pecado, pois, tudo o que não provém de fé, é pecado!]]

POR EXEMPLO, PARA PAULO, "LUTAR JUNTOS PELA FÉ EVANGÉLICA" [[FP 1:27]], SIGNIFICAVA NÃO FAZER CONCESSÕES QUE ADULTERASSEM OS CONTEÚDOS DO EVANGELHO DA GRAÇA DE DEUS!

HOJE, TODAVIA, ISTO SIGNIFICA NOS UNIRMOS CONTRA OS QUE NÃO NOS ACEITAM COMO OS "REPRESENTANTES" DE CRISTO NA TERRA!

Ora, neste sentido — com as conotações que a palavra "evangélico" carrega entre nós —, Paulo já não a usaria, pois, nossa prática relacional nega aquilo que ele entendia como evangelho; e nossos conteúdos falsificam ainda mais o significado original da mensagem à qual ele fazia referência.

Pior do que isto, entretanto, é saber que Paulo, por exemplo, não nos reconheceria como cristãos, mas como pagãos não convertidos ao Evangelho da *Graça* de Deus! [[E aqui menciono apenas Paulo em razão da óbvia e infantil alegação daqueles dispensacionalistas que crêem que tudo o que aconteceu como comportamento, antes de Cristo, não pode mais servir de exemplo para nós,

exceto nos casos previamente selecionados por nós. Paulo, no entanto, não é Sansão, pelo contrário, ele é um de nós, nosso apóstolo, o Apóstolo dos Pagãos; ou seja: dos gentios. Entretanto, vale lembrar que se nós utilizássemos do critério do antes e depois de Cristo, Abraão, o pai da fé, ficaria de fora também! Paulo e o escritor de Hebreus não pensavam assim, pois se utilizam deles a fim de referendarem a fé, no Hoje!]]

Por muito menos ele escreveu aos Gálatas e aos Coríntios temendo haver corrido em vão!

Mas, e se ele estivesse presente num ano eleitoral no Brasil? Se visse e soubesse de todas as negociações de *almas-votos* que são feitas em Nome de Jesus? Se visse "cristãos" curvados aos ídolos visíveis e invisíveis, cultuando imagens — que vão das de barro e gesso à imagem como reputação ou, marketeiramente, apenas como "imagem"? E se assistisse pela televisão à venda de todos os significados cristãos na forma de crença em objetos de energia espiritual pagã? E se visitasse uma "igreja" e visse as filas de pessoas para andarem sobre sal grosso, ou para mergulharem em águas tonificadas do Jordão e a passarem pela *Cruz* de Jesus — que nesse caso é iluminada com neon e não passa de um tapume religioso extremamente brega — a fim de ganharem um carro zero, como pagamento pela sua crença? E se ele soubesse agora que a fé é um sacrifício que se expressa como dízimos, como troca de bênçãos por dinheiro, de cura pelo sacrifício de longas novenas e correntes, que só não são "quebradas" se a pessoa não deixar de largar sempre algum dinheiro no altar-bolso dos pastores?

O que enojaria a Paulo, todavia, seria ver pastores oferecendo o "*sangue do Cordeiro*" — e que é um suco de uva — e, segundo o anúncio, a pessoa deve ir ao templo e levar para casa o "*sangue do Cordeiro*" a fim de ungir a casa *de trás para frente e da frente para trás*. Desse modo, estão voltando para muito menos que as materialidades da imolação do sangue de um cordeiro — ordenada por Deus no Êxodo [[Ex 12: 1-36]] — indo para um poderoso suco de uva. E o suco de uva, que é menos que o sangue de um cordeiro na simbolização do Êxodo — período usado pela seita para <u>amparar biblicamente</u> a sua campanha de dinheiro —, é apresentado como "*o Sangue do Cordeiro*", que não é mais o que <u>Jesus fez na Cruz e é apropriado pela fé na Palavra</u> [[I Pd 1: 17-21]], mas passou a ser um fetiche, uma pedra de toque, uma imantação animista da uva, uma regressão ao paganismo mais primitivo, uma mágica de bruxos, uma blasfêmia, um estelionato satânico de uma verdade com a qual não se brinca impunemente:

“*Quem comer a minha carne e beber o meu sangue, tem a vida eterna...As palavras que vos tenho dito são espírito e são vida*”— conforme o Cordeiro. [[João 6: 51-63]]

Desse modo, Paulo veria aturdido o regresso da fé evangélica aos tempos dos cultos feitos a Baal, para as imagens de escultura, para um tempo onde nem sombra ainda havia das *sombras das coisas que haviam de vir* — coisas essas, que até mesmo perderam a simbolização em razão de Jesus haver sido o cumprimento de todas elas! A epístola aos Hebreus foi escrita por muitíssimo menos! [[Heb 9: 1-28 - Pelo amor de Deus! Leia toda a epístola aos Hebreus, de ponta a ponta, de uma única vez, e, honestamente, responda se o que acabo de dizer acima é muito menos do que a epístola fala?! Aqui devo dizer que o que vejo em volta é exatamente o que está dito em Hebreus 6: 1-8. Aquela é a advertência!]]

Fazer o que estão fazendo da *santidade do sangue do Cordeiro,* tornando-o num amuleto de infusão animista e de interesse cambista, e que se materializa num suco de uva que carrega em si o poder de benzer uma casa e protegê-la de todo mal, é insuportável, enojante, blasfemo e é Anátema!

Paulo vomitaria! [[Em Gl 5: 12 - Paulo ironiza aqueles que tentavam impor a *circuncisão* aos cristãos gentios, que, na sua obsessão em lidar com o *prepúcio*, um dia acabassem se auto-castrando!]]

E Jesus? [[Apc 3: 15-16]]

O escritor de Hebreus diria que estão *brincando com fogo ardente e consumidor* e *crucificando o Filho de Deus não apenas uma segunda vez, mas todos os dias* — fazendo Dele um produto de barganha, mágica e fetichismo, e que leva as pessoas não a Jesus, mas sim à “sessão”, pois, também segundo os mesmos “pastores”, Deus só fala no lugar onde eles, os pastores, estão com a sacola na mão!

E eles precisam que *Deus se confine em seus templos*, se imante nos seus sucos de uva — e outros produtos mágicos — e se deixe comprar pelo dinheiro depositado como sacrifício aos pés desses lobos que oferecem Jesus como “poder” que se leva para casa em “pacote”; Cristo como “produto simbólico” que pode ser o *Pai das luzes*, não conforme Tiago [[Tg 1: 17]], mas conforme Alam Kardec [[É óbvio que o uso das terminologias “culturais” de outras religiões, têm a finalidade de fazer com que pelo contato-terminológico as pessoas ouçam *com familiaridade para com o ídolo*—que é o conteúdo cultural

do termo em uso—e, assim, *se convertam sem mudar sua maneira de entender o mundo espiritual. Então há arrependimento do que não se obteve de vantagens antes da conversão*, mas a mente não muda, apenas se trans-muda para um outro lado que só é "outro lado" se se enxerga apenas o que está do lado de fora, sendo, porém, a mesma coisa, pois, fundamenta-se nos conteúdos da *Teologia Moral de Causa e Efeito*. Daí as barganhas!]]; o Sangue do Cordeiro como suco de uva bom para "proteger a casa"; sim, assim fazendo do que *foi feito por Jesus, de Graça, de uma vez e para sempre*, algo a ser vendido pelos camelôs do engano e do estelionato!

Meu Deus, e se... Paulo visse...!?

Sim, e se Paulo nos visitasse? Que epístola nos escreveria? Será que a escreveria? Será que não nos trataria como o fez com as "sinagogas" durante a sua vida? [[Alguém que me ouviu dizer a mesma coisa, por me amar, indagou-me se eu não tinha medo de catalisar tanto ódio, revolta e antagonismos contra mim, por eu dizer as coisas que sempre disse e que, hoje, continuo a dizer?! Minha resposta foi e é que eu não suportaria não dizer apenas por que sei que sou pecador. Ser pecador nada tem a ver com pecar contra aquilo que é verdade da Palavra. Para as minhas faltas, eu busco cura. Mas nem por isto fiquei cego. Minha questão é uma só: o que aqui digo é verdade ou não? Se for engano meu, fico feliz. Se eu estiver certo, morro de tristeza! Creia-me, eu não gostaria de estar certo. Afinal, se é assim, pouca coisa, em volta de nós, *ainda é*!]]

OU SEJA, SENDO ACOLHIDO E SENDO-LHE DADA A PALAVRA, FICAVA ATÉ SER EXPULSO, PARA DEPOIS DISSO ABRIR UMA NOVA PORTA À PALAVRA, MESMO QUE FOSSE NA CASA VIZINHA, COMO FOI NO CASO DE CORINTO!?

Ora, ser *evangélico*, <u>antes</u> – digo, para Paulo — significava ter compromisso de fé e vida com o Evangelho de Jesus. Hoje, ser "evangélico" é pertencer a uma "igreja", <u>uma instituição religiosa que roubou o direito autoral do termo</u>, falsificou-o e se utiliza dele praticando um terrível "estelionato" simbólico. [[Não é de admirar que a maioria dos que lideram os "evangélicos" e a maioria dos "constituintes" da "Igreja Evangélica" seja composta por pessoas que apenas trocaram de grupo religioso, mas que continuam, sob outros "emblemas", a sacrificar como se ainda estivessem sob os domínios dos deuses de outrora. Depois de Jesus, a vida é um sacro-ofício, mas nunca um sacrifício.]]

Assim, ser evangélico já não tem nada a ver com ser *Povo das Boas Novas de Jesus*, mas ser membro de uma instituição religiosa que se utiliza das terminologias, enquanto, na maior parte das vezes, nega os conteúdos originais da expressão.

E se continuarmos assim, dentro de pouco tempo, quem for genuinamente evangélico — ou seja, alguém que crê conforme a Boa Nova da *Graça* em Cristo revelada nos evangelhos — terá que deixar de se auto-definir desse modo sob pena de que as pessoas pensem que o Evangelho tem alguma coisa a ver com os "evangélicos".

Nos dias de hoje, quase sempre, ser "um evangélico" já não tem nada a ver com ser *evangélico* conforme o apóstolo Paulo.

Hoje, quando um evangélico "evangeliza", em geral, ele o faz a fim de que a "igreja" cresça como poder histórico visível. Ou seja, "evangelização" significa crescimento numérico sob o pretexto de que se quer salvar as almas do inferno. Pelo menos é isto que se diz e é isto que as "ovelhas" pensam, pura e ingenuamente.

De fato, se se conversar ou se se tiver alguma intimidade com o meio pastoral, ver-se-á que, na maioria das vezes, corre-se não atrás da vida humana, mas dos recursos humanos que, com as multidões, também chegam para dentro do negócio religioso. [[Ez 34: 1-23; Zc 11: 4-17; 13: 1-6—onde se mostra que a grande tentação do pastor é sempre "usar" os recursos das ovelhas, sem cuidado com elas.]]

Portanto, não é de admirar que o marketing seja hoje um dos mais importantes instrumentos usados pela "igreja". Apenas uma "igreja" precisa de marketing. Isto porque quem de fato **é**, não tem que se preocupar em *parecer ser*.

O MARKETING RELIGIOSO É O LUGAR ONDE NOSSOS ÍDOLOS SÃO FABRICADOS E POLIDOS, DE TAL MODO QUE SUA "IMAGEM" POSSA CONTINUAR A INSPIRAR OS DEVOTOS OU A ENGANAR OS QUE SE IMPRESSIONAM COM APARÊNCIAS. [[Zc 13: 4—fala do *manto de pêlos* dos falsos pastores e profetas. Ou seja: toda falsificação precisa se preocupar com o invólucro, com a imagem, com a aparência e com a impressão. Isto é feito, de acordo com Zacarias, com a finalidade de enganar; ou seja, de parecer-se com Elias ou com as escolas de profetas e seus costumes anteriores. Mas é o marketing que está em cena. É o disfarce que se usa a fim de proclamar

uma palavra em nome de Deus, parecer-se simbolicamente com o genuíno de um dia, a fim de poder iludir e se apropriar dos recursos e das almas das ovelhas hoje.]]

O MARKETING COMO PRO-MOÇÃO PESSOAL É MORAL, POIS, É IMAGEM DE ESCULTURA, SENDO, TAMBÉM, IDOLATRIA!

Explosão numérica, na História da Igreja, quase sempre correspondeu à *diluição* tanto da Palavra, como do caráter do discipulado, bem como implicou em des-significação da alma humana, afinal, uma multidão pode se beneficiar da Palavra, quando há Palavra, mas não pode experimentar reconstruções de *individuação*, pois, nas massas, ninguém cresce como indivíduo na comunhão fraterna, na afirmação individual e nos carinhos de quem conhece e se importa, pois, tais realidades, inexistem em todo processo de massificação.

Além disso, milhares de "acomodações" precisam ser feitas em relação ao conteúdo essencial do evangelho quando se utiliza do marketing religioso ou das associações políticas, culturais e econômicas que daí advêm — ou seja, da rendição ao *significado-des-significado* do capital das massas, que são reduzidas apenas ao testemunho de poder majoritário que elas trazem aos líderes, enquanto as almas dos indivíduos viram apenas números.

Quando Paulo evangelizava, isto significava levar às pessoas a consciência da *Graça* salvadora de Jesus e da possibilidade da experiência da liberdade-salvadora, tanto na perspectiva individual, como também na comunitária. O resultado, portanto, não é o surgimento de um número a mais para as estatísticas celestiais, mas uma nova criatura, que já começa a se humanizar na Terra, nos vínculos e nas mutações dinâmicas e permanentes que o Espírito da *Graça*, em Cristo, faz nascer no Novo Homem!

Desse modo, como já disse antes, se Paulo estivesse vivo hoje, provavelmente, ele nos diria que nós ainda não somos convertidos, pois, voltamos atrás, e aderimos aos conteúdos que negam a *Cruz de Cristo*! [[As Epístolas aos Gálatas ou aos Hebreus poderiam ser, tranqüilamente, renomeadas como a Epístola aos Evangélicos ou aos Católicos! Ou seja, uma epístola escrita para quem "caiu da *Graça*".]]

Isto nos coloca, no mínimo, diante de três reflexões. A *primeira* é que a atual "consciência cristã" é, na maior parte das vezes, anti-cristã, e uma clara e escrachada negação dos conteúdos do *Evangelho de Jesus*!

A *segunda* é a impossibilidade *hermenêutica* [[Para quem não sabe, supostamente, a "hermenêutica" é a ciência da "interpretação".]] de que a leitura da *Escritura* feita com *"véu na face"* possa nos conduzir à revelação da *Palavra da Graça*!

Portanto, não importa o "método" ou a "escola hermenêutica" em questão. Na *Graça,* até o pior de todos os "métodos" traz mais revelação da *Palavra* que o melhor método hermenêutico usado com as viseiras da *Lei,* da *Moral,* dos *Legalismos,* dos *Carismatismos* narcisistas (que faz do *totem carismático* a forma referencial de ser para os demais), e seus derivados!

Todos são apenas o subproduto da fórmula conceitual da *Teologia Moral de Causa e Efeito*!

●

É triste ver pessoas cristãs, inteligentes, cultas, preparadas, letradas, instruídas, e com capacidade de "ler", não conseguirem levar as implicações do que entendem, mesmo do ponto de vista da compreensão cognitiva, até as últimas conseqüências de sua própria percepção!

E por quê? Porque ainda estão presas às sistematizações da *Lei,* às quais o *Cristianismo* subjugou a *Palavra* que pode nos libertar! Mas não sendo a *Palavra,* não liberta. E se não liberta, escraviza e gera medo!

Enquanto não se abandona o *véu* e se põe a cara para fora, olhando na *Graça* para a *Graça,* não se vive a dinâmica da conversão que muda não apenas as exterioridades do comportamento, mas as essências do ser e isto de modo constante e permanente. [[A vida de fé em fé pressupõe um caminho onde a própria fé se abre para se auto-questionar a fim de poder se re-catapultar para si mesma, sempre!]]

Afinal, são dinâmicas diametralmente opostas entre si: uma cobre a face, a outra a põe para fora!

Ora, isto nos remete para a *terceira* constatação. A *Teologia Moral de Causa e Efeito* — que é a mãe da *Síndrome do Véu* — é a patrocinadora de nossas piores doenças!

O medo que esconde o ser transforma o interior humano num viveiro de enfermidades psicopatológicas. Literalmente, o ser se *desvanece*. Assim é que a

História do Cristianismo é eivada de enfermidades numa demonstração tão escandalosa que nega a fé em Jesus.

Ou seja, se o *Evangelho de Cristo* gera algo como o *Cristianismo* e seus derivados históricos —incluindo-se, obviamente, os "evangélicos"— então, ele não é a *Verdade*!

Assim, os cristãos, até neste particular, foram objeto de seu próprio veneno e juízo sobre os demais homens. Pregaram não a *Graça*, mas a teologia de causa e efeito e seus veredictos.

Hoje — e não é de hoje — os mesmos critérios se voltaram contra nós. Ao nos oferecermos ao mundo como o *efeito visível* de nossa relação *causal* com Deus, e, após isto, com a maior cara-de-pau, nos exibirmos como a *demonstração comportamental do efeito*, sem o percebermos, demos e continuamos a dar um passo a mais em nosso auto-engano: jactamo-nos de nosso comportamento e, sem o discernirmos, *tornamo-nos, aos olhos do mundo, a Causa de nossa própria salvação*. E como nosso *"show case"* de comportamento nega a mensagem de Jesus, e, pior ainda, como nossa saúde humana e histórica não visibilizam nem mesmo aquilo do que nos jactamos — nossa superioridade Moral e humana sobre os demais homens—, caímos em nossa própria armadilha e desviamos o olhar humano do único ponto de referência para todos — para o indivíduo, a igreja e o mundo — que é *Cristo*.

Esta é a razão pela qual o *Cristianismo*, no mundo ocidental, tornou-se o principal patrocinador da *des-percepção* do Evangelho e o *agente* mais corruptor de todos os conteúdos da Verdade de Deus em Sua *Palavra*.

O *Cristianismo* histórico se tornou o pior *' promoter'* de qualquer *Palavra do Evangelho*, pois, para nós, o Evangelho é apenas uma versão cristã da *Lei*, e de uma *Lei* brega, feia, estereotipada, infantil, presunçosa e des-cumprida pelos seus patrocinadores.

Assim, a doutrina do *Purgatório* é verdade para todos os cristãos — incluindo os protestantes e evangélicos!

E por quê? Ora, dizemo-nos "salvos" pela *Graça*, na chegada. Daí em diante, somos "santificados" pela *Lei*. Então, ficamos num *limbo*, num

purgatório existencial sobre a Terra, pois, nem nos tornamos *filhos da Graça* a vida toda e nem nos entregamos aos *rigores da Lei* com honestidade. Desse modo, não usufruímos nem a saúde e nem a paz que vêm da *Graça* e, nem tampouco, conseguimos viver pela *Lei*. Ou seja, vivemos em permanente estado de transgressão e culpa.

E quanto mais existimos nesse "purgatório", mais orgulhosos, raivosos, arrogantes e mal-humorados nos tornamos. Afinal, nós sabemos que nós não passamos de um grande "estelionato" histórico, pois, no coração, nós temos consciência de que não somos nem uma coisa nem outra: nem *Gente da Graça* e nem tampouco o *Povo da Lei*.

ENTÃO, NOS TORNAMOS OS DOENTES QUE VENDEM CURA!

Somos como o homem que sofreu um derrame generalizado — perdendo seus movimentos e poder de agir — e, ainda assim, se oferece ao mundo para dar aula de levantamento de peso, estética corpórea, e garante que é capaz de correr as Olimpíadas, não sendo capaz de nem mesmo enxugar a própria baba que cai de seus lábios arrogantemente murchos, e, muito menos ainda, é capaz de cuidar do próximo que vive ao seu lado no mesmo estado.

O *Cristianismo* não se enxerga. E os cristãos, raramente, o conseguem fazer!

Meu trabalho, há muitos anos, é tentar separar, ante a percepção histórica das pessoas, o que é o *Evangelho* daquilo no que o *Cristianismo* se tornou. Assim, vou vendo muitos voltarem a Cristo, ainda que, em muitos casos, jamais consigam botar os pés numa "igreja". E, agindo assim, penso estar, de fato, também evangelizando, anunciando a *Boa Nova aos Gentios* como eu mesmo; ou seja, dizendo-lhes que estamos livres do *Cristianismo* a fim de podermos *servir a Deus em novidade de vida e não segundo a caducidade da letra e nem tampouco de acordo com a perversão cristã do evangelho.*

Assim faço por julgar que essa é a única maneira de ajudar aqueles que encontraram a Jesus, mas que jamais conseguiram encontrar, na Terra, a Sua Igreja porque esta não está perceptível aos nossos sentidos históricos, institucionalmente falando!

O *Cristianismo* não carrega nem os conteúdos do *Evangelho* e nem se parece com Jesus!

E como creio que o *Evangelho de Cristo* é a Verdade que liberta, só posso — juntamente com milhões de outros seres humanos — pensar que o que experimentamos, na maior parte do tempo, até aqui, é uma "falsificação do evangelho", especialmente porque os conteúdos do Evangelho de Cristo foram institucionalizados como *doutrinas* (a letra mata) e *formas*(odres envelhecem) que negam a *Graça*, a Misericórdia e a Liberdade em fé, que Jesus conquistou na *Cruz*.

Jesus não veio ao mundo para criar um *Circo*, em alguns casos; uma *Penitenciária*, conforme outros casos; um *Estado Soberano*, conforme o Vaticano Católico e os "vaticaninhos" dos outros grupos e seitas cristãs; e, nem tampouco, um *Hospício*, como acontece na maioria dos casos! [[As estatísticas mostram, tragicamente, a quantidade enorme de doentes mentais que adoeceram na "igreja". A Psicanálise só poderia ter nascido no chão do Judaísmo e do Cristianismo, com suas culpas neuróticas e as doenças da *Lei*. Não é à toa que tanto Freud quanto Jung tenham esses respectivos backgrounds.]]

Além disto, Ele não veio ao mundo para que Sua mensagem se transformasse numa *ideologia* moral ou política; e, nem ainda, para que ela, a mensagem, gerasse uma espécie de *Admirável Mundo Novo*, onde, pelo controle, todos se tornassem clones de comportamentos que matam as produções individuais e saudáveis das dinâmicas do ser.

Até mesmo a *Reforma Protestante* não percebeu o tamanho nem a profundidade do engano ao qual nós, cristãos, nos havíamos rendido, inconscientemente, é claro!

AS 95 TESE DE LUTERO PUSERAM A ESCRITURA, CRISTO, A GRAÇA E A FÉ NUM PACOTE "SISTEMATIZADO", COMO SE FOSSEM COISAS DIFERENTES UMA DA OUTRA.

O que nem Lutero e nem Calvino — o mais lúcido deles — perceberam é que havia não uma "Reforma" a ser feita, mas, muito antes disso, uma "Des-construção" a ser realizada! [[O Cristianismo Constantiniano que gerou a Igreja

Católica e a História Oficial da Religião Cristã, tornou-se, a partir do pressuposto filosófico-político-institucional onde nasceu, um ente-institucional irredimível, impermeável à *Graça*, justamente por arrogar-se a representá-la na Terra.]]

E por quê? Porque o problema não era, sobretudo, "doutrinário". Os erros doutrinários da Igreja Católica não eram "tópicos isolados". Eles eram todos o subproduto da mesma e única coisa: a *Teologia Moral de Causa e Efeito* que estava presente em tudo e que continuou, mesmo que sob outras insígnias, a determinar também os valores do *Protestantismo*. [[É por esta razão que hoje, quase 500 anos depois, o resultado histórico da "Reforma" *escandalizaria* Lutero ou Calvino. O "Protestantismo-Evangélico" de hoje é, na maior parte do tempo, um fenômeno de conteúdos medievais, portanto, pré-reformados até mesmo nas exterioridades!]]

Lutero não precisava de 95 teses. Bastava uma. E essa é aquela "única" tese de Paulo em todas as suas epístolas: *a Graça de Cristo é o fim de toda Lei e o começo-realizado de toda Vida, para a paz e a justiça de todo aquele que crê!*

E mais, é somente quando se tem a coragem de se fazer essa ruptura radical é que *o véu sai da face* e nós ganhamos, movidos pelas certezas da fé na *Graça*, a coragem de botar o rosto para fora, saindo de nossos medos, sombras, fobias e auto-justificações neuróticas!

Neste sentido, perdoem-me os irmãos que beatificaram *São Lutero* e *São Calvino* — que, sem dúvida, são "santos protestantes" com as mesmas características de *infalibilidade interpretativa da Escritura* de um Papa Católico —, acerca dos quais eu digo, — sendo muito menos atrevido do que Paulo — quando, do ponto de vista judaico de seus dias, disse "*E não somos como Moisés...*" —, que aqueles dois baluartes da fé, Lutero e Calvino, ainda ficaram *aquém* do que é radicalmente proposto, pois, por razões que somente a Deus pertencem, permaneceram ainda sob o jugo de Leis que, na prática, anulam a *Graça* em sua plenitude libertadora para a saúde do ser!

E para provar isto basta-nos abrir qualquer livro de História e veremos seus atrelamentos aos velhos esquemas e suas querelas, que tanto os colocaram, algumas vezes, nos braços dos políticos da época, quanto também os puseram em disputas teológicas que levaram à morte!

ALÉM DISSO, A REFORMA AINDA FOI UM MOVIMENTO DE DISSECAÇÃO DA VERDADE DO PONTO DE VISTA DA OBSERVAÇÃO DA ESCRITURA CONFORME O MÉTODO GREGO! [[Para os gregos a razão era o espírito, portanto, tudo o que daí procede já nasce fechado nos limites da Razão. Assim, a fé proposta pelo Evangelho lhes ser, *filo-só-ficamente*, loucura! Loucura maior, todavia, foi entregar a Escritura para que ela fosse sistematizada a partir da Razão grega, que gera seres vocacionados para viver num aquário, afinal,*a Razão precisa de si mesma para ser e ter razão*, criando, assim, o *sistema*. Então crê-se que é possível "estudar Deus".]]

Daí seu principal legado ter sido de natureza *doutrinária* e não uma espiritualidade que também remetesse para a dimensão mística e transcendente da fé. Ainda eram almas religiosas, doutas, impactadas pela *Graça*, porém, condicionadas a perceber a Verdade como algo cartesianamente sistematizável. [[Assim, o *Inexplicáve-Inegociável* vira Dogma. Se a *importância* do Dogma não for vista como *essencial*, então surgem as doutrinas, cada uma delas conforme *a imagem e semelhança* do pressuposto filosófico-hermenêutico que as pré-condicionou. O pressuposto filosófico-hermenêutico surge, assim, como uma espécie de *genoma teológico do sistema*, que, como sistema, uma vez fechado como pacote lógico, equivale ao *código genético* do ser em formação. A Ética deve ser sua *formação* e a Moral deve designar seu *corpo visível*, sendo o equivalente físico-sensorial da Estética, que na religião é o Comportamento, conforme o *código geno-teo-lógico* que define o ser que nasce no berço das *Institutas da Religião*, não importando em que "família" ele se enxergue na *Árvore Genealógica* conforme o seu DNA doutrinário, que não precisa ser calvinista, pois, as faces são diferentes, mas o sistema, da concepção ao nascimento, obedece à mesma cadeia sistemática do método filosófico-teológico de in-seminação inventado pelos gregos. Ou seja, tem a ver, no nível da vivência religiosa institucional, com aquilo que chamamos de "Igreja" ou até mesmo de "Corpo de Cristo", mas que, de fato, é apenas o reconhecimento de pertencimento, em afinidade com o *DNA* Dogmático, Teológico, Doutrinário, Ético, Moral, Estético e Sócio-Cultural de Algo nascido não na Manjedoura de Belém, nem na Alemanha de Lutero, nem tampouco na Genebra, de Calvino, porém, no laboratório do Doutor Aristóteles, na Antiga Grécia! E que teve no Cristianismo Constantiniano a sua ama-seca!]]

No entanto, é preciso entender que como Lutero e Calvino não eram a

Revelação e nem mesmo seus últimos “intérpretes autorizados”, tudo o que discerniram da Palavra teve seu lugar fundamental na História, mas, especialmente, naquele momento histórico. [[Lutero e Calvino provavelmente ficassem escandalizados se soubessem que o “protestantismo” praticamente parou na sua capacidade de se auto-renovar e de se entregar permanentemente à revelação da Palavra, nas Escrituras, só que aplicadas aos novos momentos da vida-história-humana. E mais escandalizados ainda ficariam se soubessem que suas produções, para muitos, tornaram-se semi-canônicas, para sermos generosos.]]

Em Cristo, nossa genealogia não tem nem pai e nem mãe, nem princípio de dias e nem fim de existência, pois, é filha de uma genealogia sem lógica histórica, visto que ela é conforme a *Ordem ou Código de Melquisedeque*. [[Heb 7: 1-19]]

Ou seja, em Cristo não temos que nos assumir nunca como historicamente pré-condicionados por nada que não seja o fundamento dos Apóstolos e Profetas, cuja Pedra Angular responde pelo nome histórico de Jesus, de Nazaré.

Além do que, a *Graça* Imutável é, todavia, *multiforme*; e sua *auto-aplicabilidade* à condição humana toma as caras dos tempos e épocas, e provoca em nós as possibilidades de nossa própria *percepção-apropriação* dela, condicionada que é — como por espelho opaco — pelas lentes turvas com as quais olhamos mesmo aquilo que é Perfeito!

Afinal, o mais livre de nós ainda carrega o ser-quem-é, sabendo e, ao mesmo tempo, freqüentemente também esquecendo que é um ser caído, e, por essa “razão”, já existe “precondicionado”, mesmo que não tenha sido formalmente pré-condicionado!

O que não entendemos é que assim como o pecado tem muitas faces, a *Graça* superabunda em novas faces em suas aplicabilidades!

Dizendo isto, com *“ousadia,”* estou também afirmando que eu não creio que o *Cristianismo* terá qualquer mensagem do *Evangelho* a pregar para as próximas gerações, com suas complexidades psicológicas e espirituais, a menos que se converta radicalmente à *Graça* não como uma doutrina-teológico-moral, mas como a essência de nossa relação com Deus, o próximo e com o nosso próprio ser!

E, aqui, não me refiro ao desaparecimento do *Cristianismo*. Falo apenas de

sua irrelevância espiritual, não socio-político-econômico-religiosa. O *Cristianismo* não desaparecerá e nem deixará de crescer em número e em poder terreno. Seus templos estarão cheios e seu fervor religioso pode até aumentar. Falo, sim, da impossibilidade dele gerar consciências sadiamente libertas do medo de ser e podendo experimentar a *Graça* de viver em Cristo, sem os temores que hoje são tão bem administrados pela "igreja", na sua obsessão de ser a "conquistadora" do mundo e de seus poderes —incluindo almas humanas —, embora não ajude as pessoas a terem uma alma para gozar a vida em Deus e Deus na vida, ainda na Terra!

Desse modo, *"servimo-nos de muita ousadia no falar. E não somos como ...* quem quer que seja, pois, de nossa face o *véu* foi removido e, no *Espírito*, experimentamos a liberdade de nos ex-pormos, a fim de que, na *Graça*, nosso *rosto desvendado* tenha a chance de *ser transformado de glória em glória, pelo Espírito de Jesus!* [[E para os que estão escandalizados comigo, tenho apenas a dizer algo que ainda os escandalizará mais ainda: creio no que Tiago, o irmão do Senhor, disse: *"Elias era homem semelhante a nós, sujeito às mesmas fraquezas..."* Sendo assim, *"sou quem sou"* , ainda que *o menor de todos*. Sim! Sou quem sou, não eu, mas *a Graça de Deus comigo*, conforme Paulo (Tg 5 e I Co 15: 7-10).]]

O problema, todavia, é que o *véu* continua *embotando* os nossos entendimentos e, assim, o *Evangelho* permanece "*encoberto*", dando ensejo a que o *"deus deste século cegue o entendimento dos incrédulos"* [[II Co 4: 3-4]]. E, aqui, *incredulidade* não é não crer "historicamente" em Jesus. A incredulidade é não descansar em Sua *Graça*, usufruindo, assim, do poder libertador de Sua *Cruz*!

A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO É, PORTANTO, A "MULHER RENDEIRA" CUJO OFÍCIO POR EXCELÊNCIA É COSTURAR, INCESSANTEMENTE, O VÉU QUE ENCOBRE A REVELAÇÃO DA PALAVRA!

Ora, esse mesmo véu é aquele que serve de mortalha espiritual ao

Cristianismo nesta *Era* chamada injustamente de *Pós-Cristã*, como se a maior parte da História da Igreja não tenha sido qualquer coisa que não fosse uma barata encenação de presépio do "texto" do *Evangelho de Cristo.*

Portanto, o que sonho é que ainda haja um grande, singelo, poderoso, amoroso e gracioso tempo do aparecimento do *Povo Gente Boa de Deus na Terra*.

Sim! Ainda veremos o levantamento de um remanescente, e que Deus permita que se compreenda que Instituições só servem a Deus se assumirem sua existência como contingencial, a fim de poderem se auto-revonar. E, para mim, não importa em que *odre* esse *vinho novo* aparecerá. Eu só não consigo é enxergá-lo nos odres velhos, rasgados e viciados em suas próprias formas, métodos, aparências, emoções e conteúdos de ser e olhar a vida, que inegavelmente aí estão.

E, entre esses, há muitos que servem suas instituições com sinceridade, mas que muitas vezes voltam para casa se perguntando: "Será que aquilo a que me acostumei a ser e fazer em nome de Deus tem alguma coisa a ver com os riscos, as intensidades, os interesses, as surpresas, as verdades e as mentiras expostas por cada um, num derrame de *Graça* infindável para uns; e de permanente estado de provocação para outros, conforme os relatos do Evangelho de Jesus?" A resposta poderá ser uma resposta correta, porém, dificilmente, será a verdade que liberta!

♦ CAPÍTULO XI – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO: A GESTORA DA CASA VARRIDA E ORNAMENTADA

Nos dias de Jesus a *Teologia Moral de Causa e Efeito* era o *Código de Regulamentação* a partir do qual se fazia a gestão da *Prefeitura Religiosa* da sociedade e de seus cidadãos, especialmente na *Capital*, Jerusalém — Cidade da Paz!

Outra ironia *histórica* de Deus?! [[O nome da cidade — Jerusalém, cidade da paz —nega a história da cidade. Nem aí há causa e efeito. A Jerusalém Terrestre continua sendo a "escrava" das religiões de causa e efeito, como Paulo já dissera. Ele diz que, historicamente, Jerusalém era o que era, porém, espiritualmente, não passava de uma vítima das Potestades que nela se instalaram (Gl 4: 21-31). A analogia de Paulo — um judeu-fariseu-convertido — que se utiliza da Jerusalém Terrestre para o papel de escrava-histórica, já mostra sua total descrença no papel espiritual que a ela se atribuiu e, ainda hoje, se atribui. A conversão de Paulo à *Graça de Jesus* foi imensamente mais ruptural e radical do que a mente moderna de um "gentio" consegue avaliar. Pois se o pudéssemos, não seríamos quem somos! Perda nossa!]]

O *Código* rezava que seu papel era o de limpar por fora, maquiar o interior com as tinturas da religião, ensinar a moda da aceitação e da inclusão social na clonagem oficial, e, sobretudo, era o responsável pela pureza externa de seus cidadãos. Uma espécie de Gattaca Religiosa! [[Filme de ficção que nos mostra um mundo controlado pelos "fariseus" da ciência genética.]]

No entanto, o que muito impressiona nessa questão é a afirmação de Jesus de que *gerações* podem ficar possessas pela *Teologia Moral de Causa e Efeito e seus demônios!*

E mais, *que ela é o melhor meio que Satanás tem de se infiltrar na consciência coletiva dos humanos* [[As "variáveis" podem ir da religião à política, passando, obviamente, pelos meios de propaganda e comunicação — ou seja, cobre tudo! Todavia, no século passado, Hitler mostrou a todos nós o tamanho do poder que um *Sumo-Sacerdote* dessa forma de pensar a vida pode patrocinar na Terra. Afinal, o *Nazismo* foi um dos maiores sentimentos de

natureza politico-messiânico-religioso-geneticista-racista que já existiram e carregava a chancela mais que caricaturada da *Teologia Moral de Causa e Efeito*. Pois, de fato, na base de todo preconceito, mesmo que científico, o que predomina é o princípio do mérito e da auto-suficiência das *Lei* s do homem como predador do próximo, fazendo isto sempre em nome de alguma forma de supremacia Moral ou civilizatória.]]. E aqui, reafirmo a mesma percepção que já externei em muitos outros livros meus, ultimamente em **O Enigma da Graça** [[No livro ***Batalha Espiritual*** o assunto foi debatido por mim em dois capítulos.]]. Ali, eu disse que desde que a serpente carrega a maldição divina de *comer o pó da Terra*, os principados e potestades se alimentam das produções dos humanos, suas culturas, suas criações sociais, tecnológicas, suas "descobertas" e, sobretudo, suas "certezas", suas Leis e seus códigos que produzem morte imediata ou lenta, fazendo prevalecer o princípio do carma; ou seja, causa e efeito. Afinal, o único inferno onde o Diabo é *atormentador* é a Terra. No verdadeiro Inferno ele será *atormentado* com seus anjos. O Inferno foi criado para ele apenas porque ele criou *um inferno* para si mesmo e para os outros! [[Mt 25: 41; Apc 20: 10]]

Voltando ao nosso tema — de como os Principados e Potestades se alimentam das produções da Terra —, é fácil se verificar isto numa breve olhada na televisão no dia de hoje — dia 18 de julho de 2002. Você verá entre várias, uma manifestação clara desse fenômeno *espiritual coletivo*.

Bush deixa claro que não dará tréguas a Saddam Hussein. Saddam fala aos Iraquianos pela televisão. Diz: *"Ainda que todos os demônios do mundo queiram lutar contra nós, nós os convidamos a nos visitar"*. O povo iraquiano o vê e ouve. Atitudes de oração e reverência são expressas nos seus rostos. Sua convicção: *"Nós, os velhos, já vimos três guerras — deposição do Xá, guerra contra o Irã e a Guerra do Golfo — e ainda estamos aqui!"*

Ora, o Iraque de hoje já foi a Babel de muito tempo atrás [[Para quem porventura não saiba, as geografias são as mesmas. O Zigurate da Torre de Babel está no Iraque e assim também lá estão as ruínas de Babilônia.]]; já foi a Babilônia de Nabucodonozor e todas as histórias da História; já foi a Pérsia de *Ciro, o Grande*; e foi sempre a terra dos Gênesis [[Com isto afirmo que a História, conforme a percebemos, com sua linearidade e com suas próprias auto-interpretações, nasceu naquela área do planeta. O livro do Gênesis é *também* um texto de Geografia, Política, Religião, Cultura e Etimologia daquela região da

Terra.]], dos começos e dos seres que morrem por causas, em nome de sua antigüidade, seu direito, seu poder, sua riqueza, sua tradição, seus deuses, depois por seu Deus — Javé , Jesus e Alá! —e, agora, por sua própria Civilização; ou seja, "*their own way of life"*! [["*their own way of life" – seu próprio modo de vida]]*

No tempo em que o Iraque de hoje ainda era a antiga Mesopotâmia-Caldaico-Babilônico-Persa, o profeta Daniel disse que ali havia um "principado" muito poderoso no mundo do espírito. Esse Principado Espiritual fazia objeção aos movimentos histórico-espirituais do verdadeiro povo de Israel dentro da nação de "Israel"—sobretudo, os encarnados e simbolizados em Daniel e seus amigos na corte dos tiranos que se sucederam. [[Dn 10: 20]]

Esse confronto foi tão intenso ao ponto de que Miguel, o Arcanjo, saiu em defesa de um outro mensageiro espiritual, que contra aquele Principado combatia já durante vinte e um dias. Somente depois desse socorro espiritual especial é que o mensageiro celestial pôde falar a Daniel.

A dimensão espiritual do embate somente pode ser negada por um cético sem compromisso nem com o que lê e nem com o que diz crer na Bíblia. Era um ser celestial dizendo que havia um *Principado Espiritual* naquele lugar. E ainda avisa que outros Principados ali habitariam e ali mesmo seriam chamados por outros nomes e culturas. [[*Lei*a Daniel 10 e 11]]

E a leitura da Bíblia e da História confirmam este fato mundial até a manhã deste dia. Saddam é apenas a versão islâmica de "outros" que o antecederam, ainda que todos, sem o saberem, tenham obedecido ao mesmo Principado e à mesma Potestade espiritual.

Saddam cumpre hoje ali um papel visível também cumprido por outros antes dele.Como, todavia, as culturas, as morais, as religiões e os costumes mudaram — e suas formas de expressão também — eles, os principados, as serpentes que se alimentam das produções da poeira levantada pelo caminhar dos humanos, continuam atualizados.

Bush que o diga! Pena que ele não saiba como combatê-los! Pois se o soubesse, não lutaria contra eles nem com carne e nem com sangue, mas com oração!

Afinal, está dito, mesmo que não esteja assim "escrito", porém, "escrito está"!

Ontem, eles se apresentaram com cara de Babilônios. Hoje, com faces de aparência árabe. Ontem, eles eram politeístas. Hoje, são monoteístas e servos de Alá. Ontem, eles queriam dominar o mundo. Hoje, eles não querem ser invadidos pelo "mundo" e, para o evitar, estão dispostos a destruir-se na tentativa

de destruir “aquele” que o destrói. Todavia, é o mesmo *Principado Espiritual* e a mesma doença do poder. O Iraque de hoje ainda é o lugar onde as línguas dos homens estão sendo *confundidas*. [[Gn. 11 nos fala da Torre de Babel, onde as línguas dos homens foram confundidas. Pois mesmo nesta época de “comunicação-tecnológico-civilizatória”, a *língua estranha*, que a civilização árabe fala em relação aos códigos de nossos sentidos de percepção, constituem uma outra Babel Civilizatória. Ali, a língua única *da* Globalização foi confundida. Pelo menos, por enquanto!]]

Do contrário, o mundo inteiro estaria *falando a mesma língua*, e, quem sabe, falando todos a mesma língua nos “entendêssemos” tão bem, que nos mataríamos mais rápido; ou, no melhor caso, nos sujeitaríamos mais facilmente ao *Big Brother Político*! A *Grande Babilônia* que deseja dominar o mundo! Que ironia! É a Antiga Babilônia tentando se defender de Uma Grande Babilônia, que deseja tomar o seu lugar.

A Grande Babilônia não tem geografia fixa. Já a Antiga Babilônia a possui. Daí, talvez, sejamos tão Moralmente mobilizáveis contra ela; afinal, ela tem história e cara visíveis aos olhos. Já a Grande Babilônia é um espírito que possui toda a terra.

TALVEZ SEJA A ANTIGA BABILÔNIA A FORÇA QUE AGORA AINDA RETARDE O AVANÇO DA GRANDE BABILÔNIA, E SEU ANSEIO POR ENGOLIR TUDO, INCLUSIVE ALMAS HUMANAS. [[Apc 18 e 19. A Babilônia carrega o conceito espiritual da mistura dos principados com as produções humanas — indo da produção econômica à temática psicológico-espiritual de controlar até mesmo “almas humanas”.]]

O que é isto?

São os principados e potestades fazendo uma possessão “super bem aculturada”. Aliás, em quase todos os sentidos, nunca uma geração teve tanta chance de assistir a tais fenômenos como a nossa. E pior, de ficar possessa de seus “espíritos”.

Provavelmente, do ponto de vista “científico”, foi Jung quem melhor mostrou — com as categorias e linguagens psicológicas — o fenômeno da existência de um Inconsciente Coletivo; ou seja, de uma camada psíquica que conecta os indivíduos de uma sociedade, podendo, inclusive, até mesmo se tornar um Poder Mundial de natureza inconsciente, porém, acontecendo de modo

praticamente simultâneo no planeta.

●

Sua pergunta talvez seja: e o que isto tem a ver com o tema em questão?

Para quem não percebeu ainda, eu digo, infelizmente, *tudo*!

Jesus falou pouco a respeito da possessão demoníaca explícita. Sim! Ele falou pouco sobre o assunto. Todavia, expulsou a todos os demônios que, como tais, se manifestaram diante Dele. Entretanto, Ele tratou bastante do assunto das *possessões sutis*, que são as piores, pois, em geral, podem ser mais "culturas espirituais" que demônios que se "manifestem" como tais, muito pelo contrário. Não são, necessariamente, **o** demônio, mas são demoníacos!

Nos textos que seguem, Jesus abordou o tema da possessão demoníaca em dois níveis: um *existencial* e outro *generacional*.

Primeiro, leia o texto generacional:

Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra.

Por isso diz: Voltarei para minha casa donde saí.

E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada.

Então vai, e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração perversa. [[Mt 12: 43-45]]

Aqui a ênfase recai sobre "esta *geração* perversa...!"

Agora, leia o mesmo texto em Lucas e veja a conclusão existencial: *Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos, procurando repouso; e, não o achando, diz:*

Voltarei para minha casa donde sai.

E, tento voltado, a encontra varrida e ornamentada. Então vai, e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem se torna pior do que o primeiro. [[Lc 11: 24-26]]

Se você me pergunta se creio que há diferença entre as duas coisas, minha resposta é sim e não. *Sim*, apenas porque se um indivíduo está possesso, isto não significa que todos estão possessos de sua possessão. E também porque como veremos mais adiante neste livro, toda possessão *individual* é também projeção das possessões coletivas e vice-versa.

Em ambos os textos tudo é igual. O espírito imundo sai de um homem. Procura lugar de pouso e não encontra. Então diz: "*Voltarei para a minha casa de onde saí*." E o faz trazendo consigo novos inquilinos e, assim, o segundo estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro.

A diferença está apenas no "aplicativo" de Mateus: "*Assim também acontecerá a esta <u>geração</u> <u>perversa</u>*".

Desse modo, a única diferença entre uma possessão individual e uma coletiva é que no primeiro caso o homem perde o controle de si e, por vezes, perde sua consciência individual. Já no segundo caso, a consciência dos indivíduos fica suficientemente cônscia de si, mas não discerne o poder de conexão invisível e que, escondido no coletivo, age como um sentir unânime e, em geral, mobiliza a "maioria" com *alguma <u>causa</u> de vida ou morte*, sendo que o <u>efeito</u> nunca é vida, é sempre morte!

Jesus não faz muitas alusões explícitas àquela *geração* [[São apenas 5 ou 6 alusões, incluindo as repetições sinópticas.]]. No entanto, Ele fala em abundância sobre quem *ela* era, mas não usa muitas vezes a palavra *geração*.

Afinal, não precisa estar *escrito* para estar *dito*!

Assim é que Jesus compara aquela *geração* a meninos que sofrem de um mal-humor crônico e contínuo, além de ser indefinido. Era raiva da vida e da liberdade de ser dos outros. E tanto fazia qual fosse a "expressão de ser" do outro em observação. Eles odiavam a quebra dos padrões de "normalidade" conforme o fizeram tanto Jesus quanto João Batista. Ambas, eram, em si mesmas, existências anti-téticas em relação a sua geração, embora, os dois fossem também diametralmente diferentes em seus comportamentos em relação um ao outro.

A segunda referência significativa àquela *geração* acontece num sanduíche de fariseus e escribas da *Lei* tentando provocá-Lo. Ele vinha de expulsar um demônio à vista da mesma assembléia de religiosos. Foi objeto da mais terrível interpretação no seu ato: "*Este não expele os demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios*". [[Mt 12: 24.]]

A esses, Jesus diz o seguinte:

1. Satanás não cometia burrices daquele tipo. Portanto, sugere que a presença de Satanás não estava na divisão causada por Jesus em seu "reino", mas, ao contrário, estava estabelecida na <u>monoliticidade</u> do corpo de pensamento daquela geração, agora, sim, <u>dividido</u> pela presença anti-tética de Jesus [[Mt 12:

25-26]]. Eles eram os demônios atingidos!

2. Se o argumento deles fosse válido, então, antes de julgarem a procedência do poder que emanava de Jesus, eles teriam que explicar a fonte do poder utilizado pelos seus próprios filhos, que também "expulsavam demônios". Em não o fazendo, estavam reconhecendo o poder de Belzebu como a força operativa também entre eles. [[Mt 12: 27]]

3. Se não podiam "responder" sem se acusar, então, que admitissem que em Jesus o poder manifesto era o do Reino de Deus que estava, em Jesus, no meio deles. [[Mt 12: 28]]

4. Nesse caso, diz Jesus, o que estava acontecendo era um saque divino nos cativeiros de Satanás, pois sua "casa" havia sido invadida por Alguém que lhe era superior, com poder, inclusive, de "*amarrá-lo e saquear-lhe os bens*". [[Mt 12: 29]]

5. Desse ponto em diante, Ele traz a "espada" e divide a assembléia dizendo-lhes que qualquer declaração que saísse de suas bocas com aquele tipo de conteúdo e que não correspondesse à verdade de seus corações — sendo, apenas, portanto, uma utilização "política" do tema espiritual, carregando uma "calúnia" contra Jesus e uma "blasfêmia" contra o Espírito de Deus que Nele agia — seria considerada um pecado sem perdão! Ou seja, se conscientemente eles sabiam que Jesus era enviado de Deus, mas, em razão da des-construção institucional que Jesus trouxera com Sua mera presença entre eles, haviam optado pelo caminho da negação da *Graça* que em Jesus os visitava, então, pela fria opção pela manutenção do poder que julgavam possuir, eles se colocavam cometendo a pior blasfêmia: negar que a mão de Deus seja a mão soberana em ação, preferindo caluniar o agente da *Graça*, cometer uma blasfêmia contra o Espírito, mas não perderem seu poder temporal que, em Jesus, eles viam ameaçado. Essa era a "possessão" que os possuía. [[Mt 12: 30-32]]

6. Na seqüência, Jesus adverte sobre as "palavras" como sendo o resultado da escolha existencial do homem, do que ele tira ou não de seus baús do coração: se busca seus valores nos *cofres da verdade* ou nos *sombrios e secretos ambientes de sua perversidade interior*. E conclui de modo a vaticinar um terrível juízo sobre toda palavra frívola dita pelos homens em relação a Deus e ao próximo. [[Mt 12: 33-37]]

Ora, é neste ponto da "batalha" que os adversários chegam, cinicamente, com uma "pérola tirada do mau tesouro" de suas almas:

"*Mestre, queremos ver de tua parte um sinal*"—pediram eles! [[Mt 12: 38]]

Ele, porém, lhes respondeu:

"Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas". [[Mt 12: 39]]

O que segue é Jesus afirmando que tanto os Ninivitas dos dias de Jonas quanto os Etíopes dos dias de Salomão e da rainha de Sabá eram seres infinitamente mais abertos a Deus que os arrogantes filhos da *Teologia Moral de Causa e Efeito*, os mesmos que agora queriam "tentá-Lo", pedindo-lhe uma demonstração visível de um *efeito* confirmador da *causalidade* divina de Jesus. Enfim, outro pedido semelhante ao feito por Satanás no Pináculo do Templo. [[Mt 12: 40-42]]

Ora, é nessa "viagem" que entra o tema da "geração" que se tornara *Casa de Espíritos Maus*, conforme o relato de Mateus acerca da "possessão" generacional. [[Mt 12: 43-45]]

Se você for verificar a mesma passagem do Evangelho em Lucas, você verá que o contexto antecedente é exatamente o mesmo [[Lc 11: 14-26]]. Em Lucas, todavia, a seqüência do contexto imediato — ou seja, o que vem depois — fala de maneira ainda mais clara dos "espíritos" que haviam se instalado no inconsciente coletivo daquela geração, formando uma rede de pensamentos e sentimentos contrários à *Graça de Deus e sua revelação em Jesus.*

As denúncias que Jesus faz àquela geração são as seguintes: 1. Os pagãos sempre haviam sido mais abertos à revelação do que eles. E a própria resposta dos "gentios", que encontraram com Jesus nas narrativas dos evangelhos, demonstra isto. [[Lc 11: 29-32; Lc 7: 1-10; Lc 7: 24-30]]

2. Não adiantava que seus adversários dissessem que eles eram o *Povo da Luz*, pois, esta, quando habita alguém, aparece sempre [[Lc 11: 33]]. Além disso, a "luz" de um ser não vem "de fora", nem de seus supostos encontros-de-hora-marcada com a luz. A verdadeira Luz nasce nos ambientes interiores e gera uma nova maneira de enxergar a vida. Aqui, Ele associa a luz do ser ao modo como a pessoa "interpreta" a vida, Deus e o próximo [[Lc 11: 34-35]]. E mais, Ele diz que a luz do ser vem também dele não negociar com suas sombras, escondendo-as, pois, nesse caso, o que deveria ser a fonte de luz —o interior e seus bons pensamentos e interpretações da vida — passa a ser o gerador das trevas no interior humano. [[Lc 11: 36]]

Agora, no mesmo contexto imediato — ou seja, *"Ao falar Jesus estas palavras"* —, um fariseu o convidou para ir comer em sua casa; então, Jesus,

entrando, tomou lugar à mesa. [[Lc 11: 37]]

O problema é que Jesus entrou, sentou e comeu!

Que problema!

Ele não havia lavado as mãos antes de comer!

O fariseu não agüenta a transgressão cerimonial cometida por Jesus. Afinal, Jesus era o mesmo que eles, coletivamente, haviam acusado de ser instrumento de Satanás.

Agora, preste atenção como toda a conversa que se segue — que começa numa casa, à volta da mesa, com serviço de lavagem cerimonial disponível, com copos, pratos e mobílias –- se transforma na analogia perfeita da "*casa vazia, varrida e ornamentada*", pois, o tema volta nos lábios de Jesus. [[Mc 7: 2-5— onde a "mobília" aparece com extrema força.]]

"*O Senhor, porém, lhes disse: Vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade*". [[Lc 11: 39]]

Para mim fica impossível não associar a analogia da "*casa vazia, varrida e ornamentada*" com "*limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade*".

O resto da fala de Jesus continua a denunciar a mesma conexão entre ambas as "imagens" de possessão:

1. Exterior limpo, interior habitado por rapina e perversidade.

2. Quem fez o exterior é o mesmo que fez o interior de todas as coisas [[Lc 11: 40]]. E, para Ele, é o amor solidário aquilo que torna o mundo puro para os puros. [[Lc 11: 41]]

3. As exterioridades do culto à mobília e aos ornamentos exteriores do ser eram o *deus* deles. Por essa razão eles davam devocionalmente a Deus apenas aquilo que contribuía para a propaganda de como sua "casa estava varrida e ornamentada", enquanto negligenciavam as verdades do interior, que são aquelas que "enchem a casa" daquilo que é bom [[Lc 11: 42]]. E a prova desse culto à "casa varrida e ornamentada" aparecia até mesmo nas obviedades de seus códigos de valores e importâncias: todos ligados à imagem e às suas pretensas distinções entre os homens. [[Lc 11: 43-44]]

Naquela assembléia reunida na casa do fariseu não havia apenas religiosos zelosos das exterioridades da *Lei*, como os fariseus, havia ali também alguns teólogos, ou seja, intérpretes da *Lei*. E, é deles que agora vem a confissão de que as palavras de Jesus os "ofendiam"

também. Passaram um recibo autenticado no *Cartório da Culpa* [[Lc 11:

45]].

E o que Jesus diz a esses teólogos, os "intérpretes da *Lei*"?

1. "*Ai de vós também, intérpretes da Lei! Porque sobrecarregais os homens com fardos superiores às suas forças, mas vós mesmos, nem com o dedo os tocais*"—afirmando que a "mobília" da casa varrida e ornamentada era patrocinada por eles, ao "construírem" uma teologia para estivadores, sem a misericórdia de perceber que aquela tarefa que eles impunham sobre os outros era mais que desumana, e, além disso, dava a eles o poder satânico de, em nome de Deus, oprimirem o próximo com aquilo que eles mesmos não agüentavam bancar nem nos ambientes de seus próprios corações. Lc 11: 46]]

2. "*Aí de vós! Porque edificais os túmulos dos profetas que os vossos pais assassinaram. Assim, sois testemunhas e aprovais com cumplicidade as obras dos vossos pais; porque eles mataram e vós lhes edificais os túmulos*"—asseverando que a atitude politicamente mais "correta e leve" dos teólogos não escondia da face de Jesus a verdade. Sua "diplomacia" também era perversa. Eles eram apenas mais educados em suas atitudes. Mas no seu interior havia a mesma "rapina e perversidade" de seus colegas fariseus. Desse modo, Jesus denuncia as etiquetas da religião e seus representantes, que matam os portadores da Palavra, mas sempre, após a História se impor sobre os interesses então imediatos — seus filhos, filhos da mesma escola e alunos da mesma teologia — erguiam agora os túmulos dos profetas, fazendo "reformas históricas", mas que não os colocavam no caminho da obediência à Palavra de Deus falada pelos profetas no dia de Hoje! Assim, eles achavam que construir tumbas em honras dos profetas os diferenciava de Seus pais, os assassinos de ontem. A questão, todavia, é que Deus é Deus de vivos e não de mortos. E Sua real expectativa não é que os profetas sejam ou fossem honrados, mas ouvidos! [[Lc 11: 47-48]]

3. Jesus conclui dizendo que eles não se diferenciavam em nada de seus pais. Afinal, eles estavam tendo a chance histórica de experimentar o verdadeiro arrependimento — ou não era Jesus que eles agora rejeitavam?—, mas nem mesmo isto eles enxergavam, fazendo-se, assim, mais cegos e homicidas que os seus pais. [[Lc 11: 49]]

4. A questão é que aquela não era uma situação "estanque" ou sequer "departamentalizável". Eles eram parte da mesma geração. Havia uma conexão simbiótica entre eles — fosse no passado, fosse no presente! Portanto, havia uma possessão crescente e cumulativa no processo histórico-religioso. E mais, aquela geração teria que responder por si mesma e pelo passado, do qual eles faziam um

mero *replay* no presente. [[Lc 11: 50-51]]

5. O pior para Jesus era que os "intérpretes da *Lei*" diziam possuir a "*chave da ciência*" interpretativa. Ora, Jesus diz que era baseado nesse auto-engano — ou, quem sabe: engano deliberado!— que eles nem entravam na *Graça* e nem deixavam, aqueles que a desejavam, entrar com as próprias pernas pela *Porta* [[Lc 11: 52]]. E que pior denúncia pode haver para qualquer tipo de clero?! A separação humana entre leigos e clérigos, em qualquer que seja o nível ou em qualquer que seja a nomenclatura, é um acinte ao puro e simples Evangelho de Jesus!

O que se segue a isto é a declaração explícita de que tanto os letristas-escribas, quanto os escrachadamente legalistas-fariseus, bem como os educadamente Moralistas-intérpretes da *Lei*, agora o "*argüiam com veemência*" procurando confundi-Lo com muitos assuntos, "*com o intuito de tirar de suas palavras motivos para o acusar*" [[Lc 11: 53-54]]. Para Jesus, toda discussão sobre a Palavra acaba em confrontos satânicos. Por isto, mesmo havendo uma multidão interessada no debate, Ele vira e fala apenas com os Seus discípulos, e lhes diz o seguinte: 1. "*Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia*"— e, assim, Ele lhes diz que os fariseus, à semelhança do fermento, eram os mestres do <u>inchaço da</u> <u>*Lei*</u>. Eles eram hipócritas, pois, aumentavam o peso das coisas que eles sabiam que homem algum poderia carregar. Seu fermento era apenas a capacidade de "aumentar" as Escrituras sem discernir sequer os conteúdos da Palavra. [[Lc 12: 1]]

2. "*Nada há encoberto que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido*"— revela agora a certeza de Jesus não só sobre o Juízo Final, mas sobre a impossibilidade dos homens se esconderem para sempre! Portanto, diz Ele aos seus discípulos: "Não sucumbam à religião das aparências. O que é, é!" E mais, ele retoma o tema da <u>casa</u> na continuidade do mesmo assunto: os bochichos do interior da <u>casa</u> ainda seriam gritados da <u>varanda</u>. [[Lc 12: 2-3]]

3. O que segue é a advertência de Jesus aos discípulos quanto a não se impressionarem com aquelas Potestades Religiosas e nem Políticas. Elas não deveriam ser temidas. Seu poder de fazer mal não passava do corpo [[Lc 12: 4-6]]. E mais, até para exercerem tal poder, tinham que ter — à semelhança de Satanás em relação a Jó — uma permissão divina [[Lc 12: 5-7]]. Tudo estava sob controle. O perigo não vinha deles, mas do coração e de suas produções [[Lc 12:

8-10]]. Quanto ao poder de oprimir que os *Senhores do Saber* possuíam, Jesus diz que não era para se preocupar. Eles contavam com a perversidade satânica para interpretar a existência. Os discípulos, no entanto, carregavam a promessa de estarem habitados pelo Espírito da Verdade, que lhes ensinaria como não se sujeitar aos trabalhos forçados daqueles donos de pesadas mobílias e que moravam numa *casa vazia, varrida e ornamentada*! [[Lc 12: 11-12]]

A seqüência do texto continua mostrando o significado de ser uma casa *vazia, varrida e ornamentada*. Isto pode vir da tentação de se aceitar a função de "juiz e repartidor" entre os homens [[Lc 12: 13-14]]. Ou mesmo poderia ser o produto da superficialidade de uma existência possessa de "avareza" [[Lc 12: 15]]. Ora, esse espírito também traz como sua marca distintiva a percepção de valores apenas no mundo das imagens e das seguranças visíveis, enchendo ceLeiros, mas deixando a casa espiritual vazia de Deus. [[Lc 12: 16-21]]

Na seqüência, Ele passa a inocular em Seus discípulos alguns anticorpos que pudessem dar a eles a consciência acerca do enganoso vírus do fermento dos religiosos, filhos da *Teologia Moral de Causa e Efeito.* [[Lc 12: 22-34—onde Ele mostra o que vale e o que não vale, sendo o resto apenas mobília. E veja também Lc 12: 35-59—onde a temática prevalecente é a do modo de pensar da *Teologia Moral de Causa e Efeito.* São capazes de interpretar as *Lei* s fixas do universo —aliás, essa era a especialidade deles, causa e efeito —, mas não tinham sensibilidade para "interpretar os tempos", de sentir o vento do Espírito. Eles só interpretavam o que era material e tinham nas *Lei* s de causa e efeito do universo fixo seu paradigma hermenêutico para ler a vida e as Escrituras; e pior: as tragédias humanas, conforme vimos exaustiva e melancolicamente em ***O Enigma da Graça.***]]

Jesus prossegue com a temática das relações de *causa e efeito* presentes no pensamento de Seus contemporâneos. [[Lc 13: 1-5. E aqui, Ele diz que as catástrofes aparentes não significam nada. É pelo engano de que elas podem carregar algum significado que a *Teologia Moral de Causa e Efeito* mantém seus servos aprisionados ao medo, negando-lhes, todavia, a *Graça* de olhar não apenas para o que acontece fora, mas para as calamidades de dentro; e, assim fazendo, não os conduziam ao caminho da revisão de vida; ou seja: do arrependimento!]]

É significativo que, logo adiante, Jesus expulse um demônio numa sinagoga. Ora, ali está o quadro pintado de uma *casa vazia, varrida e ornamentada,* mas onde o diabo mantinha "*filhos de Abraão em cativeiro*".

E qual é a reclamação do gerente da *Casa Vazia* — a sinagoga? Seu argumento tem a ver com a bagunça que a libertação causou à ordem das coisas na casa bem arrumada, e que fora construída para não ser o lugar da vida, sendo tão somente um 'showroom' de Religiosidade [[Lc 13: 10-17]]. Nesse lugar ninguém quer saber se você está melhor, mas apenas se está tudo em ordem!

A mim vem agora uma pergunta: o que teria instigado os espíritos da *casa vazia, varrida e ornamentada* a agirem de modo sete vezes pior?

No contexto anterior, em Lucas, Jesus envia setenta discípulos para pregarem o evangelho da *Graça*, a Palavra do Reino, o Evangelho da Salvação.

Ao retornarem, os discípulos vieram felizes com os resultados: "*Até os demônios se nos submetem pelo teu nome*"— disseram eles!

Jesus, no entanto, lhes respondeu que Ele mesmo vira Satanás ser atingido em cheio pelo resultado daquela missão, caindo do céu *como um relâmpago*. E mais: que a alegria dos discípulos deveria sempre ser a alegria de *ser* e não a de *poder*, e também jamais deveria se basear no sentimento de prevalência sobre as forças do mal no "outro"—afinal, raramente se encontra um humilde e sadio exorcista ambulante —, mas sim, com o fato de que, pela *Graça* de Deus, e, em Cristo, seus nomes estavam escritos no *Livro da Vida*, onde tudo o que de fato Deus chama de *ser-história-do-ser* está lá registrado para o nosso bem. [[Lc 10: 17-20]]

O ódio de Satanás vinha do fato de que aquela Casa era Vazia, Varrida e Ornamentada pelas Leis, pelos cerimonialismos, pelo comportamentalismo exterior, pelas morais homicidas, pelos dias tão santos que neles nem o bem cabia, pelos Concílios da Verdade, pelos aparatos das piedades exteriorizadas, e, sobretudo, pela capacidade de "*jeitosamente*" desviarem a atenção dos homens dos ambientes do coração para as nulidades das exterioridades da religião e seus infindáveis rudimentos.

Agora, todavia, para horror dos "demônios", chegara "*o mais valente*" e com Ele vinha o poder de "*amarrar*" aquelas forças, a fim de poder encher a casa não com mobília e ornamentos das aparências da piedade exterior, mas com Vida! [[Mt 12: 28-29]]

Para Jesus, mais vazios que os "vazios", que eram habitados "circunstancialmente" por demônios [[Como era o caso da maioria de quem Jesus "expulsou demônios".]], eram os que propositalmente "construíam" casas

religiosas que nada mais eram que lugar de morada de demônios, tornando a casa cada vez mais mal assombrada! De fato, o que eles chamavam de “mobília ornamental”, Jesus chamava de “rapina e perversidade”.

E aqui voltamos ao nosso tema:

A *Teologia Moral de Causa e Efeito* é a gestora satânica da Casa Vazia, Varrida e Ornamentada!

E sabe por quê?

Ora, Jesus estava falando dos mestres e seus melhores exegetas, os intérpretes da *Lei*; dos melhores executivos devocionais que a tradição judaico-cristã já teve, os fariseus; dos mais bem sucedidos políticos da religião, os sacerdotes; e dos depositários mais fiéis da Revelação Escrita, os escribas [[Zelo de Deus, porém sem entendimento, como diz Paulo (Rm 10: 2)]]. Todavia, eles eram sepulcros pintados de branco por fora a fim de esconder a podridão que crescia dentro deles.

QUANTO MAIS MORAL É O CONSCIENTE HUMANO, MAIS ADOECIDAMENTE TARADO, LASCIVO E PERVERSO O SEU INCONSCIENTE SERÁ! [[Em ***O Enigma da Graça*** lido bem mais com essa questão.]]

Eles tinham a casa, o Templo; e possuíam o poder de fazer sua gestão; o poder era oriundo dos cargos que ocupavam na manutenção do sistema; e esses cargos eram mais elevados à medida que alguém se “avantajava” nas práticas das regulamentações legais, exteriormente, é claro!

Todavia, eles só tinham copos, pratos, talheres, lavatórios, mesa, comida e a certeza de belos ornamentos para a decoração. Afinal, o “lixo” dos outros eles cobriam com pedras [[João 8: 1-10]]. E os seus próprios, eles ocultavam no coração. [[Mt 23: 25-28]]

Faltava-lhes tudo!

Faltava-lhes vida e a real Presença do Deus da *Graça* em seus corações!

Eles haviam sido tragados. Estavam escravizados pelo pecado de sua quase incurável arrogância [[João 8: 44]]. E se tornaram tão vazios de amor a Deus e à vida, que nem sentiam que no seu zelo, eles se tornavam freqüentes transgressores da *Lei* e dos Profetas. Ora, eles estavam vazios em seu próprio ser, pois, esvaziaram de tal modo a sua própria casaser, que eram agora capazes de planejar até mesmo a morte de Jesus — depois vieram a consumá-la, como

também tinham consentido com a execução do último profeta, João, o Batista! — e isto enquanto faziam vista grossa ao comércio nojento e asqueroso no qual o "mercado religioso" se tornara. E pior, criando uma religião de causa e efeito que permitia ao filho desonrar os pais desde que a causa-desculpa gerasse o efeito-contribuitivo para os cofres da Religião. [[Mc 7: 1-23. Aqui, trata-se algo muito mais sério que se imagina. É quando as autoridades do saber e os principados da autoridade Moral e religiosa — os reis do exemplo — tomam para si o poder de julgarem-se, em seu serviço a Deus, os seres com permissão para re-escrever o que está não somente dito, mas escrito como está dito. Esta foi sua conduta em tudo. "Honra a teu pai e tua mãe" — único mandamento com "promessa" — é também a única *Lei* de Moisés *con-sentidamente* repetida por Paulo. Talvez porque ela seja o sinal mais básico de que alguém é humano, no melhor sentido da palavra! E de todas, ela é a *Lei* que carrega uma "promessa", indicando que a benção de um homem na Terra é "honrar seus pais"—no hebraico a palavra vem da raiz de pesar, avaliar, medir, entender—, portanto, a bênção de um filho, é melhorar a humanidade de seus pais nele mesmo!]]

Tudo isto feito pelo poder, pelo lucro e pela auto-exaltação, piedosamente admitidas como expressão do zelo pelas coisas de Deus. Esses seres se tornaram tão mortalmente vazios que Jesus os chama de "sepulturas invisíveis". [[Lc 11: 44]]

Todavia, em matéria de exterioridades, de mobílias morais e religiosas, eles eram os melhores e mais devotos religiosos de que o Ocidente já teve notícia!

Jesus, entretanto, viria a chamá-los de "filhos do diabo". [[Mais adiante neste livro voltarei a este assunto, que também já foi tratado por mim em vários anteriores e, também, em ***O Enigma da Graça***.]]

AQUELA GERAÇÃO TINHA A "MOBÍLIA", MAS A CASA ESTAVA VAZIA DE DEUS, VARRIDA PELA MORAL DA LEI E ORNAMENTADA PELO CERIMONIALISMO SACERDOTAL. MAS ERA APENAS ISTO!

Conclusão: os demônios voltaram e foram habitar o <u>inconsciente</u> da maioria, criando assim, uma "consciência" moralmente rígida, e quanto mais rígida se tornava, tanto mais os demônios lhes atordoavam o "interior da casa".

Estavam literalmente <u>fadados</u> a serem os *reis do exemplo*, para fora; enquanto, <u>do lado de dentro</u>, viam-se tendo que existir como cativos, sobrevivendo mortalmente entre vôos de aves de rapina e bestas perversas, des-cumprindo assim, <u>interiormente</u>, as Leis que impunham "aos outros" <u>do lado de</u>

fora, que nada mais eram que as Leis da animalidade predatória, escondidas sob os signos da Moral e da religião. Ora, exatamente conforme os padrões das Leis de causa e efeito da natureza caída!

Agora, pense um pouco comigo num ser humano muito conhecido de todos nós. Ele fora fariseu e conhecera, desde as entranhas de seu ser, o significado de ser uma casa vazia, varrida e ornamentada — porém, habitada por demônios e fobias.

Saulo de Tarso é um ser ex-casa vazia e que se torna santuário habitado pelo Deus de toda *Graça*!

Ele haveria de afirmar que esta *Graça*, conforme ele mesmo, não lhe viera de homens, mas da direta "revelação de Jesus Cristo". [[Gl 1: 15-17]]

A diferença, até os nossos dias, entre Paulo e a maioria absoluta de todos os estudiosos da Bíblia, é que Paulo sabia do que ele estava falando quando denunciava a total irreconciliabilidade entre a *Lei* e a *Graça* em se tratando de salvação, de santificação, de serviço, de dores e fraquezas, de perdas e lucros, de equivalências polarizantes nas inclinações do ser, de perfeita imperfeição e de imperfeição perfeita e também da experiência do mais absoluto Azar enquanto servia a Cristo. [[A simples *leitura* de I e II aos Coríntios evidencia isto completamente.]]

Todavia, Paulo sabia o porquê do poder de Deus se aperfeiçoar na fraqueza, em razão de um dia também ter sido casa vazia, muito bem mobiliada, enquanto era habitada por guerras infindas, por principados e potestades e por poderes do mal.

Paulo recebeu a "revelação" e entendeu-a também até onde lhe foi permitido discernir o que já era total, pois, já estava "dito", porém ainda era parcial, no que dela se havia "discernido".

E nisto, também desejo me expressar: Paulo revelou muito mais do que ele mesmo, como homem, obteve da própria revelação que recebeu. Do contrário, não haveria porque crer na inspiração das cartas de Paulo.

Melhor seria crer que Paulo era a revelação!

Ele não era!

Ela, a revelação, só se Encarnou uma única vez!

A revelação disso é que foi dada a Paulo mais do que a qualquer outro humano antes dele. E mais, foi Paulo aquele que melhor compreendeu as implicações da Encarnação, Vida, Morte e Ressurreição do Verbo da Vida, e também da *Graça* que de Cristo Jesus advém! [[A revelação que Paulo recebeu é inspirada e, portanto, eterna. Os "aplicativos" que ele, Paulo, fez do que

recebeu, é que tinham a ver com o “contexto-histórico-social-econômico”.]]

A revelação, todavia, veio por Paulo, mas era maior do que ele mesmo sabia. Ou alguém pensa que Paulo imaginava que dois mil anos depois nós estaríamos aqui falando de suas cartas e correspondências como Escritura Sagrada, equivalente a todas as demais Escrituras que ele reconhecia como tais?

No entanto, se João Batista foi o “precursor de Jesus” para os Judeus, Paulo foi o “precursor” da mensagem da *Graça* de Cristo para todo o mundo!

PAULO, NO ENTANTO, ERA MENOR DO QUE AQUILO QUE DELE PROCEDIA. É POR ESTA RAZÃO QUE EU LEIO A PALAVRA NAS CARTAS DE PAULO, MAS NÃO LEIO EM PAULO A PALAVRA, E NEM MESMO ATRAVÉS DELE!

Não há nenhum mediador entre Deus e os homens, nem mesmo Paulo, o apóstolo, e, muito menos ainda Paulo, o homem!

Desse modo a Palavra julga também a Paulo, mesmo nas palavras inspiradas que de sua boca ou pena um dia procederam. É isto que ele quer dizer com *seja Deus verdadeiro e todo homem mentiroso.*]]

Portanto, não se tratava de Paulo se superando, mas sempre de Paulo se rendendo. Para aquele ex-fariseu qualquer causa-efeito na Terra não era um fim em si mesmo, mas era para um fim proveitoso, especialmente quando se ama a Deus.

O que nunca podemos esquecer é o fato do “Lugar Santo” e seus seres “santificados” poderem se tornar “casa vazia, varrida e ornamentada”.

Nesse caso: “Jesus chorou” — também! [[“*Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados*”—são as palavras que brotam de Seus soluços (Lc 19: 41).]]

Posso ouvir isto na nostalgia soberanamente respeitosa de Sua voz, no modo como o Cristo Eterno trata a Igreja em Laodicéia. Os crentes daquela igreja também são tratados como Casa Vazia, Varrida, Ornamentada e Auto-Suficiente e Cristo se define em relação a eles como estando, também, do lado de fora! [[Apc 3:20]]

Aliás, quando Ele <u>entra</u> em nós — paradoxalmente na linguagem —, a gente aprende que o Lugar do Encontro com Ele, é <u>fora</u>! [[“*Saiamos, pois, a ele, fora do arraial...”* fala disto (Heb 13: 6-13)]]

É do lado “de fora” do arraial da religião, do cerimonialismo, do legalismo, do Moralismo e dos rudimentos, o lugar-não-lugar-todo-lugar onde está erguido

o altar ao qual somos convidados a nos dirigirmos, a fim de encontrarmos Jesus. [[Heb 13: 13]]

Todavia, isto implicará em sermos perseguidos, do mesmo modo, pelos representantes das mesmas potestades espirituais, e, portanto, implicará em sair ao encontro Dele *levando sobre nós o Seu vitupério*. Para quem já entendeu, o nome do vitupério é *Graça*! [[A última referência vem da epístola aos Hebreus. E a finalidade da epístola era "*chamá-los para fora*", para o *altar que estava do lado de fora* da *Teologia Moral de Causa e Efeito*, para fora da Casa Vazia e dos caminhos sem vida, sem a aventura de um verdadeiro hebreu — a raiz da palavra "hebreu" vem da palavra hebraica que significa um *cruzar permanente de fronteiras e de uma vida que não era, pois, para ser, tinha que continuar sendo*! Ou seja: para se ser um hebreu tem-se que estar andando no Caminho, *Cruz*-ando novas fronteiras, renovando a mente, sujando e limpando os pés na estrada. Cair da *Graça*, em Paulo e na epístola aos Hebreus, era voltar para a *Lei* e seus derivados. Era construir uma Casa ao invés de armar tendas e movê-las conforme o Caminho. Carregar o vitupério de Cristo, em Hebreus, era não negar e nem negociar a *Graça*. Era não aceitar a volta às falsas seguranças da *Lei* e nem tampouco consentir com a estatificação do ser que ela propõe. A *Graça* é o vitupério porque somente ela nos permite uma vida em movimento. A *Lei* é de Pedra, a *Graça* é de Carne e possui Vida, portanto, anda, *Cruza*, está em permanente estado de crescência em nós. E isto porque somente na *Graça* perde-se o medo de viver, de arriscar, de obedecer contra a vontade sem que se fique amargurado, de saber que estamos no Caminho em todos os sentidos: primeiro, porque estou *em Cristo* e usufruo de todas as certezas que Sua Palavra me dá; segundo, porque Ele cumpriu a *Lei* toda — interna, externa e não escrita — em Si mesmo, por mim. Portanto, em Cristo, eu sou um transgressor que não transgride, até porque já não possuo mais esse poder. Estou morto com Cristo. Resta-me, portanto, amá-Lo e prosseguir com Ele no Caminho. E mais, o resultado dessa Absoluta DesCulpa e dessa Total Responsabilidade é a Liberdade que se compraz em Agradá-Lo e se satisfaz em viver de Seu amor, aceitando Sua maneira de chamar as coisas pelo nome e, também, aceitando que muitas coisas não têm nome para nós, possuindo-o apenas para Ele. Tal é a vida no Caminho e fora do Portão, conforme a vida de um *Hebreu-Cristão*.]]

Neste nosso altar, que só existe do lado de fora do "arraial", os milagres já começam com a transformação de água em vinho — e do melhor! — e continuam com tudo mais que Jesus chama de Evangelho!

♦ CAPÍTULO XII – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO COMO NEGAÇÃO ÉTICA DO EVANGELHO

O Gênesis do ministério de Jesus é tomar as *"talhas que os judeus usavam para a purificação"* e enchê-las de vinho! [[João 2: 1 -12. Observe como em João, Jesus dá início ao Seu ministério des-sacralizando a religião, e Seu próximo passo é entrar no Templo com o azorrague e acabar com o Bazar Religioso que ali fazia seus próprios negócios. Seu próximo passo é mandar um "*mestre em Israel*" ficar pelo menos três anos pensando o que significava *nascer de novo* (João 3: 1-10). As outras intervenções de Nicodemos revelaram sua intranqüilidade permanente e seu medo de assumir o que sabia, via, e tocava, com respeito ao Verbo da Vida. Nicodemos começou "ocultamente" e terminou discretamente.]]

E mais, é inegável que Jesus estivesse também dizendo que Nele, Deus estava casando agora apenas com quem queria talhas religiosas com vinho novo, na pior das hipóteses [[João 3: 29-30]]; e, na melhor delas, o que se deveria fazer, era deixar de lado o vinho velho e seu odre roto e pingantemente misturado ao próprio vinho, pois, nesse estágio, já não se sabe mais o que é odre e nem tampouco o que é vinho! [[Assim, Ele ensina que veio para deixar de lado a religião e estabelecer uma diferenciação radical entre as formas da religião—que são apenas formas—e os conteúdos da fé, que cabem em qualquer forma, desde que a forma não tente alterar o conteúdo. Jesus trouxe uma fé que é maior que nossos odres, que se serve deles, mas os considera sempre algo passageiro, e, portanto, sem qualquer compromisso da revelação com qualquer tipo de moda-religiosa, tradições, formatações ou expressões exteriores da "cultura" que dá invólucro à mensagem.]]. O que se deve fazer é começar outra vez a partir de contêineres que se deixem curtir no vinho novo, que de acordo com o apóstolo João, não é novo, mas *aquele que desde o princípio tivemos*! [[I João 3: 11-24]]

Sim, para Ele, aquele odre-vinho-vinho-odre — o da religião das talhas de pedra usadas para as purificações — era já um vinagre, que serve apenas para ser bebido por aqueles que de tão acostumados que estão aos gostos ruins, já não sabem a diferença entre o gosto-gostoso e o gosto-viciado. É para o de- *Lei*-te de seus viciados consumidores que o vinho-odre-odre-vinho serve ainda como diversão, sendo que o juízo ao próximo é o espetáculo!

Os discípulos de Jesus, todavia, não devem perder tempo com essas questões, e, por isto, precisam partir resolutamente para buscar odres mais adequados à sempre auto-renovação desse Vinho Novo. Afinal, ninguém que tenha se viciado no vinagre dirá que o vinho novo é excelente. [[Lc 5: 36]]

Ora, a *Teologia Moral de Causa e Efeito* é a fábrica de Odres com Grife e também a marmoraria onde são esculpidas as *talhas de pedra usadas para as purificações*! [[Obviamente faço referência ao Casamento em Caná da Galiléia e às implicações simbólico-metafóricas que procedem da *leitura* daquela passagem em seu contexto na seqüência do texto bíblico, bem como no que concerne ao seu contexto histórico.]]

O problema é que em Jesus não dá para se fazer mais nenhum tipo de aproveitamento dessa Indústria Religiosa e de suas Grifes e Selos Autorizados. E a razão é simples: ela está para o Evangelho de Jesus assim como um perverso e desumano traficante de cocaína e heroína está para o bom samaritano — digo, mal comparando, e, apenas, no plano das relatividades humanas, pois, espiritualmente, o meu exemplo é muito menos grave que o contraste espiritual que tento expressar!

Dali, infelizmente, nada se aproveitava, pois eles pensavam que fora dali nada mais tinha valor. [[Nazaré: João 1: 46; Galileus: João 7: 52; a Plebe maldita: João 7: 49]]

A prova dessa impossibilidade de reutilização daquele sistema de pensamento e suas construções alcança seu ápice quando Jesus diz que aquele Templo seria derrubado e que dele não ficaria pedra sobre pedra. [[Mt 24:2]]

No entanto, para que não sejamos exaustivos demais na demonstração, quero apenas que você compare os valores anti-téticos dos ensinos de Jesus em relação aos da *Teologia Moral de Causa e Efeito*, vigentíssima em Seus dias, e, infelizmente, no nosso tempo também!

E para isto, não precisamos ir além do Sermão do Monte, ou do Abismo, como eu explico, que ele pode se tornar em **O Enigma da Graça**!

A *Teologia Moral de Causa e Efeito* não pode praticar o sermão do monte porque ele inverte completamente os princípios de causalidades por ela ensinados. Jesus subverte radical e rupturalmente, de uma vez e para sempre, com essa lógica predatória. [[Abra a sua Bíblia no Sermão do Monte e *Lei* a (Mt 5 a 7).]]

Para Jesus, os heróis da *Graça* eram os anti-heróis da religiosidade que os circundava e dos valores por ela ensinados. [[A insistência de Jesus em subverter

a ordem chega a ser chocante. Ele, por exemplo, pega a pior referência religiosa, social e genética, do ponto de vista judaico de Seus dias, a fim de ilustrar o amor prático que se deve ter pelo próximo. A escolha do Samaritano para ser o ator da história do amor fraterno era um insulto sem precedentes para os Judeus daqueles dias (Lc 10).]]

Para a **Teologia Moral de Causa e Efeito**, TMCE — como daqui para frente chamaremos esse derivado natural da *Teologia da Terra*, filha religiosa do *Sacrifício Competitivo de Caim* [[I João 3: 11-13—onde Caim é aquele que entrou numa *competição de virtudes* com seu irmão. E o intrigante é que Caim não matou a seu irmão por nenhuma razão que não fosse *inveja da Graça*. A constatação da *Graça* gera ódio num coração competitivamente invejoso. E aqui está a ironia: o primeiro homicídio registrado na Bíblia acontece entre irmãos e em razão da *Graça*. É a *Graça* dividindo a humanidade desde o início de tudo. Aqui, o que se deve dizer é que a *Graça* só alcança quem não compete por ela, mas, simplesmente, a constata com gratidão. Ninguém que trate a *Graça* com alegria na vida do irmão, deixará de ser objeto dela. Aliás, a própria possibilidade de enxergá-la, *já é Graça*!]] —, o *humilde de espírito* era o lixo da espiritualidade; os que *choravam* eram vistos como culpados-infelizes; os *mansos* eram percebidos como desinteressados pelo zelo que disputava o espaço no chão da Terra; os que tinham *fome e sede de justiça* eram interpretados como seres equivocados em suas ignorâncias radicais, pois, a única justiça que os mestres da TMCE conheciam era aquela que eles mesmos decidiam.

Já os *misericordiosos* eram os que tinham algo a esconder, daí se protegerem sendo bons com o próximo; os *limpos de coração* eram eles mesmos — os membros daquela confraria de amigos de Jó, é claro! Afinal, não enxergavam seus próprios corações, pois só viam para fora de si mesmos, e, também, não esqueçamos: lavavam as mãos antes de comer!

Os *pacificadores* eram, em geral, considerados amigos de hereges; os *perseguidos por causa da justiça* eram comum-mente aqueles acerca de quem eles patrocinavam o cartaz "*Wanted Dead or Alive!*" [["Procurados mortos ou vivos!"]]. De preferência, bem *dead*

E os *injuriados e perseguidos* figuravam, sobretudo, como foi no caso dos profetas, em sua lista de *Most Wanted !* Esses, afinal, os Profetas, eram sempre a

sua pior des *Graça*, eram os mais terríveis subversivos! [[Mt 5: 1-12]]

O seu “sal” não era para a Terra, era apenas uma produção egoísta e independente fadada a se petrificar em seus sa-Lei-ros inúteis. Afinal, não se viam no papel de dar gosto à vida, mas, ao contrário, o de roubar-lhe todo o sabor! [[Mt 5: 13]]

Luz do Mundo? Como? Eles não reconheciam nenhum outro mundo que não fosse o deles! [[Mt 5: 14-16]]

Quanto a Jesus ter vindo para *cumprir a Lei* [[Mt 5: 17-18]], eles se perguntavam: Que *Lei*? [[João 8: 17]]. Afinal, Jesus era o des-cumprimento de suas “Leis” a fim de poder ser o único cumpridor da *Lei da Graça* em nosso lugar, para, então, dizer: “Está Consumado”. [[O problema é que o modo de Jesus “cumprir” toda *Lei*, em Sua vida histórica, foi “interpretado” sempre como des-cumprimento da *Lei*. Então, vê-se que até no modo de Jesus “cumprir” a *Lei*, a religião enxergou como “des-cumprimento”. O que isto significa? Primeiro que as Hermenêuticas da Religião acessam a Escritura, mas não enxergam a Palavra; lêem o que está “escrito”, mas não discernem o que está dito. Segundo, para poder rasgar o escrito de dívida e encravá-lo na *Cruz*, pois, só Ele cumpriu toda a Justiça *de Deus*, e não *do homem*.]]

Até mesmo o des-cumprimento da *Lei* pelos homens — *todo aquele que*... —, Jesus trata com relatividade quanto a seus efeitos. Ensiná-la erradamente, faz alguém ser pequeno; ensiná-la corretamente e vivê-la, torna alguém grande no reino dos céus. Assim, Ele está dizendo que não se deveria jamais ensiná-la de modo adaptado e nem tampouco cumpri-la de modo farisaico ou religioso, pois, para Ele, a justiça excede as exterioridades na direção de dentro, pois, nasce no coração. [[Mt 5: 19-20—E Jesus trata a questão com tal “relatividade”, por uma razão: só Ele cumpriu a *Lei* e, por ela, ninguém é “justificado” diante de Deus.]]

O que segue é uma des-construção total de todas as “interpretações” da *Lei*, especialmente as explicitamente defendidas pelos discípulos da *teologia dos amigos de Jó*, os escribas e fariseus dos dias de Jesus e seus confrades em nossos dias!

“Não matarás”— era o que estava escrito. Homicídio, todavia, é algo que sempre começa, lentamente, nos ambientes de causa e efeito das normas adoecidas do coração, e tem uma progressão que vai da ira sem motivo às tentativas de des-construir o ser do próximo. [[Mt 5: 21-22]]

Por isto, Ele ensina que todo homicida existencial precisa se livrar dos

desejos de morte durante o caminho, do contrário, duas coisas lhe acontecerão: ele nunca mais terá nenhuma razão para falar com Deus ou tentar cultuá-Lo [[Mt 5: 23-24]] e, também, esse homem se tornará vítima de seu próprio ódio e se alimentará de suas próprias carnes, por muito tempo — pelo menos enquanto o tempo for tempo! [[Mt 5: 23-26]]

O *adultério*, para Ele, acontecia na cama — ou em qualquer outro lugar — apenas depois de ter sido praticado muito tempo antes no coração [[Mt 5: 27-28]]. Portanto, os maiores adúlteros podem nunca ter praticado um ato sequer de adultério. É quando o fazer é um detalhe se comparado ao permanente estado de ser dos que nunca cometeram historicamente o delito, mas que vivem em permanente estado de imersão interior nos abismos e dinâmicas permanentes do adultério fantasioso.

O interessante é que, entre o tema do *Adultério* e o do *Divórcio*, Jesus introduz a questão das perdas circunstanciais ou até mesmo de natureza disciplinar-existencial, que eram nada se comparadas aos ganhos que certos "*cortes e amputações*" produzem para o bem do ser. [[Mt 5: 29-30]]

E Sua preocupação maior quando fala do *divórcio*, não é com o divórcio-em-si, mas com suas vítimas. Naquele caso, era sempre a *mulher* [[Note como em Mt 5: 31-32, Jesus só fala da mulher quando fala das implicações legais e de exposição à *interpretação pública*. Em João 8, você fica sabendo o porquê!]]. E por quê? Porque naqueles dias ela era o objeto descartável em questão, fruto da *dureza de coração* de todos nós e de todas as sociedades [[Sempre o mais fraco. Afinal, é causa e efeito, é a sobrevivência dos mais aptos! Isto segundo a TMCE.]]. Ele trabalha contra expor alguém a tornar-se "algo" apenas porque "sem motivo" sua pessoa foi descartada. A denúncia, portanto, recai sobre aquele que "expõe" o outro a ser aquilo que este não deseja ser. E depois, o descartador ainda faz pior: estigmatiza o "outro" pelo que ele mesmo decidiu: descartá-lo! Assim, Jesus se insurge contra a estigmatização das des*graça*s causadas pela infelicidade humana. O que era uma total violação dos ensinos da TMCE! [[Nós lemos Mateus 5: 31 e 32 e pensamos nele com nossas categorias ocidentais, posteriores à predominância política do Cristianismo sobre este lado do planeta, impondo não uma nova consciência, mas apenas uma nova Moral. Todavia, quase nunca levamos em consideração o contexto no qual Jesus disse esta palavra. Naqueles dias, embora a poligamia e a bigamia — tão constantes no Antigo Testamento — ainda existissem, desde o exílio em Babilônia que ela vinha diminuindo — por questões econômicas, como é óbvio! Todavia, ainda

que ambas não fossem a norma para a maioria, na prática, no entanto, era ainda uma consciência prevalecente. Prova disso é que em João 8, no episódio da mulher adúltera e Jesus, não se apresenta o "homem" com quem essa "adúltera", adulterara. "Ele", o homem, estava isento das pedradas. Mas a mulher estava lá, seminua ou nua, exposta a todos. Portanto, quando Jesus diz que a *Lei* dizia que um homem poderia descartar a sua mulher dando-lhe uma carta de divórcio, Ele falava isto a uma assembléia machista, que praticava isto com muita alegria e facilidade. Tudo era motivo para se divorciar. Literalmente, por qualquer motivo, como vemos em Joaquim Jeremias e outros especialistas (Mt 19:3) Para não falarmos na briga doutrinária que havia, nos dias de Jesus, entre as escolas de Shamai e Hillel em relação ao tema em questão. Era o reino da banalidade relacional. Nesse caso, o que Jesus diz, levando-se em consideração o "contexto histórico", é basicamente o seguinte: 1) Se, para vocês, a mulher é adúltera quando trai o seu marido, dando-se fisicamente a um homem, todavia, vocês, os homens, cometem muito mais adultério pelo modo "natural" como olham e desejam mulheres (MT 5: 28); 2) Neste mundo onde o homem "descarta" a mulher—ela sem direitos a mesadas e a patrimônio, estigmatizada pela Moral vigente e, praticamente, entregue a sobreviver como pudesse — a única cláusula, de permissão ao divórcio era se a esposa traísse o marido; ou seja: "*... em caso de adultério*" (5: 32b). Nesse caso, o homem poderia dar a ela carta de repúdio e divórcio. Naqueles dias, mulheres não se divorciavam dos homens. Era a *Lei*. 3) A razão, portanto, tinha a ver com o estigma que a "repudiada", a divorciada, carregaria, naquela sociedade, daí para frente. Ao homem era permitido — *por qualquer motivo* — desamparar a esposa, repudiando-a, e, então, depois disto, era-lhe "lícito" escolher outra mulher e seguir adiante com sua vida. Não era sempre bigamia, mas era sempre uma monogamia sucessiva. Ela era extremamente praticada até que Shamai, um rabino, se levantou contra aquela injustiça, discutindo os "motivos justos para dar uma carta de divórcio", que, à semelhança de Jesus, para ele, também era o adultério. Todavia, a preocupação era com o estado de desamparo no qual ficava a mulher repudiada-divorciada, pois, para todos, ela passava a ser *fadada* a nunca mais amar ninguém e nem ter ninguém, apenas porque alguém não a quis mais, *por qualquer motivo*. Esta é a razão pela qual Jesus — após denunciar o adultério subjetivo de todos os homens — diz que a preocupação era com expor a mulher a tornar-se adúltera (Mt 5: 32c), e, também com "aquele" que, porventura, a ela se ajuntasse, pois, ele também, passaria a ser visto como o marido da repudiada. Numa sociedade onde o homem tinha todos os privilégios, incluindo o de ter uma segunda esposa caso a pudesse sustentar, descartar a esposa e entregá-la ao mundo com uma letra **R**, de Repudiada, escrita na testa, e, ainda, esperar que ela vivesse de vento,

expunha-a a tornar-se adúltera — fosse pela necessidade de ser sustentada por alguém, fosse pela realidade de ter encontrado alguém. Assim, em Mt 5: 27-28, Ele iguala todos no nível do adultério subjetivo. Já em Mt 5: 31-32, Ele nos mostra como uma *vítima da dureza de coração de um homem*—que descarta e não cuida da vida humana que ao seu lado esteve—pode, numa sociedade regida pela TMCE, ser ainda mais des-graçada. O "repúdio" do homem tornava a mulher, no mínimo, uma "repudiada" e, no caso dela prosseguir com a vida — sem ter que se entregar à mendicância —, a exporia a ser vista, para sempre, como adúltera. Dessa forma, Jesus afirma duas coisas: primeira, a seriedade do vínculo entre dois seres humanos numa relação de casamento; e, a segunda, a possibilidade de que a alma humana pudesse se endurecer tanto, que usasse a do outro, e depois, simplesmente a descartasse, sem cuidado e sem proteção. Em outras palavras, Jesus não entrou na questão da *Lei*— até Moisés teve mais de uma esposa—, mas na questão da misericórdia, e, sobretudo, no tema da discriminação Moral do infeliz; e, também no tema da TMCE e a sua dureza predatória — suas *Lei*s de causa e efeito da infelicidade—, que, naquele caso, era uma *Lei* animal, que tratava a companheira como lixo. E por que digo isto? Por duas razões: 1) Porque é o que vejo no trato de Jesus com as mulheres de todos os tipos de vida durante os Evangelhos. Quase todas elas vinham de vidas infelizes, mas todas foram absolutamente acolhidas; a Samaritana, inclusive, com seu "companheiro", acerca de quem Jesus disse: *"...chama teu marido e vem cá... "* 2) Minha *leitura* da Bíblia, toda ela, está irremediavelmente ligada à única chave hermenêutica que eu creio que é absoluta: *"O Verbo se fez carne"— essa é a chave hermenêutica!* Logo, é no Verbo Encarnado, Jesus, onde vemos o Verbo virar Vida, em todos os sentidos. Ora, isto nos leva não a ler o que Jesus disse e, para melhor entender o texto, fazermos uma exegese da passagem. Ao contrário, isto nos leva a *ler* e *ouvir* o que Jesus disse, e, *ver*, nos evangelhos, como Ele encarnou aquele Verbo. Ora, quando fazemos isto, não temos mais o Evangelho que Jesus falou e nós "interpretamos" como bem desejamos; **é** o Evangelho que Jesus viveu, que nós usamos para nos inspirar na fé. E nos esquecemos de que,naqueles encontros com a vida, é que cada um de Seus ensinos — literalmente, cada um deles —, teve sua verdadeira **interpretação**. Jesus nunca ensinou aquilo que Ele não encarnou, como manifestação da *Graça*. A tentativa de fazer exegese das falas de Jesus, e não levar em consideração como Ele tratou as pessoas pelo caminho, é audaciosa, pois, coloca-nos como "*os intérpretes da Lei*": com a Chave da ciência debaixo do braço, pondo-nos numa posição na qual Jesus pode ser esquizofrenizado pelas nossas doutrinas e Teologias; ou seja: ensinando uma coisa—geralmente legalista em seus conteúdos—, conforme nós "interpretamos" as falas de Jesus; enquanto, também

evangelizamos, falando do modo misericordioso como Jesus tratou com amor os pecadores. O problema é que, na maioria das vezes, o Jesus que encontra pessoas pelo caminho—gente de todo tipo— não combina com as "interpretações" que fazemos de Suas Palavras. Quem é que está com problemas? Seria Jesus um "esquizofrênico"? Seria Ele como os fariseus, que diziam e não faziam? Ou como os "intérpretes da *Lei*", que punham fardos pesados sobre os homens que eles nem com o dedo queriam tocar? Ou nós é que continuamos sofrendo da doença deles? Responda-me: Crendo que Jesus é o Verbo encarnado, como você interpreta o que Ele disse? À luz dos ensinos de nossos intérpretes da *Lei*? Ou, quem sabe, para o seu próprio bem, conforme o Verbo Encarnado em Jesus. Jesus é a Palavra sendo interpretada aos nossos olhos. Afinal, o Verbo se fez carne e habitou entre nós...e vimos a Sua Glória...!]]

Juramentos e promessas são por Ele totalmente rejeitados [[Mt 5: 33-37]]. Primeiro porque ninguém pode bancar nada em espaço ou dimensão alguma da vida [[Mt 6: 27]]. Depois, porque a única dimensão que vale diante de Deus é a do Hoje. Portanto, o que Ele espera é que as respostas do ser não sejam piedosas, necessariamente, mas, ao contrário, realidades verdadeiras, como "sim, significando sim" e "não, equivalendo a não". Para Ele o "maligno" morava na fantasia que falsificava a realidade. [[Mt 5: 37]]

"*Olho por olho, dente por dente*" — era e ainda é a *Lei* áurea da TMCE. Jesus, porém, a relativiza para sempre, mostrando sua des-construção como negação de seus princípios de causa e efeito. Afinal, o que Ele recomenda é o oposto daquilo que, em qualquer Moral social, é chamado de Direito. Ser Seu discípulo não implica em que se obedeça a tais Leis de causa e efeito. Podemos apanhar, ser obrigados, ser até mesmo altruisticamente abusados. Estamos livres para tal. Ou seja, Jesus recomenda que não obedeçamos às Leis de causa e efeito a fim de podermos ser Seus discípulos. E isto inclui os *inimigos*, que são os que mais poder têm de nos desviar do curso da *Graça* e nos fazer cair nas guerras patrocinadas pela TMCE. O que eles esperam é uma reação de causa e efeito. O que Jesus propõe é um efeito (misericórdia) sem causa equivalente! [[Mt 5:38-42]]

E, assim, Jesus prossegue des-construindo a *Teologia Moral de Causa e Efeito.*

"*Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto ao vosso Pai que está nos céus*". [[Mt 6: 1]]

Ora, esta declaração de Jesus nos desmonta de tudo o que a TMCE ensina como verdade, justiça e piedade. [[Mt 6: 2-18]]

"*Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores*"— é o golpe de misericórdia que Ele dá na estrutura de pensamento desse engano humano. [[Mt 6:12]]

E pior, as causas de vida e morte na Terra são aquelas cujos efeitos são invertidos nos céus. O dinheiro incluído no pacote das inversões de valores. [[Mt 6: 19-20]]

E avisa sobre a não causalidade entre o comportamento e a verdade do ser, pois, a "luz que há em ti", segundo Ele, pode se tornar nossas trevas. [[Mt 5: 22-23—já vimos isto em capítulo anterior.]]

Então, Jesus dá um Xeque-mate! Tem-se que fazer uma opção sobre quem é o nosso Senhor. E, sendo Ele o Senhor, o que sobra é "aborrecer-se" e "desprezar" o antigo senhor, e que agora tem que ser coisa de nosso perdoado passado. [[Mt 5: 24]]

Quando Ele fala das *ansiedades* da vida e nos recomenda descansar na *Graça Providencial de Deus*, o que Ele também está fazendo é afirmar que as "Leis de causa e efeito" estão relativizados pela *Graça* da Providência. [[Mt 6: 25-34—é um tema importante em ***O Enigma da Graça***.]]

O grito que se faz ouvir, em objeção ao *juízo contra o próximo,* é curto e decisivo [[Mt 7: 1-2—não há nem sequer espaço para "interpretações".]]. Juízo tem, quem se enxerga. Juízo tem quem não julga. E juízo tem, quem sabe que por melhor que se veja a si mesmo, jamais se verá completamente. Por isto, é melhor não julgar a alma do próximo nunca. E a razão é simples: as medidas de nosso próprio juízo estão estabelecidas pelos nossos próprios critérios no julgamento que exercemos contra o próximo! [[Mt 7: 3-4]]

E mais, Ele recomenda que não se use nunca as pérolas da verdade de nosso ser para alimentar quem só gosta de babugem e depois se volta contra nós. A percepção da verdade não a banaliza e nem se faz suicida por ela! [[Mt 7: 6]]

Ao recomendar a *oração*, Jesus estabelece a quebra dos princípios de causa e efeito. A oração é a devoção que em si quebra as Leis do carma [[Mt 7: 7-11]]. A oração anula a *Teologia Moral de Causa e Efeito*, pois dela, até o pecador sai justificado. [[Lc 18: 9-14]]

Neste ponto, Ele diz que a *Lei* e os Profetas não eram inimigos entre si. Ao contrário, os Profetas haviam sido os melhores intérpretes da *Lei*. Ou seja, antes

do Verbo haver se encarnado, foi nos Profetas que a *Lei* encontrou sua interpretação e seu melhor cumprimento existencial.

Jesus, porém, nos diz:

"*Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei e os profetas*". [[Mt 7: 12—Eu disse que este mandamento é o que mais nos condena se o víssemos como *Lei* de Salvação por uma simples razão: ele nos põe na condição de pecadores por omissão e covardia ante o desafio que a bondade nos faz. Jesus está nos convidando para aprendermos a bondade como maneira de ver e interpretar a vida. E isto é muito mais que uma atitude de não agressão ou de educada indiferença. O mandamento é claro: a responsabilidade pela prática da bondade ativa, justa, misericordiosa, fiel, leal, amiga, franca, insistentemente desamargurada e capaz de crer no que é bom—é completamente nossa. E sua prática nada tem a ver com uma promessa de causa e feito. Ele não diz que todos ficarão bons para conosco se agirmos assim. Ele simplesmente ordena que façamos assim, pelo fato de sabermos o que faz bem para o nosso próprio ser.]]

O "resumo" que Jesus faz de todo o seu ensino é horroroso para o coração honesto. Primeiro, porque ninguém, de fato, indo dos abismos da alma à prática cotidiana, consegue encarnar o tempo todo essa verdade. Ao contrário, nós vivemos a maior parte do tempo de modo oposto, pois, uma das coisas que a Queda gerou em nós foi um terrível poder de auto-engano e auto-anestesiamento.

A segunda razão pela qual o "resumo" de Jesus é contra nós tem a ver com sua propositividade. Jesus propõe que tomemos a iniciativa sempre — sem amargura, sem troca e sem negociação — e tratemos o próximo, seja ele quem for, do modo como gostaríamos de ser tratados se estivéssemos no lugar dele. E aqui não importa em que lugar o outro está, pois, a única pergunta a fazer é: "E se eu estivesse nesta situação, como gostaria de ser tratado?" Ou ainda, uma única confissão de fé a ser declarada sempre: "Sistematicamente farei pelos outros aquilo que desejo que os outros façam também por mim o tempo todo".

Sem falar que quando alguém não se trata bem costuma piorar no tratamento com o próximo. Aqui todos nós temos que humildemente assumir nosso *déficit de bondade* e nossa profunda capacidade de nos anestesiarmos na vida. A prova disto é que o mundo é como é — e, pior ainda: a "igreja" é como é!

Então, Ele entra no *Caminho Estreito* e adverte contra o *Caminho Largo* [[Mt 7: 13-14. Vale notar aqui a remetência que a Palavra faz a respeito do

particular, estreito, de um lado; e o caminho largo, de todos, que pertence ao *Geral*, de outro lado!]]. Ora, como nos enganamos! Pensamos sempre que o *Caminho Estreito* é o dos Fariseus e que o *Caminho Largo* é o dos Publicanos e Pecadores. O *Caminho Estreito* conduz à *Vida*, Ele diz. [[Mt 7: 14]]

Então, é fácil saber do que é que Ele está falando. Jesus só recomenda como *Caminho* aquilo que Ele viveu, e como amigos de caminhada, gente como aquela com a qual Ele conviveu. [[Ele é a encarnação do Verbo e Sua vida interpreta e verbaliza com história o próprio Verbo.]]

Como podemos então pensar de modo inverso?

É que somos discípulos da TMCE e não o sabemos. O *Caminho Estreito*, na Terra, para Jesus, era justamente aquilo que os fariseus chamavam de *Caminho Largo* [[Basta ver o modo como o julgaram por freqüentar os lugares que freqüentava e por andar com quem andava. Ou seja: Ele pecava por ser amigo de publicanos e pecadores, e era acusado de ser um glutão e bebedor de vinho, um samaritano louco, um herege ou mesmo um blasfemo!]]. E o que Jesus chamava de *Caminho Largo* era aquilo que os fariseus chamavam de *Caminho Estreito*. [[A *hipocrisia* era a denúncia mais freqüente nos lábios de Jesus, pois, é ela que põe muitas faces no rosto humano, fazendo do indivíduo um ser plástico e capaz de tomar muitas formas a fim de continuar mantendo o poder de impressionar.]]

O *Caminho* é Jesus, e o *jeito de ser* é também o Dele!

Chega então a vez dos *"falsos profetas que se apresentam disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores"* [[Mt 7: 15—é inegável que o aplicativo desse juízo de Jesus recai sobre os que falam em seu Nome e dele se utilizam. *Falsos profetas* andam sempre entre os que são povo de Deus.]]. E que ironia! Jesus diz que se deve observar causa e feito apenas nas produções do ser. [[Mt 7: 16-20]]

Isto porque, na utilização do Nome de Jesus com fins lucrativos e roubadores — ou mesmo pela simples e mera auto-sedução narcisista que o poder de encantar e seduzir com o sobrenatural faz nascer como doença em muitos — <u>não</u> há uma relação de causa e efeito entre o <u>ser-devorador</u> (os lobos) e os <u>milagres</u> que acontecem do lado de fora quando o lobo fala usando o nome de Jesus. [[Mt 7: 21-22. E é isto o que nos faz pensar que sempre que há um Milagreiro (mesmo que seja um lobo com vestes de cordeiros), os milagres são sempre o efeito legitimador do lobo como cordeiro e mesmo sendo mercenário

se faz passar por pastor, não importando se ele trata as ovelhas como os maus pastores de Zacarias e Ezequiel ou se tiraniza o povo de Deus, se apropria do que é sagrado e se utiliza da "posição sacerdotal" para usar as mulheres que servem à Porta da Casa de Deus, como faziam Hofni e Finéias, filhos do sacerdote Eli, conforme I Samuel 1-4.]]

Não há nada no mundo espiritual que negue mais as relações de causa e efeito que essa inversão. A *Graça* de Deus é livre para des-conhecer o suposto "cordeiro-lobista" e levar a *Graça do Cordeiro* a quem quiser e como bem desejar. [[Jesus nunca negou que tais milagres possam acontecer (Mt 7: 22).]]

Todavia, que ninguém faça disso a evidência de sua salvação. A salvação é conhecer e ser conhecido por Deus, em Jesus [[Mt 7: 21]]. E mais, é produzir o fruto que, dessa verdade de ser, nasce agora, naturalmente, de modo sobrenatural. [[A primeira epístola de João nos oferece a certeza de que fruto é esse. Trata-se do amor que pratica a justiça e da consciência da justificação que não acomoda o ser, antes, o põe no caminho da obediência na *Lei* da *Graça*.]]

A conclusão Dele nos põe diante da necessidade de escolhermos, de duas alternativas, *Um Fundamento* para a nossa vida [[Mt 7: 24-27]]. Ou o alicerce de Rocha ou o alicerce das regiões arenosas. A <u>emoção cristã</u>, em geral, quando lê isto aqui é também <u>pervertida</u>. Pensamos na Rocha com categorias farisaicas, com suas manifestações de rigidez, e, sobretudo, de imutabilidade-morta, sem vida e, portanto, estática!

ASSIM, LEMOS A DES-CONSTRUÇÃO DA TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO FEITA POR JESUS, NO SERMÃO DO MONTE PARA, ENTÃO, NO FINAL, VOLTARMOS ÀS <u>EMOÇÕES</u> PATROCINADAS PELAS TÁBUAS DA LEI DE PEDRA.

Então, transformamos o *Sermão do Monte* em *Lei*, e, por essa razão, ele, no mesmo instante, se torna o *Sermão do Abismo*, pois, como *Lei* ele apenas nos enferma ainda mais profundamente por dentro, mas não nos resolve como pessoas, *nem dentro e nem fora* — pois em ambas as "locações" o *Sermão do Monte* se mostra inviável: <u>dentro</u>, porque sabemos o quão anti-natural ele é para a nossa própria natureza atual, caída; e <u>fora</u>, porque nossas existências, desde o íntimo até o comportamento, inviabilizam sua prática, isto se não estivermos falando de amestramento na conduta, mas da honestidade de quem quer ser

conforme sabe que deveria ser, *e não é*! [[Rm 7, todo o capítulo.]]

E a maioria de nós existe nesse limbo entre o véu e a revelação, entre as Pedras das *Leis* e a *Graça* de Pedra. Mas poucos sabem da *Graça* da Rocha e da Rocha da *Graça*.

E por quê?

Porque nós não cremos, de fato, que Jesus é a Pedra Angular — não o Jesus de nossas invenções, mas o do Evangelho — e nem tampouco cremos que é em Sua *Graça* que temos a *Rocha da Nossa Salvação*! [[Ele é a pedra angular, a pedra que cai e que esmaga; e também a pedra que os seguia no deserto.]]

A Rocha é essa Palavra da *Graça*, que quebra os carmas, destrói os destinos, arrasa as certezas, desmonta os esquemas, a fim de que aquele que se glória, glorie-se no Senhor. De outra sorte, onde estaria nossa confiança? Na fé no Deus de toda *Graça* ou na nossa capacidade de sermos o alicerce de nós mesmos?

A *Graça* é onde o poder se aperfeiçoa na fraqueza, daí ser o estarmos fundados nessa Rocha o que nos faz, mesmo em fraqueza, vencer as ondas, os ventos e os açoites das tempestades [[Mt 7: 25 e 27—As tormentas são inevitáveis para ambos. O fundamento é o que determina os resultados. E esses não são medidos por exterioridades, mas pelo fruto do ser e pelo modo como ele enfrenta as tormentas da existência.]], e, não tendo do que gloriar, pomo-nos em pé e dizemos:

JESUS, OBRIGADO POR TERES FEITO O CAMINHO LARGO O SUFICIENTE PARA EU PASSAR! E OBRIGADO, PORQUE NA MINHA FRAQUEZA TEU PODER SE APERFEIÇOOU E, ASSIM, TENDO PROVADO DE TODOS OS TEMPOS, ÉPOCAS E ESTAÇÕES DA VIDA, AQUI ESTOU PARA DIZER, MAIS UMA VEZ: ‘PARA QUEM IREI? SÓ TU TENS AS PALAVRAS DA VIDA ETERNA!

A Rocha é a *Graça* e a *Graça* é a Rocha. E a Palavra é a Vida que se vive buscando em fé alcançar e conquistar aquilo que já nos alcançou, embora nós ainda não a tenhamos plenamente conquistado! [[Fp 3: 12-17]]

E quem é Esse que deve ser Aquele que é o nosso Caminho? E que Caminho é esse? E que Rocha é essa?

JESUS É CAMINHO, SUA PALAVRA-ENCARNADA É A ROCHA, E SUA GRAÇA É A LEI DO CAMINHAR!

Jesus é aquele que quando se vê no Pai recebendo um filho — qualquer filho — de volta, de antemão avisa: “Não esperem de mim nada menos que uma festa regada ao melhor vinho, pois os pecados já foram lavados com o melhor Sangue!”. [[Lc 15: 11-32]]

Nesse Caminho com Ele, que é um tabernáculo em movimento, tem de tudo: demônios de todos os tipos, tempestades, perplexidades, interesses escusos, certezas satânicas, exageros desnecessários, zelos homicidas, familiares em pânico, medo de trair, frágeis certezas de jamais trair, traição explícita e implícita, negação e morte! [[Cada uma das afirmações acima descreve acontecimentos envolvendo Jesus e seus discípulos nos evangelhos.]]

Mas, para além disso tudo, vê-se que no Caminho com Ele, os ventos cessam, as ondas se abrandam, as Leis fixas do universo são relativizadas, os demônios sabem quem Ele é e quem somos Nele; e, assustados reconhecemos Quem Ele É!

Nesse Caminho, as maiores demonstrações de fé vêm de fora da religião, e, também ouve-se a ameaça freqüente que Ele faz para que não se julgue segundo a aparência, mas conforme a reta justiça, pois, não raramente, o que é elevado entre os homens é abominação diante de Deus. Por essa razão, tanto “malandros arrependidos” quanto “réus confessos” podem encontrar seu repouso. [[Em *Seguir Jesus: o mais fascinante projeto de vida* esse assunto mereceu tratamento de minha parte e com muito mais evidências.]]

E, para além de tudo isto, a gente vê a morte sendo morta definitivamente na Ressurreição. Todavia, nele também se aprende que se o Verbo entrou no mundo pelas entranhas de uma virgem, Ele, no entanto, saiu da morte ante o olhar de uma mulher, ex-possessa-prostituta!

Assim, a *Encarnação* des-instala a Moral e a *Ressurreição* põe o ser-moral no papel de ouvinte *provocado*, pois, tem que crer no testemunho da *Graça* nos lábios de quem não gostaria que tivesse sido escolhida, se acontecesse no dia de Hoje — não para dar testemunho do fato da Ressurreição!

DO PONTO DE VISTA DE UMA MORAL-MARKETEIRA-PUBLICITÁRIA MADALENA SERIA UMA TESTEMUNHA QUE NÃO

SERIA SELECIONADA, AFINAL, ELA NÃO TINHA NENHUMA CREDIBILIDADE. [[Parece que a decisão de Deus é fazer a Palavra da Vida viajar sempre através de testemunhas historicamente relativas. E essas relatividades se expressam de diferentes modos.]]

Nesse Caminho, ninguém é perfeito, mas é da boca de crianças de peito e de pecadores quebrantados onde Ele enxerga louvor.

Sim, nesse Caminho você aprende o que é não estar nem varrido nem ornamentado, porém, sabendo que se a festa já começa com o melhor vinho, que esperar então? Algo menos que a Ressurreição?

Nesse Caminho, a gente aprende que Ele nos conhece pelo nome, mesmo no dia seguinte àquele no qual o tenhamos negado — então, choramos amarga e docemente!

A *Graça* é a *Lei* do Caminho! [[Mt 18: 23-35]]

E, logo se percebe, porque Ele mostra, que o Caminho é Ele mesmo, é ser dele e ser conhecido por Ele, e que isto nos tira todo medo, e nos conduz à Verdade, e que é somente nela que se pode experimentar a Vida. [[João 10:10]]

Então você olha e o vê em você! [[João 17: 23]]

Você já não vive?

Não! Ele vive em você!

E quem tentará tomar para si esse ser-tabernáculo que se move pelo e no Caminho?

Quem?

Não esqueça, o Mais Valente é o que faz Mais Valer!

No Caminho, Ele nos garante sempre! Pois é também apenas no Caminho que somos salvos de nos tornarmos parte de uma *geração perversa* e que espreita como ave de rapina a alma de seu próximo!

No Caminho, “o diabo” está amarrado e suas possessões na casa do coração são saqueadas pelo Mais Valente! E “ele” está “amarrado” porque o “*escrito de dívidas que havia contra nós e que constava de ordenanças*” foi irreversivelmente “*rasgado e encravado na Cruz*”.

Nós, por isto, estamos para sempre livres!

E quando se fala assim, se diz que a salvação humana só acontece num *embate* de Deus contra Deus, onde o próprio Deus seja o *Réu-Justo*, sendo julgado pelo *Justo-Juiz*, o qual, sendo também o *Advogado* do *réu-réu* — o homem —, possa oferecer o *Réu-Justo* como *substituto* em lugar do *réu-réu*.

Assim é que o *Réu-Justo* — aquele que recebe o castigo da mais absoluta justiça divina contra o *réu-réu* — pode ser, Ele mesmo, também, o *Advogado* do *réu-réu*.

E, em toda a História só há um lugar onde Deus enfrenta Deus, num combate onde Deus ganha e Deus perde; onde o *réu* é condenado e absolvido; onde *Aquele* que é o Justo é feito o Injusto; o *que não teve pecado, é feito pecado* em favor do homem e de Deus! [[II Co 5:21]]

Somente na *Cruz* de Cristo *Deus-enfrenta-Deus*, e Deus se aniqüila e se supera a um só tempo [[I Co 15: 28]]. Na *Cruz*, Deus vence a Si mesmo e Sua Misericórdia prevalece sobre o Seu próprio juízo; sendo Suas palavras finais a respeito desse Combate, as seguintes: *"Está consumado!"* [[João 19:30]]

Ou seja, *"Esta luta acabou"* [[II Co 5: 18-19]].Mas para os "amigos de Jó" a luta continua e a alma tem que sofrer todos os dias a dor de acusações que só a tornam menos alma e mais feia!

Nós, todavia, não negociaremos, nem por um momento, a libertação que o Evangelho de Cristo nos trouxe de uma vez e para sempre da *Teologia Moral de Causa e Efeito!*

Foi para esses — os discípulos da TMCE — a quem Paulo disse: "*Quanto ao mais, ninguém me moleste, pois eu trago no corpo as marcas de Jesus*". [[Gl 6: 17]]

"Sem fé é impossível agradar a Deus". E sem Deus-contra-Deus é impossível haver uma fé que justifique o homem diante de Deus e que traga a justiça de Deus para a consciência humana. E essa certeza não vem com explicações racionais. Ela é filha de uma inerente e incompartilhável certeza de *harmonia* com Deus, mesmo no caos! E é filha da presença da *Cruz* sobre nós! [[É o Caminho da *Graça* e de suas inclusões definitivas e de suas transformações irreprimíveis, o que veremos num próximo livro.]]

Aos *amigos de Jó,* o Evangelho diz que o Senhor Jesus contou uma parábola:

Propôs também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicando.

O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, Graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho.

O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!

Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado.

●

Somente "*os amigos de Jó*" podem ler o Evangelho de Jesus e continuar pensando como os fariseus. A Ética do Amor — que é a única ética do Evangelho — nega todos os pressupostos da *Teologia Moral de Causa e Efeito*.

A *Graça* inverte os pólos da Ética, que, em Cristo, se vincula não à Moral, mas à obediência amorosa a Deus [[João 15: 10]]; e se expressa como resposta da consciência do amor à inconsciência do próximo, mesmo que seja o inimigo! [[Mt 5: 44-45]]

E só assim se pode estar livre para agir desse modo, porque quem vive na *Graça* também já não tem mais nada a provar. Afinal, ou é ou não é! [[João 15: 16]]. E também *não depende nem de quem quer nem de quem corre, mas de usar Deus de misericórdia* para com esse ser humano! Para conosco, os que nos entregarmos em fé!

Conforme o apóstolo João, *a si mesmo se purifica, no amor, todo aquele que tem em Jesus sua esperança* [[I João 3:3—Nos contextos antecedentes e imediatos essa *pureza* tem a ver com a vivência da verdade do amor!]]. Dessa forma, o Evangelho insiste em que se ande no *Caminho da Vida*, cuja *Porta* é *Estreita* — embora esteja aberta a todos — e que nos põe sob a *Lei do Amor.*

Sim! O Evangelho insiste em que a *Lei do Amor* é o melhor de todos os fundamentos para a vida!

E isto, para agora usarmos outra imagem, nos faz ramos da *Videira Verdadeira* [[João 15: 1-2]], tornando-nos, assim, pela prática da palavra-amor [[João 15: 3, 9-12, 17]], Seus ramos-discípulos. [[João 15: 8—A ética do Evangelho é o amor. O que passar disso é Teologia Moral e, como já vimos, isto

anula a *Cruz de Cristo*—e ainda veremos mais no curso deste livro!]]

E dessa *Videira* são <u>cortados</u> apenas os ramos que se auto-excluem pela presunção de pensarem que *o ramo pode dar fruto de si mesmo.* [[João 15: 4]]

A esses, a *Videira* diz: *"Sem mim nada podeis fazer!!!"* [[João 15: 5]]

Assim, somos chamados a mamar o amor de Deus e a crescermos Nele na frutificação do amor e da misericórdia praticada uns aos outros.

Isto fará com que o mundo nos odeie! [[João 15: 18-25—Dessa vez por um justo e saudável motivo a nosso favor: por sermos Seus discípulos e não os estelionatários que falsificam Sua mensagem fazendo com que o mundo nos odeie pela nossa fanfarrice e não pela expressão da verdade que o provoca com *Graça*, não com juízos morais hipócritas.]]

Afinal, o mundo, incluindo sobretudo a moral religiosa, é feito de todos os ramos que auto-enganaram-se crendo que *o ramo pode produzir fruto de si mesmo*!

O mundo, nesse contexto, refere-se a todos os ramos que <u>não</u> vivem da seiva da *Videira*, por isto secam e são lançados ao fogo. [[João 15: 6—E isto inclui muito mais aquele que pretende se pendurar na Videira mas que não se alimenta de sua seiva. Portanto, os religiosos sempre andam mais perto de levar um grande susto! Afinal, Jesus diz: "*meu Pai os corta*..." O que a Religião Cristã, em Geral, faz é tentar transformar a *Videira Verdadeira* numa *Árvore de Natal* — de plástico, é claro!]]

Todo aquele que não depende da seiva da *Graça* que da *Videira Verdadeira* procede — não importa quem ele seja— jamais produzirá *o fruto que permanece*, pois, este, é o fruto do amor e da vida que brota do casamento dos ramos com a *Videira-Jesus*!

Esses não são nunca *amigos de Jó*, pois, na *Graça*, foram feitos *amigos de Jesus*, pois, a esses, Ele disse tudo o que tinha ouvido de Seu *Pai-Agricultor*: "*Quem me ama, guarda os meus mandamentos; assim como eu amo o Pai e guardo os Seus mandamentos. E os mandamentos são um: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei*." [[João 15: 8-17]]

♦ CAPÍTULO XIII – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO COMO ESTELIONATO DA GRAÇA

A questão é, como já vimos, que a *Graça* é um problema para os cristãos desde o início [[E isto é simples de verificar lendo as apologias da *Graça* feitas por Paulo em todas as suas epístolas, mas, especialmente, aos Romanos e aos Gálatas.]]. Ela é um problema na mesma medida em que por ela a Verdade nos Liberta, conforme o testemunho do Espírito de Deus em nossos corações. [[Rm 3: 5-8]]

Todavia, quem, de fato, quer cura e libertação? [[João 5: 6, - A pergunta de Jesus ao paralítico de Betesda nos revela a não obviedade do desejo de ser curado. De outra forma, por que Jesus indagaria do deficiente físico se ele "queria ser curado"? A maioria de nós está mais viciada em suas próprias enfermidades do que consegue admitir. Muitos dos que pedem cura, inconscientemente, não desejam ser curados. Doença vicia e gera mecanismos de dependência e co-dependência.]]

O problema da *Graça* é a liberdade que ela gera. Liberdade é apavorante, nos deixa sem chão, nos obriga a andar com as próprias pernas, concede-nos a benção de pensar, sentir, discernir e nos julgar. [[Rm 14: 13-23]]

O problema da *Graça* é que ela nos faz profundamente auto-conscientes e, ao mesmo tempo, nos dá a certeza de que diante de Deus a única voz que se faz ouvir não brota dos meus lábios, mas de minha consciência. [[II Co 3: 13-18, onde, como já vimos, a vida é com o "rosto sem véu" e com a "face desvendada" na contemplação da face de Cristo. Entre os homens, no entanto, tem-se que saber sempre duas coisas: a primeira é não jogar pérolas aos porcos — exemplificando o significado de aprender a não saber preservar os tesouros de nosso ser entre aqueles que consideram pérolas-do-ser como coisa desprezível. A segunda é aprendermos a viver a química da existência dos pombos e serpentes — símplices como as pombas e prudentes como as serpentes — a fim de nos preservarmos com abertura e nos abrirmos com cautela!]]

A *Graça* gera auto-consciência! E quem deseja ter uma? Muito pouca gente!

A *maioria* não deseja ter que decidir e assumir a responsabilidade de ter

exercido a sua própria consciência diante de Deus e dos homens, e, sobretudo, diante de si mesmo. [[Gl 3: 1-5]]

PORTANTO, QUANTO MAIS MORAL É UM SER, MENOS CONSCIÊNCIA PESSOAL ELE TEM! [[I Co 3: 14-16]]

Consciência pressupõe a pré-existência de liberdade, e, esta só se manifesta em plenitude na *Graça*, pois, é somente nela que se perde o medo de ser! [[Rm 5: 1-3; I Co 4: 3-5]]

A questão é que a maioria das pessoas pensa que *liberdade induz ao erro.*

Nenhum erro poderia ser maior! [[Davi é o maior exemplo desse "equívoco", pois, para além dele, no Velho Testamento, ninguém viveu mais livremente e nem tampouco com mais consciência explícita da *Graça*. Foi na *Graça* que ele transgrediu *Leis* sem pecar (Mt 12:3; Mc 2:25; Lc 6:3). Errou alguma vez? Sim! (II Sm 11 e 12; II Sm 24:1-17) Todavia, mesmo assim foi um *"homem segundo o coração de Deus"* — antes, durante e depois de seus pecados e, ainda, depois de sua própria existência histórica (I Sm 13:14; Sl 78:70; Jr 23:5;33:15; Ez 34:23; Os 3:25; Zc 12:8).]]

Paulo nos ensina que quanto mais *Lei* ou Moral, mais conhecimento do pecado. E, sendo assim, mais *a neurose do pecado se instala em nós*. [[Rm 7: 7-8—o "pecado" também se manifesta como neurose e seus derivados psicológicos!]]

Ou seja, a *Lei* gera a certeza da culpa e esta nos deita nos braços do pecado. E por quê?

Porque a *Lei* gera neurose, que produz a obsessão de vencer por conta própria "*o pecado que habita em mim*", segundo Paulo.

E é Paulo também, como já vimos anteriormente, quem nos diz que a impossibilidade da *Lei* ser efetiva quanto a nos fazer viver com saúde vem do fato de que o condutor dela, o homem, está em estado terminal; ou seja, *a inviabilidade da Lei é que ela se materializa pelo condutor essencialmente adoecido da natureza humana*. [[Rm 8:3]]

O paradoxo acontece quando se *descansa em Cristo* e em Sua *Graça* e, assim, pára-se de lutar contra si mesmo. [[Nada há mais terapêutico que a *Graça*,

pois ela nos desneurotiza a existência, livrando-nos de toda culpa de ser.]]

Jesus já agradou a Deus em meu lugar! [[I Co 1: 30-31]]

E quando sou liberto de todo medo pelo amor de Deus revelado na *Cruz — pois no perfeito amor não existe medo de nenhuma forma de juízo* [[I João 4: 17-19]] —, então, a alma encontra o seu ninho e experimenta uma paz que não foi produzida pela justiça-pessoal desse *"pseudo-herói-humano das virtudes auto-conquistadas"*. [[Fp 3: 12-16]]

Ao contrário, *"o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele (Jesus) e pelas suas pisaduras fomos sarados*". Assim, os doentes *já estão* sarados para *poderem ser* curados à medida que descansam no amor que tira da alma toda fobia, toda dívida e toda neurose. [[Hb 7: 26-28]]

Ora, quando isto acontece o mundo deixa de ser um lugar onde sou *tentado*, e passa a ser o lugar onde eu *vivo*. Não sou tirado do mundo, sou livre do mal [[João 17:15]]. E isto só acontece quando se entende que esse "mal" nasce, antes de tudo, dentro daquele para quem *todas as coisas são impuras*. [[Mc 7:15; Rm 14:14—esse sentimento de "impureza" em relação a tudo e todas as coisas é fruto de uma mente já adoecida pelas neuroses da *Lei*!]]

Somente a *Graça* torna *todas as coisas puras*, para os puros [[Tt 1:15]]. E é também a *Graça* que nos liberta dos tabus em relação a tocar coisas, nos salva do poder sedutor dos objetos estéticos de apreciação; e ainda dos gostos, das opções e escolhas de natureza pessoal; pois, é apenas quando a vida é *desdemonizada* que se pode experimentar a plenitude dos nossos *sentidos,* sem nos deixarmos tomar pela *sensualidade escravizada pela obsessão da sedução ou da posse*. [[Cl 2:21-23]]

"*Os olhos são a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso*"— disse Jesus.

Desse modo, repito: quanto mais a consciência está livre da culpa e do medo que advêm da fobia gerada pela *Lei*, mais livre estará o inconsciente humano de ser um *projetor de sombras*, pois, agora, esse modo luminoso de ver a vida, gerará uma luz interior que procede do inconsciente e reafirma as escolhas da consciência entregue à Justiça da *Graça* que vem da *Cruz*!

"*Na Tua Luz vemos a luz*", já dissera Davi [[Sl 36:9]]. E, assim, ele

corrobora o fato psico-espiritual que é gritado nos evangelhos e, especialmente, por Paulo.

Todavia, o mais chocante de tudo isto é que Jesus afirmou "*aos amigos de Jó*" de Seus dias — os religiosos que praticavam a *Teologia Moral de Causa e Efeito* — que sua cristalização à *Lei* e seu legalismo exterior, os havia tornado *"filhos do diabo"* ; e, portanto, isto os colocava na posição de "*querer satisfazer-lhe os desejos*". [[João 8:44]]

O intrigante é que esse discurso de Jesus não é dirigido aos que "*quebravam a Lei*"— meretrizes, publicanos e demais pecadores —, mas diretamente aos que se diziam os "*mestres de sua observância*". Para Jesus, esses eram os seres com maior poder de corromper e afastar o outro da experiência genuína de Deus. [[Mt 23:13]]

E pior ainda, no contexto no qual Jesus faz alusão aos "*filhos do diabo*", Ele afirma a existência de uma assembléia para tal declaração.

E que "assembléia" era esta?

É justamente aquela que levara a Jesus uma mulher "*apanhada em flagrante adultério*", e que deveria, de acordo com o literalismo utilitário com o qual eles liam as Lei *s* de Moisés, ser morta por apedrejamento [[João 8: 1-11]]. A esses é que Jesus faz freqüentes referências à "*vossa Lei.*" [[Quando Jesus se "separa" da *Lei* — dizendo que aquela era a *Lei* dos fariseus; ou seja: "A vossa *Lei*"—, Ele se refere à utilização da *Lei* como instrumento de homicídio e morte. É interessante como que nenhuma das duas figuras mais "referenciais" da revelação histórica de Deus no V.T., e que viveram após a "entrega da *Lei*" ao povo de Israel — refiro-me a Moisés e Davi—, tratou a *Lei* como os fariseus faziam. Davi, por exemplo, parece ter na *Lei* algo que nele virara "consciência", mais do que dever. E isto só acontece quando a alma está mais impressionada com a Graça do que com qualquer outra coisa.]]

Ora, era a observância externa daquela *Lei* aquilo que os fazia "*andar em trevas*", pois, o próprio Jesus lhes diria mais tarde: "*Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis, nós vemos, subsiste o vosso pecado*"

A questão, então, é: de onde procede a declaração de Jesus a esses amantes exteriores do comportamento legal e moral, com suas obsessões de causa e efeito?

De um equívoco no entendimento do significado da *Lei*, pois, como diria

Paulo, a *"Lei foi dada para que avultasse"* a consciência de pecado, e, portanto, para que pudesse haver uma *consciência-consciente* de sua *irredimibilidade* pelos instrumentos da *Lei* ou da Moral. [[Rm 7: 7-23]]

Então, quais são esses "*desejos do diabo*" que aqueles que estavam diante de Jesus desejavam realizar, sem o saberem e mesmo enquanto exaltavam sua filiação a Abraão?

Ora, tratava-se da "obsessão" de ser de Deus pela via da justiça própria e mediante o uso da *Lei* para poderem se tornar "homicidas" em relação ao próximo que não sabia, não queria, não se estimulava ou não cria naquela observância [[João 8: 30-59]]. A esses, eles desejam matar. Era uma "plebe maldita", tornaram-se "párias" da religião, e foram sempre percebidos como os "perdidos da terra".

Pois foi justamente entre esses que Jesus se sentiu melhor na terra e foi do meio deles que Ele recrutou os seus primeiros seguidores, tendo sido acusado, por causa disso, de ser "*amigo de pecadores*". [[Mt 11:19; Lc 7:34]]

Que *desejo do diabo*, então, era esse que *os "filhos de Abraão"*, a todo o custo, desejavam *"satisfazer"*?

Jesus diz claramente que era o da *Teologia Moral de Causa e Efeito!*

Era isto que gerava aquela *compulsão homicida* neles. E que era dirigida não apenas à "mulher adúltera"— que quebrara esse princípio e agora deveria experimentar o *efeito* como morte por apedrejamento —, mas, também, dirigia-se a Jesus, que não observava tal "mandamento", no que tangia à sua aplicabilidade: *"que tais mulheres sejam apedrejadas"*— conforme vaticinavam os senhores do saber e da verdade. [[João 8: 5]]

Jesus se sentia perdendo menos tempo escrevendo um compêndio de verdades no *"chão da terra"* — mesmo que o vento apagasse em horas o que Ele escrevera no *chão* — do que dando atenção a *pedradas-reflexões* desses seres adoecidos pela Moral e pela presunção da verdade. [[João 8: 6 e 8]]

Não há compulsão satânica mais forte na alma que aquela gerada pelo fanatismo à *Teologia Moral de Causa e Efeito!*

Esse é *o "desejo do diabo"* a ser satisfeito pela *Lei* e seus discípulos!

E quando vemos sua prática de modo grotesco, nos chocamos, como, por exemplo, quando homens-bomba, pilotos suicidas, terroristas jovens e outros

fanáticos, crendo nessa Teologia, punem seus “opressores” com a morte e entregam-se a ela por uma razão: a teologia deles também é uma *Teologia Moral de Causa e Efeito*! [[O que hoje assistimos, nos episódios patrocinados pelos fanáticos terroristas islâmicos ou de qualquer outro *credo*, nada mais é que a exemplificação exacerbada dessa “consciência teológica”.]]

E, assim, voltamos ao princípio outra vez:

Sempre que o consciente humano se deixa intoxicar dessa “Teologia Moral”, o inconsciente humano se enche de juízos, homicídios, taras, compulsões, e, também, por campos imensos de sombras, habitadas pelo monstro maligno que cresce nos labirintos da alma daquele que troca a verdade no íntimo pelas performances exteriores, praticadas em nome de Deus, contra o próximo, porém, realizando, de maneira dissimulada ou inconsciente, o desejo do “pai-diabo”, que sempre vem para “matar, roubar e destruir”. [[João 10:10]]

Desse modo, devo outra vez afirmar que quanto mais Moral for o consciente, mais pagão será o inconsciente humano. E Paulo, melhor que ninguém, expressa esse fato da alma: *“Porventura, ignorais, irmãos (pois falo aos que conhecem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem toda a sua vida? Ora, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal. De sorte que será considerada adúltera se, vivendo ainda o marido, unir-se com outro homem; porém, se morrer o marido, estará livre da lei e não será adúltera se contrair novas núpcias. <u>Assim</u>, meus irmãos, <u>também</u> vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, <u>para</u> <u>pertencerdes a outro</u>, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que frutifiquemos para Deus”*. [[Sem que a *Lei* não vire um *defunto* na consciência humana— desobrigando-nos de qualquer fidelidade para com “*Lei-defunto*”, pois está morto em Cristo—, ninguém consegue “florescer para Deus e dar fruto” desde dentro.]]

Paulo diz que na *Cruz* todos nós, que um dia estivemos *casados* com a *Lei*, nos tornamos *viúvos* desse *ex-marido* tirânico e despótico, que foi executado em Cristo e no cumprimento de toda justiça por Ele realizada a nosso favor, a fim de que agora possamos nos casar sem culpa e sem nada além da chance de um novo amor *: o amor de Cristo que nos constrange e ser Dele por nada que não seja uma consciência grata e satisfeita*. [[II Co 5: 14-17]]

Em Cristo fiquei *viúvo da Lei* para sempre!

E Paulo prossegue dizendo como o consciente-moral exacerba o paganismo do inconsciente:

"Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarem para a morte. Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra".

Que diremos, pois? É a lei pecado?

De modo nenhum!

Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissera: Não cobiçarás. Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência; porque, sem lei, está morto o pecado.

Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri. E o mandamento que me fora para vida, verifiquei que este mesmo se me tornou para morte. Porque o pecado, prevalecendo-se do mandamento, pelo mesmo mandamento, me enganou e me matou. Por conseguinte, a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom.

Acaso o bom se me tornou em morte?

De modo nenhum!

Pelo contrário, o pecado, para revelar-se como pecado, por meio de uma coisa boa, causou-me a morte, a fim de que, pelo mandamento, se mostrasse sobremaneira maligno. Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado."

E neste ponto, Paulo mostra o nível dessa composição adoecedora: quanto mais *Lei* no consciente, mais desordem, caos e erupções compulsivas derramam suas lavas do fundo do inconsciente humano.

E mais, ele diz que essa não é uma "produção da *Lei*", sendo antes disso uma geração do "*pecado que habita em mim*", mas que ganha sua superlativação pela observância externa, moral e auto-justificatória que se deriva de todas as formas de tentativa de ser de Deus pela via de algum *Código de Observância Legal:*

"Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não

faço o que prefiro, e sim o que detesto".

Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim.

Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo.

Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim.

Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros.

Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?"". [[O resumo simplificado do que Paulo nos diz é que a *obsessão de fazer o bem conforme o preceito da Lei adoece o ser*, pois, dentro dele surge a percepção de que a bondade como obrigação Moral é a força mais latente das doenças que "racham" e manifestam a ambigüidade mais profunda do ser. Então uma banda *"prefere"* o bem e não consegue efetivá-lo; a outra *"detesta"* o mal, e não consegue evitá-lo. Essa é a "guerra essencial" que habita a alma humana que ainda não descansou na *Graça* que vem da *Cruz*.]]

Sem o descanso que vem da *Graça* em Cristo e da certeza de que Ele já *agradou a Deus por mim*, o que sobra é apenas *a doença de ser*, de onde se derivam todas as nossas neuroses, esquizofrenias e psicoses.

Paulo, porém, prossegue:

Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado.

Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte.

Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, a fim

de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.

Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz.

Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus."

"*Estar na carne*", segundo Paulo, é ainda estar *sob a Lei* e sob suas observâncias e dependendo dela para a *salvação*, para a *santificação* ou para a *autovalorização* de si mesmo pela superioridade do *Código Comportamental* observado de modo jactancioso e, portanto, desumano; pois, como já disse, quanto mais *Lei*, mais perversidade e juízo haverá no inconsciente de seu praticante. [[Leia outra vez todo o capítulo 23 de Mateus e você entenderá isto.]]

"*Estar na carne*", portanto, para Paulo, era estar vivendo da presunção da *Teologia Moral de Causa e Efeito*.

Então, ele continua: *"Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós.*

E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça.

Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita."

E aqui Paulo, como já vimos antes, apenas repete o conceito de *carnalidade* manifesto por Jesus, como não poderia deixar de ser. Carnalidade, segundo o apóstolo, é a arrogância da auto-justificação, é a doença de Caim, é a Síndrome dos *amigos de Jó*, é a piedade homicida dos observadores da *Lei da Morte* e que a usam para matar, excluir, julgar e discriminar o próximo, sem perceberem que eles, sim,—os tais "*santos-de-si-para-si-mesmos*" — é que são os grandes doentes desta vida!

Os "doentes", conforme o Evangelho, são o que acham que não precisam de

médico. [[Mt 9:12; Mc 2:17; Lc 5:31]]

Em Jesus Cristo, e por Ele ter quebrado na *Cruz* a *Maldição da Lei*, temos todas as nossas dívidas pagas e podemos experimentar a paz de consciência que liberta o nosso inconsciente de suas produções compulsivas e adoecidas:

"Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis.

Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai."

Daqui para frente, Paulo não admite mais que "*estar na carne*" seja *apenas* o pecado das meretrizes, mas, *sobretudo*, passa a ser o pecado dos fariseus, como de resto, este é o conceito apresentado por Jesus nos evangelhos, e que pode ser percebido pelo modo gracioso como Ele tratou os párias e pelo modo dramaticamente confrontador como Ele tratou o segundo grupo.

Paulo conhecia muito bem a mente dos fariseus. E foi por causa do discipulado um dia farisaicamente por ele vivido, que ele chega a dizer que veio a adoecer em sua alma. [[Fp 3:4-6; At 22:3-5; Gl 1:14]]

A resposta de Paulo a quem quer que deseje trocar a neurose da *Lei* pela *Paz* que vem da *Graça*, é uma só. E ele diz que neste particular todas as assembléias se dissolvem e fica apenas o ser humano, sua consciência, sua certeza de impotência auto-salvadora, e sua grata e entregue dependência ao que Jesus já fez na *Cruz*, surgindo daí em diante uma espiritualidade do íntimo, onde as conversas acontecem apenas entre o indivíduo e o Espírito de Deus.

"O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados. Porque, na esperança, fomos salvos.

Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos.

Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza;

porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis.

E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos."

Ora, daqui em diante Paulo desmonta a lógica de toda e qualquer *Teologia Moral de Causa e Efeito* e acaba com as presunções de juízo dos *amigos de Jó*, quando diz: *"Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou"*.

E quando se chega a esse nível de percepção e experiência da fé, os inimigos passam a ser "*inimigos-de-si-mesmos*", pois, esse ser liberto pela *Graça*, já não reconhece mais os seus juízos: *Que diremos, pois, à vista destas coisas?*

Se Deus é por nós, quem será contra nós?

Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?

Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus?

É Deus quem os justifica!

Quem os condenará?

É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós!

Quem nos separará do amor de Cristo?

Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?

Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro.

Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou.

Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. [[Rm 7: 7 a 8:39]]

Ninguém está livre de sucumbir, ainda que de vez em quando, à *Teologia Moral dos Amigos de Jó*. E nem mesmo Pedro esteve imune a esse mal. Essa "doença teológica" é poderosa, dissimulada, auto-glorificante, conveniente à imagem da piedade medíocre, especializa-se em "médias", e vive de barganhas com o próximo, num mundo onde quem eu sou vale menos do que aquilo que os outros esperam de mim. [[Neste sentido, o "*marketing-pessoal*" — o "trabalhar a imagem"— é o instrumento mais "científico" e "sofisticado" dessa maneira de pensar o que seja "valor" na vida.]]

Foi numa dessas situações que Paulo teve que enfrentar Pedro e salvá-lo desse engano. E isto tem como introdução a afirmação de Paulo quanto a ter vivido a sua própria consciência na presença de Deus, sem se submeter a nada que não fosse a pura e simples *Graça* de Deus em Cristo, que a ele veio não como pacote "teologicamente sistematizado", mas por pura e simples "revelação": "*Catorze anos depois, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, levando também a Tito. Subi em obediência a uma revelação; e lhes expus o evangelho que prego entre os gentios, mas em particular aos que pareciam de maior influência, para, de algum modo, não correr ou ter corrido em vão. Contudo, nem mesmo Tito, que estava comigo, sendo grego, foi constrangido a circuncidar-se. E isto por causa dos falsos irmãos que se entremeteram com o fim de espreitar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus e reduzir-nos à escravidão; aos quais nem ainda por uma hora nos submetemos, para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós. E, quanto àqueles que pareciam ser de maior influência (quais tenham sido, outrora, não me interessa; Deus não aceita a aparência do homem), esses, digo, que me pareciam ser alguma coisa nada me acrescentaram; antes, pelo contrário, quando viram que o evangelho da incircuncisão me fora confiado, como a Pedro o da circuncisão (pois aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão também operou eficazmente em mim para com os gentios) e, quando conheceram a*

Graça que me foi dada, Tiago, Pedro e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim e a Barnabé, a destra de comunhão, a fim de que nós fôssemos para os gentios, e eles, para a circuncisão; recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer.

Quando, porém, Pedro veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível. Com efeito, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, comia com os gentios; quando, porém, chegaram, afastou-se e, por fim, veio a apartar-se, temendo os da circuncisão. E também os demais judeus dissimularam com ele, a ponto de o próprio Barnabé ter-se deixado levar pela dissimulação deles.”.

Desse ponto em diante o que se lê é a “pregação” de Paulo a Pedro e aos demais que haviam *caído* por um momento de sua consciência da *Graça* e haviam negociado sua liberdade em Cristo com aqueles para os quais a *Graça* ainda era um “escândalo”: alguns cristãos legalistas e cerimonialistas de Jerusalém.

E, assim, Paulo prossegue:

Quando, porém, vi que não procediam corretamente segundo a verdade do evangelho, disse a Pedro, na presença de todos: Se, sendo tu judeu, vives como gentio e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?

Nós, judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios, sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado.

Mas se, procurando ser justificados em Cristo, fomos nós mesmos também achados pecadores, dar-se-á o caso de ser Cristo ministro do pecado?

Certo que não!

Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, a mim mesmo me constituo transgressor. [[Esse argumento é parte do grande esforço de Paulo em todas as suas epístolas e é uma síntese perfeita para o conteúdo de toda a Epístola aos Hebreus.]]

Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para

Deus.

Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim. [[Esse "viver em Cristo" e esse saber que "Cristo vive em mim" é o resultado simples e natural de *viver pela fé* como que não tem medo de ar e nem de oxigênio. É o fruto da certeza absoluta de que *já se passou da morte para vida* e de que aquele que vai a Ele, *de modo algum será lançado fora*. É se saber "plantado inarrancavelmente" na *Videira Verdadeira*. É ser em Cristo. E Cristo só é em mim, quando, pela fé eu sei que sou Nele!]]

Não anulo a Graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão. [[Gl 2:1-21]]

Mesmo entendendo o que Paulo nos disse até aqui, o temor da maioria dos cristãos é que *a Graça os entregue a si mesmos*. Ora, isto é apavorante para grande parte dos cristãos que eu conheço. E entre esses muitos, há muitas pessoas sinceras, porém, existindo num limbo onde nem se entregam aos rigores da *Lei* e nem se rendem alegremente àquilo que Jesus conquistou para nós na *Cruz*!

A questão é que a *Graça* não nos entrega a nós mesmos, ela nos liberta de nós mesmos e nos põe no caminho desneurotizado de uma obediência que não se baseia no medo de Deus, mas na alegria amorosa de servi-Lo, buscando Nele aquilo que realiza o bem de Deus em nossas vidas. [[Rm 12: 1-3]]

A GRAÇA NÃO É COMPATÍVEL COM A ENTREGA DA VIDA À PRATICA DO PECADO E DA INIQÜIDADE!

Isto porque se há *Graça*, então, também há *santidade*. E essa *santidade* não é Moral, é, antes disso, o *fruto do Espírito* em nós, conforme nos ensina Paulo: *"Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei.*

Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza,

lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam.

Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. [[O mais estranho é que, hoje em dia, quem manifesta o "fruto do Espírito" passou a ser visto como um ser sem espaço nas assembléias das carnalidades do poder, dos números e das estatísticas de sucesso circense que caracteriza a "imagem vitoriosa" daqueles que trocaram a *Glória de Deus pela glória dos homens.*]]

E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito. <u>Não nos deixemos possuir de vanglória, provocando uns aos outros</u>, <u>tendo inveja uns dos outros</u>. [[Gl 5: 16-26 - *O* que é interessante é que com tantas "obras da carne" para usar "fechando e ilustrando o "argumento" Paulo o exemplifica com "vanglória" e com "inveja".]]

Veja que é o *"andar no Espírito"* aquilo que nos tira de *sob a Lei*, e, <u>ao mesmo tempo</u>, também nos liberta da *"concupiscência da carne"*. Então, Paulo mostra uma série de *"obras dacarne*", as quais, não são, necessariamente, nem morais e nem imorais. Elas são apenas as "*obras da carne*", portanto, o fruto da presunção humana de autonomia em relação ao "*andar no Espírito*", pois, *"são opostos entre si"*.

A oposição entre as *"obras carne*" e o "*andar no Espírito*" não significa nenhum tipo de dualismo ou dicotomia, conforme a perspectiva grega, seja a do platonismo, seja a do gnosticismo ou seja a disfarçada departamentalização da compreensão do ser gerada pelo Aristotelismo.

Conforme já vimos diversas vezes neste livro, aquilo que Paulo chama de "*obras da carne*" e que existe em oposição ao "*andar no Espírito*", tem relação não com algum tipo de "divisão" entre os mundos material e espiritual, onde se admita que tudo o que é material seja mal e tudo o que é espiritual seja bom.

Na perspectiva do Evangelho, quando Deus se encarna — ou seja, se materializa —, não há um abismo de natureza crítica entre ambas as dimensões,

a não ser aquelas estabelecidas pela Moral Humana e que, como já vimos, a Encarnação do Verbo relativizou completamente em sua própria instalação.

Desde que se diz, explicitamente, que o *Espírito* seria derramado sobre "*toda carne*", [[Joel 2: 28; Atos 2: 17-18]] que também se afirma a possibilidade não dual da relação entre os mundos físico e espiritual.

Assim, a "*oposição*" entre *carne* e *Espírito* nos fala apenas da presunção de confiar nas produções da autonomia humana em relação a descansar inteiramente na *Graça*. Isto é o que nos põe na "*carne*", pois, ela se expressa como incapacidade de entregar as produções do esforço humano à *Graça* de Deus. E não se fazendo assim, institui-se justamente aquilo que não nos deixa "*andar no Espírito*", visto que tal façanha, só é possível quando o coração crê que "*aqueles que estão na carne não podem agradar a Deus*". [[Rm 8: 6-8]]

Desse modo, as "*obras da carne*" aparecem, independentemente de serem ou não moralmente aceitas numa dada sociedade e em seus "*acordos morais*", como sendo, mesmo assim,"*inimizade contra Deus*".

Na *Lista* de Paulo acerca das *obras da carne* —que começa com a *prostituição* e termina em *glutonarias* — vemos o serpenteamento de seus conceitos descritivos das "*obras da carne*" incidirem e não incidirem sobre as linhas da Moral vigente. Por exemplo, dessa *Lista* paulina de "*obras da carne*", nos dias de hoje, no meio social mais amplo, praticamente apenas a *prostituição* continua, relativamente, sob desaprovação. Quanto às demais coisas, todas elas, não são consideradas produções imorais, pois, não há reprovação social para elas, desde que sejam praticadas com discrição e com a devida etiqueta; ou seja, sem baixaria.

Já no meio cristão, a lista cresce para ainda incluir, moral e espiritualmente falando, apenas mais as seguintes práticas, além da prostituição: *impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias e bebedices*. Na prática da "consciência cristã", de fora estão a maior parte dos pecados considerados não morais e não espirituais da *Lista*, que são aqueles de natureza psicológica, a saber *: inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, e invejas.* Ficando fora da lista cristã, inclusive, a *glutonaria*, pois, se fosse incluída, muita gente teria que começar a buscar urgentes dietas e regimes alimentares como parte de suas leis devocionais.

Ora, isto mostra apenas duas coisas. A primeira é a *seletividade* da escolha cristã em relação ao que julga ou não importante para si mesma, portanto, não se colocando sob a Palavra de Deus, mas sob seu próprio critério de legitimação de importâncias. A segunda é a *identificação dos valores* usados pelos cristãos de hoje para fazerem essa *seletividade* na Bíblia, e que se baseiam em dois critérios: um de natureza Moral – *prostituição, impureza, lascívia e bebedices* —, pois, no meio cristão as fraquezas da área sexual são entendidas como as mais graves, visto serem percebidas como morais, e o mesmo se pode dizer da embriaguez crônica — ou seja, das *bebedices* —; e outro critério de natureza espiritual , que são as *idolatrias e as feitiçarias*.

Ora, aqui também vale dizer que se fizermos dessa lista de "*obras da carne*" uma *Lista Legal* ou Moral relacionada à salvação ou à santificação nenhum de nós a ela sobreviverá. Ou seja, pelos rigores de obediência interna e externa a essa Lista, nenhum de nós herdará o reino dos céus. Isto porque é fácil escolhermos dela quatro ou cinco coisas que, do nosso ponto de vista, sejam malignas, de natureza moral e espiritual, e, assim, cairmos no mesmo problema que Paulo condena, pois, gera "*inimizade contra Deus*".

Isto porque ao fazermos de qualquer coisa *Lei*, nos colocamos, outra vez, sob a necessidade de sua observância absoluta!

Então, sair da *Lei* e cair na *Lista*, nos manda a todos nós de volta para o mesmo banco de condenados [[Rm 3: 19-23]]. Especialmente porque essa *seletividade* não nos é permitida, caso desejemos nos justificar mediante a observância parcial da *Lista*, pois, do contrário , *estamos também desfazendo o escândalo da Cruz*. [[Gl 5: 1 – 11]]

E quando olhamos para os demais vícios e doenças da lista de *obras da carne* que nós deixamos de fora do código de importâncias cristãs, fica clara uma coisa: para os cristãos de hoje, o comportamento observável é preso apenas aos elementos de natureza sexual — *prostituição, lascívia e impurezas* — e aqueles que ferem as doutrinas espirituais da fé cristã —*feitiçaria e idolatria* — são os únicos que nos perturbam. Os primeiros são considerados de natureza Moral e os dois últimos de natureza *doutrinária*. Ou seja, tudo o mais da *Lista*, e

que envolve crescer na perspectiva interior, psicológica e espiritual, não nos interessa. Interessam-nos apenas aquelas coisas que servem para ser mostradas; ou seja, aquilo que *aparece* na perspectiva comportamental.

Nada, contudo, do que acontece *dentro da mente*, parece ter real valor para os cristãos, pois, do contrário, não poderíamos falar sequer de qualquer história cristã, pois, a nossa História tem sido as narrativas de nossas "*inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções e invejas*"— sempre muito bem dissimuladas com tratamentos "fraternos" e "piedosos", na melhor das hipóteses!

Então, perguntamo-nos: Se for assim, quem se salva? Pois Paulo diz qu *e "não entrarão no reino de Deus os que tais coisas praticam"?* [[Gl 5: 21c]]

Ora, ele começa dizendo que o que nos salva *é estar em Cristo* e *andar no Espírito.* [[Gl 5: 1 e 16]] Quem está em Cristo já não está sob a *Lei*, nem mesmo as da *Lista* de Paulo. E quem anda no Espírito, vai sendo levado não para o *caminho de baixo* — o das animalidades entregues a si mesmas —, mas para as *veredas mais elevadas da consciência*, pois, contra o *"fruto do Espírito"*— amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio — *não há Lei*. [[Gl 5: 23c]]

Portanto, outra vez, aprendemos duas coisas: a primeira é que nossa vitória sobre os *Pecados da Lista* não é o que nos salva, visto que ninguém consegue observá-la toda; pois, como já vimos antes, quem se entrega à *Lei* ou à *Lista*, tem que cumpri-las como um todo. Isto porque ninguém é justificado diante de Deus pelas obras da *Lei* ou da *Lista*. [[Rm 3: 19-20.]]

O que nos salva é *"estar em Cristo e ser achado Nele*" [[Fp 3: 8 – 11]]. A segunda é que, até mesmo do ponto de vista psicológico, o melhor meio de vencer a *Lista* não é lutando contra ela, mas buscando viver e praticar o *fruto do Espírito*, sem nem mesmo nos lembrarmos da *Lista*.

Isto porque *a luta contra a Lista* nos põe, outra vez, no caminho da culpa e da neurose, adoecendo e enfraquecendo ainda mais a alma. E mais, somente o descanso no *Ser-Eu-Sou* é que pode nos salvar de uma tendência natural *ao não*

ser, o que nos mergulha na falsificação de nós mesmos!

Ou seja, ninguém vence o que não quer ser lutando contra a *Lista* de modo neurótico. Podemos vencê-la quando não a alimentamos com as nossas próprias energias, e quando negamo-nos a arregimentá-las para o combate contra a *Lista*, antes, porém, fazendo nossas energias interiores convergirem para o *prazer de ser*, pois, *o fruto do Espírito* só acontece *mediante o prazer de ser-estar em Cristo*, mesmo que na prática ainda caminhemos de modo conscientemente relativo sobre a Terra. [[Fp 3: 12-16]]

E ainda, quanto mais nos entregarmos à positividade do *fruto do Espírito*, mais cresceremos na *Graça* de frutificarmos de modo natural e não adoecido.

A maior evidência da nossa genuína vitória sobre a *carne* não se manifesta longe de nós, pois, Paulo conclui dizendo que as *grandes obras da carne* evidenciam-se mediante a nossa maneira de ver o próximo. E se não o virmos e nem o servirmos *em Graça*, estamos ainda na *carne*:

"Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, **antes** *, servos uns dos outros, pelo amor. Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos. Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne".* [[Gl 5: 13-16]]

E ainda: *"Não nos deixemos possuir de vanglória, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros".* [[Gl 5: 26]]

E mais: *"Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo. Porque, se alguém julga ser alguma coisa, não sendo nada, a si mesmo se engana. Mas prove cada um o seu labor e, então, terá motivo de gloriar-se unicamente em si e não em outro. Porque cada um levará o seu próprio fardo".*

Portanto, vence-se a *carne* andando-se no *Espírito* e não praticando a

Teologia Moral *dos Amigos de Jó*, com seus juízos e auto-exaltação contra o próximo. Ao contrário, como já vimos, a ética da fé é o amor a Deus e ao próximo, mesmo o antagonista! Quanto mais o irmão!?

Pelo que Paulo conclui*:*

"Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna".

Então você diz: *"Ora, há a lei Moral de causa e efeito!"*.

Eu digo: *"Não! Há causa e efeito"*. [[Gl 6: 7-8. Digo natural por uma razão: é apenas uma questão de se decidir onde colocamos nossas energias. O resto obedece ao processo de que as fontes mais "alimentadas" tornam-se as mais fortes. No campo em que se semeia, mais provavelmente, desse se terá colheita e não há "jogo"; há sim, o resultado natural de escolhas feitas.]]

Mas isto não tem nada a ver com o mundo Moral, mas com o ser e seu fruto, se não veja*:*

"E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos. Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé". [[Gl 6: 9-10]]

Assim, repetimos que o que vence as *obras da carne* é a *Graça* do amor, contra cuja manifestação *não há Lei.* [[Gl 5: 23b]]

Dessa maneira, vale dizer que a contra-partida teológica mais óbvia do Novo Testamento à *Teologia Moral de Causa e Efeito* é toda a mensagem do Novo Testamento. [[Gl 1:6; II Co 4:3; 11:4; Cl 1:23.]]

E se é assim, a conclusão é simples: a maior agressão à *Graça* não vem de lábios blasfemos, mas de lábios auto-confiantes e que cometem a arrogância de, em nome de Jesus, viverem uma fé que nada mais é que negação dissimulada da *Cruz.* Esses permanecem sob juízo [[II Tess 1: 3-8]]. Isto porque não aceitaram o *Escândalo da Cruz* como benefício total para as suas vidas: *"Todos os que querem ostentar-se na carne, esses vos constrangem a vos circuncidardes* (*ou seja:a obedecer à Lei ou à Lista), somente para não serem perseguidos por causa da Cruz de Cristo. Pois nem mesmo aqueles que se deixam circuncidar guardam a lei; antes, querem que vos circuncideis, para se gloriarem na vossa*

carne (<u>*Pela tentativa de cumprirem a Lei ou a Lista*</u>). *Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo. Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura. E, a todos quantos andarem de conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus. Quanto ao mais, ninguém me moleste; porque eu trago no corpo as marcas de Jesus! ”.*

Portanto, o caminho da *Graça* não cria o espaço da libertinagem, mas tão somente o da liberdade de ser, sem os medos que decorrem das neuroses provocadas pela *Lei* ou pela *Lista*, seja ela qual for.

Todavia, são aqueles que não querem entregar-se ao *Escândalo da Cruz*, a quem Isaías falou, fala e falará sempre, mesmo que eles se digam cristãos: *“Quem creu em nossa pregação?”*.

E a quem foi revelado o braço do SENHOR?

Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse.

Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso.”

Ora, foi a utilização diabólica da *Teologia Moral de Causa e Efeito* o que cegou o entendimento dos incrédulos, os quais impressionaram-se mais com as aparências que com a verdade, por isto, desprezaram e desprezam a Jesus e dele não fizeram e nem fazem caso. [[II Co 4: 3-6]]

HOJE, NÃO LUTAMOS CONTRA JESUS. APENAS NÃO ACEITAMOS A SUA CRUZ, POIS, SEM CRUZ NÃO HÁ GRAÇA; E SEM GRAÇA, NÃO HÁ CRUZ!

Portanto, *nega-se a Jesus* quando se pretende que Ele seja o simples *invólucro* de nossas “Teologias” que nada mais são que a negação de todos os *conteúdos* que Jesus ensina e pelos quais deu a Sua vida. [[*Confessar* ou negar o

Nome de Jesus diante dos homens, não se trata apenas de dizer *"eu creio em Jesus"* ; trata-se, antes, de crer que o que Ele fez a nosso favor é o único caminho de salvação, e o resultado disso, tem sempre que ser *descanso na Graça que, em Cristo, nos salva da Lei do pecado e da morte*.]]

É como urinar numa garrafa de *Uísque Ballantine's*, colocar o rótulo, selar a garrafa e servir a todos, os quais bebem o "rótulo", sem saberem que se alimentam de uma mentira, ou melhor, uma mera produção da excrescência humana: urina!

É isto que na maior parte das vezes o *Cristianismo* faz com o Evangelho da *Graça*: usa os seus símbolos, a linguagem, as declarações de piedade, o dialeto convencional do gueto cristão, e, enquanto isto, as pessoas embebedam-se da "*urina teológica dos amigos de Jó*", crentes que de fato crêem na mensagem do Evangelho.

TODAVIA, DEVEMOS ADMITIR QUE NUM MUNDO DE JUSTIÇAS MORAIS É DIFÍCIL NÃO SE "ENVERGONHAR DO EVANGELHO", POIS, SUA PROPOSTA NÃO SE VINCULA À IMAGEM. [[Rm 1:16—Há muitos cristãos se sentindo "culpados" e "desviados" do Caminho porque não conseguem gostar e nem se sentir bem no Circo Eclesial Moderno. A esses digo: Não temam. Não gostar "disso" é sinal de saúde espiritual, e, no mínimo, de bom gosto. O Evangelho, ao qual somos chamados a não nos envergonhar de seu testemunho, é justamente aquele que, se presente estivesse na prática cristã, não nos faria ter vergonha da "identificação vigente". Eu, por exemplo, sempre me envergonhei de muitas coisas cultural e espiritualmente relacionadas a ser "evangélico", e nunca me envergonhei e nem me envergonharei do Evangelho! E aqui não há nada novo no que digo. Em 1995, escrevi um artigo amplamente divulgado e que tinha exatamente este conteúdo.]]

O evangelho do qual nos "orgulhamos" não é o evangelho da *Cruz* de Cristo . É apenas o "des-evangelho" de nossas presunçosas construções morais e teológicas!

Quem crê na pregação, todavia, não deixa mais nada para trás que Jesus já não tenha pago na *Cruz*: "*Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o <u>reputávamos</u> por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas <u>nossas</u> transgressões e*

moído pelas nossas iniqüidade; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele à iniqüidade de nós todos. Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca. Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido. Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca. Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos. Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniqüidades deles levará sobre si. Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu." [[Note que as duas grandes temáticas de Isaías 53 são: as "aparências das quais não se fez caso"— *a imagem continua a lutar contra a verdade de ser*—e a impossibilidade de crer e descansar que "Ele levou sobre si as nossa iniqüidades, dores, transgressões e pecados", não deixando, nesse aspecto, nada mais para ser feito: *Está consumado*!]]

A questão é que a maioria dos cristãos não consegue admitir que só aceita a Cristo porque já sabe o fim da história; já sabe que Ele ressuscitou de entre os mortos!

Todavia, o que muitos de nós não conseguimos ver é que somos "crentes da história de Cristo", mas não somos crentes da "Verdade de Jesus"; pertencemos à "igreja", mas nem sempre somos parte daquilo que Jesus chama de "*Caminho, Verdade e Vida"*. [[João 14:6]]

Ao contrário, muitas vezes, pertencemos ao que deveria ser denominado de *Conduta, Imagem e Performance*. Essa é a religião da maioria. E, para esses, a *Instituição- humana,* que representa Deus na Terra, torna-se a *Única Mediadora* entre Deus e os homens; e, assim, assenta-se num Trono de Soberania sobre os

demais homens, o que a põe numa horrível rota de colisão contra Aquele que não dá Sua Glória a outrem. [[É tão fácil perceber a factualidade dessa afirmação até mesmo quando se considera alguém "desviado" do Caminho apenas porque tal pessoa não suporta mais o convívio adoecido, repetitivo, desinteressante e presunçoso da *Instituição que Representa Deus na Terra*! Ela é blasfema porque toma para si esse papel "sacerdotal-mediador" entre Deus e os homens. E nessa nossa Era de Apóstolos de Circo, não de Cristo —quando se pode vê-los "ligando" e "desligando" seres humanos do Corpo de Cristo ao seu bel prazer — tem-se que admitir que nos tornamos, quase todos, filhos de uma religião pré-cristã. Ora, o mundo só está se tornando pós-cristão, porque a Instituição Cristã nunca conseguiu ser cristã.]]

A instituição humana na qual a *"fé-original-em-Jesus"* se tornou, com todo o poder que conquistou — e aqui me refiro não apenas à Igreja Católica e seu Estado Vaticano, mas também aos Protestantes e todos os seus derivados históricos—, deu-lhe a garantia de sobrevivência como religião, que se autodenominou como *Cristianismo*. Todavia, tirou dela a *Graça*, a simplicidade, a capacidade de servir e, sobretudo, roubou a sua alma. Assim, o *Cristianismo* garantiu sua sobrevivência histórica, ganhou boa parte do mundo, mas perdeu sua alma.

E que daria o "Cristianismo" em troca de sua alma?

Montanhas e montanhas de culto sem consciência, cheios de culpa neurótica e de juízo temerário?!!! [[Veja como o "culto sem alma e sem consciência da Graça" torna até o "mandamento" na sua prática exterior, algo equivalente às abominações religiosas contra as quais a Bíblia se insurge nos "cultos pagãos". Leia Isaías 66: 3 e veja o que Deus pensa sobre espiritualidades e ritos sem alma — falando do culto no Templo de Jerusalém; e veja Amós 4:4-5; 5:4-5 —onde o mesmo tema se repete! E, nesse particular, nada é mais pedagógico que o Salmo 50.]]

Tentamos salvar o mundo enquanto perdemos nossas almas, nossas essências e nossa real beleza, que é ser simplesmente um *povo de gente boa de Deus*!

A salvação dos cristãos está em que nos convertamos ao evangelho de Jesus e não à "igreja"; que entendamos que o *Cristianismo* já foi tão corrompido que se Jesus visitasse a maior parte de nossas "igrejas" o que experimentaríamos seria o Seu "azorrague". [[João 2:13-22]]

É por esta razão que dizemos amar a Jesus enquanto nos escandalizamos

com Sua *Graça*!

Quem pensa que a *Graça* é “loucura”, ainda é filho da presunção filosófica dos gregos. E quem julga a *Graça* como “escândalo”, ainda vive sob o domínio da *Teologia Moral de Causa e Efeito dos Amigos de Jó,* os quais, nos dias de Jesus, dos apóstolos e de Paulo, tiveram nos fariseus seus melhores representantes. [[I Co 1: 18-25]]

E mais, tratamos cada vez mais a *Graça* como algo “apenas importante”, colocando-a num *nível hierárquico secundário,* esquecidos de que a única razão pela qual a *Cruz* se ergueu foi para que a *Graça* prevalecesse sobre a *Lei,* e a *Vida* fosse liberta dos carmas instituídos pelo pecado e pelos juízos de culpa dele decorrentes.

Quem diz que aceita a Cristo e não aceita a *Graça*, não sabe que ninguém aceita a Cristo como Cristo — *aquele que levou os nossos pecados; o Cordeiro imolado antes da fundação do mundo* —, sem que isto aconteça em total e indiscutível rendição à *Graça*; arrependendo-se de seus pecados, sendo que o mais grave deles é sempre a presunção moral e legal de qualquer forma de auto-justificação. [[Tg 4: 6]]

A *Cruz* se ergueu porque a *Graça* não foi acolhida quando o *Verbo armou Sua tenda entre nós*! [[João 1:1-14]]

Portanto, confissões do *Nome de Jesus,* que não se fazem acompanhar pela certeza da *Graça,* não são diferentes de quaisquer outras confissões de fé que *não* proclamam o nome de Cristo. [[Rm 2:24]]

Uma opção bem melhor que o *Cristianismo* sem a *Graça* é o *Taoísmo* com sua *“Sabedoria”*. Ali, pelo menos, ensina-se o ser humano a pensar, a sentir, a se descobrir, a olhar para dentro e a não julgar o próximo.

Nada é mais feio, des-saboroso aos sentidos e adoecedor para a mente, que qualquer forma de moral cristã; e, sobretudo, quando ela ainda pretende se fazer passar por piedade. Nesse caso, a feiúra vem do *contraste,* pois, como é possível ser cristão vivendo a antítese existencial e humana daquilo pelo que Jesus morreu?

E como é possível ser de Jesus se “compactuamos” com as mesmas forças históricas e espirituais — refiro-me ao legalismo, ao moralismo e à arrogância do conhecimento de toda a verdade, encarnados pelos fariseus e as autoridades religiosas que o entregaram à morte — contra as quais Ele se insurgiu durante todo o Seu andar na Terra?

E aqui eu me dou ao direito de trazer à memória a voz do apóstolo Paulo, o encarcerado pelo crime de ter fé na *Graça* de Deus em Cristo: *“Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios, se é que tendes ouvido a respeito da dispensação da Graça de Deus a mim confiada para vós outros; pois, segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério, conforme escrevi há pouco, resumidamente; pelo que, quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo, o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito, a saber, que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho; do qual fui constituído ministro conforme o dom da Graça de Deus a mim concedida segundo a força operante do seu poder. A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta Graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus, que criou todas as coisas, para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais, segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor, pelo qual temos ousadia e acesso com confiança, mediante a fé nele.Portanto, vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, pois nisso está a vossa glória.”*

E, assim, com Paulo, eu também me ponho de joelhos pelo futuro de nossas *consciências* e na esperança de que o Espírito ainda “converta os cristãos” à consciência da *Graça*, a fim de que, o que hoje chamamos de *Cristianismo*, seja ainda liberto do poder diabólico que o invadiu. Do contrário, *talvez*, o Senhor chame por *outro nome* o Seu povo; ou, mais provavelmente, por *nome nenhum*. Com Paulo, todavia, também me ponho de joelhos, pois, em meu coração, amo a

mesma *realidade-humana-redimida* que ele chamava de *família de Deus*:

"*Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra, para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus*".

Confiando nisto é que me uno ao irmão Paulo, que é um *Jó da Graça Consciente*, e olho para o Mistério de Deus e digo:

"*Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!*".

♦ PRÓ-LOGOS!

No princípio **era-é** o Logos. No fim de tudo **é-será** o Logos também [[Um dos maiores problemas da "teologia" e, especialmente de suas sistematizações, vem da *antiga noção de tempo*. Os teólogos, em geral, pensam em Deus com as categorias de tempo e espaço, e pensam na *Graça* como uma "evolução histórica", como se Deus tivesse crescido com os homens. Hoje em dia, é um desperdício sem precedentes continuar a "fazer teologia" sem se entender a questão do tempo, até mesmo do ponto de vista da "física quântica". Boa parte dos nosso conflitos doutrinários e teológicos — coisas como predestinação e livre arbítrio — soam pequenas depois que você entende o que é o tempo, sua total relatividade e, no sentido Absoluto, até mesmo sua inexistente-existência. O tempo serve à Relatividade, daí ele servir à História. Mas serve pouco à Teologia, que nunca é o que pretende ser, caso não exista entre o temporal e o a-temporal. A redenção, portanto, aparece na História apenas porque ela pré-existe à própria História. O Cordeiro, afinal, foi imolado no *Antes* de qualquer História e de qualquer Tempo!]]. Portanto, o que sobra é apenas uma compreensão, a mais forte e auto-explicativa de todas: *"O Cordeiro de Deus foi imolado por nós antes da fundação do mundo"*. [[I Pd 1:19-20 —vale ver que Jesus se auto-definiu como Aquele que o Pai amou desde antes que houvesse mundo (João 17: 5, 24b). Deus é Amor. E se o é, como poderia ter criado sem antes ter se entregado pela criação?]]

Ora, se antes de Deus dizer *"Haja luz!"* , Ele disse *"Haja Cruz!"* [[As implicações dessa afirmação afetam até mesmo nossa compreensão do universo e das teorias da Física. E isto põe o amor como meta-física da própria luz, pois, é da constância da velocidade da luz que as relatividades de tempo e espaço se estabelecem, facultando-nos, assim, a possibilidade de experimentar sensorialmente a vida como ela é, tanto no corpo como no espírito, pois, este, ainda que existindo nas relatividades do tempo e do espaço—corpo e história—, tem sua origem no paradigma da luz que nasce do grito da *Cruz*. A *Cruz*, portanto, é o não-lugar que a "teoria da relatividade" não pode apreender sem *revelação!]]* — fica claro que antes de ter havido qualquer mundo, fosse ele de qualquer dimensão, *houve provisão antecipada pela possibilidade da perversão de qualquer criatura em toda a criação* [[Rm 8: 20-23]]. Daí, conforme Paulo, a *natureza gemer*, na expectativa da chegada do *dia de sua redenção*!

PORTANTO, TEM-SE QUE ENTENDER UMA ÚNICA COISA: SE A CRUZ VEM ANTES DE TUDO, TUDO O QUE VEM DEPOIS DA CRUZ JÁ CARREGA O POTENCIAL DE SUA GRAÇA. A GRAÇA ESTÁ NA META-EXISTÊNCIA DE TODAS AS COISAS!

Logo, não há como fugir da seguinte conclusão: no universo que Deus criou, onde pôs criaturas feitas à Sua imagem e semelhança e trilhões de outras segundo a sua própria espécie, nenhuma *Lei* ou Código seriam os elementos de qualquer forma de redenção, pois a *Lei da Graça* pré-existe a todas as coisas, as boas e as más. Daí todas elas poderem cooperar, conjuntamente, para o bem de quem ama a Deus.

É o Cordeiro quem banca a Criação, pois Ele foi imolado antes de haver qualquer mundo!

É a *Cruz* que garante a Luz, pois é dela que vem a revelação de quem somos e de quem Deus é para nós em Cristo!

É o Logos que sustenta o que Existe, pois Nele, tudo subsiste!

E o Seu propósito é um Dia reconciliar Consigo mesmo todas as coisas. Ou seja, chamar de volta para Si tudo o que existe, existiu ou venha a existir, pois, tudo foi criado por meio Dele e para Ele! [[Cl 1: 20]]

"Houve tarde e manhã o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto dia — o do homem —;e houve tarde e manhã o sétimo Dia... E o Senhor Deus descansou no Sétimo Dia. E nós também temos Descanso no Fim-Começo desse Novo Eterno Dia, que Já começou para todo aquele que crê"

Nós nascemos à tarde, no Sexto-Dia, conforme o Gênesis. Portanto, o amanhã traz o nosso Amanhecer, segundo Deus.

Na seqüência da Criação, primeiro vem a tarde, depois a noite e então o amanhecer!

Há sombras e noite no caminho. Mas o Dia termina na Luz da Manhã. No Dia de Deus o *Ocaso* não é *a-caso*, é apenas um intervalo entre uma luz que se desvanece — a tarde — e o início de uma Luz que não se desvanece — a manhã! E que vai brilhando mais e mais até ser Dia Perfeito!

Afinal, o Apocalipse diz que na Nova Jerusalém não haverá Noite, nunca mais!

No princípio havia trevas e caos.

Então Deus disse: “*Haja Luz*”.

E houve tarde e manhã o primeiro Dia.

O Dia de Deus começa e caminha para o Amanhecer como Fim-Meta.

Ora, o primeiro milagre do Cordeiro — do Verbo encarnado, do Emanuel, do Cristo, Jesus!—foi demonstrar que Nele as lógicas são subvertidas. Ele deixa o melhor para o Fim, conforme Seu milagre no casamento de Caná.

Afinal, Sua própria experiência como o *Encarnado*, também obedeceu à mesma lógica: padeceu primeiro, foi glorificado depois; humilhou-se antes para ser exaltado depois. Esvaziou-se de Deus para ser Glorificado acima de todo Principado, Potestade e Poder.

Essa é também a lógica do Logos:

“Se o grão de trigo não morrer, fica ele só; se porém morrer, produz muito fruto”.

“Semeia-se em corrupção, colhe-se em incorrupção; semeia-se corpo natural, ressuscita-se em corpo espiritual”.

Tudo que veio Dele, um Dia vai voltar para Ele!

E sabe por que isto é possível?

O Cordeiro de Deus foi imolado e seu Sangue foi conhecido antes da Fundação de todas Fundações!

O CORDEIRO É A PEDRA ANGULAR DE TODA A CONSTRUÇÃO, A COMEÇAR DA CRIAÇÃO DE TODAS AS COISAS E PROSSEGUE SENDO A PEDRA DE ESQUINA ATÉ O DIA DA RECONCILIAÇÃO DE TODAS AS COISAS NELE.

A *Cruz* vem antes de todas as Coisas, e, portanto, também antes de todas as Quedas.

Só houve a possibilidade de haver Liberdade — incluindo os terríveis riscos de haver Quedas — porque, antecipadamente, já havia o Cordeiro e Seu Sangue *conhecido com efeito antes da fundação do mundo* — sim! Antes de todo e qualquer mundo.

“Haja Cruz” — foi o grito que nenhuma criatura ouviu ser bradado, pois, Quem o bradou estava só!

Esse clamor do Deus agonizante antes de parir Seus mundos — todos eles —, nenhuma criatura ouviu. Nem mesmo os anjos — *os filhos de Deus que*

alegremente viram e cantaram a sabedoria de Deus na Criação — ainda não existiam para testemunhar esse Brado. Afinal, eles vieram depois dele. Daí a *Cruz* ter sido e ser para eles um mistério, aliás, o Mistério!

Era um *entendimento* de Deus com Deus. E ninguém existia para ser Seu conselheiro. Daí ter sido também o Grande Mistério que nem Lúcifer conhecia.

"Deus meu, Deus meu, por que me desamparas-te?"— fez-se ouvir antes que qualquer criatura ou criação experimentasse consciência de queda e desamparo!

Pensar diferente é crer numa *Cruz* que veio *depois* — ou seja, sendo apenas uma tentativa divina de remendar Seus próprios erros como Criador e Sua culpa ante a Criação.

Quando se diz que o *Cordeiro de Deus foi imolado antes da criação do mundo*, diz-se também que a provisão da *Graça* é a única Liberdade possível na Terra, pois, essa certeza do Amor Gracioso, que se entregou pelos equívocos e pecados da Criação antes dela existir, carrega consigo uma profunda libertação da culpa de ser e de todas as fobias existenciais que ela patrocina.

Estou convencido de que somente vivendo com essa *consciência em fé* é que se pode experimentar a libertação de todo medo de ser, viver, existir e, também, pode-se assumir a própria consciência como o *Santo dos Santos* de cada indivíduo na Terra.

Aqui começa a liberdade. Nenhuma liberdade que não nasça da *consciência em fé* de que este universo tanto é fruto do Amor de Deus quanto também de Sua entrega Sacrificial pela criação pode ser chamada de liberdade. Isto porque antes de qualquer Criação existir a *Cruz* foi Erguida!

Ora, é isto que pode nos fazer viver como pecadores livres do pecado-culpa de ser, que é a mais latente de todas as culpas que o ser humano conhece.

O Perfeito Amor lança fora o medo!

Só se perde o medo de ser quando se perde o medo de Deus!

E isto só acontece em plenitude mediante a Liberdade que nasce da *Graça Pré-existente de Deus*, na entrega do Cordeiro Eterno, que é Cristo Jesus, o Nosso Senhor!

No dia em que essa *consciência em fé* nos possui, acontece o funeral

religioso da *Teologia Moral de Causa e Efeito!*

"O Cordeiro Imolado Antes da Fundação do Mundo"— é, para mim, a afirmação apostólica cujas implicações incidem sobre todos os aspectos de qualquer que seja a compreensão cristã da Existência!

Depois dela fica mais fácil entender como e porque *Nele tudo subsiste*, sem que isto implique em indiferença divina para com Sua Criação ou em solidariedade divina para com o mal que passou a habitar a Criação.

Do contrário, por que seria Ele a *Fonte Criadora e Mantenedora de Todas as Existências*, sendo Ele, ao mesmo tempo, o *Criador Eternamente Separado* de considerável parte de Sua própria Criação? E isto enquanto a alimenta com energia de existir que nem sempre é usada na direção da Vida?!

Num universo onde existe o mal, a inclusão dele como dependente da energia vital que procede de Deus só faz sentido se *o Cordeiro tiver sido imolado* antes que as partes que se desintegraram de sua comunhão com o Criador houvessem sido criadas.

Isto porque é preciso diferenciar o Criador de toda e qualquer escolha que, na Criação, tenha implicado em Queda. Digo isto ao mesmo tempo em que sei que não é possível fazer tal diferenciação completamente. E por que? É que fora de Deus não existe nada absoluto. Ora, algo é Absoluto quando é Auto-Existente. Todavia, há um só Deus e Pai de todos, que age por meio de todos e está em todos!

Portanto, qualquer criatura existe em Deus, mesmo que sua livre escolha seja existir sem a *Vida de Deus* agora ou para sempre.

Isto também é liberdade! E é sua mais terrível manifestação! A escolha pelo inferno de ser!

O Cordeiro imolado antes da fundação do mundo é também a garantia de que qualquer criatura pode escolher existir eternamente danada, no inferno de suas resistentes escolhas enganadas. Afinal, até para que se tenha a liberdade de escolher não-ser-de-Deus tem-se que usar das *graças naturais* que Dele provêm a fim de nos manter existindo!

Daí haver a Hora chamada de o *Grande Dia da Ira do Cordeiro*. A *Graça* oferecida desde antes da fundação do mundo, em sendo pisada pelos pés conscientes da indiferença, gera, ao final da presente era da consciência caída, o Dia do Juízo, onde Aquele que deu — e deu tudo — pela Criação, haverá de se

levantar em seu favor e contra os seus espoliadores conscientes e insensíveis.

O *Grande Dia da Ira do Cordeiro* é, paradoxalmente, o Dia da *Graça* para a Criação. É o juízo sobre os que devoram a Terra, seus recursos, suas criaturas, seus oceanos, fontes de águas, suas maravilhas, e suas produções naturais. É também o Dia da Vingança sobre as Civilizações que existem para fazer com que sua cidadania na Terra produza cataclismos gerados pela bomba da cobiça, pelo des-amor aos recursos do Planeta e por causa de sua tirania sobre as demais criaturas — humanas ou não! [[Apc 6:16; 11: 18; 14:10; 16:19. *O Dia da Ira do Cordeiro* vem não apenas contra a alienação do homem contra o Criador, mas também em razão da persistente indiferença do homem contra seu semelhante e, ainda, em razão de seus atos de devastação contra a Terra. A leitura do Apocalipse de João deixa isto mais que claro! Assim, aprende-se que toda alienação humana—seja em relação a Deus, a si mesmo, ao próximo e com referência à criação —, implica num repúdio à *Graça* do Cordeiro. *Graça* divina, persistentemente rejeitada, gera juízo! Quem não crê já está julgado pela sua própria incredulidade, pois, aquele que rejeita a *Graça* do Cordeiro desiste de todo o Bem Eterno e se faz filho de seus próprios horizontes de morte. Quem crê tem a vida, quem não crê ainda está na morte! A Ira do Cordeiro vem como resultado da escolha de quem usou sua liberdade para escolher existir sem a *Graça*. Só existe Juízo porque existe *Graça*. Ao final, no entanto, a *Graça* e a Misericórdia triunfam sobre o Juízo.]]

Isto porque, como a *Cruz* vem antes da Criação e como as criaturas gemem esperando o Dia da Redenção, então, pode-se dizer que toda a criação sente dores e agonias latentes pela *Graça* que pode redimir a toda criatura. [[Rm 8: 16-24]]

A última visão apocalíptica é, todavia, uma *Comunhão Cósmica* de todas as coisas e de todos aqueles que *escolheram-tendo-sido-escolhidos em Cristo.*

Assim digo, porque não gostaria que você esquecesse que caminhamos para a Nova Jerusalém, onde não há santuários e onde até as folhas da Árvore da Vida são para a cura dos Povos. [[Apc 22: 2]]

A Nova Jerusalém não é religiosa, pois, nela não há santuários, portanto, não é *exclusivista* [[Apc 21: 12-13 e 24-26]]. Afinal, ela recebe gente de todos os tempos históricos, conforme nos disse Jesus quando afirmou que viriam "*muitos do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste, e que tomariam lugar à mesa com Abraão, Isaque e Jacó* " — como a rainha do sul que reconheceu a *Graça* na sabedoria de Salomão ou os Ninivitas que creram na pregação de Jonas—,

enquanto os que viveram da presunção religiosa de serem os filhos do Reino seriam *deixados de fora*.

A Nova Jerusalém é a Cidade Iluminada pelo Cordeiro [[Apc 21: 23]]. É a Cidade que tem Portas Abertas em todas as direções [[Apc 21:13]]. É também a Cidade das Individuações Absolutas em Cristo, que pode se manifestar como uma "*pedrinha branca e um nome novo que ninguém conhece, exceto aquele que o recebe*". E, além disso, essa individuação é-será-também-como a revelação-segredo do *novo nome* de Jesus e que só o Pai conhece, o qual será dado a conhecer a todo aquele que perseverar em Sua *Graça*. [[Apc 2: 7, 17, 28; 3: 5, 12, 21—onde as promessas carregam o "segredo" da relação de cada um com o Cordeiro da Vida. E são realizações incompartilháveis. Acontecem na inexprimibilidade do ser. O galardão é ser e conhecer em comunhão ao Criador e ser conhecido de si mesmo como o somos para Ele em Cristo. Somente aqui seremos de fato quem somos e não sabemos ainda!]].

●

♦ CONFISSÃO SEM FICÇÃO, PORÉM COM FIXAÇÃO E SEM BARGANHAS

Você leu o conteúdo essencial do Evangelho da Graça de Deus!

O que passar disso é reflexão dos teólogos da *"Teologia da Terra"* . É fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. É a Síndrome de Eva. É escolha de Adão. É doutrina-caminho de Caim, pois, é o fruto das obras da presunção, da inveja e da auto-justificação humanas [[Na epístola de Judas, o Irmão do Senhor, *o caminho de Caim*, se funde com a *ganância* de Balaão e conclui seu projeto com a *revolta* de Coré (v.11). Assim, é um caminho que gera um sentir e que desemboca numa atitude. Desse modo, fica-se sabendo que o caminho começa "dentro" do ser. Em Judas, o tema é o oposto do legalismo. Ele fala de transformar a *Graça* de Deus em libertinagem (v.4). O Caminho da *Graça*, todavia, acontece entre o legalismo, de um lado; e a libertinagem, de outro. A *Graça* tanto nos liberta da *Lei* que avulta a culpa e o pecado; como também nos salva da escravidão à Necessidade e ao Capricho!]]. É religião que nasce do homem para Deus. É auto-salvação. É falsa liberdade. É arrogância piedosa. É a doença dos que excluem outros de Deus como se pudessem saber o que está escrito no *Livro da Vida*. É a produção teológica da confraria dos *amigos de Jó,*para cujos corações, a *Graça é um Problema*!

Eu, porém, digo o que creio e é o que sempre cri!

E AQUI EVOCO O TESTEMUNHO DE TODOS OS MEMBROS DO PRESBITÉRIO DA IGREJA PRESBITERIANA DE MANAUS, QUE AINDA NA DÉCADA DE 70, HÁ QUASE TRINTA ANOS, LERAM MINHA TESE DE ORDENAÇÃO, QUANDO FUI SEPARADO PELOS HOMENS PARA O MINISTÉRIO DA PALAVRA. ENTÃO, A TESE CENTRAL, ERA A MESMA QUE AQUI DEFENDO!

Sim! Aqui digo o que cri o tempo todo enquanto pregava a Palavra do Evangelho durante todos esses anos! [[Portanto, os milhares de hoje e os milhões do passado — que se dizem ou se diziam abençoados pelo Evangelho de Jesus que eu pregava e prego— terão que *ad*-mitir, sem *ad*-mentir, que a Palavra era esta, nunca foi outra. E mais: de minha boca ou pena de escrever, jamais procedeu ou procederá "outra coisa", pois, qualquer outra coisa, não é mais que

“*outro evangelho*”.]]

E no Senhor Jesus, eu sei que esta Palavra da *Graça* de Deus abençoou e ainda abençoa milhares de vidas humanas. Afinal, Jesus não disse: *Ide por todo o mundo clonai, amedrontai, oprimi, usai, saqueai e neurotizai a toda criatura. Quem se deixar oprimir ou padronizar por vós será salvo; quem porém vos resistir, já está condenado*!

Boa parte do que chamamos de “evangelização” não é boa notícia para muitos seres humanos. E não é porque eles sejam duros de coração. Não é boa nova apenas porque não traz Boas Novas!

Minha motivação para ser e fazer tudo o que fiz como cristão nesta Terra nasce desse chão de consciência de que nem sempre o que chamamos de “evangelho” é, de fato, Evangelho, conforme Jesus de Nazaré.

E para quem não entende o que aqui digo, evoco o testemunho do apóstolo Paulo: “*Quisera eu me suportásseis um pouco mais na <u>minha loucura</u>. Suportai-me, pois. Porque zelo por vós com zelo de Deus; visto que vos tenho preparado para apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo. Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também sejam corrompidas as vossas mentes, e se apartem da simplicidade e da pureza devidas a Cristo. Se, na verdade, vindo alguém prega <u>outro Jesus</u> que não temos pregado, ou aceitais <u>espírito diferente</u> que não tendes, ou <u>evangelho</u> <u>diferente</u> que não tendes recebido, <u>a esses de boa mente o tolerais</u>*” [[II Co 11: 1-4—aqui Paulo denuncia que havia um “outro Jesus”, um “outro espírito” e “outro evangelho”—sendo enganosamente anunciados pelos aderentes da TMCE de seus dias. Essa era a briga de Paulo em quase todas as suas cartas e no confronto que fez aos pervertedores da Palavra, criando um outro Jesus, espalhando um outro espírito e trazendo, portanto, um outro evangelho. Ora, se a aflição de Paulo, naqueles dias, era essa, que dizer de como ele sentiria aquilo que nós chamamos hoje de “evangelho”? Hoje nós toleramos de boa mente os que pregam a *Antítese do Evangelho*!]]

E então, você pergunta, por que este livro?

É porque eu creio em Jesus conforme entendo o Evangelho!

E sei que o *espírito* que o Evangelho cria é o da *Graça*, do amor e da verdade! [[Ler I, II e III João — todas as epístolas—e observar as referências à verdade e ao amor como entes inseparáveis.]]

Hoje, na Terra, poucas razões tenho para ser alguém empolgado. Quanto tempo viverei, realmente não sei. Às vezes, acho que já vivi demais!

Sinto-me no lucro!

E tudo o que ainda serei e farei nesta Terra — se é que Deus me reserva ainda muito ou pouco no futuro — nascerá também desta Rocha da Vida! Falo apenas da Terra, pois, da eternidade não há o que se falar.

Na eternidade eu já sou!

Aqui, *nem-tanto-pelo-tanto* e mas muito pelo *entretanto*, eu devo me entregar, me confessar e oferecer as minhas mãos às algemas dos inquisi-dores!

Eis, portanto, minha confissão de culpa ante a *Confraria dos Amigos de Jó*: Eu creio na *Graça* de Nosso Senhor Jesus Cristo e sei que tudo o que não provém de fé na *Graça* de Deus é pecado!

É assim que creio! Por isso é que falei e escrevi!

E se você não crê como eu, por favor, considere-me culpado de minha mais absoluta certeza de fé na Graça de Jesus. Eu não me envergonho de crer assim!

Eis aqui minha confissão escrita e assinada!

Caio Fábio D'Araújo Filho

Agora, não tenho mais desculpas a dar a ninguém, pois, ante os *Amigos de Jó*, crer na *Graça*, é minha culpa irremediável e irredimível pela *Teologia Moral de Causa e Efeito!*

Portanto, se você crê como eles, nunca me perdoe pelo crime de minha fé!

Mas saiba: sou feliz pela culpa dessa paz! E pela paz dessa culpa!

E agora, quem virá me prender?

Quem poderia preferiu me libertar!

Entenda-se com Ele!

Ele Advoga a minha causa!

E em meu lugar e em meu favor, Ele bradou: *Tetelestai!*

É por essa razão que eu fiquei *sem barganhas a fazer!*

♦

ESTATUTO EXISTENCIAL DAQUELE QUE NÃO TEM BARGANHA COM DEUS

Artigo 1 - Fica decretado que agora não há mais nenhuma condenação para quem está em Jesus, pois, o Espírito da Vida em Cristo, livra o homem de toda culpa para sempre.

Artigo 2 - Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive os Sábados e Domingos, carregam consigo o amanhecer do Dia Chamado Hoje, por isso qualquer homem terá sempre mais valor que as obrigações de qualquer religião.

Artigo 3 - Fica decretado que a partir deste momento haverá videiras, e que seus vinhos podem ser bebidos; olivais, e que com seus azeites todos podem ser ungidos; mangueiras e mangas de todos os tipos, e que com elas todo homem pode se lambuzar.

Parágrafo do Momento: Todas as flores serão de esperança; pois que todas as cores, inclusive o preto, serão cores de esperança ante o olhar de quem souber apreciar. Nenhuma cor simbolizará mais o bem ou o mal, mas apenas seu próprio tom, pois, o que daí passar estará sempre no olhar de quem vê.

Artigo 4 - Fica decretado que o homem não julgará mais o homem, e que cada um respeitará seu próximo como o Rio Negro respeita suas diferenças com o Solimões, visto que com ele se encontra para correrem juntos o mesmo curso até o encontro com o Mar.

Parágrafo que nada pára:

O homem dará liberdade ao homem assim como a águia dá liberdade para seu filhote voar.

Artigo 5 - Fica decretado que os homens estão livres e que nunca mais nenhum homem será diferente de outro homem por causa de qualquer Causa. Todas as mordaças serão transformadas em ataduras para que sejam curadas as feridas provocadas pela tirania do silêncio. A alegria do homem será o prazer de ser quem é para Aquele que o fez, e para todo aquele que encontre em seu caminhar.

Artigo 6 - Fica ordenado, por mais tempo que o tempo possa medir, que todos os povos da Terra serão um só povo, e que todos trarão as oferendas da Gratidão para a Praça da Nova Jerusalém.

Artigo 7 – Pelas virtudes da Cruz fica estabelecido que mesmo o mais injusto dos homens, que se arrependa de seus maus caminhos, terá acesso à

Arvore da Vida, por suas folhas será curado, e dela se alimentará por toda a eternidade.

Artigo 8 – Está decretado que pela força da Ressurreição nunca mais nenhum homem apresentará a Deus a culpa de outro homem, rogando com ódio as bênçãos da maldição. Pois todo escrito de dívidas que havia contra o homem foi rasgado, e assustados para sempre ficaram os acusadores da maldade.

Parágrafo único: Cada um aprenderá a cuidar em paz de seu próprio coração.

Artigo 9 – Fica permanentemente esclarecido, com a Luz do Sol da Justiça, que somente Deus sabe o que se passa na alma de um homem. Portanto, cada consciência saiba de si mesma diante de Deus, pois para sempre todas as coisas são lícitas, e a sabedoria será sempre saber o que convém.

Artigo 10 – Fica avisado ao mundo que os únicos trajes que vestem bem o homem diante de Deus não são feitos com pano, mas com Sangue; e que os que se vestem com as Roupas do Sangue estão cobertos mesmo quando andam nus.

Parágrafo certo: A única nudez que será castigada será a da presunção daquele que se pensa por si mesmo vestido.

Artigo 11 - Fica para sempre discernido como verdade que nada é belo sem amor, e que o olhar de quem não ama jamais enxergará qualquer beleza em nenhum lugar, nem mesmo no Paraíso ou no fundo do Mar.

Artigo 12 – Está permanentemente decretado o convívio entre todos os seres, por isso, nada é feio, nem mesmo fazer amizades com gorilas ou chamar de minha amiga a sucuri dos igapós. Até a “comigo ninguém pode” está liberta para ser somente a bela planta que é.

Parágrafo da vida: Uma única coisa está para sempre proibida: tentar ser quem não se é.

Artigo 13 - Fica ordenado que nunca mais se oferecerá nenhuma Graça em troca de nada, e que o dinheiro perderá qualquer importância nos cultos do homem. Os gazofilácios se transformarão em baús de boas recordações; e todo dinheiro em circulação será passado com tanta leveza e bondade que a mão esquerda não ficará sabendo o que a direita fez com ele.

Artigo 14 – Fica estabelecido que todo aquele que mentir em nome de Deus vomitará suas próprias mentiras, e delas se alimentará como o camelo, até que decida apenas glorificar a Deus com a verdade do coração.

Artigo 15 – Nunca mais ninguém usará a frase “Deus pensa”, pois, de uma vez e para sempre, está estabelecido que o homem não sabe o que Deus pensa.

Artigo 16 - Estabelecido está que a Palavra de Deus não pode ser nem

comprada e nem vendida, pois cada um aprenderá que a Palavra é livre como o Vento e poderosa como o Mar.

Artigo 17 – Permite-se para sempre que onde quer que dois ou três invoquem o Nome em harmonia, nesse lugar nasça uma Catedral, mesmo que esteja coberta pelas folhas de um bananal.

Artigo 18 - Fica proibido o uso do Nome de Jesus por qualquer homem que o faça para exercer poder sobre seu próximo; e que melhor que a insinceridade é o silencio. Daqui para frente nenhum homem dirá “o Senhor me falou para dizer isto a ti”, pois, Deus mesmo falará à consciência de cada um. Todos os homens e mulheres que crêem serão iguais, e ninguém jamais demandará do próximo submissão, mas apenas reconhecerá o seu direito de livremente ser e amar.

Artigo 19 – Fica permitido o delírio dos profetas e todas as utopias estão agora instituídas como a mais pura realidade.

Artigo 20 - Amém!

Eis aqui a **Métodologia** deste livro: Leia I João 2: 27-29 e 4: 6-12.

FIM

Table of Contents

Sem Barganhas Com Deus
♦ DEDICATÓRIA
♦ UMA BREVE ATUALIZAÇÃO
♦ PREFÁCIO
♦ GLORIO-OSSÁRIO
♦ MÉTODO-LOGIA
♦ CONFISSÕES DE UM PASTOR
♦ INTRO-MISSÃO
♦ CAPÍTULO I - É POSSÍVEL CONSTRUIR UMA TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO?
♦ CAPÍTULO II - A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO COMO NEGAÇÃO DA HISTÓRIA
♦ CAPÍTULO III - A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO E A REDUÇÃO DO SIGNIFICADO DE PECADO NA BÍBLIA
♦ CAPÍTULO IV – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO COMO DESCONSTRUÇÃO DA LEI DA LIBERDADE EM CRISTO
♦ CAPÍTULO V – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO E A MORTE DA FÉ
♦ CAPÍTULO VI – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO E SUA POSSIBILIDADE DE JUSTIFICAR HOJE OS HOMENS DE ONTEM
♦ CAPÍTULO VII – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO E A LOUCURA AMORAL DA ENCARNAÇÃO
♦ CAPÍTULO VIII – A TEOLOGIA DE CAUSA E EFEITO COMO FONTE DA JUVENTUDE PARA AS OBRAS DA CARNE!
♦ CAPÍTULO IX – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO COMO NEGAÇÃO DA PALAVRA
♦ CAPÍTULO X – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO E A DOENÇA DO VÉU
♦ CAPÍTULO XI – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO: A GESTORA DA CASA VARRIDA E ORNAMENTADA
♦ CAPÍTULO XII – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO COMO NEGAÇÃO ÉTICA DO EVANGELHO
♦ CAPÍTULO XIII – A TEOLOGIA MORAL DE CAUSA E EFEITO COMO ESTELIONATO DA GRAÇA
♦ PRÓ-LOGOS!

♦ CONFISSÃO SEM FICÇÃO, PORÉM COM FIXAÇÃO E SEM BARGANHAS
♦ ESTATUTO EXISTENCIAL DAQUELE QUE NÃO TEM BARGANHA COM DEUS